



**ELABORAÇÃO DOS PLANOS DE SANEAMENTO BÁSICO
E GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS**

**PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO
BÁSICO E GESTÃO INTEGRADA DE
RESÍDUOS SÓLIDOS DE JAGUARÉ**



**Jaguaré-ES
2017**

PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO E GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE JAGUARÉ

O presente documento consiste no Plano Municipal de Saneamento Básico e Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Jaguaré, resultado da compilação das informações contidas nos Relatórios de Diagnóstico da Situação do Saneamento Básico, de Prognósticos e Alternativas para a Universalização, Condicionantes, Diretrizes, Objetivos e Metas, de Programas, Projetos e Ações, Plano de Execução e Ações para Emergência e Contingência e de Mecanismos e Procedimentos para a avaliação sistemática da eficiência, eficácia e efetividade das ações.

**Jaguaré-ES
2017**

EXECUÇÃO



LAGESA

**LABORATÓRIO DE GESTÃO DO
SANEAMENTO AMBIENTAL**

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
*Secretaria de Saneamento, Habitação
e Desenvolvimento Urbano*



PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARÉ**Prefeito**

Rogério Feitani

Vice - Prefeito

Ruberci Casagrande

GRUPO DE TRABALHO (GT)**Comitê Técnico Executivo**

Sergio Pinto Correa – SAAE

Comitê Consultivo

Reinaldo Mafezoni - Representante do Poder Público

Fabiano Carvalho - Representante da Sociedade Civil Organizada

Sandro Nunes - Representante da Sociedade Civil Organizada

Wellington Zortea Moro - Sec. Mun. Obras e Serviços Públicos

Paulo Nunes Queiroz - Sec. Mun. Cidadania e Segurança Pública

Gustavo Sossai - Sec. Mun. Desenvolvimento Econômico

Fábio Altoé Marinato - Engenheiro Agrônomo do IDAF

Ariele Altoé Engenheiro – Engenheiro Agrônomo do INCAPER

Berg Sossai - Sociedade Civil

Ronaldo Thomazelli - Sociedade Civil

Vagner Conceição - Sociedade Civil

Luciano Laquino de Ataíde – Prefeitura Municipal de Jaguaré

EQUIPE TÉCNICA DE CONSULTORES**Coordenador Geral**

Renato Ribeiro Siman – DSc. Hidráulica e Saneamento Básico

Coordenação Técnica

Daniel Rigo – DSc. Engenharia Oceânica

Gerenciamento do Projeto

Renato Meira de Sousa Dutra – MSc. Engenharia e Desenvolvimento Sustentável

Consultores

Anthony Fabríz Marchesi - Engenheiro Sanitarista e Ambiental

Dimaghi Schwamback – Técnico Agrícola

Diogo Costa Buarque – DSc. Recursos Hídricos

Ednilson Silva Felipe – DSc. Economia da Indústria e da Tecnologia

Maria Claudia Lima Couto – MSc. Engenharia Ambiental

Maria Helena Elpídio Abreu – DSc. Educação

Orlindo Francisco Borges – MSc. Ciências Jurídico-ambientais

Equipe de Apoio

Alonso De Carli Moro – Estagiário Administração

André Luiz de Oliveira - DSc. Hidráulica e Saneamento Básico

Angelo José Saviatto Filho – Estagiário Economia

Carolina Wassem Galvão – Estagiária Engenharia Ambiental

Clarice Menezes Vieira – DSc. Economia

Gessica Brunhara – Estagiária Engenharia Ambiental

Igor Mielke Onofre – Estagiário Engenharia Ambiental

Jessica Luiza Nogueira Zon – Engenheira Ambiental

Jorge Luiz dos Santos Jr – DSc. Ciências Sociais

Juliana Carneiro Botelho – MSc. Engenharia e Desenvolvimento Sustentável

Layara Moreira Calixto – Estagiária Engenharia Ambiental

Marcus Camilo Dalvi Garcia – Engenheiro Ambiental

Maria Bernadete Biccás – MSc. Engenharia Ambiental

Mariana Della Valentina – Estagiária Engenharia Ambiental

LISTA DE FIGURAS

Figura 2-1- Sequência cronológica das etapas de elaboração do PMSB.	20
Figura 4-1 - Localização geográfica do município em questão dentro das divisões administrativas do estado do Espírito Santo com as principais vias de comunicação rodoviárias.....	25
Figura 4-2 - Localização geográfica do município e as principais vias de comunicação rodoviárias.....	26
Figura 4-3 - Infraestrutura de Transporte.	27
Figura 4-4 - Veículos por tipo.	28
Figura 4-5 - Casas e apartamentos no município.	29
Figura 4-6 - Condições da ocupação.	29
Figura 4-7 - Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal.	32
Figura 4-8 - Urbanização (%) do município.....	33
Figura 4-9 - Média de moradores em domicílios particulares ocupados.	34
Figura 4-10 - Evolução da taxa média anula de crescimento geométrico: Jaguaré, ES, Microrregião Nordeste (%).	36
Figura 4-11 - População projetada para Jaguaré (2015-2037) - Cenários 1 a 10.	49
Figura 4-12 - Taxa média geométrica de crescimento (2015-2037) – Cenários 1 a 10 – Jaguaré.	50
Figura 4-13 - Evolução do IDHM em Jaguaré (ES).	53
Figura 4-14 - Produto interno bruto - em valores correntes - R\$ milhões.....	53
Figura 4-15 - Valor adicionado do município por setor de atividade econômica 2012 (%).....	54
Figura 4-16 - Comparação da evolução da receita e despesa total – 2010-2014 (em R\$ correntes).	55

Figura 4-17 – Organograma da prefeitura municipal de Jaguaré – Secretarias ligadas ao saneamento.....	58
Figura 4-18 - Limite de bairros e hidrografia da área urbana da Sede de Jaguaré - ES.....	95
Figura 4-19 - Distribuição espacial do indicador %DBBL do Município.	96
Figura 4-20 – Responsáveis pelos serviços de limpeza urbana no município.	99
Figura 4-21 – Distribuição das Lixeiras seletivas no Bairro Laquini.	103
Figura 4-22 – Distribuição das Lixeiras seletivas no Bairro Nova Esperança. ...	104
Figura 4-23 – Galpão de Triagem.....	105
Figura 4-24 – Transbordo.	105
Figura 4-25 - Pontos viciados no Distrito de água limpa.....	109
Figura 4-26 - Pontos viciados no Distrito de Palmito.	109
Figura 4-27 – Folder Coleta Seletiva	110
Figura 4-28 – Gerenciamento de resíduos em Jaguaré, por tipologia.	112
Figura 4-29 - Representatividade por setores em reunião.....	122
Figura 4-30 - Representatividade por localidades em reunião.....	122
Figura 4-31 - Mapa colaborativo confeccionado em reunião.	124
Figura 6-1 - Visão estratégica do Plano Municipal de Saneamento Básico.....	214
Figura 8-1 - Estrutura esquemática de uma rede de monitoramento e previsão de alerta.....	284

LISTA DE QUADROS

Quadro 4-1 - Menor distância rodoviária aos centros urbanos de maior relevância.	24
Quadro 4-2 - Descrição geral dos Cenários (deve ser adaptada por município).45	
Quadro 4-3 - Identificação de programas locais de interesse do saneamento básico.....	59
Quadro 4-4 - Responsáveis pelos serviços de limpeza pública e manejo de resíduos sólidos.	60
Quadro 4-5 - Modelo de gestão do saneamento em Jaguaré	61
Quadro 4-6 - Resumo do SAA de Jaguaré*.	73
Quadro 4-7 - Resumo da identificação dos domicílios.	74
Quadro 4-8 - Licenças ambientais de Jaguaré.....	88
Quadro 4-9 - Quadro resumo abrangendo as demandas técnicas identificadas.	98
Quadro 4-10 - Quadro resumo abrangendo as demandas apontadas pela mobilização social.	98
Quadro 4-11 – Quantidade de material comercializado em janeiro, fevereiro e março de 2016.	110
Quadro 4-12 - Demandas observadas no diagnóstico de Jaguaré	113
Quadro 4-13 - Doenças relacionadas ao saneamento básico inadequado e o modo de transmissão.....	117
Quadro 4-14 - Mortalidade segundo a causa de óbito por capítulo, 2012 a 2014.	118
Quadro 4-15 - Quadro Síntese da reunião de Mobilização da Fase de Diagnóstico Participativo.....	121
Quadro 4-16 - Prioridades eleitas com a população.	125
Quadro 5-1 - Objetivos e metas para o município de Jaguaré.	136
Quadro 5-2 - Características dos principais níveis de tratamento dos esgotos.	161

Quadro 5-3 - Objetivos e Metas – Distrito Sede.	169
Quadro 5-4 - Objetivos e Metas – Distrito Barra Seca.	169
Quadro 5-5 - Objetivos e Metas – Distrito Nossa Senhora de Fátima.	170
Quadro 5-6 – Aspectos prognósticos para as áreas urbanas de Jaguaré-ES. .	177
Quadro 5-7 - Medidas mitigadoras a serem implementadas no sistema de drenagem e suas prioridades no Município.	180
Quadro 5-8 - Demandas observadas no diagnóstico de Jaguaré.	181
Quadro 5-9 - Alternativas para atendimento das demandas nos serviços de limpeza e manejo de resíduos.	193
Quadro 5-10 - Cenários Prospectivos para o Sistema de Saneamento Básico de Jaguaré.	200
Quadro 5-11 - Cenários em Saneamento Básico.	206
Quadro 5-12 - Cenários prospectivos da Educação Ambiental.	207
Quadro 6-1 - Lista Sintética dos Programas e Projetos Propostos.	211
Quadro 6-2 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Abastecimento de Água e os programas propostos no PMSB.	220
Quadro 6-3 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Esgotamento Sanitário e os programas propostos no PMSB.	221
Quadro 6-4 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Drenagem e Manejo de Águas Pluviais Urbanas e os programas propostos no PMSB.	223
Quadro 6-5 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Limpeza Pública e Manejo dos Resíduos Sólidos e os programas propostos no PMSB.	224
Quadro 6-6 - Pontuação para cada critério utilizado na elaboração da Matriz de Prioridades.	226
Quadro 6-7 - Matriz de priorização dos Programas.	228
Quadro 6-8 - Ordenamento dos Programas por Grau de Priorização.	230
Quadro 6-9 - Matriz de priorização dos Projetos.	231
Quadro 6-10 - Ordenamento dos Projetos por Grau de Priorização.	234

Quadro 7-1 - Custo Global do PMSBI.	237
Quadro 7-2 - Plano de execução físico-financeiro para 20 anos (continua).	240
Quadro 7-3 - Principais fontes de financiamento disponíveis para o setor de saneamento básico do Brasil.	262
Quadro 7-4 - Descrição detalhada das fontes de financiamento na esfera Federal.	263
Quadro 7-5 - Descrição detalhada das fontes de financiamento na esfera Estadual.	265
Quadro 8-1 - Possíveis situações emergenciais ou contingenciais e respectivas propostas de ações.	270
Quadro 8-2 - Doenças de veiculação hídrica.	277
Quadro 8-3 - Identificação das principais ocorrências, origens e ações de contingência para os SAA.	280
Quadro 8-4 - Medidas a serem tomadas para determinados tipos de ocorrência.	286
Quadro 8-5 - Plano de Emergência e Contingência do Sistema de Limpeza Pública e Manejo de Resíduos.	288

LISTA DE TABELAS

Tabela 4-1 - Tipo de habitações por número de domicílios.	28
Tabela 4-2 - Condição da ocupação por número de domicílios.	29
Tabela 4-3 - Acesso à energia elétrica por número de domicílios.	30
Tabela 4-4 - Situação do entorno das habitações.	30
Tabela 4-5 - Área, população total, densidade demográfica, população urbana (%) e IDHM.....	31
Tabela 4-6 - População urbano-rural por distrito.....	32
Tabela 4-7 - Média de moradores em domicílios particulares ocupados.	33
Tabela 4-8 - Taxa média anual de Crescimento Geométrico nos municípios do Projeto Sedurb (%).	34
Tabela 4-9 - Taxa média anual de Crescimento Geométrico (%).	35
Tabela 4-10 - H1. Esperança de vida média, fecundidade média, migração nula (Cenário 1).....	39
Tabela 4-11 - H2. Esperança de vida mais baixa, fecundidade mais alta, migração nula (Cenário)	40
Tabela 4-12 - H3. Esperança de vida mais alta, fecundidade mais baixa, migração nula (Cenário 3).	40
Tabela 4-13 - H4. Esperança de vida média, fecundidade média, migração decrescente (Cenário 4).	40
Tabela 4-14 - H5. Esperança de vida média, fecundidade média, migração mais fraca e decrescente (Cenário 5).....	40
Tabela 4-15 - H6. Esperança de vida média, fecundidade média, migração mais forte, crescente (Cenário 6).	41
Tabela 4-16 - H7. Esperança de vida média, fecundidade média, migração crescente e, a seguir decrescente (Cenário 7).	41
Tabela 4-17 - Projeções da população do ES (2015-2040) – Cenários 1 a 7.....	42

Tabela 4-18 - Projeções da população de Jaguaré (2015-2037) – Cenários 1 a 11.	48
Tabela 4-19 - Taxa média geométrica de crescimento - Jaguaré (2015-2037) - Cenários 1 a 11.....	48
Tabela 4-20 - Características dos cenários selecionados – Jaguaré.	49
Tabela 4-21 - Ocupação da população de 18 anos ou mais (%).	52
Tabela 4-22 – Margem de despesa de exploração, SAAE – Jaguaré, 2010-2014.	56
Tabela 4-23 - Estimativa das demandas domésticas para 100% de atendido ao município.....	72
Tabela 4-24 - Estimativa das demandas domésticas para 100% de atendido à área urbana município.....	72
Tabela 4-25 - Evolução da extensão da rede coletora de esgotos (2007 - 2014).	77
Tabela 4-26 - Evolução da quantidade de ligações e economias no município - Série Histórica (2007 - 2014).	78
Tabela 4-27 - Domicílios particulares permanentes, por situação do domicílio com Rede geral de esgoto ou pluvial como tipo de esgotamento sanitário.	78
Tabela 4-28 - Domicílios particulares permanentes (DPP), por situação do domicílio e o tipo de esgotamento sanitário.	79
Tabela 4-29 - Domicílios particulares permanentes (DPP) da região urbana, por situação do domicílio e o tipo individual de esgotamento sanitário	80
Tabela 4-30 - Domicílios particulares permanentes (DPP), por situação do domicílio e o tipo individual de esgotamento sanitário nos demais distritos e comunidades.....	80
Tabela 4-31 - Domicílios particulares permanentes (DPP), por situação do domicílio e o tipo individual de esgotamento sanitário em áreas rurais.	83
Tabela 4-32 - Índice de atendimento urbano de esgoto referido ao atendimento com água (%) - Série Histórica (2007 - 2014).....	86

Tabela 4-33 - Índices de coleta e tratamento de esgoto - Série Histórica (2007 - 2014).....	86
Tabela 4-34 - Índice de coleta e tratamento de esgoto.....	87
Tabela 4-35 - Equações para estimativa de geração de esgotos.	90
Tabela 4-36 - Vazões de esgotos sanitários da população urbana em Jaguaré. 92	
Tabela 4-37 - Série histórica dos RSU destinados ao aterro sanitário.....	106
Tabela 4-38 - Equipamentos utilizados no transporte de resíduos sólidos.	107
Tabela 4-39 - Dimensionamento equipe operacional do SLUMRS.....	108
Tabela 4-40 - Áreas inadequadas de recebimentos de resíduos a serem recuperadas.....	108
Tabela 4-41– Quadro Populacional em Jaguaré- 2014.	112
Tabela 4-42 - Estimativa da frequência do serviço de coleta regular.....	113
Tabela 4-43 - Morbidade Hospitalar por doenças relacionadas ao saneamento inadequado no município de Jaguaré, 2013-2015.....	118
Tabela 5-1 - Estimativa de demanda urbana.	131
Tabela 5-2 - Estimativa de demanda rural.	132
Tabela 5-3 - Cenário para evolução do índice de atendimento.	134
Tabela 5-4 - Cenário para evolução consumo per capita.	134
Tabela 5-5 - Cenário para evolução do índice de perdas.	134
Tabela 5-6 - Cenário para evolução do índice de atendimento nas áreas rurais dos distritos.	135
Tabela 5-7 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 1.	142
Tabela 5-8 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 2.	143
Tabela 5-9 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 3.	144

Tabela 5-10 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 4.	145
Tabela 5-11 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana de Barra Seca – Crescimento populacional médio – Cenário 4.....	147
Tabela 5-12 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana de Nossa Senhora de Fátima – Crescimento populacional médio – Cenário 4	148
Tabela 5-13 - Alternativas para o atendimento da demanda rural da Sede – Crescimento populacional médio – Cenário 2.....	150
Tabela 5-14 - Alternativas para o atendimento da demanda rural de Barra Seca – Crescimento populacional médio – Cenário 2.....	151
Tabela 5-15 - Alternativas para o atendimento da demanda rural de Nossa Senhora de Fátima – Crescimento populacional médio – Cenário 2.	152
Tabela 5-16 - Vazão de esgotos do município de Jaguaré.	156
Tabela 5-17 - Vazão de esgotos do distrito Sede - Jaguaré.	156
Tabela 5-18 - Vazão de esgotos do distrito Barra Seca - Jaguaré.....	157
Tabela 5-19 - Vazão de esgotos do distrito N. S. de Fátima - Jaguaré.....	157
Tabela 5-20 - Valores típicos de concentração e contribuição per capita dos principais parâmetros físicos, químicos e biológicos dos esgotos domésticos.	158
Tabela 5-21 - Carga de DBO municipal e por distrito (kg/dia).....	159
Tabela 5-22 - Carga de DQO municipal e por distrito (kg/dia).	159
Tabela 5-23 - Carga de Sólidos Suspensos municipal e por distrito (kg/dia). ...	159
Tabela 5-24 - Carga de Nitrogênio Total municipal e por distrito (kg/dia).	159
Tabela 5-25 - Carga de Fósforo Total municipal e por distrito (kg/dia).....	160
Tabela 5-26 - Carga de Coliformes Totais municipal e por distrito (NMP/dia)...	160
Tabela 5-27 - Carga de DBO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 80%.	166
Tabela 5-28 - Carga de DBO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 90%.	166

Tabela 5-29 - Carga de DQO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 70%.....	166
Tabela 5-30 - Carga de DQO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 80%.....	166
Tabela 5-31 - Carga de Sólidos Suspensos municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 80%.	167
Tabela 5-32 - Carga de Sólidos Suspensos municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 90%.	167
Tabela 5-33 - Carga de Nitrogênio Total municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 50%.	167
Tabela 5-34 - Carga de Fósforo Total municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 30%.	168
Tabela 5-35 - Carga de Coliformes Totais municipal e por distrito (NMP/dia) após tratamento com eficiência de 2 unidade Log.	168
Tabela 5-36 – Expansão da área impermeável por distrito para Jaguaré- ES..	175
Tabela 5-37 - Metas de alcance das taxas de coleta de materiais recicláveis na parcela de RSU – Secos.....	185
Tabela 5-38 - Metas de alcance das taxas de materiais compostáveis na parcela de RSU – Úmidos.	185
Tabela 5-39 - Estimativa de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU – Cenário 1.	186
Tabela 5-40 - Estimativa de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU – Cenário 2.	187
Tabela 5-41 - Estimativa de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU – Cenário 3.	188
Tabela 5-42 - Estimativa anual de volume de RSU – Cenário 1.....	190
Tabela 5-43 - Estimativa anual de volume de RSU – Cenário 2.....	191
Tabela 5-44 - Estimativa anual de volume de RSU – Cenário 3.....	192

Tabela 5-45 - Apuração dos Indicadores Gerenciais das Finanças Públicas Municipais de Jaguaré-ES.	195
Tabela 7-1 - Indicadores da situação Fiscal dos Municípios selecionados.	251
Tabela 7-2 - Projeções de Valores para Operações de Crédito do Município de Jaguaré (em R\$1,00).	255
Tabela 7-3 - Gastos com pessoal em relação à Receita Corrente Líquida.	256
Tabela 7-4 - Percentual da Dívida Consolidada Líquida sobre a Receita Corrente Líquida dos Municípios selecionados.	257

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 TRABALHO DE ELABORAÇÃO DOS PLANOS.....	19
3 DIRETRIZES GERAIS ABORDADAS.....	21
4 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DO SANEAMENTO BÁSICO.....	23
4.1 DIAGNÓSTICO DE CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DAS UNIDADES TERRITORIAIS DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO (UTAPs).....	24
4.2 EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO	30
4.3 DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO	52
4.4 DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL	57
4.5 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA)	62
4.6 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES).....	76
4.7 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)	94
4.8 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS)	99
4.9 DIAGNÓSTICO DA SAÚDE	115
4.10 DIAGNÓSTICO DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL	121
4.11 REFERENCIAS.....	125
5 PROGNÓSTICOS E ALTERNATIVAS PARA A UNIVERSALIZAÇÃO, CONDICIONANTES, DIRETRIZES, OBJETIVOS E METAS	128
5.1 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA)...	129
5.2 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES)..	153
5.3 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)	174

5.4 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS).....	181
5.5 PROGNÓSTICO DA SITUAÇÃO ECONÔMICA	195
5.6 PROGNÓSTICO E PROPOSTA DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL	205
5.7 REFERÊNCIAS	208
6 PROGRAMAS E PROJETOS DO PMSB DO MUNICÍPIO.....	210
6.1 ESTRATÉGIA DO PLANO DE SANEAMENTO BÁSICO	213
6.2 RELAÇÃO ENTRE OS DESAFIOS E OS PROGRAMAS	220
6.3 DETALHAMENTO DOS PROGRAMAS E DOS PROJETOS.....	225
6.4 MATRIZ DE PRIORIZAÇÃO DOS PROGRAMAS E PROJETOS	226
7 PLANO DE EXECUÇÃO	236
7.1 CUSTO TOTAL DO PMSBI	237
7.2 EXECUÇÃO FÍSICO E FINANCEIRA DOS PROJETOS	239
7.3 CAPACIDADE DE INVESTIMENTO PÚBLICO	247
7.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	267
8 PLANO DE AÇÕES PARA EMERGÊNCIAS E CONTINGÊNCIAS	268
8.1 SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES)	269
8.2 SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA).....	275
8.3 SISTEMA DE DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)	283
8.4 SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS).....	288
8.5 REFERÊNCIAS	289
9 FORMULAÇÃO DE MECANISMOS E PROCECIMENTOS DE AVALIAÇÃO SISTEMÁTICA DA EFICIÊNCIA DO PMSB	290
9.1 PLANEJAMENTO DO PMSB.....	290
9.2 EXECUÇÃO DO PMSB	291

9.3 ACOMPANHAMENTO, MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PMSB	292
9.4 REGULAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SANEAMENTO BÁSICO	293
9.5 AVALIAÇÃO DOS MECANISMOS LEGAIS PARA EXECUÇÃO DOS PMSB.....	294
9.6 INDICADORES SELECIONADOS PARA AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DO PLANO.....	295
9.7 REFERÊNCIAS.....	297
APÊNDICE A	298
APÊNDICE B	299
APÊNDICE C	300

1 INTRODUÇÃO

O Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB) e o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS) são instrumentos exigidos pelas Leis Federais nº 11.445/2007 (regulamentada pelo Decreto Federal nº 7.217/2010) e nº 12.305/2010 (regulamentada pelo Decreto Federal nº 7.404/2010) que instituíram, respectivamente, as Políticas Nacionais de Saneamento Básico e de Resíduos Sólidos. Suas implementações possibilitarão planejar as ações de Saneamento Básico dos municípios na direção da universalização do atendimento. Os PMSB, abrangerão os serviços de:

- Abastecimento de água;
- Esgotamento sanitário;
- Limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos; e
- Manejo das águas pluviais e drenagem.

A partir do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com a Associação dos Municípios do Estado do Espírito Santo (AMUNES) foi celebrado entre a UFES e a Secretaria de Estado de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano (SEDURB) o Contrato de Prestação de Serviço nº 007/2015 assinado no dia 29 de outubro de 2015, fundamentado na dispensa de licitação, com base no art. 24, inciso VIII da Lei 8.666/1993. O objeto do referido contrato é a elaboração dos PMSB para os municípios de Alegre, Castelo, Conceição da Barra, Domingos Martins, Iúna, Jaguaré, Marataízes, Muniz Freire, Nova Venécia, Pinheiros e Sooretama.

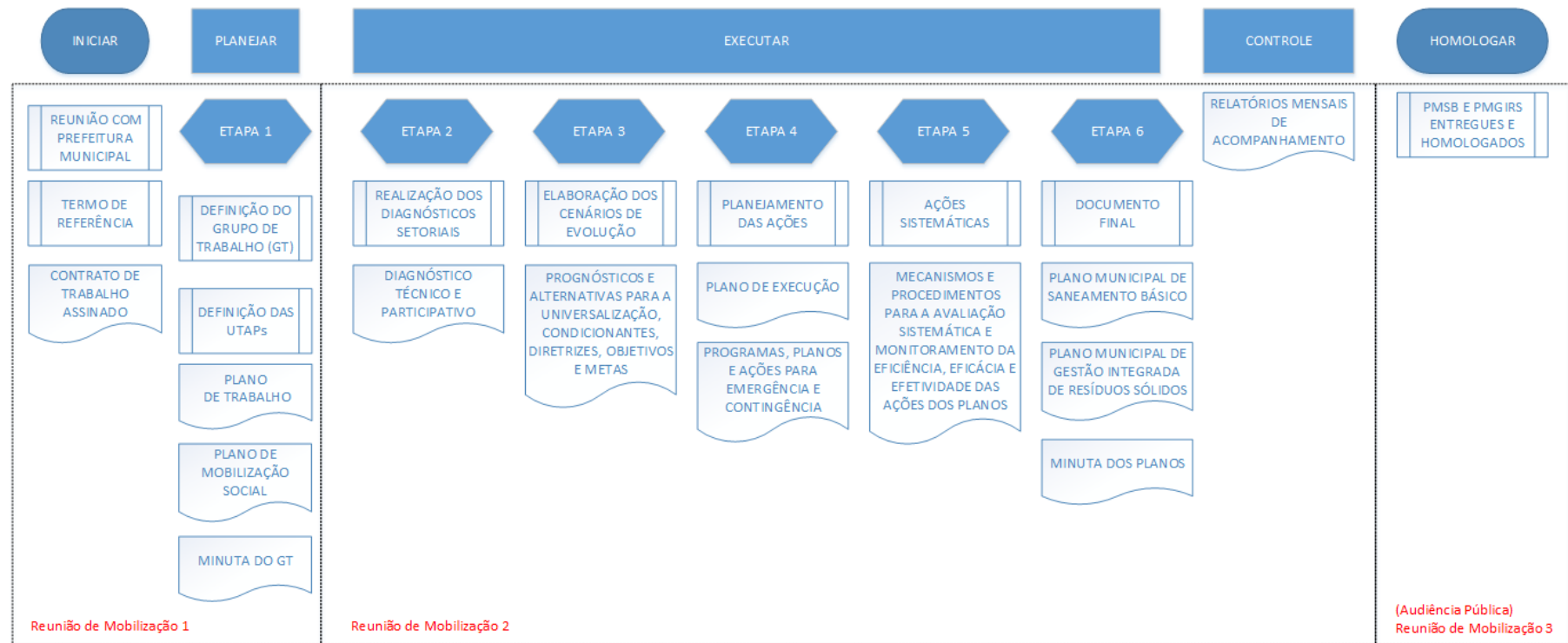
2 TRABALHO DE ELABORAÇÃO DOS PLANOS

Na Figura 2-1 pode ser visualizado o fluxograma simplificado com a sequência cronológica das etapas necessárias para a elaboração dos Planos. O fluxograma foi produzido a partir de adaptações do fluxograma básico apresentado pelo Ministério das Cidades (BRASIL/MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2009) ao Termo de Referência apresentado pela Secretaria de Estado de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano – SEDURB (SEDURB, 2015).

A metodologia proposta para elaboração dos Planos garantiu a participação social em todas as suas etapas de execução, atendendo ao princípio fundamental do controle social previsto na Lei Nacional de Saneamento Básico (LNSB), assegurando ampla divulgação das propostas dos planos e dos estudos que as fundamentem, inclusive com a realização de audiências e/ou consultas públicas (§ 5º, do art. 19, da Lei 11.445/07), conforme descrito no Plano de Mobilização Social.

O Plano de Trabalho para execução dos Planos foi gerenciado através da metodologia de projetos que tem como fundamento o *Project Management Institute* (PMI) e foi fundamentado basicamente em 5 (cinco) FASES contemplando 6 (seis) ETAPAS de execução.

Figura 2-1 - Sequência cronológica das etapas de elaboração do PMSB.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de adaptações em Brasil/Ministério das Cidades (2009).

3 DIRETRIZES GERAIS ABORDADAS

As diretrizes do PMSB definidas na Lei 11.445/07 são:

- O PMSB é instrumento fundamental para implementação da Política Municipal de Saneamento Básico;
- O PMSB deverá fazer parte do desenvolvimento urbano e ambiental da cidade;
- O PMSB deverá ser desenvolvido para um horizonte temporal da ordem de vinte anos e ser revisado e atualizado a cada quatro anos. A promoção de ações de educação sanitária e ambiental como instrumento de sensibilização e conscientização da população deve ser realizada permanentemente;
- A participação e controle social devem ser assegurados na formulação e avaliação do PMSB;
- A disponibilidade dos serviços públicos de saneamento básico deve ser assegurada a toda população do município (urbana e rural).

As diretrizes para a elaboração do PGIRS definidas na Lei 12.305/10 são:

- Na gestão e gerenciamento de resíduos sólidos, deve ser observada a seguinte ordem de prioridade: não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos;
- Poderão ser utilizadas tecnologias visando à recuperação energética dos resíduos sólidos urbanos, desde que tenha sido comprovada sua viabilidade técnica e ambiental e com a implantação de programa de monitoramento de emissão de gases tóxicos aprovado pelo órgão ambiental;
- Incumbe ao Distrito Federal e aos Municípios a gestão integrada dos resíduos sólidos gerados nos respectivos territórios, sem prejuízo das competências de controle e fiscalização dos órgãos federais e estaduais do SISNAMA, do SNVS e do Suasa, bem como da responsabilidade do gerador pelo gerenciamento de resíduos, consoante o estabelecido nesta Lei 12.305/2010;
- A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão e manterão, de forma conjunta, o Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos (SINIR), articulado com o SINIS e o SINIMA;

- Incumbe aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios fornecer ao órgão federal responsável pela coordenação do SINIR todas as informações necessárias sobre os resíduos sob sua esfera de competência, na forma e na periodicidade estabelecidas em regulamento.

O Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos pode estar inserido no Plano de Saneamento Básico previsto no art. 19 da Lei nº 11.445, de 2007, respeitado o conteúdo mínimo previsto nos incisos do caput e observado o disposto no § 2º, todos deste artigo.

4 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO DO SANEAMENTO BÁSICO

O presente diagnóstico foi produzido com finalidade de identificar, qualificar e quantificar a realidade do saneamento básico do município de Jaguaré, utilizando sistema de indicadores sanitários, epidemiológicos, ambientais e socioeconômicos, relacionando, desse modo, os problemas a partir das suas respectivas causas.

É importante ressaltar que o diagnóstico foi elaborado com base nas informações obtidas junto às concessionárias de saneamento básico e secretarias municipais, de trabalhos científicos, de estudos de caso, de experiências desenvolvidas no âmbito do município, de experiências de outros municípios, bem como de demais documentos ou informações correlatas, porém sempre a partir de dados secundários fornecidos pela municipalidade e consolidados pela CONTRATADA.

Estão explicitados em detalhes os dados empregados na elaboração do diagnóstico, ressaltando suas falhas e limitações que, de algum modo, determinem simplificações e influenciem nas decisões importantes. Assim, podem-se direcionar ações que consigam, em um futuro próximo, sanar a carência de informações e permitir uma nova versão, mais fundamentada, do PMSB.

Foram abordadas, também, questões de natureza complementar, tais como: jurídico-legais, administrativas, institucionais, modelo de gestão entre outras, de modo a estabelecer horizontes para melhoria da gestão e institucionalização da Política de Saneamento.

Este diagnóstico é fundamental para evitar o alto índice de decisões equivocadas que oneram desnecessariamente todo o processo de planejamento. Dessa forma, foi considerado, integralmente, todo o território do município, contemplando sede municipal e área rural.

4.1 DIAGNÓSTICO DE CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DAS UNIDADES TERRITORIAIS DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO (UTAPS)

O município de Jaguaré localiza-se no Estado do Espírito Santo, na região administrativa denominada, segundo a Lei 9768 de 28/12/2011 como Nordeste. Possui uma extensão territorial de 659,75 km² (IBGE, 2016). Além da sede municipal, possui oficialmente outros dois distritos: Barra Seca e Nossa Senhora de Fátima.

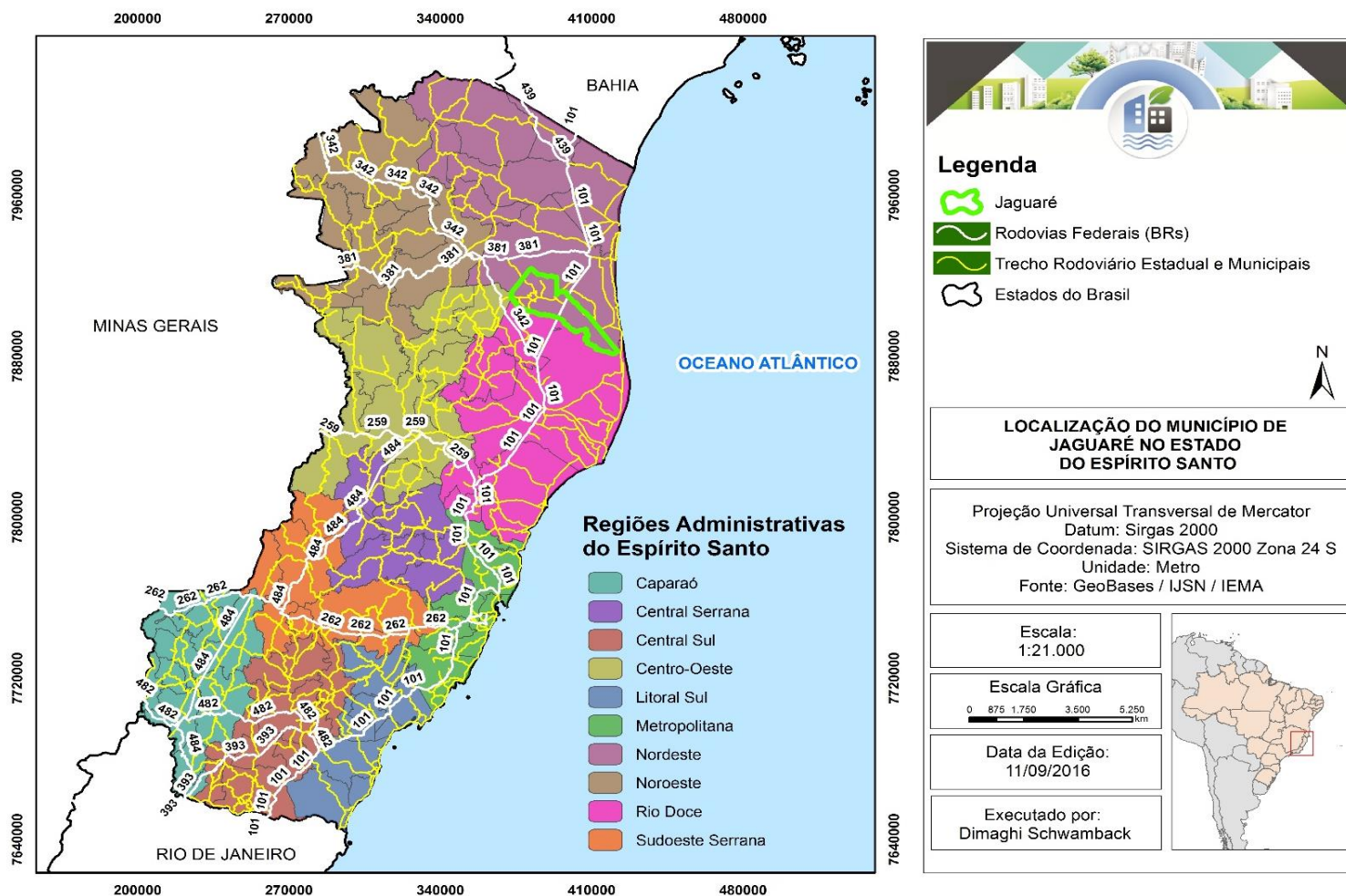
O Quadro 4-1 a seguir descreve a distância de sua sede para a capital do Estado do Espírito Santo, demais capitais da região sudeste do Brasil e ao centro urbano de maior relevância mais próximo. A Figura 4-1 ilustra a localização geográfica do município em questão dentro das divisões administrativas do estado do Espírito Santo com as principais vias de comunicação rodoviárias, enquanto a Figura 4-2 vem situar o município quanto a algumas capitais da região sudeste do Brasil, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória.

Quadro 4-1 - Menor distância rodoviária aos centros urbanos de maior relevância.

Município	Menor distância rodoviária aproximada (km)			
	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	Vitória	Linhares
Jagaré	597	719	199	67

Fonte: IBGE (2016).

Figura 4-1 - Localização geográfica do município em questão dentro das divisões administrativas do estado do Espírito Santo com as principais vias de comunicação rodoviárias.



Fonte: IBGE (2016).

Figura 4-2 - Localização geográfica do município e as principais vias de comunicação rodoviárias.

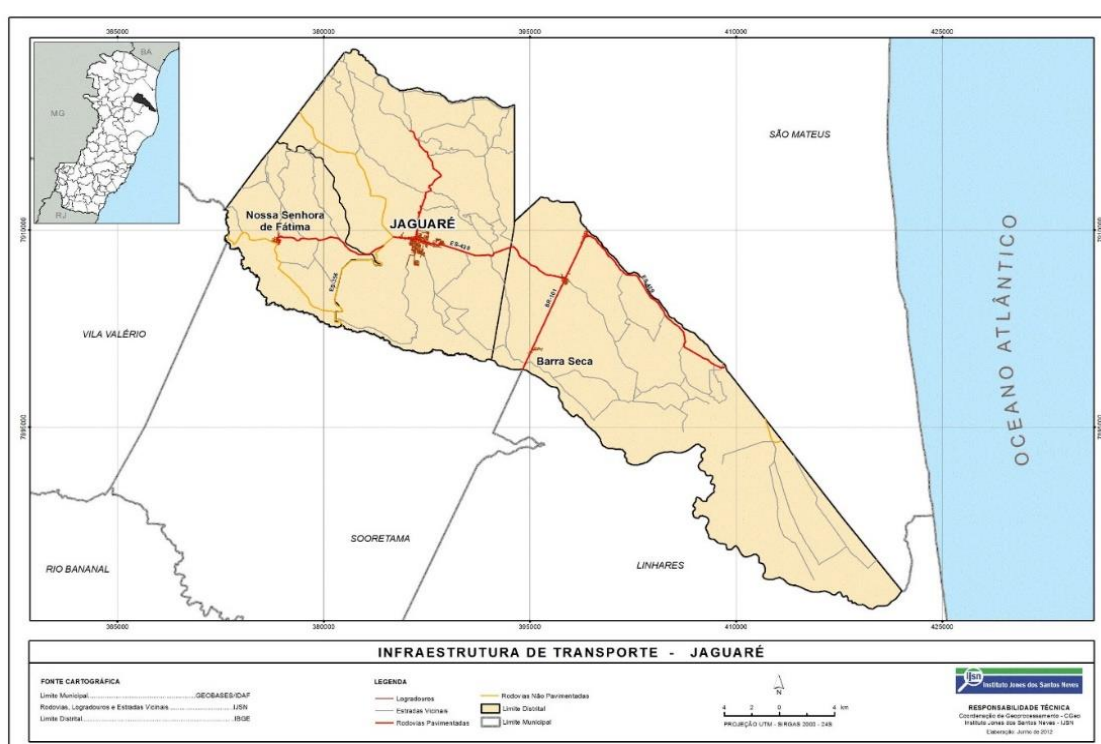


Fonte: IBGE (2016).

4.1.1 Vias de acesso

De acordo com o Instituto Jones Santos Neves (IJSN), o município de Jaguaré se encontra a 198 km de distância por via rodoviária da capital do estado. O território de Jaguaré é cortado por uma das principais rodovias federais, a BR-101, que passa pelo distrito de Barra Seca, na divisa com Sooretama, e vai em direção a São Mateus. Encontram-se dentro do seu território duas rodovias estaduais pavimentadas, a ES-430, que cruza os distritos de Barra Seca e Sede, e a ES-356, que sai da sede em direção norte.

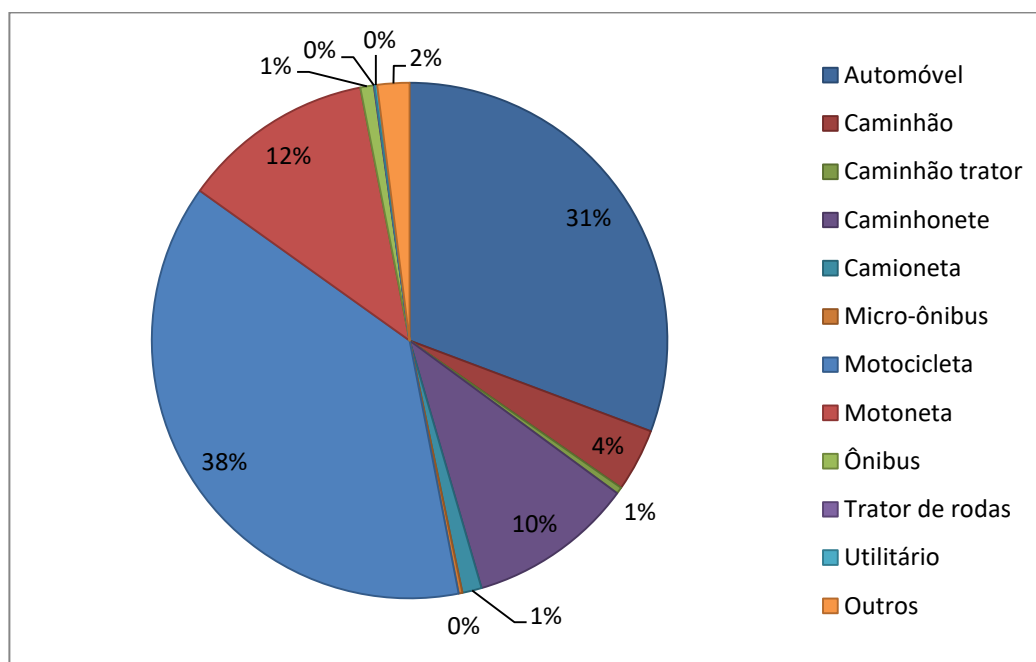
Figura 4-3 - Infraestrutura de Transporte.



Fonte: IJSN (2012).

Segundo o IBGE, o município contava em 2015 com uma frota de 12.441 veículos, sendo destes 3.822 automóveis e 4.718 motocicletas.

Figura 4-4 - Veículos por tipo.



Fonte: DENATRAN (2015)

4.1.2 Infraestrutura disponível

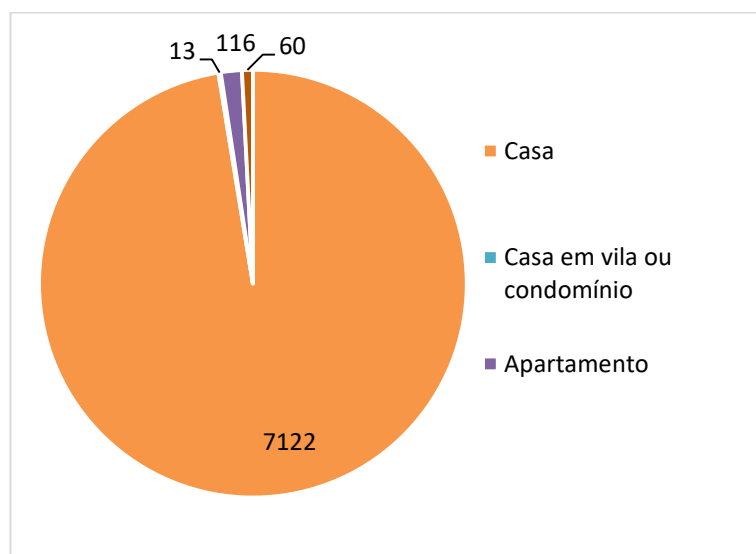
Dados do último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, de 2010, mostra diversas informações pertinentes com relação à infraestrutura disponível no município. Na pesquisa, um total de 7.263 habitações permanentes foi analisado, e destas, podemos notar que a grande maioria é composta por casas, com apenas 116 apartamentos, conforme Tabela e Figura abaixo.

Tabela 4-1 - Tipo de habitações por número de domicílios.

Tipo de habitação	Domicílios	%
Casa	7.122	97,41
Casa em vila ou condomínio	13	0,18
Apartamento	116	1,60
Casa de cômodos, cortiço ou cabeça de porco	60	0,81
Total	7311	100

Fonte: IBGE (2010).

Figura 4-5 - Casas e apartamentos no município.



Fonte: IBGE (2010).

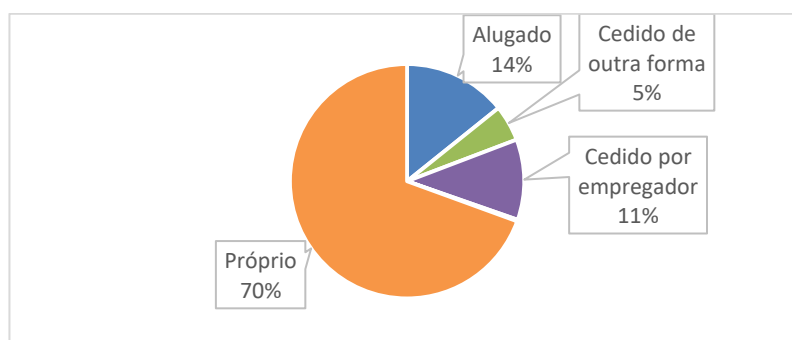
Outra questão abordada pelo instituto e exposta neste diagnóstico é que cerca de setenta por cento das habitações do município são de propriedade de seus moradores. Podemos, ainda, verificar que apenas nove de todas as habitações não possui acesso à energia elétrica.

Tabela 4-2 - Condição da ocupação por número de domicílios.

Condição da ocupação	Domicílios	%
Alugado	1.041	14,24
Cedido	1.177	16,10
Cedido de outra forma	364	
Cedido por empregador	813	
Outra condição	16	0,22
Próprio	5.077	69,44
Próprio em aquisição	58	
Próprio já quitado	5.019	
Total	7311	100

Fonte: IBGE (2010).

Figura 4-6 - Condições da ocupação.



Fonte: IBGE (2010).

Tabela 4-3 - Acesso à energia elétrica por número de domicílios.

Domicílios com acesso à energia elétrica	Sim	Não	Total
Acesso à energia elétrica	7.263	48	7311
%	98,97	1,03	100

Fonte: IBGE (2010)

Tabela 4-4 - Situação do entorno das habitações.

Pavimentação dos logradouros		Calçamento		Iluminação Pública	
Sim	3.164	Sim	546	Sim	4.034
Não	1046	Não	3.664	Não	176

Fonte: IBGE (2010).

4.2 EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO

Neste capítulo são apresentadas algumas variáveis demográficas importantes para a determinação das projeções populacionais. Inicia-se com um breve, mas útil, resumo histórico dos municípios. Na seção 4.2.1 apresenta-se um breve resumo da formação histórico/administrativa do Município. Nas seções 4.2.2 a 4.2.5, analisa-se algumas características interessantes para se verificar a evolução demográfica municipal: a população total, a situação urbano-rural, média de moradores por domicílio, e taxa média anual de crescimento geométrico.

4.2.1 Brevíssimo histórico (formação histórico/administrativa) do Município

À procura de terras férteis e devolutas, em 06-1946, chegava à região que hoje compreende o município de Jaguaré, procedente de Jaciguá, município de Cachoeiro de Itapemirim uma caravana composta de 14 agricultores e representante do Governo do Estado, que vinha com a responsabilidade de organizar e coordenar a colonização daquela área pertencente ao município de São Mateus. A povoação fundada pelos primeiros colonizadores recebeu a denominação de Lagoa de Jaguaré, nome de um capim que existia em abundância na época. Com o tempo, a lagoa foi desaparecendo, e o povoado passou a ser denominado Jaguaré. Distrito criado com a denominação de Jaguaré, pela lei estadual nº 1951, de 13-01-1964, subordinado ao município de São Mateus. Elevado à categoria de município com a denominação de Jaguaré,

pela lei estadual nº 3445, de 13-10-1981, desmembrado de São Mateus. Sede no antigo distrito de Jaguaré. Constituído de 2 distritos: Jaguaré e Barra Seca. Instalado em 31-01-1983. Em lei estadual de 1992, é criado o distrito de Nossa Senhora de Fátima e anexado ao município de Jaguaré. Em divisão territorial datada de 15-07-1999, o município é constituído de 3 distritos: Jaguaré, Barra Seca e Nossa Senhora de Fátima. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. (Fonte: IBGE, 2010).

4.2.2 A população total e densidade populacional do Município

Na Tabela 4-5 encontram-se alguns dados demográficos globais do município. Optou-se por colocar nessa Tabela a área do município referente ao censo 2010, mesmo não sendo a área real em censos anteriores.

Tabela 4-5 - Área, população total, densidade demográfica, população urbana (%) e IDHM.

Ano	Área (2010)(km ²)	População (hab)	Densidade populacional (hab/km ²)	População urbana (%)	IDHM
1991	659,751	17.050	25,84	39,75	0,423
2000		19.539	29,62	54,76	0,524
2010		24.678	37,41	60,92	0,678

Fontes:(i) IDHM nova formulação. (ii) Outros: IBGE (2010).

Comentários:

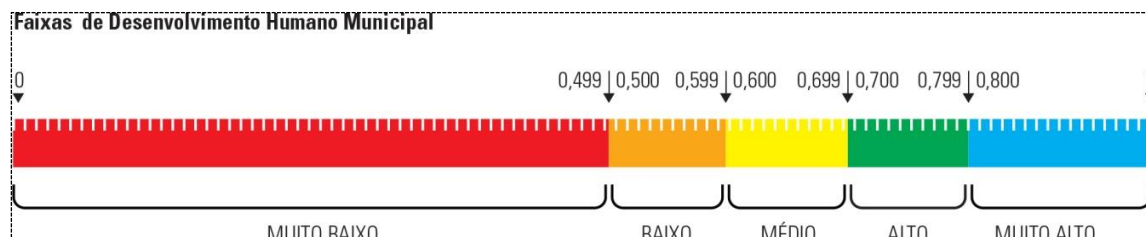
(1) Observe-se que, dentre os onze municípios do estudo, os maiores percentuais de população Urbana são: Marataízes, Conceição da Barra, Pinheiros e Sooretama (mais de 70%). Sendo que, Marataízes, possui a maior densidade populacional (256,6 hab/km²), que é expressiva. Para comparação, a densidade populacional do Espírito Santo é 76,25 hab/km² (2010); e, a do município de Vitória é 3328 hab/km² (2010).

(2) O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) calculado com uma nova metodologia, PNUD (2013), não é diretamente comparável ao IDH Global dos países. De outro lado, o índice também considera três tópicos: (i) Vida longa e saudável, mensurada pela Esperança de vida ao nascer; (ii) Acesso ao conhecimento, mensurado pela escolaridade da população adulta e fluxo escolar da população jovem; e, (iii) Padrão de vida, mensurado pela Renda mensal per

capita (os valores foram ajustados para R\$ ago/2010, em todos os anos considerados).

A régua do IDHM - O IDHM é um número que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano de um município.

Figura 4-7 - Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal.



Fonte: IDHM nova formulação (2010).

Os municípios do estudo com maiores IDHM, em 2010, são: Castelo (0,721), Alegre (0,721) e Nova Venécia (0,712). Todos os outros são classificados com IDHM médio. Ressalte-se que o maior IDHM do Estado é o do município de Vitória (0,845).

4.2.3 População urbano-rural do Município (por Distrito)

A Tabela 4-6 apresenta a população urbana e rural por distrito nos censos de 2000 e 2010. Refletem a situação administrativa atual descrita na seção 4.2.1.

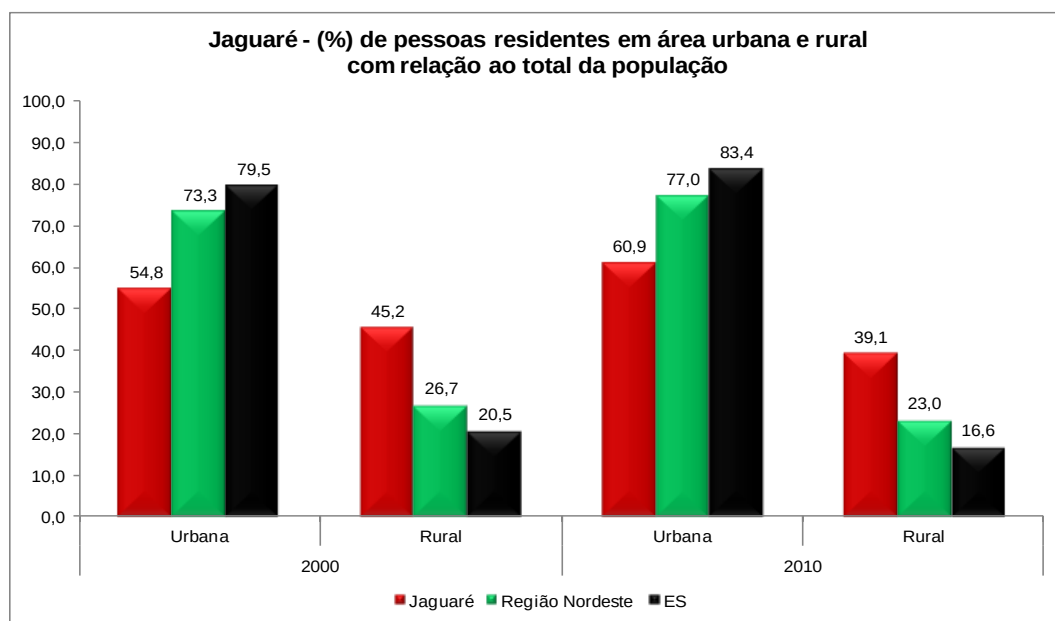
Tabela 4-6 - População urbano-rural por distrito.

Jaguaré Distritos	2000					2010				
	Total	Urbana	(%)	Rural	(%)	Total	Urbana	(%)	Rural	(%)
Barra Seca	4.787	726	3,7	4.061	20,8	5.646	956	3,9	4.690	19,0
Jaguaré - Sede	12.760	9.234	47,3	3.526	18,0	16.986	13.255	53,7	3.731	15,1
Nossa Senhora de Fátima	1.992	739	3,8	1.253	6,4	2.046	822	3,3	1.224	5,0
Total do município	19.539	10.699	54,8	8.840	45,2	24.678	15.033	60,9	9.645	39,1

Fonte: IBGE (2010).

Ilustrativamente a Figura 4-8 mostra o percentual de pessoas residentes em áreas urbanas e rurais, comparativamente à Microrregião onde o município está inserido e ao Espírito Santo como um todo. É interessante observar o padrão, em especial para a população Rural.

Figura 4-8 - Urbanização (%) do município.



Fonte: Autoria própria.

4.2.4 Média de moradores por domicílio no Município

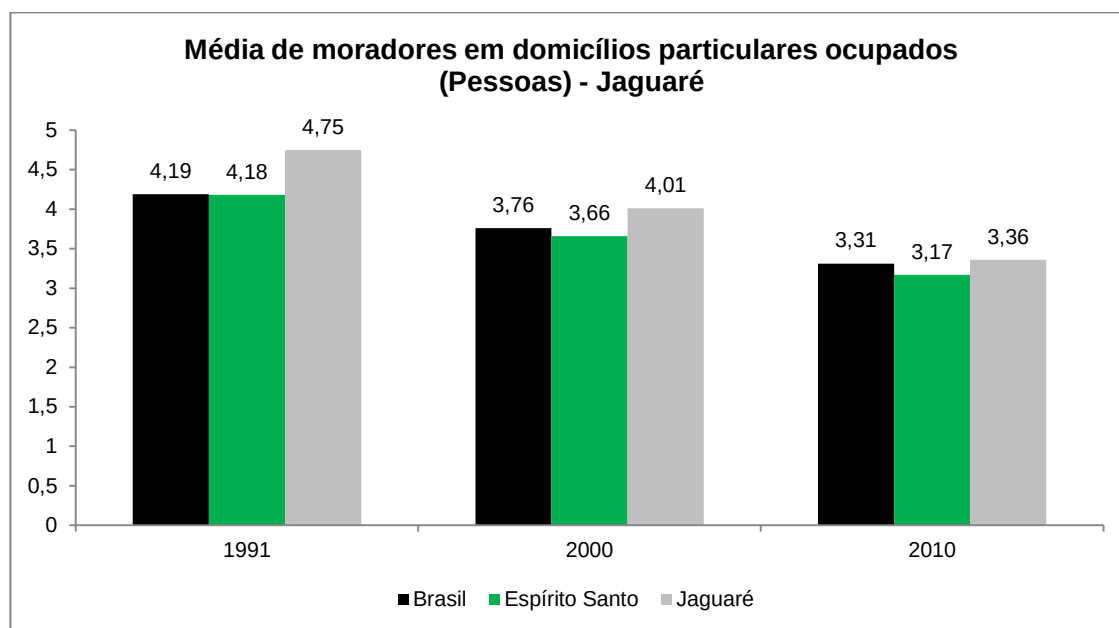
Na Tabela 4-7 tem-se o número médio de moradores por domicílio para o município do Estudo; também se inclui os dados para todo o ES e o Brasil, para comparabilidade. Observa-se um decréscimo de 1991 a 2010 em todas as unidades consideradas. A Figura 4-9 apresenta os mesmos resultados em forma gráfica.

Tabela 4-7 - Média de moradores em domicílios particulares ocupados.

	1991	2000	2010
Brasil	4,19	3,76	3,31
Espírito Santo	4,18	3,66	3,17
Jaguaré	4,75	4,01	3,36

Fonte: IBGE (2016).

Figura 4-9 - Média de moradores em domicílios particulares ocupados.



Fonte: IBGE (2016).

4.2.5 Taxa média anual de Crescimento Geométrico do Município

A Tabela 4-8 mostra a evolução da taxa média geométrica de crescimento anual percentual de 1970 a 2010 para todos os municípios da pesquisa, pois é importante se ter uma visão comparativa. Também foram incluídas na Tabela as taxas para o ES e o Brasil. Observe-se que a Tabela 4-8 apresenta a Evolução da Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual para as microrregiões do Estado. Deve-se considerar que as taxas de crescimento são (foram) influenciadas muitas vezes pela perda populacional devido a desmembramentos no município (com a consequente criação de novos municípios). Também se observa que pode existir nos novos municípios criados, um certo período para que se manifeste seu próprio padrão de crescimento populacional.

Tabela 4-8 - Taxa média anual de Crescimento Geométrico nos municípios do Projeto Sedurb (%).

Ano	1970	1980	1991	2000	2010
Alegre	-2,13	-1,83	-0,88	0,47	-0,30
Castelo	-4,19	0,05	1,22	1,15	0,59
Conceição da Barra	0,12	-1,22	-2,18	1,96	0,71
Domingos Martins	1,52	1,21	2,35	-1,70	0,41
Iúna	0,04	1,67	-1,32	-2,43	0,46
Jaguaré	---	---	---	1,54	2,36
Marataízes	---	---	---	---	1,10

Ano	1970	1980	1991	2000	2010
Muniz Freire	-1,41	0,09	0,56	-0,26	-0,68
Nova Venécia	0,99	-0,39	0,38	-1,14	0,68
Pinheiros	---	-0,54	0,56	0,01	1,15
Sooretama	---	---	---	---	2,70
ES	3,17	2,38	2,31	1,98	1,27
Brasil	2,89	2,48	1,93	1,64	1,17
	1970/1960	1980/1970	1991/1980	2000/1991	2010/2000

Fonte: IBGE (2016).

Comentários:

- De modo geral, observa-se decrescimento nas taxas de crescimento populacional. Existe crescimento destacado apenas nos municípios (a média estadual é de 1,27%): Jaguaré (2,36%) e Sooretama (2,70%).
- Observa-se também uma taxa crescente, onde houve grande perda populacional, possivelmente devido a desmembramentos e criação de novos municípios.

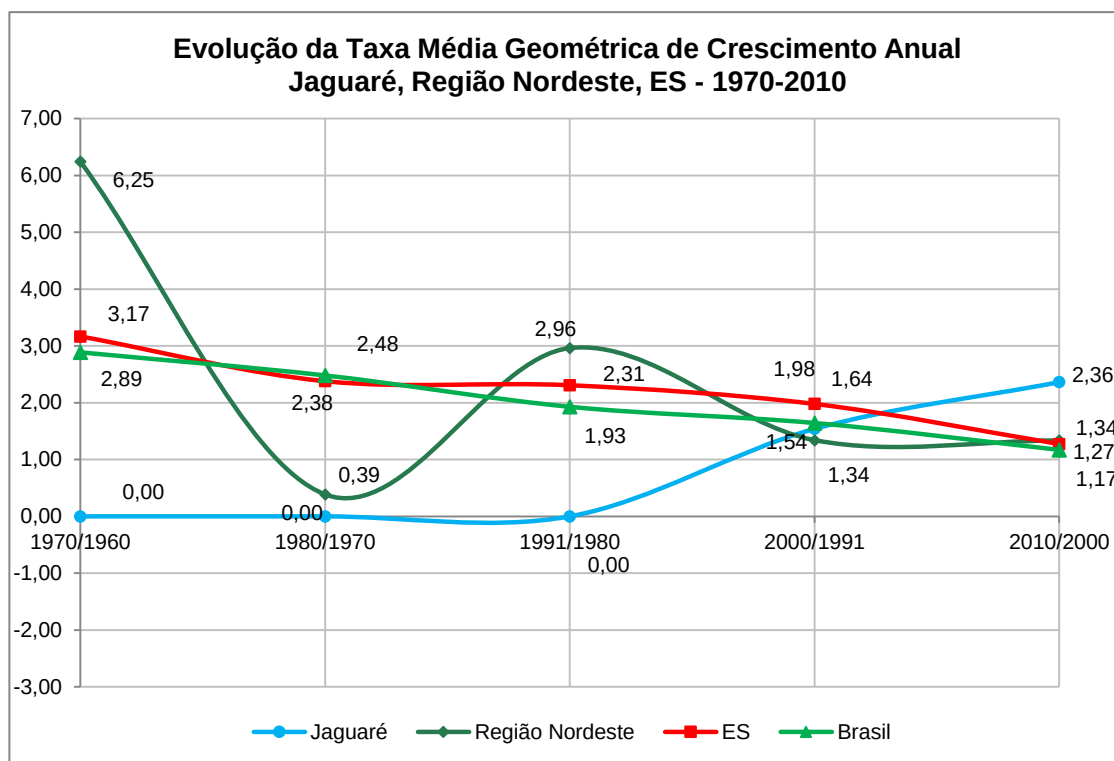
Apresenta-se na Tabela 4-9 a taxa média anual de crescimento geométrico do município, das microrregiões, do ES e do Brasil, de 1970 a 2010. Na Figura 4-10 encontra-se o respectivo gráfico (onde se excluiu Brasil para tornar o gráfico mais "leve").

Tabela 4-9 - Taxa média anual de Crescimento Geométrico (%).

Ano	1970	1980	1991	2000	2010
Jaguaré	----	----	----	1,54	2,36
Região Nordeste	6,25	0,39	2,96	1,34	1,34
ES	3,17	2,38	2,31	1,98	1,27
Brasil	2,89	2,48	1,93	1,64	1,17
	1970/1960	1980/1970	1991/1980	2000/1991	2010/2000

Fonte: IBGE (2016).

Figura 4-10 - Evolução da taxa média anual de crescimento geométrico: Jaguaré, ES, Microrregião Nordeste (%).



Fonte: IBGE (2016).

4.2.6 Projeções populacionais para os municípios

4.2.6.1 Introdução e Metodologia Geral

Existem argumentos que indicam que a performance dos modelos estatísticos de previsão é tanto melhor quanto menor for o horizonte de previsão e maior for o nível de agregação dos dados; Brasil, Castiglioni e Felipe (2013). Além disso, os diversos modelos existentes dependem da quantidade/qualidade dos dados disponíveis e também do seu nível de agregação. Assim não é tarefa simples a projeção no nível municipal.

Como apresentado no capítulo 7, a taxa geométrica de crescimento vem caindo nos últimos quarenta anos (apesar do decaimento mais lento em alguns poucos municípios, por exemplo, Jaguaré e Sooretama). O mesmo ocorre com as taxas de natalidade e mortalidade, como apresentado em Brasil, Castiglioni e Felipe (2013). Assim, as hipóteses razoáveis para construir os cenários alternativos devem considerar um “**crescimento a taxas decrescentes**” para a maioria dos

municípios. De outro lado podem existir saldos migratórios positivos no período 2005-2010 (e posterior ao censo de 2010). Mas a migração está em decrescimento (em termos de microrregião). A partir dessas considerações foram elaborados dois grupos de cenários para a população:

(i) **sete cenários** baseados no método das componentes demográficas para todo o Estado. As projeções foram elaboradas para todo o Estado do Espírito Santo, subdivididas entre as microrregiões pelo método A_iB_i e redivididas entre os municípios estudados pelo mesmo método;

(ii) **quatro "cenários"** baseados em modelos matemáticos de curvas de crescimento, que são apropriadas quando se dispõe de poucos dados (censos), como é o caso da maioria dos municípios desse estudo. Não é possível o uso de modelos estatísticos de regressão em grande parte dos casos.

Foram adotados os seguintes procedimentos para realizar mais eficientemente as análises estatísticas apropriadas.

(1) Obter estimativas e/ou fazer as interpolações necessárias, quando possível, para possibilitar avaliar tendências de crescimento com base em séries históricas maiores das populações municipais nos anos censitários (apenas quando existirem menos de três dados censitários).

(2) Determinar os indicadores demográficos mais importantes, por município, no sentido de identificar o crescimento populacional "inercial", ou o "cenário tendencial", para cada município.

(3) **Obtenção dos cenários 1 a 7.** Estabelecer as projeções populacionais (método demográfico). Uma das técnicas muito utilizadas em estudos similares, é o chamado "Método A_iB_i ", que é também adotado pelo IBGE; Madeira e Simões (1972). Para complementar e, de certa forma, validar as projeções, foram estabelecidas projeções através de fórmulas matemáticas. Essas trajetórias (curvas de crescimento) não são cenários propriamente, e sim extrapolações de curvas ou simples modelos estatisticamente ajustados (quando se utilizam modelos de regressão).

(4) **Obtenção dos cenários 8 a 11.** Por causa da pequena quantidade de dados disponível por município utilizou-se os seguintes modelos:

- (a) Projeção aritmética (crescimento populacional segundo uma taxa constante).
- (b) Projeção geométrica (crescimento populacional segundo uma taxa geométrica).
- (c) Taxa decrescente de crescimento (premissa de que, à medida em que a população cresce, a taxa de crescimento torna-se menor).
- (d) Crescimento logístico (o crescimento populacional segue uma relação matemática, que estabelece uma curva em forma de S. A população tende assintoticamente a um valor de saturação - usam-se três pontos no cálculo, representados pelos três últimos censos).
- (5) Elaboração de outros modelos alternativos onde não se consegue as condições descritas nos itens (3) e (4).

Em resumo obtiveram-se projeções: (i) pelo método "A_iB_i"; (ii) através das quatro curvas de crescimento listadas acima.

4.2.6.2 Cenários via método das componentes demográficas (cenários 1 a 7)

A construção dos cenários 1 a 7 utiliza o método das componentes demográficas. Conforme mencionado na seção 7.3.1, é necessário determinar-se as projeções populacionais para todo o Espírito Santo. As projeções da população do Espírito Santo por sexo e grupos de idade foram elaboradas para um intervalo de 20 anos, entre os anos de 2016 a 2036 (acrescentou-se o ano 2037); no entanto, nesse estudo, usa-se a população total. O método das componentes demográficas, aplicado neste trabalho, utiliza modelos que traduzem as tendências do comportamento da mortalidade, da fecundidade e da migração para estimar a população em um horizonte determinado. A população é projetada, no intervalo considerado, mediante a aplicação da equação expressa por:

$$P_{t+n} = P_t + (N_{t+n} - M_{t+n}) + (I_{t+n} - E_{t+n})$$

Onde:

- P_t e P_{t+n} : são as populações inicial e final do período considerado;
- N_{t+n} e M_{t+n} : são os nascimentos e óbitos ocorridos no período considerado;

- I_{t+n} e E_{t+n} : são as imigrações e as emigrações ocorridas no período considerado;
- t : tempo inicial;
- n : intervalo.

As projeções de população tiveram como referência as populações do Espírito Santo, enumeradas nos censos de 2000 e de 2010 pelo IBGE, retroprojetadas para 1º de julho. (Nota: nesse método de cálculo usam-se como referência as populações por sexo e grupos de idade quinquenais, posteriormente agregados).

Os cenários 1 a 7 foram elaborados para todo o ES de acordo com hipóteses demográficas estabelecidas (descritas sucintamente nas Tabelas 4-10 a 4-16), incluindo migração (utilizam informações sobre fecundidade, mortalidade e migração). As previsões mais agregadas são, usualmente, mais precisas. O método AiBi subdivide a população total do Estado nas dez regiões, e considera os fluxos populacionais verificados em cada região nos últimos censos. Essa é uma boa estratégia.

As hipóteses para as projeções

As hipóteses que nortearam a elaboração das projeções, combinando níveis e padrões de fecundidade, mortalidade e migrações, estão especificadas nos Quadros a seguir (Tabelas 4-10 a 4-16).

Tabela 4-10 - H1. Esperança de vida média, fecundidade média, migração nula (Cenário 1).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	71,1	78,6	1,62	Saldo migratório nulo
2015-2020	72,5	79,8	1,58	
2020-2025	73,7	80,9	1,55	
2025-2030	74,8	81,8	1,51	
2030-2035	75,8	82,6	1,48	
2035-2040	77,5	84,7	1,45	

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-11 - H2. Esperança de vida mais baixa, fecundidade mais alta, migração nula (Cenário 2).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	68,1	75,8	2,10	Saldo migratório nulo
2015-2020	69,7	77,3	1,98	
2020-2025	70,6	77,7	1,95	
2025-2030	71,1	78,6	1,90	
2030-2035	72,5	79,8	1,77	
2035-2040	73,7	80,9	1,62	

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-12 - H3. Esperança de vida mais alta, fecundidade mais baixa, migração nula (Cenário 3).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	73,7	80,9	1,55	Saldo migratório nulo
2015-2020	74,8	81,8	1,51	
2020-2025	75,8	82,6	1,48	
2025-2030	76,7	83,4	1,45	
2030-2035	77,5	84,7	1,43	
2035-2040	79,1	85,4	1,43	

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-13 - H4. Esperança de vida média, fecundidade média, migração decrescente (Cenário 4).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	71,1	78,6	1,62	M1
2015-2020	72,5	79,8	1,58	
2020-2025	73,7	80,9	1,55	
2025-2030	74,8	81,8	1,51	
2030-2035	75,8	82,6	1,48	
2035-2040	77,5	84,7	1,45	

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-14 - H5. Esperança de vida média, fecundidade média, migração mais fraca e decrescente (Cenário 5).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	71,1	78,6	1,62	M2
2015-2020	72,5	79,8	1,58	
2020-2025	73,7	80,9	1,55	
2025-2030	74,8	81,8	1,51	
2030-2035	75,8	82,6	1,48	
2035-2040	77,5	84,7	1,45	

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-15 - H6. Esperança de vida média, fecundidade média, migração mais forte, crescente (Cenário 6).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	71,1	78,6	1,62	M3
2015-2020	72,5	79,8	1,58	
2020-2025	73,7	80,9	1,55	
2025-2030	74,8	81,8	1,51	
2030-2035	75,8	82,6	1,48	
2035-2040	77,5	84,7	1,45	

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-16 - H7. Esperança de vida média, fecundidade média, migração crescente e, a seguir decrescente (Cenário 7).

Período	E ₀		TEF	Migração
	Homens	Mulheres		
2010-2015	71,1	78,6	1,62	M4
2015-2020	72,5	79,8	1,58	
2020-2025	73,7	80,9	1,55	
2025-2030	74,8	81,8	1,51	
2030-2035	75,8	82,6	1,48	
2035-2040	77,5	84,7	1,45	

Fonte: Autoria própria.

Hipóteses sobre a migração (M1, M2, M3 e M4 - nas Tabelas 4-10 a 4-16). Essas hipóteses estão baseadas no que ocorreu na última década captado pelo Censo demográfico realizado em 2010; basicamente saldo migratório e proporção de migrantes. A partir dessa base compõe-se as hipóteses (componente migração) dos cenários 4 a 7: (i) M1-migração decrescente; (ii) M2-migração mais fraca e decrescente; (iii) M3-migração crescente; e, (iv) M4-migração crescente por um período de dez anos e decrescente nos anos subsequentes.

A partir dessas hipóteses foram construídos os cenários 1 a 7 para o Estado do Espírito santo. Essas projeções estão sintetizadas na Tabela 4-17. Ressalte-se que as projeções foram feitas com o método das componentes demográficas para o ano 2040. Os valores de 2036 e 2037 foram obtidos por interpolação aritmética entre os dados de 2035 e 2040.

Cabe uma observação sobre todos os cenários desenvolvidos nesse estudo. Os cenários foram desenvolvidos tomando como base os censos de 1991, 2000 e 2010 divulgados pelo IBGE, no pressuposto de que representam realmente a população existente na época de sua divulgação. Ou seja, pressupõe-se que representam a realidade.

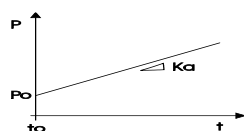
Tabela 4-17 - Projeções da população do ES (2015-2040) – Cenários 1 a 7.

Ano	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 4	Cenário 5	Cenário 6	Cenário 7
2000	3.091.690	3.091.690	3.091.690	3.091.690	3.091.690	3.091.690	3.091.690
2010	3.510.587	3.510.587	3.510.587	3.510.587	3.510.587	3.510.587	3.510.587
2015	3.647.586	3.699.812	3.652.553	3.698.431	3.685.720	3.717.498	3.723.854
2020	3.764.186	3.856.720	3.771.948	3.859.063	3.823.916	3.922.573	3.952.208
2025	3.857.394	3.983.012	3.867.768	3.990.516	3.928.299	4.134.427	4.142.377
2030	3.919.453	4.076.336	3.932.741	4.085.505	3.996.088	4.364.178	4.279.647
2035	3.949.942	4.138.659	3.963.236	4.144.091	4.029.867	4.645.750	4.362.647
2036	3.951.546	4.144.222	3.963.580	4.150.489	4.031.924	4.701.280	4.371.056
2037	3.953.150	4.149.785	3.963.924	4.156.888	4.033.983	4.756.809	4.379.465
2040	3.957.965	4.166.474	3.964.957	4.176.083	4.040.158	4.923.397	4.404.692

Fonte: IBGE (2016).

4.2.6.3 Modelos matemáticos de curvas de crescimento (cenários 8 a 11)

Projeção aritmética - Crescimento populacional segundo uma taxa constante. Método utilizado para estimativas de menor prazo. De outro lado, propicia uma visão de uma projeção constante, baseada no crescimento verificado nos últimos três censos.

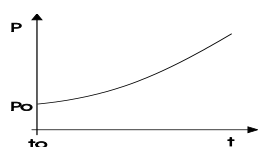


$$\frac{dP}{dt} = K_a$$

$$P_t = P_0 + K_a \cdot (t - t_0)$$

$$K_a = \frac{P_2 - P_0}{t_2 - t_0}$$

Projeção geométrica - Crescimento populacional função da população existente a cada instante. Utilizado para estimativas de menor prazo. De outro lado, propicia uma visão de uma projeção de crescimento geométrico, baseada no crescimento verificado nos últimos três censos.

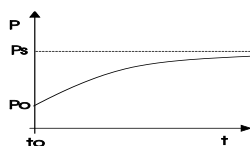


$$\frac{dP}{dt} = K_g \cdot P$$

$$P_t = P_0 \cdot e^{K_g \cdot (t - t_0)} \quad \text{ou} \quad P_t = P_0 \cdot (1 + i)^{(t - t_0)}$$

$$K_g = \frac{\ln P_2 - \ln P_0}{t_2 - t_0} \quad \text{ou} \quad i = e^{K_g} - 1$$

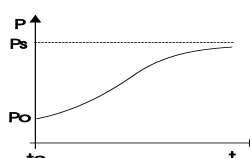
Taxa decrescente de crescimento - Premissa de que, à medida em que a população cresce, a taxa de crescimento torna-se menor. A população tende assintoticamente a um valor de saturação. Os parâmetros podem ser também estimados por regressão não linear. A fórmula para taxa decrescente exige valores equidistantes (ajustes feitos nos cálculos).



$$\frac{dP}{dt} = K_d \cdot (P_s - P) \quad P_s = \frac{2 \cdot P_0 \cdot P_1 \cdot P_2 - P_1^2 \cdot (P_0 + P_2)}{P_0 \cdot P_2 - P_1^2}$$

$$P_t = P_0 + (P_s - P_0) \cdot [1 - e^{-K_d \cdot (t - t_0)}] \quad K_d = \frac{-\ln[(P_s - P_2)/(P_s - P_0)]}{t_2 - t_0}$$

Crescimento logístico - O crescimento populacional segue uma relação matemática, que estabelece uma curva em forma de S. A população tende assintoticamente a um valor de saturação. Os parâmetros podem ser também estimados por regressão não linear. Condições necessárias: $P_0 < P_1 < P_2$ e $P_0 \cdot P_2 < P_1^2$. A fórmula para o crescimento logístico exige valores equidistantes. O ponto de inflexão na curva ocorre no tempo $[t_0 - \ln(c)/K_1]$ e com $P_t = P_s/2$. Se as condições não forem verificadas os cálculos não valem (ou não podem ser calculados).



$$P_t = \frac{P_s}{1 + c \cdot e^{K_1 \cdot (t - t_0)}} \quad c = (P_s - P_0)/P_0$$

$$\frac{dP}{dt} = K_1 \cdot P \cdot \frac{(P_s - P)}{P} \quad P_s = \frac{2 \cdot P_0 \cdot P_1 \cdot P_2 - P_1^2 \cdot (P_0 + P_2)}{P_0 \cdot P_2 - P_1^2}$$

$$P_t = \frac{P_s}{1 + c \cdot e^{K_1 \cdot (t - t_0)}} \quad K_1 = \frac{1}{t_2 - t_1} \cdot \ln \left[\frac{P_0 \cdot (P_s - P_1)}{P_1 \cdot (P_s - P_0)} \right]$$

Para todas as curvas:

- dP/dt = taxa de crescimento da população em função do tempo.
- P_0, P_1, P_2 = populações nos anos t_0, t_1, t_2 (as fórmulas para taxa decrescente e crescimento logístico exigem valores equidistantes, caso não sejam baseadas na análise da regressão) (habitantes).
- P_t = população estimada no ano t (habitantes); P_s = população de saturação (habitantes).
- $K_a, K_g, K_d, K_l, i, c, r, s$ = coeficientes (a obtenção dos coeficientes pela análise da regressão é preferível, já que se pode utilizar toda a série de dados existentes, e não apenas P_0, P_1 e P_2). Mas exige maior quantidade de dados, nem sempre disponíveis.

Comentários:

- No que se segue utiliza-se a seguinte denominação para as projeções das curvas: (i) Aritmética (Cenário 8), Geométrica (Cenário 9), Decrescente (Cenário 10) e, Logística (Cenário 11).
- Observe-se que as trajetórias aqui referidas como "cenários 8 a 11" não são cenários propriamente, e sim extrapolações de curvas ou simples modelos estatisticamente ajustados.

4.2.6.4 Projeções Populacionais Municipais

Descrição geral dos cenários

Conforme descrito na seção 4.2.6, determinam-se sete cenários via método das componentes demográficas (cenários 1 a 7). Nesta seção, através de modelos matemáticos para curvas de crescimento, obtém-se projeções denominadas de cenários 8 a 11. O Quadro abaixo exhibe uma breve descrição geral dos cenários elaborados para os municípios e o usuário das projeções pode selecionar algum deles de acordo com sua conveniência. São apresentadas sugestões.

Casos especiais

A seção 4.2 apresentou uma breve descrição sobre a formação dos municípios. Observa-se que alguns municípios foram desmembrados de outros entre 1991 e 2010. Além disso, os métodos utilizados possuem restrições para uso. O método das componentes foi utilizado para projetar a população total do ES, sendo o método AiBi empregado para repartir essas projeções entre as microrregiões e, dessas, para os municípios pertinentes. Ocorrem incongruências quando no processo de repartição das projeções das microrregiões para os municípios existe decréscimo na população de 2000 para 2010. Mesmo o uso de modelos matemáticos (curvas de crescimento) tem restrições: (i) necessita-se de três pontos (censos); (ii) existem restrições numéricas para as curvas decrescente e logística; (iii) os resultados não são significativos, para alguns métodos, quando existe decréscimo populacional. Se existirem dados suficientes pode-se usar

modelos de regressão, no entanto os dados são poucos para se tenha uma boa estimação; caso contrário outros artifícios devem ser considerados.

Assim, os cenários 1 a 11 não são apropriados para as projeções populacionais dos seguintes municípios (dois): Alegre e Muniz Freire. Mesmo assim as projeções foram apresentadas, sendo obtidos cenários através de outros métodos.

Para estes dois municípios adotou-se o seguinte procedimento para determinação dos cenários baixo, médio e alto: (i) "Cenário baixo" - um compromisso entre a taxa de crescimento geométrico do município e da microrregião onde está inserido. (ii) "Cenário médio" - um compromisso entre a taxa de crescimento geométrico do eleitorado (usado como proxy) e do crescimento geométrico médio da microrregião onde o município está localizado; Brasil et al (2013, capítulo 2); os dados eleitorais estão em Tabela no Anexo A; e, (iii) "Cenário alto" - taxa de crescimento geométrico médio do eleitorado do município de 2002 a 2014 com decaimento quinquenal.

No caso dos municípios de Marataízes e Sooretama, para os quais se dispõe de no máximo dois dados censitários, obteve-se estimativas para o censo de 1991 através do histórico dos distritos formadores do município.

Quadro 4-2 - Descrição geral dos Cenários (deve ser adaptada por município).

Cenários - Descrição	Característica	Cenário selecionado
Cenário 1 - Tendência média (esperança de vida média, fecundidade média), saldo migratório nulo. Isso gera uma população em 2035 maior que em 2010 mas não muito maior, exceto para os municípios com grandes taxas média geométricas em 2010. (Ex: Jaguaré e Sooretama).	Variante de crescimento (muito) baixo	
Cenário 2 - Tendência com fecundidade mais alta (esperança de vida mais baixa, fecundidade mais alta), saldo migratório nulo. A população em 2035 deve ser maior que a do cenário 1. Espera-se taxas médias geométricas baixas em 2035.	Variante de crescimento baixo	
Cenário 3 - Tendência com fecundidade mais baixa (esperança de vida mais alta, fecundidade mais baixa), saldo migratório nulo. Isso gera uma população em 2035 maior que em 2010 mas não muito maior, exceto para os municípios com grandes taxas média geométricas em 2010. Similar ao cenário 1, mas ligeiramente maior.	Variante de crescimento (muito) baixo	
Cenário 4 - Tendência média (esperança de vida média, fecundidade média). Pressupõe migração decrescente, relativamente a 2005-2010, em 20% a cada quinquênio. População em 2035 maiores que os cenários 1 e 3. Cenário similar aos 10 e 11 (Curvas decrescente e logística), mas depende do município. A diferença para o Cenário 2 fica por conta da distribuição dos grupos etários em 2035 (maior	Variante de crescimento médio	

Cenários - Descrição	Característica	Cenário selecionado
percentual na faixa 0-14 anos no cenário 2) não importantes neste estudo.		
Cenário 5 - Tendência média (esperança de vida média, fecundidade média), com migração decrescente (relativamente a 2005-2010) mais fraca de 40% a 30% no último quinquênio. População em 2035 maior que a dos cenários 1, 2, e 3. Cenário similar ao 4, em 2035. Apenas permite uma leve migração nos quatro quinquênios; mas chega em 2035 com uma população menor que o cenário 4.	Variante de crescimento médio	
Cenário 6 - Tendência média (esperança de vida média, fecundidade média), com migração crescente nos quinquênios de 2015 a 2035. População em 2035, bem maior que nos cenários 1 a 5. Similar ao cenário 8 (crescimento geométrico) em boa parte dos casos (municípios)	Variante de crescimento alto	
Cenário 7 - Tendência média (esperança de vida média, fecundidade média), com migração crescente inicial (a mesma do cenário 6) e decrescente nos últimos quinquênios. Uma alternativa de crescimento alto, mas menor que a do cenário 6.	Variante de crescimento médio-alto	
Cenário 8 - Curva de crescimento aritmético (determinada a partir de três pontos). O crescimento será tanto maior quanto for o "salto" populacional entre os censos de 1991 e 2010 (ver as fórmulas na seção 4.3). Pode ser similar a qualquer um dos cenários 1 a 7.	Variante de crescimento alto	
Cenário 9 - Curva de crescimento geométrico (determinada a partir de três pontos). O crescimento será tanto maior quanto for o "salto" populacional entre os censos de 1991 e 2010 (ver as fórmulas na seção 4.3); no entanto tem efeito de crescimento exponencial. Pode ser similar a qualquer um dos cenários 1 a 7.	Variante de crescimento muito alto	
Cenário 10 - Curva de crescimento decrescente (determinada a partir de três pontos). Nesse caso, a taxa de decrescimento diminui, mas tende a um valor assintótico. Apresenta usualmente um crescimento maior do que os cenários 8 e similar ao 9. Essa curva tem várias restrições matemáticas para uso.	Variante de crescimento médio	
Cenário 11 - Curva de crescimento logístico (determinada a partir de três pontos). Nesse caso, a taxa de decrescimento decai mas em um formato de curva em S invertido, tendendo a um valor assintótico. Essa curva tem várias restrições matemáticas para uso.	Variante de crescimento médio-alto	

Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

Nota: os cenários descritos no Quadro 7-1, constituem uma visão geral do que representam, de acordo com as hipóteses apresentadas nas seções 4.2.6.2 e 4.2.6.3. Não necessariamente serão os mesmos selecionados em todos os municípios. Cada município tem seu padrão de crescimento populacional.

Padrão de apresentação dos cenários para cada um dos municípios

Apresenta-se subsequentemente as projeções obtidas para os municípios. O padrão de apresentação é o seguinte:

(i) uma Tabela sintetiza as projeções municipais dos 11 cenários. A última linha dessa Tabela mostra a taxa de crescimento (%) populacional no período 2010-2037, que pode ser considerada na seleção do cenário a ser usado no planejamento.

(ii) Uma outra Tabela mostra a taxa média geométrica de crescimento em cada período (usualmente quinquenal) para os 11 cenários.

A seguir encontram-se duas Figuras: (i) População projetada para o município (2015-2037) - Cenários 1 a 11; e, (ii) Taxa média geométrica de crescimento (2015-2037) – Cenários 1 a 7 - para o município.

Sugestão de cenários. Finalmente, para cada município sugere-se três cenários com as características: crescimento baixo, médio e alto. Deve-se ressaltar as observações feitas no final da introdução e nas considerações finais sobre a "conciliação demográfica" realizada pelo IBGE em 2013. Com essa recomendação, sugere-se que sejam escolhidos os cenários classificados como médio ou alto. Cenários para o município:

Tabela 4-18 - Projeções da população de Jaguaré (2015-2037) – Cenários 1 a 11.

Ano	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 4	Cenário 5	Cenário 6	Cenário 7	Cenário 8	Cenário 9	Cenário 10	Cenário 11
2000	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514	19.514
2010	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630	24.630
2015	26.299	26.937	26.359	26.920	26.765	27.153	27.231	26.600	27.123	27.879	Nd
2020	27.724	28.855	27.819	28.883	28.454	29.660	30.022	28.571	29.868	31.893	Nd
2025	28.863	30.398	28.990	30.490	29.730	32.249	32.346	30.541	32.891	36.849	Nd
2030	29.621	31.539	29.784	31.651	30.558	35.057	34.024	32.511	36.220	42.972	Nd
2035	29.994	32.301	30.157	32.367	30.971	38.498	35.038	34.482	39.886	50.533	Nd
2036	30.014	32.369	30.161	32.445	30.996	39.177	35.141	34.876	40.662	52.247	Nd
2037	30.033	32.437	30.165	32.523	31.021	39.856	35.244	35.270	41.454	54.034	Nd
Cresc (%) 2037/2010	21,94	31,70	22,47	32,05	25,95	61,82	43,09	43,20	68,31	119,38	Nd

Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

Tabela 4-19 - Taxa média geométrica de crescimento - Jaguaré (2015-2037) - Cenários 1 a 11.

Ano	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 4	Cenário 5	Cenário 6	Cenário 7	Cenário 8	Cenário 9	Cenário 10	Cenário 11
2000	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----
2010	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36	2,36
2015	1,32	1,81	1,37	1,79	1,68	1,97	2,03	1,55	1,95	2,51	Nd
2020	1,06	1,39	1,08	1,42	1,23	1,78	1,97	1,44	1,95	2,73	Nd
2025	0,81	1,05	0,83	1,09	0,88	1,69	1,50	1,34	1,95	2,93	Nd
2030	0,52	0,74	0,54	0,75	0,55	1,68	1,02	1,26	1,95	3,12	Nd
2035	0,25	0,48	0,25	0,45	0,27	1,89	0,59	1,18	1,95	3,29	Nd
2036	0,07	0,21	0,01	0,24	0,08	1,76	0,29	1,14	1,95	3,39	Nd
2037	0,07	0,21	0,01	0,24	0,08	1,73	0,29	1,13	1,95	3,42	Nd

Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

A Tabela 4-20 apresenta as principais características de três cenários selecionados e classificados como: baixo, médio e alto. As projeções encontram-se nas Tabelas anteriores.

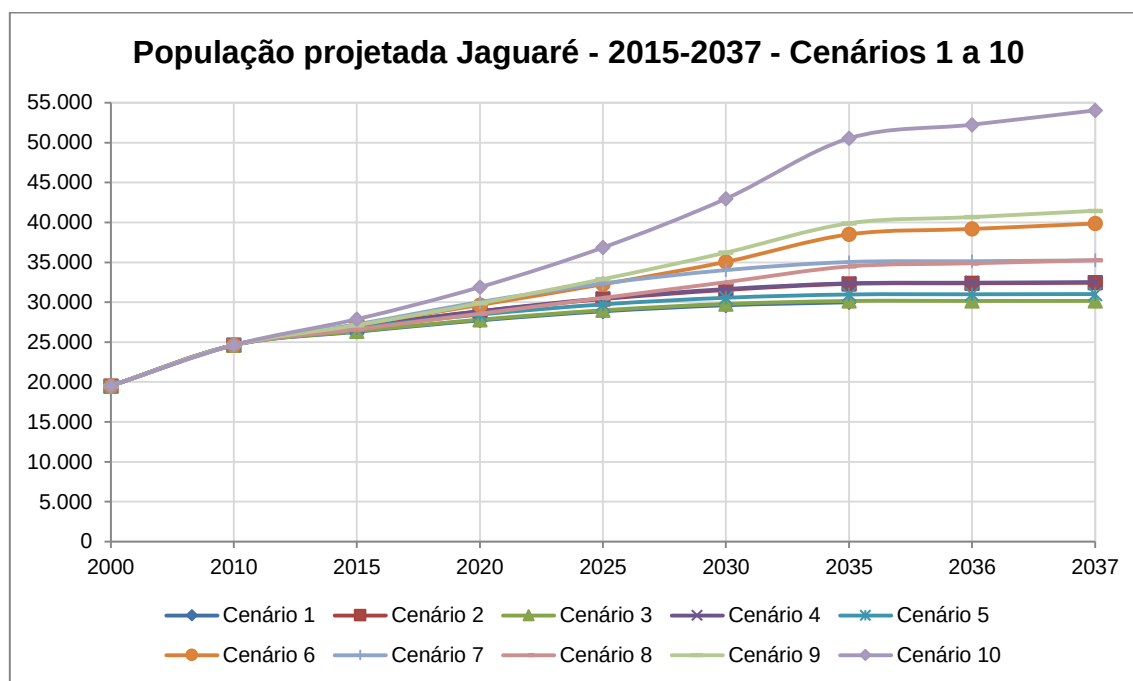
Tabela 4-20 - Características dos cenários selecionados – Jaguaré.

	População em 2037	Taxa média geométrica de crescimento anual em 2037	Crescimento populacional entre 2010 e 2037	Crescimento (%) entre 2010 e 2037
Cenário 5 - baixo	31.021	0,08	6.366	25,95
Cenário 4 - médio	32.523	0,24	7.815	32,0
Cenário 7 - alto	35.244	0,29	10.511	43,1

*Nota: População em 01/julho.

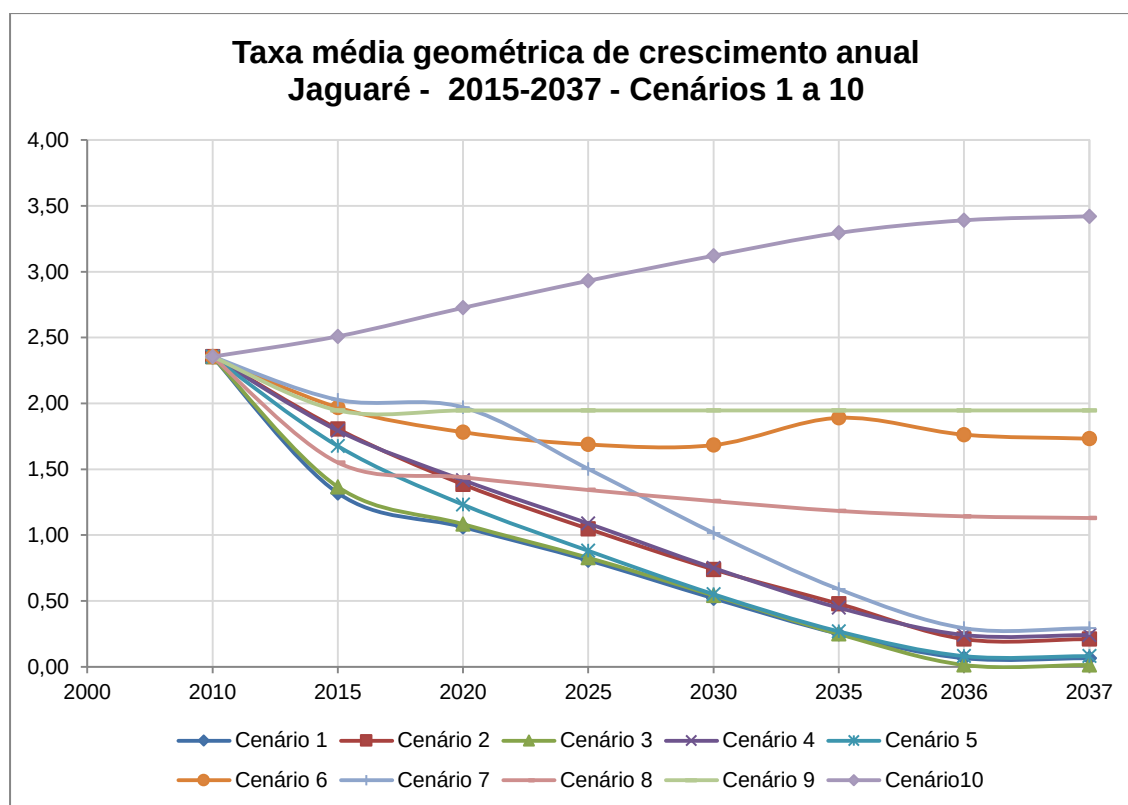
Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

Figura 4-11 - População projetada para Jaguaré (2015-2037) - Cenários 1 a 10.



Fonte: Autoria própria.

Figura 4-12 - Taxa média geométrica de crescimento (2015-2037) – Cenários 1 a 10 – Jaguaré.



Fonte: Autoria própria.

4.2.7 Considerações finais

Os cenários foram desenvolvidos tomando como base os censos de 1991, 2000 e 2010 divulgados pelo IBGE, no pressuposto de que representam realmente a população existente na época de sua divulgação. Ou seja, pressupõe-se que representam a realidade. Não se dispõe de condições de incorporar as alterações descritas em IBGE (2013a, b).

Os "cenários 1 a 7" foram elaborados para todo o ES de acordo com hipóteses demográficas estabelecidas, incluindo migração (utilizam informações sobre fecundidade, mortalidade e migração). As previsões mais agregadas são, usualmente, mais precisas. O método AiBi subdivide a população total do Estado nas dez regiões, e considera os fluxos populacionais verificados em cada região nos últimos censos. A partir dessa desagregação, determinou-se sete cenários para os municípios (cenários 1 a 7).

As trajetórias aqui referidas como "cenários 8 a 11" não são cenários propriamente, e sim extrapolações de curvas ou simples modelos estatisticamente ajustados. Por causa da pequena quantidade de dados disponível por município utilizou-se vários modelos, nem sempre com sucesso. Isso exigiu a utilização de metodologias alternativas para se obter resultados nos municípios onde existiam apenas dois censos disponíveis.

Em pós-escrito, Brasil, Castiglioni e Felipe (2013) comentam resultados de projeções do IBGE divulgadas no final de 2013: "O IBGE divulgou em 29/08/2013 a 'Revisão 2013 da Projeção da População do Brasil, das Unidades da Federação e Estimativas da População dos Municípios'. Pela primeira vez as projeções populacionais das Unidades da Federação foram elaboradas pelo método das componentes demográficas, levando em consideração os perfis de fecundidade, mortalidade e migração de cada uma delas". Além disso, foi utilizada uma conciliação demográfica. "O método da conciliação demográfica foi realizado com o principal objetivo de ajustar a população de partida da projeção populacional por sexo e idade para o Brasil, ou seja, a população enumerada no Censo Demográfico 2000. Para tal, as populações de 1990 e 2010 foram, respectivamente, projetadas e retroprojetadas para o ano 2000 – utilizando as estimativas de fecundidade e mortalidade – com o objetivo de compará-las com a população observada no censo desse mesmo ano"; IBGE (2013 a, p.19).

As projeções divulgadas pelo IBGE em de 2013 a 2015 (Tabela do Anexo B) indicam que essas alterações foram definitivamente incorporadas; IBGE (2014, 2015). Ocorre que dispomos apenas dos censos divulgados para os anos de 1991, 2000 e 2010, sobre os quais foram elaboradas as projeções desse documento. Assim a escolha do cenário pelos planejadores a ser adotado no projeto deve ser refletir também essas novas alterações (que precisam ser confirmadas). Por isso, por conservadorismo, pode-se escolher entre os cenários médio e alto sugeridos. De qualquer forma, tem-se que esperar um novo censo ou uma contagem populacional, que já está anunciada para 2016, como ocorreu nas duas últimas décadas (em 1996 e 2007).

4.3 DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO

No município de Jaguaré, entre 2000 e 2010, a taxa de atividade da população de 18 anos ou mais (ou seja, o percentual dessa população que era economicamente ativa) passou de 67,71% em 2000 para 75,20% em 2010. Ao mesmo tempo, sua taxa de desocupação (ou seja, o percentual da população economicamente ativa que estava desocupada) passou de 4,77% em 2000 para 8,12% em 2010 (PNUD, 2013). Esses dados apontam para um aquecimento da entrada de jovens no mercado de trabalho, sem a consequente ampliação da oferta de emprego.

Tabela 4-21 - Ocupação da população de 18 anos ou mais (%).

	2000	2010
Taxa de atividade - 18 anos ou mais	67,71	75,20
Taxa de desocupação - 18 anos ou mais	4,77	8,12
Grau de formalização dos ocupados - 18 anos ou mais	29,76	43,34

Fonte: Pnud, Ipea e FJP (2016).

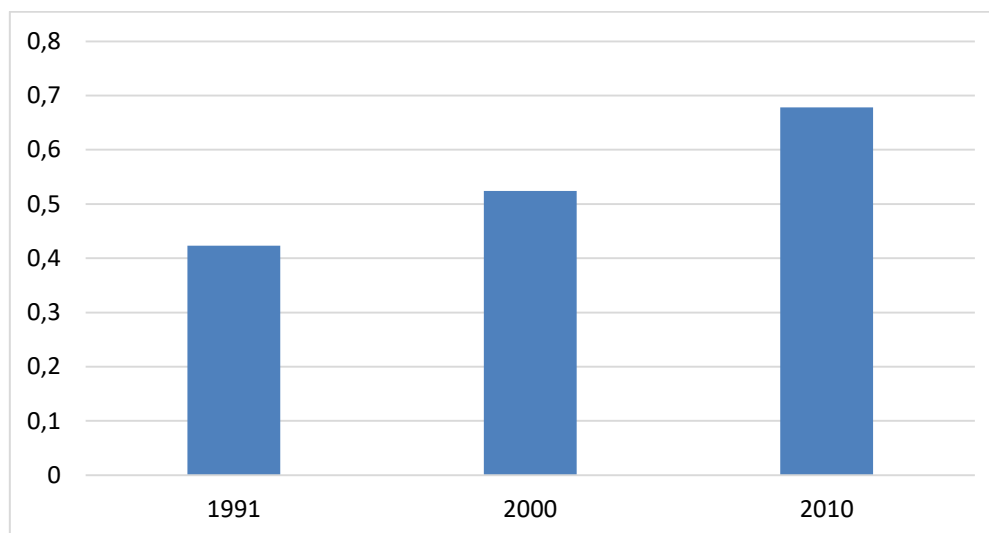
No processo de geração de emprego e renda verificou-se, de acordo com os dados da RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – em 31 de dezembro de 2014 que a maior parte dos postos de trabalho formal estava na Administração Pública (1.465). Em segundo lugar, o setor Agropecuário (1.101) e em terceiro, o Comércio (975). Além disso, as ocupações com maiores estoques de empregos formais foram respectivamente: Professores de Ensino fundamental (450); trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação (245); trabalhadores agrícolas (561); e escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos (333); vendedores e demonstradores (370). Além disso, verificou-se também que, a maior parte dos trabalhadores recebe entre 1,01 e 1,5 salários mínimos.

Em relação a escolarização, de acordo com os dados dos Censos demográficos, no município, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola era de 95,04%, em 2010. Naquele mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 87,54%. Já a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 54,03% e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 38,90% (ATLAS DOS MUNICÍPIOS, 2016).

De acordo com os dados da PNUD, com base no Censo de 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Jaguaré foi de 0,678, o que coloca

o município na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,6 e 0,699). Esse valor é resultado de uma evolução significativa desde 1991, quando o índice era de 0,423.

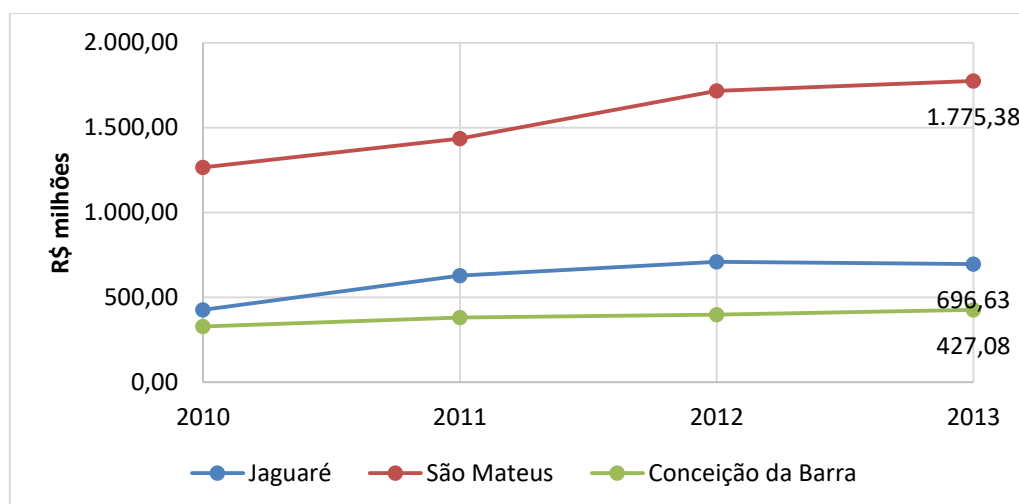
Figura 4-13 - Evolução do IDHM em Jaguaré (ES).



Fonte: Adaptado de PNUD (2013).

Do ponto de vista do produto econômico, em 2013 o Produto Interno Bruto (PIB) de Jaguaré foi de R\$ 696,63 milhões, o que representa 16,8% do PIB da Região Nordeste (R\$ 4,15 bilhões), a qual o município faz parte. Compõem a Região Nordeste nove municípios, dos quais Jaguaré obteve a segunda maior participação no valor do PIB regional, atrás apenas de São Mateus.

Figura 4-14 - Produto interno bruto - em valores correntes - R\$ milhões.

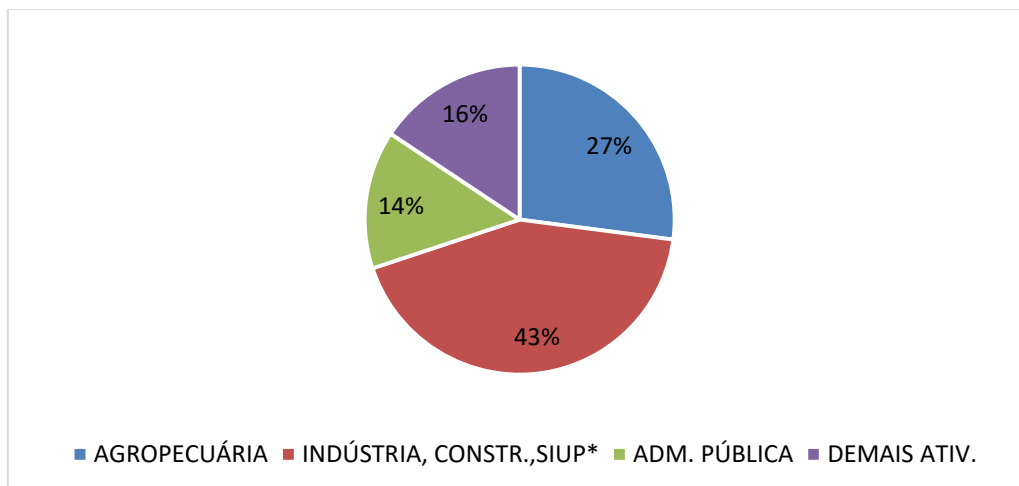


Fonte: Adaptado de IJSN (2013).

A Figura abaixo apresenta a participação relativa de cada setor da economia no valor adicionado de Jaguaré no ano de 2012. Nesse ano a Indústria foi o setor que

obteve maior participação no PIB do município (43%), resultado bem maior que a Agropecuária (27%). Em seguida, aparece a os demais setores com 16% de participação, consolidando sua terceira colocação no valor adicionado por setor de atividade e, por fim, a Administração Pública, com 10%.

Figura 4-15 - Valor adicionado do município por setor de atividade econômica 2012 (%).



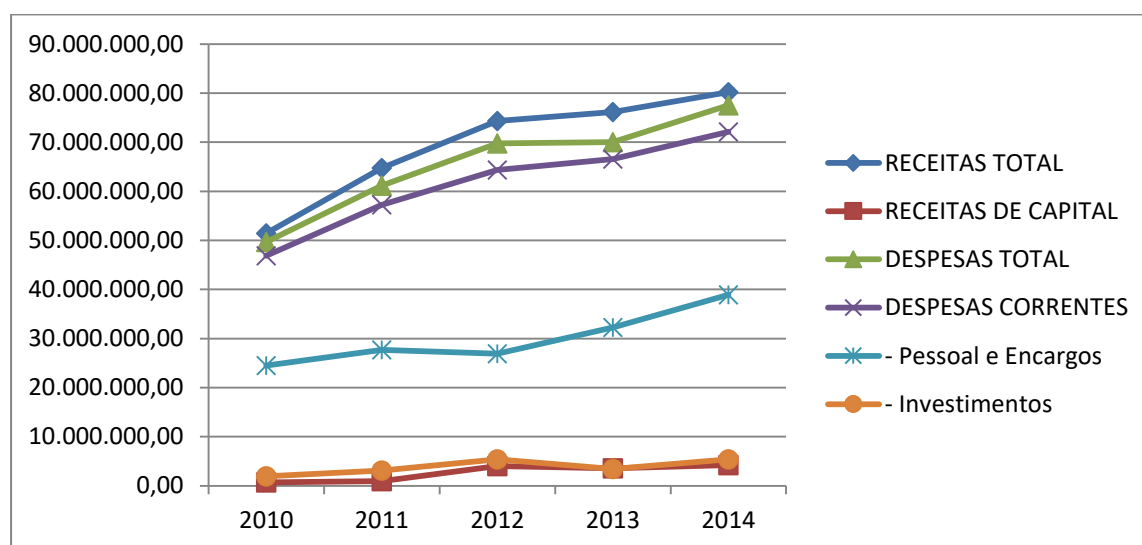
Fonte: Adaptado de IJSN (2013).

Cabe destacar que o município de Jaguaré possui institucionalizado um “Condomínio Empresarial” na região de Barra Seca, com uma área de 508 mil metros quadrados, apto a receber um elevado número de empresas. Atualmente duas empresas já se encontram devidamente instaladas e em funcionamento, outras já receberam doação de terreno por meio de Lei Complementar (Conf. LC nº1293/2015; 1294/2015; 1295/2015; 1297/2015) e várias outras já protocolaram pedido de participação.

Dessa forma, é possível dizer que dadas às atividades / características apresentadas, deve-se ocorrer um adequado dimensionamento dos impactos em termos de emissão e despejo de efluentes. Além disso, é importante relatar que tais investimentos podem alterar as tendências futuras de consumo de água.

Analisando as finanças públicas, a fim de sumarizar o comportamento das receitas e despesas totais, bem como dos elementos mais críticos dessas, apresenta-se um quadro mostrando a tendência dos valores na série histórica 2010 a 2014.

Figura 4-16 - Comparação da evolução da receita e despesa total – 2010-2014 (em R\$ correntes).



Fonte: Autoria própria.

Por meio da Figura acima é possível perceber que a receita e a despesa total do município de Jaguaré vêm registrando um comportamento similar, com a receita apresentando um valor maior que a despesa, tomando a série histórica de 2010 a 2014. No entanto, a despesa com pessoal e encargos tem apresentado um ritmo maior de crescimento, conforme já relatado, especialmente se comparado à tendência dos gastos com investimento. Em relação a esse último, vale à pena observar que ao longo de toda a série o total de investimento tem sido superior à receita de transferência de capital, evidenciando que o município tem aportado recursos do orçamento, para além dos recursos vinculados.

Em relação aos serviços no âmbito do saneamento básico municipal, em Jaguaré, o SAAE (Serviços Autônomo de Água e Esgoto) é quem presta o serviço de Abastecimento de Água e de Esgotamento Sanitário com a destinação adequada dos efluentes, realizando as devidas cobranças. No município a prefeitura cobra pela coleta de resíduos e limpeza pública por meio do boleto de IPTU. Já para os serviços de drenagem ainda não existe nenhum tipo de cobrança específica.

No que tange ao abastecimento de água, a cobrança é feita mês a mês de acordo com a quantidade de água consumida pelos usuários do serviço. Esse tipo de cobrança é indispensável para a sustentabilidade do sistema, haja vista a baixa folga financeira existente na prefeitura em relação às receitas correntes e de capital. No que tange à tarifa de esgoto, essa corresponde a 55% (cinquenta e

cinco por cento) da tarifa de água. Em relação aos outros serviços ofertados pelo SAAE, os valores estão dispostos na tabela a seguir.

A fim de visualizar a perspectiva financeira dos sistemas de prestação de serviços e água e esgoto, calculou-se a margem de despesa de exploração que é um indicador auferido por meio da divisão entre as despesas de exploração e a receita operacional direta proveniente dos serviços de água e esgoto.

Uma vez que os modelos de tarifação adotados nos municípios capixabas são centrados na remuneração pelo custo do serviço, cujo mecanismo propõe garantir à firma concessionária preços que remunerem seus custos totais (aí incluído uma determinada taxa de lucro), a existência de superávit na margem de exploração é essencial para a construção de uma taxa de retorno adequada à continuidade da prestação dos serviços.

De acordo com esse parâmetro – que não tem a pretensão de indicar o lucro da firma – municípios com resultado positivo (ou seja, com margem de despesas de operação igual ou inferior a 100) tendem a ser mais eficientes. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação clara e direta entre municípios superavitários e nível de eficiência da operação da concessionária. Como, de maneira geral, os municípios mais eficientes são aqueles que apresentam melhores resultados, para o caso dos municípios atendidos por prestador regional, os municípios superavitários tendem a subsidiar os sistemas dos municípios deficitários.

Ao analisar esse vetor, é possível identificar o comportamento desse indicador em anos recentes.

Tabela 4-22 – Margem de despesa de exploração, SAAE – Jaguaré, 2010-2014.

2010	2011	2012	2013	2014
129,62%	110,81%	11,17%	-	378,24%

Fonte: Autoria própria.

Pelo que se pode observar na tabela acima, no sistema SSA-Jagaré a margem de exploração mantém-se acima de 100% desde o ano de 2010, apresentando um grande pico em 2014. Esse elevado déficit pode ser explicado pelo fato de a Prefeitura ter transferido para o SAAE o serviço de limpeza pública no município com varrição de ruas e logradouros públicos, limpeza de canteiros, capina, raspagem, retirada de areia das ruas e pintura de meio-fio, sarjetas e caixas boca

de lobo, bem como coleta (domiciliar, galharia e entulho) e comerciais (classe II), resíduos de serviços de saúde (classe I) e transporte dos resíduos.

4.4 DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL

A Lei Orgânica Municipal (Lei de 05 de abril de 1990, com as alterações adotadas pelas Emendas nº. 01/1992 a 010/2008) afirma a competência do município para planejar e executar a política de saneamento básico em articulação com o Estado e com a União. A mesma Lei faculta ainda ao município celebrar convênios como o Estado e com entidades públicas e privadas para a realização de “objetivos de interesse do Município”. Segundo a Lei, o serviço público concedido ou permitido a outro ente deve ficar sujeitos à regulamentação e à fiscalização da Administração Municipal.

Cabe destacar que a Lei Complementar Nº 772 de 2008, que instituiu o Plano Diretor de Jaguaré, define os objetivos e diretrizes da Política Municipal de Infraestrutura Urbana e de Saneamento. Na definição das responsabilidades referentes ao Plano Municipal de Saneamento Básico foi atribuído relevante papel regulador e fiscalizatório à Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos e ao Conselho Municipal de Planejamento (COMPLAN), na medida em que a SAAE deve submeter aos mesmos relatórios semestrais de execução dos Planos que o compõe.

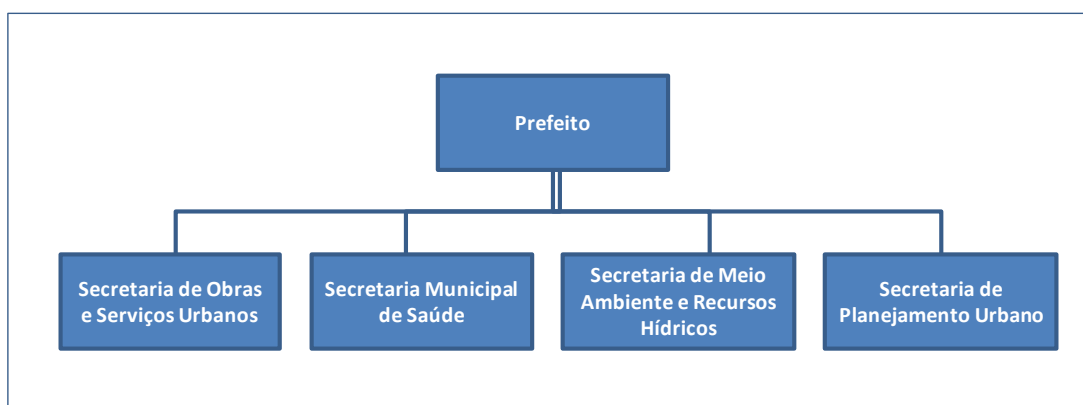
A legislação sobre o gerenciamento de resíduos sólidos e a limpeza urbana ainda dispõe sobre a fiscalização, sanções e define as penalidades para os agentes com comportamento inadequado ou indiferente a coleta seletiva e à preservação de um ambiente limpo e adequado. De acordo com a legislação municipal, a fiscalização abrangerá especialmente à higiene e a limpeza das vias públicas, das habitações particulares e coletivas, da alimentação, incluindo todos os estabelecimentos onde se fabricam e vendam bebidas e produtos alimentícios.

As autoridades sanitárias do município, de forma geral, cumprem também uma função de fiscalização, pois ao realizarem vistorias e inspeções podem lavrar autos de infração quando o agente econômico está descumprindo com as normas relativas ao saneamento básico.

O município não possui estruturas específicas de fiscalização ou regulação ou convênio com agência reguladora para a fiscalização de nenhum dos serviços de saneamento ambiental.

A estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Jaguaré contempla quatro Secretarias Municipais diretamente relacionadas com o tema de saneamento: a Secretaria Municipal de Saúde, a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Além disso, diretamente responsável pela prestação de serviços de saneamento, o município conta com uma autarquia, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto – SAAE.

Figura 4-17 – Organograma da prefeitura municipal de Jaguaré – Secretarias ligadas ao saneamento.



Fonte: Autoria própria.

No que tange aos canais de Canais de integração e articulação intersetorial salvo em projetos específicos, não se verifica a existência de ações sistemáticas de planejamento para a integração intersetorial voltada para o saneamento do município. Esta integração está presente apenas em ações consoantes a Planos que envolvam mais de um ente da municipalidade. Em especial, esta integração está presente na composição dos Conselhos Municipais responsáveis para aplicação de Políticas e Planos estabelecidos pelo Plano Diretor do Município. Destaca-se a definição, pelo Plano Diretor do Município, do COMPLAN (Conselho Municipal de Planejamento) como órgão de integração do Sistema Municipal de Planejamento e Gestão da Política Urbana, com funções de assessoramento, fiscalização e deliberação no âmbito da Política Urbana; e Secretaria Municipal de

Planejamento Urbano, responsável pelo planejamento e gestão da política urbana do município.

Ao longo do diagnóstico foram identificadas as interações entre as questões ligadas ao saneamento básico e os projetos de desenvolvimento urbano, habitação, mobilidade urbana, gestão de recursos hídricos e meio ambiente em Jaguaré, tal qual evidenciados no Quadro a seguir:

Quadro 4-3 - Identificação de programas locais de interesse do saneamento básico.

Documento	Descrição
Plano de Habitação	O Decreto 47/2015 aprovou o Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) no Município. O Plano tem como principal objetivo criar condições de gestão da política habitacional municipal, em consonância com o Plano Nacional de Habitação, tendo como horizonte o ano de 2023.
Plano Diretor Municipal	A lei n. 772/2008, que institui o Plano Diretor Municipal, abarca questões amplas ligadas à saúde, à educação, cultura, esportes, assistência social, segurança, infraestrutura urbana e de saneamento, mobilidade e transportes, habitação, meio ambiente e desenvolvimento econômico. Para cada um destes eixos, define Políticas Municipais, indicando suas diretrizes e objetivos, estabelece metas, ações e responsabilidades, instrumentos de planejamento e gestão, dentre outros.
Programa Barragem Legal	Criado pelo Lei 1059/2013 com o fim de fomentar atividades de regularização, licenciamento, construção e recuperação ambiental de áreas degradadas referentes à atividade de barramentos no município.
Programa Municipal De Combate E Prevenção Da Dengue	Criado pela Lei 1149/2014 e coordenado pela Secretaria Municipal de Saúde;
Plano Municipal De Segurança Alimentar E Nutricional	A Lei 1196/2014 instituiu a Política Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável e estabeleceu os parâmetros para a elaboração do Plano, destacando a natureza intersetorial de sua elaboração. A Política tem por objetivo realizar o direito humano à alimentação adequada e saudável.

Fonte: Autoria própria.

Em relação às características do órgão operador local/prestador do serviço apurou-se que os serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário e de drenagem no município de Jaguaré são de responsabilidade e executados pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), criado como autarquia da administração municipal indireta pela Lei 3/1983. Os serviços de limpeza pública e manejo de Resíduos Sólidos, porém, são prestados em parte pela municipalidade, especialmente através da SAAE, e em parte por empresas privadas, mediante contrato de prestação de serviços. O Quadro com esses serviços é apresentado abaixo:

Quadro 4-4 - Responsáveis pelos serviços de limpeza pública e manejo de resíduos sólidos.

Serviços	Empresa /Secretaria
Coleta de RSU	Qualitar
Transporte de RSU	RT Empreendimentos e Serviços
Destinação de RSU	RT Empreendimentos e Serviços
Coleta de RCC	Qualitar
Transporte de RCC	Qualitar
Destinação de RCC	Próprio Município
Coleta, Transporte e Destinação de RSS	Qualitar
Recicláveis	Associação de Catadores
Varrição	Qualitar
Acondicionamento	SAAE
Limpeza de Boca de Lobo	SAAE
Limpeza de Sarjeta e Pintura de Meio Fio	Qualitar
Limpeza de Feiras	Qualitar
Limpeza de Cemitérios	Prefeitura
Poda, capina, roçada	SAAE

Fonte: Autoria própria.

A ausência de planejamento, com a fragmentação e a desarticulação das ações de saneamento ambiental, pode trazer graves consequências para a população do município, tais como o desperdício de recursos e degradação da salubridade ambiental. Essa possibilidade impõe a necessidade de uma escolha sempre eficiente do modelo de gestão do saneamento ambiental para o município.

Assim, o gerenciamento do saneamento básico deve ser institucionalizado segundo um modelo de gestão que, na medida do possível e da realidade local, seja capaz de promover a sustentabilidade econômica das operações, preservar o meio ambiente e a qualidade de vida da população, hoje e no futuro.

Em todos os segmentos operacionais do saneamento deverão ser escolhidas as melhores alternativas que atendam simultaneamente a duas condições fundamentais: que sejam as mais econômicas e que sejam tecnicamente corretas para o ambiente e para a população.

O modelo de gestão dos eixos do saneamento ambiental, no município, é apresentado no Quadro 4-5:

Quadro 4-5 - Modelo de gestão do saneamento em Jaguaré

Serviço do Saneamento Básico	Modelo de Gestão
Abastecimento de Água	Gestão Pública, municipal, através de Autarquia
Esgotamento Sanitário	Gestão Pública, municipal, através de Autarquia
Drenagem Urbana	Gestão Pública, municipal, através de Autarquia
Limpeza Pública e Manejo de Resíduos Sólidos	Gestão Pública, municipal, através de Autarquia e concessão de Serviço Público a empresa privada

Fonte: Autoria própria.

Para o município de Jaguaré, não foram observadas ações específicas e sistematizadas que pudessem ser entendidas como ações intersetoriais que visagem uma maior eficiência na gestão dos serviços de saneamento básico ambiental. Destaca-se, apenas, as ações planejadas no âmbito do Plano Local de Habitação de Interesse Social, no Plano Diretor Municipal e nos demais Planos e Programas que preveem políticas intersetoriais para o município.

O Decreto Presidencial 7.217/2010, em seu 2º artigo, estabeleceu que são soluções individuais todas e quaisquer soluções alternativas de saneamento básico que atendam a apenas uma unidade de consumo. Sendo assim, soluções compartilhadas são aquelas que atendem a mais de uma unidade de consumo. Porém no escopo desse trabalho também serão considerados soluções compartilhadas a gestão associada e as prestações regionalizadas de serviços de saneamento básico.

O município de Jaguaré, além de Convênios com o Governo Federal, especialmente aqueles associados ao Programa de Aceleração do Crescimento II, possui convênio com a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, através do qual são repassados ao SAAE recursos para a execução de obras relacionadas ao Saneamento Ambiental. Finalmente, Jaguaré faz parte do CISABES – Consórcio Intermunicipal de Saneamento Básico do Espírito Santo. Criado em 2005 e formado por 25 municípios, o Consórcio facilita a contratação de profissionais, compras conjuntas, capacitação, auxílio na elaboração de projetos, entre outros.

4.5 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA)

4.5.1 Caracterização operacional do SAA

O Sistema de Abastecimento de Água (SAA) de Jaguaré é operado pela SAAE – Sistema Autônomo de Água e Esgoto. O SAAE atende o município de Jaguaré dividindo em cinco áreas que são: Fátima, Jundiá/Sede, Barra Seca, Água Limpa e Palmito. Nos demais distritos e áreas rurais, a captação é feita direta de corpos hídricos, ou poços artesianos sem interferência ou participação direta da autarquia ou mesmo da Prefeitura.

O SAA de Jaguaré na Sede é abastecido por um manancial pertencente à bacia hidrográfica dos Rios Barra Seca/Rio Mucuri, no entanto, essa captação para abastecimento da Sede está seca. Já a captação no distrito de Fátima é feita no córrego de Fátima. E a captação para as regiões de Barra Seca, Água Limpa, Palmito e para a Sede são realizadas através de poços artesianos.

4.5.1.1 Mananciais

O abastecimento de água é feito através de captações em mananciais de superfície e poços artesianos. Os Rios Jundiá, Água Limpa e Altoé são os mananciais superficiais atualmente utilizados para o abastecimento do município.

O abastecimento da Sede do município de Jaguaré é inviável através dos rios por apresentarem vazões incompatíveis com as necessidades de captação para atendimento da população. Dessa forma, há pelo menos 1,5 anos, houve a necessidade de captação em poços para atender a demanda de água da população. Já o córrego de Fátima ainda atende à demanda pela vazão apresentada ao longo do ano.

Em seu estado natural, a água, na maioria das vezes, não atende aos requisitos de qualidade para fins potáveis, sendo necessária a aplicação de métodos de tratamento adequados em função qualidade da água captada. Para isso, a autarquia de abastecimento realiza monitoramento quinzenal em alguns pontos, dependendo da necessidade de monitoramento da qualidade da água nos

mananciais de captação. No entanto, os resultados das análises do monitoramento não foram disponibilizados.

4.5.1.2 Captação, Estação Elevatória de Água Bruta e Adução de Água Bruta

A tomada de água é feita por captações em mananciais de superfície ou poços artesianos. Segundo dados da SAAE estes mananciais não possuem capacidade adequada para suprir a demanda atual e futura de abastecimento do município de Jaguaré, e o sistema produtor requer ampliações.

Como as vazões dos mananciais de superfície não atendem à demanda da população da Sede, seu abastecimento e de Jundiá é realizado por 4 poços, que juntos possuem uma vazão de 130m³/h. Os 3 poços de Jundiá possuem vazão média de saída de 60 m³/h, com potencial para 100 m³/h.

Para o distrito de Fátima, é realizada a captação superficial no córrego Altoé, pois este córrego ainda apresenta vazão suficiente para atender os 1.216 habitantes (estimativa com base nos estudos do IBGE). Para a captação é utilizada elevatória de água bruta, cujas características não foram informadas.

Os barramentos nos Rios Jundiá e Água Limpa estavam em localização satisfatória, porém sem aspecto de manutenção pela falta de uso.

A captação para o abastecimento de Água Limpa e Palmito era realizada por uma barragem, que devido à crise hídrica secou.

Com a falta de vazão do manancial que abastecia a região de Água Limpa, a solução encontrada pela autarquia foi a captação em poço vedado na mesma área onde existe uma ETA. O poço tem capacidade para captar até 11,1 L/s de vazão, porém o SAAE utiliza-se apenas de 6,67 L/s.

O distrito de Jundiá, possui uma barragem localizada no córrego Jundiá para o seu abastecimento e da sede, a mesma conta com 22 hectares, com capacidade de armazenamento de 440.000 m³. No entanto, atualmente a barragem encontra-se seca, sendo o abastecimento do distrito realizado por poços.

Na região de Barra Seca, a captação é realizada por um poço próximo que abastece um tanque escavado, de vazão aproximada de 90 m³/dia, que atende cerca de 2.364 pessoas, segundo o SAAE. O poço em que é realizada a captação não possui cercas, e pode ser alcançado por pessoas ou animais.

As regiões de Palmito e São Roque não possuem pontos de captação de água. A água que abastece a população de Palmito é advinda da captação e tratamento feitos em Água Limpa. Já em São Roque, não existe nenhum aparelho do SAA, e a água que a população utiliza é conseguida através de cisternas ou poços escavados.

Para o transporte da água bruta captada até o ponto de tratamento, existe no SAA de Jaguaré Sede duas adutoras de 200 mm (8") de diâmetro, com extensão de 6000 metros cada. Nos demais distritos, não foi disponibilizada informação das adutoras de água bruta.

Também não há qualquer informação de Estações Elevatórias de Água Bruta (EEAB) do município de Jaguaré.

4.5.1.3 Processo de Tratamento

ETA Sede

A ETA Sede é do ano de 1978, do tipo convencional completa, em estrutura de concreto armado. Sua capacidade de tratamento não foi informada e atualmente opera 24 horas por dia, com a vazão média de 68,57 L/s.

O processo de filtração realizado pela ETA é a filtração direta, sendo 5 ascendentes, 6 descendentes e 2 em construção.

Conforme já citado anteriormente, atualmente a ETA Sede é abastecida por poços artesianos, devido ao fato do antigo manancial de captação ter secado.

A ETA Sede possui bom estado de conservação, sendo limpa, organizada e cercada, o que impede a entrada de animais e pessoas não autorizadas.

ETA Fátima

A ETA de Fátima é do tipo convencional completa, em estrutura de concreto armado. Sua atual capacidade de tratamento é de 1,04 L/s. Sua vazão média e tempo de operação não foram informados.

Esta ETA é datada de 1988, possui filtração, floculação e decantação, e cloração. Foi constituída em concreto armado, possuindo 1 decantador, 1 floculador e 2 filtros descendentes. Encontra-se em razoável estado de conservação, necessitando de maior organização, limpeza, pequenas reformas e pintura.

ETA Barra Seca

A ETA de Barra Seca é do tipo convencional completa, em estrutura de Polietileno. Sua atual capacidade de tratamento é de 1,04L/s, seu tempo de funcionamento e sua vazão média não foram informados. A ETA está localizada na mesma área da captação, e conta com um operador presente.

A estação de tratamento é compacta, possuindo 1 decantador, 1 floculador e 4 filtros descendentes. É bem antiga e em Polietileno já amarelado e sem cercas. A ETA não suporta a sua demanda atual, portanto, é necessária a troca do sistema tanto pela idade quanto pelas condições apresentadas para o tratamento.

ETA Água Limpa

A ETA Água Limpa é do tipo convencional completa, em estrutura de concreto. Sua capacidade de tratamento é de 11,10 L/s e com a vazão média de 6,70 L/s. Não foi informado qual seu tempo de funcionamento.

A ETA é responsável pelo abastecimento de Água Limpa e Palmito. O Sistema de tratamento possui 1 decantador, 1 floculador e 4 filtros descendentes.

Está em bom estado de conservação, porém, as cercas possuem falhas no alambrado permitindo a entrada de pessoas e animais. A casa de química está sem porta e o reboco externo possui algumas falhas, necessitando assim de pequenas reformas e pintura.

4.5.1.4 Adutora de água tratada

No SAA do município de Jaguaré não foi passada nenhuma informação acerca das adutoras de água tratada, tanto da Sede, quanto dos distritos.

4.5.1.5 Reservação

O SAA Jaguaré possui 6 reservatórios, sendo 3 deles em Jaguaré Sede, 1 no distrito de Barra Seca, 1 em Água Limpa, 1 em Fátima.

Um dos reservatórios da Sede possui estrutura em concreto armado, sendo ele do tipo apoiado, de capacidade de 100 m³. Os outros dois reservatórios da Sede são do tipo enterrado, e possuem capacidade de 200m³, cada. Todos três estão localizados próximos à área da ETA.

O reservatório de Barra Seca é elevado e possui capacidade de 50 m³.

O reservatório de Fátima é do tipo elevado, e sua capacidade é de 25m³.

Os reservatórios do sistema de abastecimento de água de Jaguaré, encontram-se em bom estado de conservação.

4.5.1.6 Estação Elevatória de Água Tratada

O sistema de abastecimento de água tratada de Jaguaré possui atualmente Estações Elevatórias de Água tratada (EEAT) localizadas nos distritos Sede, Água Limpa. Já nos distritos de Barra Seca e Fatima há unidades elevatórias apenas para abastecer os reservatórios elevados.

EEAT Sede

A sede do município conta com uma EEAT na área da ETA, qual possui 3 conjuntos moto bomba, cujas características não foram informadas.

EEAT Água Limpa

Localizada no distrito de Água Limpa, há quatro estações elevatórias no distrito, sendo duas dessas possuindo potência de 15 cavalos, uma com 7.5 cavalos, e uma com 5 cavalos.

4.5.1.7 Redes de distribuição

Segundo o relatório do SNIS, de dezembro de 2015, o município de Jaguaré possuía aproximadamente 229 km de rede de água. As informações da rede de distribuição como diâmetro, material e extensão não foram disponibilizadas.

4.5.1.8 Consumo per capita de água

De acordo com o SNIS, no ano de 2014 o município apresentava um consumo médio per capita de quase 58,5 L/hab/dia, o que é considerado um valor muito baixo, especialmente quando comparado com os valores de anos anteriores. Os valores apresentados no SNIS para anos anteriores são maiores, com média de 219 L/hab/dia entre os anos de 2007 e 2012. No ano de 2012, por exemplo, o consumo per capita para o município de Jaguaré era de 180,70 L/hab/dia. Porém, de acordo com o SAAE, o consumo per capita efetivo é de 190 L/hab/dia.

4.5.1.9 Cobertura do Sistema de Abastecimento

O SAA existente na cidade de Jaguaré apresentava um índice de atendimento total de água de 69,88% da população e 98,50% da população urbana no ano de 2012 e chegou a 100% em 2014 (SNIS, 2016).

4.5.1.10 Qualidade dos serviços

Foi relatado que a água distribuída pela autarquia apresenta uma boa qualidade, aparentemente, e que a população não tem ocorrência de doenças, como verminoses associadas à má qualidade da água, e associa essa falta de ocorrências ao bom tratamento a água distribuída.

Os bairros onde não há distribuição de água tratada pelo SAAE existe a ocorrência de verminoses, mas não tem certeza se essa ocorrência é devido à qualidade da água consumida. Esses casos são tratados pelo PSF da localidade.

4.5.1.11 Índice de perdas

O índice de perdas na distribuição, de acordo com dados do SNIS para o ano de 2014, era de 90,16%. Esse valor é muito elevado e não condiz com a realidade do município, o qual tem apresentado índice de perdas na distribuição na ordem de 40%, segundo informações do SAAE.

O índice de perdas no faturamento não foi fornecido pelo SAAE. Já o SNIS apresentou para o ano de 2014 um índice de perdas no faturamento de 88.67%, o que é muito elevado e parece apenas refletir o alto índice de perdas na distribuição apontado por esta fonte de informação. Como comparação, no ano de 2012 o índice apresentado era de 40%. Apesar disso, o índice de perdas médio na produção não foi apresentado pelo SAAE.

4.5.1.12 Soluções Alternativas de Abastecimento de Água

Devido a grave crise hídrica que assola o município, a principal solução encontrada pela autarquia responsável pela distribuição de água é a utilização de poços para suprir o consumo da população e não interromper o abastecimento.

O SAAE Jaguaré atende quase que totalmente a área do município, com exceção apenas dos bairros citados (Cobertura do Sistema de Abastecimento) deste documento.

Um dos pontos citados para justificar a problemática do abastecimento do bairro Giral, segundo membros do SAAE, é a questão cultural dos moradores, que não aceitam a implementação da água encanada.

A principal solução encontrada para as localidades onde não existe o SAA, é a utilização de poços artesianos e cacimbas, que sem o devido cuidado de acompanhamento de qualidade e uso restrito, pode causar contaminação do

lençol freático e/ou disseminação de doenças relativas à contaminação da água nas comunidades que lhe fazem uso.

4.5.1.13 Sistemas de controle e vigilância da qualidade da água

Segundo informações do SAAE, há controle da produção e da qualidade do processo, com operadores devidamente treinados e laboratório adequado para realização das análises físico-químicas, principais análises de rotina. Os exames bacteriológicos são realizados de acordo com a Portaria nº 2.914/2011 do Ministério da Saúde.

Para garantir a qualidade da água produzida nas Estações de Tratamento de Água, os profissionais técnicos de operação da ETA trabalham em regime de escala e, além das atividades diretas de operação do processo de tratamento da água, realizam também análises da qualidade da água por ela recebida e produzida levando-se em conta os parâmetros: pH, Turbidez, Cor, Flúor, Cloro, Alumínio, etc. São realizadas amostragens quinzenais.

Também são monitoradas as águas distribuídas para população das outras ETAs existentes em Jaguaré (ETA Fátima, Barra Seca, e Água Limpa).

O tipo de controle operacional e a frequência do mesmo realizado das ETAs não foram passados a essa equipe.

Não foi informado a essa equipe se há a divulgação dos dados de monitoramento.

4.5.2 Condições Hídricas Atuais

4.5.2.1 Mananciais e instrumentos de proteção

O município de Jaguaré está localizado da Bacia do Rio Barra Seca/Rio Mucuri. Os principais rios que abastecem o município de Jaguaré são os rios Barra Seca e o rio Jundiá (AGERH-ES, 2016).

A Bacia hidrográfica do Rio Barra Seca é considerada uma subunidade do sistema hidrográfico do Rio Doce, no entanto, suas águas não possuem contato direto com esta Bacia, deságuam de forma independente no mar, na localidade de Barra Seca, divisa entre os municípios de Linhares e São Mateus.

Também inserida no município de Jaguaré, a Reserva Natural da Vale do Rio Doce é um instrumento de proteção aos mananciais localiza-se ao norte do Estado do Espírito Santo, predominantemente, no município de Linhares com uma pequena abrangência em Sooretama e Jaguaré, perfazendo uma área total de aproximadamente 22.000 ha. A rede de drenagem é formada por cerca de 151 Km de cursos d'água inferiores, além de aproximadamente 47 Km de cursos d'água que delimitam divisas naturais da Reserva. Os córregos João Pedro, Esperança, Pau Atravessado, Dourado, Alberico e Travaglia são os principais tributários do Rio Barra Seca, cujas margens são recobertas por uma representativa Floresta de Várzea.

4.5.2.2 Uso e ocupação do Solo

A morfologia predominantemente plana, propícia ao desenvolvimento de atividades agrícolas, favoreceu uma intensa ocupação de toda extensão da bacia, culminando na supressão de extensa faixa de Mata Atlântica que até meados da década de 1950 predominava na área.

O café é o principal cultivo no curso médio e inferior da Bacia. Também se evidencia a pecuária extensiva, e, em menor proporção, a silvicultura de eucalipto, fruticultura de mamão, maracujá e coco, além de pequenos cultivos anuais de milho, arroz e feijão.

No alto curso predominam pastagens, em geral incipientes e de baixa produtividade. Há ainda nesta porção a presença de cafeicultura em pequenas propriedades de exploração familiar e uma ampliação significativa da área plantada com eucalipto em áreas outrora ocupadas por pastagens ou cafezais.

4.5.2.3 Contribuição de esgotos sanitários

Não há estudos acerca das contribuições de esgotos sanitários da Bacia do Rio Barra Seca/Rio Mucuri, contendo o município de Jaguaré.

Porém foi observado que bem próximo as margens do córrego que capta água para o distrito de Fátima existem casa habitadas, o que pode gerar contaminação.

4.5.2.4 Consumidores especiais

Não foi informado se na Bacia do Rio Barra Seca/Mucuri no município de Jaguaré há consumidores especiais ou singulares.

4.5.3 Estudo de Demanda e Disponibilidade de Água

O abastecimento de água através de mananciais é inviável, pois os rios do município apresentam vazões incompatíveis com as necessidades de captação para atendimento da população há pelo menos 1,5 anos, mesmo com os pontos de captação com barramento.

Dessa forma, a alternativa para o abastecimento gera a necessidade de captação em poços para atender a demanda de água da população que era atendida pela captação superficial. Não foram apresentados estudos da capacidade dos poços do município.

Para o distrito de Fátima, o córrego ainda atende à demanda pela vazão apresentada ao longo do ano.

Nos demais distritos do município, não foi informado acerca da disponibilidade hídrica.

4.5.4 Avaliação da Capacidade de Atendimento

Segundo dados do SNIS 2016, ano base 2014, o município possuía um sistema de abastecimento de água com índice de atendimento de 100% da população total.

A demanda pelo serviço, em termos de vazão necessária para atendimento, foi estimada considerando uma projeção populacional com base nos dados censitários do IBGE dos anos de 2000 e 2010. Para projeção futura foram adotados três cenários com as características de crescimento baixo, médio e alto. Assim é possível verificar a projeção da demanda por água potável ao longo dos 20 anos de horizonte de tempo do plano, considerando a universalização dos serviços, ou seja, considerando que 100% do município seja atendido pelo SAA.

Considerando que todo sistema é projetado para atender uma determinada demanda de projeto, é necessário avaliar se os SAA atuais atendem à demanda e verificar, via projeção populacional e da demanda, quando o mesmo atingirá sua capacidade máxima. Para isso, são necessárias informações de projeto, como captação máxima, máxima capacidade de tratamento, demanda máxima de projeto das redes, entre outros, que não estão disponíveis. Apesar disso, aqui são apresentadas as estimativas de demandas atuais e futuras.

A Tabela 4-23 apresenta as estimativas de vazão doméstica em todo o município e a Tabela 4-24 apresenta as estimativas para as áreas urbanas.

Tabela 4-23 - Estimativa das demandas domésticas para 100% de atendido ao município.

Ano	População total			Vazão doméstica média (L/s)		
	Cenário Baixo	Cenário Médio	Cenário Alto	Cenário Baixo	Cenário Médio	Cenário Alto
2000	19514			77,2		
2010	24630			97,5		
2015	26765	26920	27231	105,9	106,6	107,8
2020	28454	28883	30022	112,6	114,3	118,8
2025	29730	30490	32346	117,7	120,7	128,0
2030	30558	31651	34024	121,0	125,3	134,7
2035	30971	32367	35038	122,6	128,1	138,7
2036	30996	32445	35141	122,7	128,4	139,1
2037	31021	32523	35244	122,8	128,7	139,5

Fonte: Autoria própria.

Tabela 4-24 - Estimativa das demandas domésticas para 100% de atendido à área urbana município.

Ano	População urbana			Vazão doméstica média (L/s)		
	Cenário Baixo	Cenário Médio	Cenário Alto	Cenário Baixo	Cenário Médio	Cenário Alto
2000	11904			47,1		
2010	15024			59,5		
2015	16327	16421	16611	64,6	65,0	65,8
2020	17357	17619	18313	68,7	69,7	72,5
2025	18135	18599	19731	71,8	73,6	78,1
2030	18640	19307	20755	73,8	76,4	82,2
2035	18892	19744	21373	74,8	78,2	84,6
2036	18908	19791	21436	74,8	78,3	84,9
2037	18923	19839	21499	74,9	78,5	85,1

Fonte: Autoria própria.

4.5.5 Caracterização Institucional do SAA

4.5.5.1 Indicadores Técnicos, Operacionais e Financeiros

O SAA de Jaguaré apresenta uma série de estruturas como captação, ETAs, EEAT, Reservatórios para que a população seja abastecida. Essas estruturas e o sistema como um todo, geram indicadores operacionais, econômicos, financeiros e administrativos que serão apresentados nesse item.

O Quadro 4-6 retrata as principais unidades do SAA de Jaguaré, operados pelo SAAE, bem como diversos indicadores dos sistemas, segundo o SNIS, no ano de 2014.

Quadro 4-6 - Resumo do SAA de Jaguaré*.

População Total Abastecida	28.126 habitantes
População Urbana Abastecida	17.133 habitantes
Índice de Atendimento urbano de água	100%
Índice de Atendimento total de água**	100%
Ligações Ativas Micromedidas	4 656 ligações
Economias Ativas Micromedidas	4 995 economias
Habitantes por ligação	5,32 hab/lig.
Habitantes por economia	4,97 hab/econ.
Consumo médio por economia	8,84 m³/mês/econ.
Consumo médio per Capita de água	58,45 L/hab.dia
Volume produzido	6 098 760 m³/ano
Volume macromedido	0 m³/ano
Volume micromedido	501 680 m³/ano
Volume faturado	690 880 m³/ano
Extensão da Rede	220,00 km
Índice de consumo de energia elétrica em sistemas de abastecimento de água	5,08 kWh/m³
Índice de faturamento de água	11,33%
Índice de perdas faturamento	88,67%
Índice de Perdas na distribuição	90,16%
Índice de perdas por ligação	2 849,46 L/dia/lig.
Índice de Hidrometração	88,07%
Índice de macromedicação	0,00%
Despesa de exploração por m³ faturado	9,84 R\$/m³
Tarifa média praticada de água	1,85 R\$/m³
Indicador de desempenho financeiro	26,39%
Índice de suficiência de caixa	29,28%
Índice de despesas por consumo de energia elétrica nos sistemas de água e esgotos	0,01 R\$/kWh

* Ano de referência: 2014.

Fonte: SNIS (2016).

4.5.6 Identificação dos Domicílios sem Canalização Interna

Segundo o IBGE, no município de Jaguaré 1.791 residências sem canalização interna.

Para o CENSO de 2000 e 2010, o IBGE não divulgou o dado de residências sem canalização interna. Então como forma de apresentar a situação sanitária das residências brasileiras no município de Jaguaré, segundo o IBGE, Censo de 2010, foram obtidos os seguintes dados apresentados no Quadro 4-7.

Quadro 4-7 - Resumo da identificação dos domicílios.

	Sede	Barra Seca	Nossa Senhora de Fátima
Domicílios particulares e domicílios coletivos	5 095	1 659	601
Domicílios particulares permanentes com abastecimento de água da rede geral	3 772	927	237
Domicílios particulares permanentes com abastecimento de água de poço ou nascente na propriedade	1 165	691	336
Domicílios particulares permanentes com abastecimento de água da chuva armazenada em cisterna	3	0	0
Domicílios particulares permanentes com outra forma de abastecimento de água	126	36	18
Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores ou sanitário	5 011	1 643	575
Domicílios particulares permanentes com banheiro de uso exclusivo dos moradores	4 851	1 579	568

Fonte: IBGE (2016).

4.5.7 Análise crítica do Plano Diretor de abastecimento de água

O município de Jaguaré não possui plano diretor de abastecimento de água.

4.5.8 Diagnóstico Participativo do SAA

A situação de abastecimento de água de algumas localidades de Jaguaré ainda é marcada por formas alternativas e pela ausência de cuidados sanitários, constituindo-se como um risco à saúde da população. Esta é a situação de Japira, São Roque, Abóbora e Girau (Sede); de Vargem Grande, São João Bosco e em torno da Sede (Distrito de Nossa Senhora de Fátima), aonde o uso de cacimbas e poços artesianos constituem-se como alternativas sem o tratamento da água.

Situação que é cobrada verbalmente ao Legislativo e ao Executivo pelos moradores.

A atual situação do município tem sido agravada pela situação de seca que atinge esta região do Estado, afetando a regularidade e frequência no abastecimento de água do município. Em virtude disso, por exemplo, os moradores de Nossa Senhora de Fátima, de Barra Seca e Água Limpa têm sido obrigados a coletarem água nas escolas dos distritos. No entanto, para além desta situação atípica, há localidades que sofrem com a intermitência no abastecimento independentemente de situações atípicas, como o caso de residências irregulares dos bairros que demandam carros-pipa ou auxílio nos vizinhos, e no loteamento Trevisan, aonde a falta d'água é recorrente.

Os moradores consideram, de forma geral, que a água ofertada pelo SAAE é de boa qualidade. Apesar disso, há a ocorrência de doenças relacionadas à qualidade da água em algumas localidades do município, tais como verminoses, no centro do distrito de N. S. de Fátima. Os munícipes de São João Bosco e Vargem Grande também apontaram a ocorrência de doenças causadas pelo consumo da água, mas não identificaram quais doenças, revelando, independente disso, que esta é uma realidade do Distrito de N. S. de Fátima, já que tais localidades estão dentro dos limites do referido Distrito.

Os membros do comitê técnico executivo de acompanhamento da elaboração deste plano destacaram que a Comunidade do Giral, tem estação de tratamento de água, mas ninguém faz uso.

Os moradores de forma geral consideram justa a tarifa cobrada pelo serviço de água, com exceção de comunidade SEAC, Palmital, Boa Vista I e II, Nova Esperança e Novo Tempo. Além disso, os moradores reconhecem a Barragem do Jundiá, a Represa Córrego de Fátima e o Córrego Menezes como fontes de abastecimento da cidade, e demonstram preocupação com a prática recorrente de construção de poços de grande profundidade e de ligações e usos clandestinos da água, embora percebam nestes últimos a dificuldade de pagar por tal serviço. Por fim, a população elegeu como prioridades para o setor a construção da estrutura ETA do interior; Reflorestamento das nascentes; Aumento da capacidade da reserva de água através de barragens; Ampliação da estrutura da

ETA; Fiscalização da distribuição de água e de construção de poços artesianos; Educação ambiental e conscientização em relação ao consumo e reuso de água.

4.6 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES)

4.6.1 Caracterização operacional do SES

O Distrito Sede do município de Jaguaré possui Sistema de Esgotamento Sanitário (SES) com índice de cobertura de aproximadamente 84%, segundo informações do SAAE. O SES é composto por redes coletoras, elevatórias de esgoto bruto e estações de tratamento de esgoto.

Existem quatro estações elevatórias de esgoto bruto na sede do município que operam para alimentar as ETEs da sede. Duas dessas elevatórias citadas não estão em uso, pois não existem residências no loteamento El Dourado onde estão instaladas.

Existem atualmente na sede município 7 Estações de Tratamento de Esgoto, sendo duas delas sistema UASB e 5 sistemas de tratamento anaeróbios do tipo fossa séptica e filtro anaeróbio.

Na área urbana do distrito de Barra Seca existe um sistema de tratamento do tipo fossa séptica e filtro anaeróbio. Já nos distritos de Fátima, Água Limpa, Palmito e São Roque as residências possuem, de forma geral, fossas negras individuais ou realizam lançamento in natura nos córregos.

No município há lançamentos diretos das residências em mananciais e em galerias de águas pluviais, contaminando os rios onde estas galerias deságuam.

4.6.1.1 Redes coletoras e ligações prediais

Rede Coletora

Segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) no ano de 2014, o município de Jaguaré possuía cerca de 87.000 metros de redes construídas.

O SES Fátima, segundo informações do SAAE, possui redes na parte urbana do distrito implantadas há 2 anos.

Já no SES Sede/Jundiá, há existência de rede coletora exceto alguns loteamentos novos que ainda não solicitaram anuência. Entretanto, não há cronograma de manutenção das redes, mesmo sendo redes com mais de 10 anos.

No distrito de Barra Seca, a rede coletora atende apenas parte da área urbana, além disso, esta rede é antiga, com mais de 20 anos, e não foi possível identificar dados construtivos, tampouco cronograma de manutenção.

Em Água Limpa, existe rede recentemente implantada, cerca de dois anos, mas os domicílios não estão ligados.

A Tabela 4-25 apresenta a evolução da extensão das redes coletoras de esgoto no município.

Tabela 4-25 - Evolução da extensão da rede coletora de esgotos (2007 - 2014).

Ano de Referência	Extensão da rede de esgotos (km)	Extensão da rede de esgoto por ligação (m/lig)
2014	87,00	20,28
2012	80,00	17,33
2011	75,00	19,31
2010	73,00	19,96
2009	65,00	17,87
2008	63,00	17,77
2007	60,47	18,25

Fonte: SNIS (2014).

Embora não tenha sido detalhada a existência de coletores tronco, interceptores e emissários no município de Jaguaré, destacam-se os fundos de vale do Córrego Bebedouro, Córrego Deolindo e Córrego Pau Lascado, nas porções sudeste, norte e sudoeste da área urbana da Sede, respectivamente. No percurso destes córregos, pode-se pensar na construção de coletores tronco que encaminharão os esgotos dos diversos bairros a um interceptor, podendo ser necessária a implantação de estações elevatórias de esgoto bruto em diversas áreas da cidade para manter o fluxo das contribuições e encaminhar à uma estação de tratamento, devido à baixa declividade do relevo.

Ramais Prediais

São predominantemente compostas por tubulações em PVC com diâmetro de 150 mm, entretanto, para redes mais antigas, os ramais prediais podem variar de diâmetro e material, podendo inclusive estar ligados diretamente em Poços de Visita (PV).

Ligações Domiciliares

Em se tratando de números de ligações e economias na rede de coleta de esgotos, a Tabela 4-26 resume estes indicadores numa série histórica referente aos anos de 2007 a 2014 (com exceção do ano de 2013) segundo dados do SNIS.

Tabela 4-26 - Evolução da quantidade de ligações e economias no município - Série Histórica (2007 - 2014).

Ano de Referência	Quantidade de ligações totais de esgotos	Quantidade de ligações ativas de esgotos	Quantidade de economias ativas de esgotos	Quantidade de economias residenciais ativas de esgotos
2014	4.289	3.787	4.109	3.904
2012	4.617	4.524	4.800	4.617
2011	3.883	3.365	4.141	3.428
2010	3.658	3.170	3.912	3.365
2009	3.637	3.156	3.910	3.166
2008	3.545	3.051	3.823	3.074
2007	3.313	2.855	3.110	2.972

Fonte: SNIS (2014).

A Tabela 4-27 apresenta a quantidade de domicílios particulares permanentes (DPP) com rede geral de esgoto ou pluvial como tipo de esgotamento sanitário existente em 2010. Como exemplo, observa-se que em todo o município 3.581 domicílios lançavam seus efluentes domésticos por meio de rede (coletora de esgoto ou pluvial), o que corresponde a cerca 48,98% dos domicílios municipais. Na Sede, este percentual é maior na região urbana (59,28%).

Tabela 4-27 - Domicílios particulares permanentes, por situação do domicílio com Rede geral de esgoto ou pluvial como tipo de esgotamento sanitário.

Brasil, Município e Distrito	Situação do domicílio	Domicílios particulares permanentes (Unidades)	Domicílios particulares permanentes (Percentual)	Percentual (%)
Jaguaré - ES	Urbana	3.208	43,88	89,58
	Rural	373	5,1	10,42
Sede	Urbana	3.003	59,28	99,97
	Rural	1	0,02	0,03

Barra Seca	Urbana	194	11,73	34,40
	Rural	370	22,37	65,60
Nossa Senhora de Fátima	Urbana	11	1,86	84,62
	Rural	2	0,34	15,38

Fonte: IBGE (2010).

4.6.1.2 Estações Elevatórias de Esgoto – EEE

Há 04 Estações Elevatórias de Esgoto Bruto – EEEB na área urbana de Jaguaré. Duas delas estão paralisadas, pois não há casas no loteamento onde foram instaladas. As outras duas lançam diretamente para as ETEs. Essas EEEB recebem apenas manutenções corretivas, entretanto se encontram em bom estado de conservação. Não foram informados modelos, potências, especificações dos poços de sucção e existência de conjunto motobomba reserva.

4.6.1.3 Sistemas de tratamento de esgoto

Os sistemas de tratamento de esgotos sanitários coletivos presentes no município de Jaguaré encontram-se na Sede do Distrito, que é contemplado por dois sistemas UASB e sete Fossas Filtro. Os distritos de Fátima, Palmito e Barra Seca são contemplados por sistemas Fossa Filtro Sumidouro comunitário, um em cada distrito.

A Tabela 4-28 apresenta os dados do Censo 2010 registrados no SIDRA sobre o tipo de esgotamento sanitário utilizados pelo número de domicílios de Jaguaré e o percentual que este número representa sobre o total de domicílios particulares permanentes do mesmo.

Tabela 4-28 - Domicílios particulares permanentes (DPP), por situação do domicílio e o tipo de esgotamento sanitário.

Município e Distrito	Situação do domicílio	Tipo de esgotamento sanitário	DPP (Unid.)	DPP (%)	Percentual (%)
Jaguaré - ES	Urbana	Rede geral de esgoto ou pluvial	3.208	43,88	70,97
		Fossa séptica	351	4,8	7,77
		Fossa rudimentar	849	11,61	18,78
		Vala	7	0,1	0,15
		Rio, lago ou mar	38	0,52	0,84
		Outro tipo	10	0,14	0,22
		Não tinham	57	0,78	1,26

Município e Distrito	Situação do domicílio	Tipo de esgotamento sanitário	DPP (Unid.)	DPP (%)	Percentual (%)
	Rural	Rede geral de esgoto ou pluvial	373	5,1	13,36
		Fossa séptica	568	7,77	20,35
		Fossa rudimentar	1.769	24,2	63,38
		Vala	24	0,33	0,86
		Rio, lago ou mar	24	0,33	0,86
		Outro tipo	8	0,11	0,29
		Não tinham	25	0,34	0,90

Fonte: IBGE (2010).

4.6.1.4 Sistemas individuais de tratamento

Distrito Sede

Segundo o Censo 2010, cerca de 6,91% dos domicílios utilizam fossas sépticas, consideradas as principais formas individuais de tratamento de esgoto sanitário na região (Tabela 4-29).

Tabela 4-29 - Domicílios particulares permanentes (DPP) da região urbana, por situação do domicílio e o tipo individual de esgotamento sanitário

Município e Distrito	Situação do domicílio	Tipo de esgotamento sanitário	DPP (Unid.)	DPP (%)	Percentual (%)
Sede - Jaguaré - ES	Urbana	Fossa séptica	350	6,91	35,75
		Fossa rudimentar	531	10,48	54,24
		Vala	7	0,14	0,72
		Rio, lago ou mar	36	0,71	3,68
		Outro tipo	10	0,2	1,02
		Não tinham	45	0,89	4,60

Fonte: IBGE (2010).

Distritos e Comunidades

Na Tabela 4-30 são apresentados quantitativos de domicílios particulares permanentes, por situação e tipo individual de esgotamento sanitário, nos demais distritos e comunidades urbanas de Jaguaré.

Tabela 4-30 - Domicílios particulares permanentes (DPP), por situação do domicílio e o tipo individual de esgotamento sanitário nos demais distritos e comunidades.

Município e Distrito	Situação do domicílio	Tipo de esgotamento sanitário	DPP (Unid.)	DPP (%)	Percentual (%)
Barra Seca - Jaguaré - ES	Urbana	Fossa séptica	1	0,06	0,93
		Fossa rudimentar	103	6,23	96,26

Nossa Senhora de Fátima - Jaguaré - ES	Urbana	Rio, lago ou mar	2	0,12	1,87
		Não tinham	1	0,06	0,93
		Fossa rudimentar	215	36,38	95,13
		Não tinham	11	1,86	4,87

Fonte: IBGE (2010).

4.6.1.5 Sistemas Coletivos de Tratamento

Distrito Sede

A sede de Jaguaré possui dois sistemas de tratamento de esgoto de tipo UASB e sete sistemas Fossas Filtros. Uma das ETE's UASB se encontra no bairro de Boa Vista 1, administrado pelo SAAE. A ETE se encontra em bom estado, onde se tem uma manutenção constante e uma remoção do lodo no leito de secagem duas vezes por mês. Não foram informados os dados referentes à quantidade de pessoas atendidas pelo sistema da ETE UASB, a eficiência e nem a vazão sobre a vazão. O lodo coletado é enviado para aterro sanitário no município de Aracruz/ES.

O outro sistema UASB está em fase de construção, no Loteamento Riviera, não foram informados os dados de projeto, portanto não é possível quantificar a quantidade de pessoas que serão atendidas pelo sistema, a eficiência e a vazão. Não existem dados informando a data para a conclusão da construção da ETE.

No bairro Nova Esperança existe uma fossa filtro comunitária que está localizada na Rua Coqueiral. Não foram informados os dados referentes à quantidade de pessoas atendidas, à eficiência e a vazão do sistema da ETE fossa filtro. O efluente é lançado no Córrego Deolinda.

No bairro Palmital existe uma fossa filtro comunitária que está localizada na Rua Domingos Scabelo. Não foram informados os dados referentes à quantidade de pessoas atendidas, à eficiência e a vazão do sistema da ETE fossa filtro. O efluente é lançado no Córrego Deolinda.

No loteamento Novo Tempo 1 existe uma fossa filtro. Não foram informados os dados referentes à quantidade de pessoas atendidas, à eficiência e a vazão do sistema. O efluente é lançado no córrego sem nome que deságua no Córrego Pau Lascado.

No Bairro CEAC 1 existe uma fossa filtro comunitária. Não foram informados os dados referentes à quantidade de pessoas atendidas, à eficiência e a vazão do sistema da ETE fossa filtro. O efluente é lançado no Córrego Bebedouro.

No Bairro CEAC 2 existe uma Fossa Filtro comunitária. Não foram informados os dados referentes à quantidade de pessoas atendidas, à eficiência e a vazão do sistema da ETE fossa filtro. O efluente é lançado no Córrego Bebedouro.

Foi nos informado a existência de uma Fossa Filtro comunitária no Bairro de Laquini, que atende parcialmente a comunidade. Não foram levantadas as coordenadas geográficas da mesma, e nem nos informado a localização. Também não foram nos passados os dados referentes a eficiência, vazão e quantitativo de atendimento.

Distritos e Comunidades

Não existe sistema de tratamento de esgoto coletivo nos distritos.

4.6.1.6 Soluções Alternativas de Esgotamento Sanitário

Na sede do município, alguns bairros como Giral, Loteamento Eldorado, Loteamento Altoé, Loteamento Eleutério, Boa Vista 2 e Loteamento Marcos Bassetti utilizam como sistema de esgotamento sanitário as Fossas Negras individuais. Nos distritos de Fátima, Palmito e nas comunidades de Água Limpa e São Roque também se utilizam como soluções individuais de esgotamento sanitário os sistemas de Fossas Negras individuais que são buracos no chão, normalmente cobertos, onde são direcionados a água utilizada e os dejetos. Além dos lançamentos nas fossas, existe o lançamento in natura nos córregos de Água Limpa e Sapocala.

Na comunidade de Barra Seca, como o sistema de esgotamento sanitário não funciona, as residências destinam seus rejeitos para Fossas Sépticas e posteriormente é lançado no Córrego Caximbau, o qual recebe também esgoto in natura.

Os distritos de Fátima e Palmito, utilizam como sistema de esgotamento sanitário a Fossa Filtro Sumidouro comunitária e como as pessoas não tem o conhecimento do tempo correto para solicitar a retirada dos rejeitos, isso acarreta na geração de odores, trazendo o risco de contaminação do solo e a saúde.

4.6.1.7 Esgotamento Sanitário em Localidades Rurais

No município de Jaguaré, as alternativas de tratamento/lançamento de esgotos sanitário por domicílio na região rural, e sua representatividade percentual por distrito, estão apresentadas na Tabela 4-31.

Tabela 4-31 - Domicílios particulares permanentes (DPP), por situação do domicílio e o tipo individual de esgotamento sanitário em áreas rurais.

Município e Distrito	Situação do domicílio	Tipo de esgotamento sanitário	DPP (Unid.)	DPP (%)	Percentual (%)
Sede - Jaguaré - ES	Rural	Rede geral de esgoto ou pluvial	1	0,02	0,09
		Fossa séptica	275	5,43	25,37
		Fossa rudimentar	782	15,44	72,14
		Vala	8	0,16	0,74
		Rio, lago ou mar	6	0,12	0,55
		Outro tipo	2	0,04	0,18
Barra Seca - Jaguaré - ES	Rural	Não tinham	10	0,2	0,92
		Rede geral de esgoto ou pluvial	370	22,37	27,35
		Fossa séptica	290	17,53	21,43
		Fossa rudimentar	647	39,12	47,82
		Vala	14	0,85	1,03
		Rio, lago ou mar	16	0,97	1,18
Nossa Senhora de Fátima - Jaguaré - ES	Rural	Outro tipo	6	0,36	0,44
		Não tinham	10	0,6	0,74
		Rede geral de esgoto ou pluvial	2	0,34	0,56
		Fossa séptica	3	0,51	0,85
		Fossa rudimentar	340	57,53	96,05
		Vala	2	0,34	0,56
		Rio, lago ou mar	2	0,34	0,56
		Outro tipo	-	-	-
		Não tinham	5	0,85	1,41

Fonte: IBGE (2010).

De acordo com a Tabela acima, nas áreas rurais do município a solução alternativa gira em torno de fossa rudimentar, muitas vezes construídas pelos próprios moradores, em virtude do conceito construtivo simples e bem conhecido (o que não se traduz em bom dimensionamento e eficiência de tratamento), e economicamente mais acessível.

4.6.1.8 Corpos Receptores de Esgoto

Córrego do Deve

O trecho do Córrego que passa pela parte urbana do Distrito de Fátima, apresenta baixa vazão e recebe diretamente o esgoto in natura gerado pelas residências próximas que não possuem fossa negra.

Córrego de Fátima

O trecho do Córrego que passa pela parte urbana do Distrito de Fátima, recebe diretamente o esgoto in natura gerado pelas residências próximas que não possuem fossa negra e também recebe o esgoto de algumas residências que possuem fossa lançamento.

Córrego Deolindo

O córrego Deolindo recebe a contribuição de esgoto da sede do município, recebe o esgoto tratado da ETE Boa Vista, da ETE Fossa/Filtro de Nova Esperança, da ETE Fossa/Filtro do Bairro Palmital e também recebe esgoto in natura gerados pelas residências próximas, as quais não são ligadas a rede coletora de esgoto.

Córrego Bebedouro

O Córrego recebe as contribuições de uma parte da área urbana da Sede. As duas fossas filtro do Bairro SEAC fazem o lançamento nesse córrego que se encontra numa situação ainda pior devido à elevada carga que recebe pelos lançamentos difusos *in natura* e sua limitada capacidade de diluição. Também recebe o lançamento do esgoto tratado da fossa filtro do Bairro Laquini.

Córrego Pau Lascado

O córrego recebe o lançamento de esgoto tratado de uma ETE fossa filtro do Bairro Novo Tempo e irá receber a contribuição de esgoto tratado da ETE UASB que está sendo construída

Córrego Caximbau

Trata-se de um corpo receptor de efluentes de baixa vazão que passa na parte urbana da comunidade de Barra Seca e recebe a contribuição de esgoto da ETE fossa filtro. Também recebe lançamentos diretos de residências que não são ligadas à rede de esgoto e de ligações irregulares em galerias de águas pluviais.

Córrego Veludo

O trecho do Córrego que passa pela parte urbana da Comunidade de Água Limpa, recebe diretamente o esgoto in natura gerado pelas residências próximas.

Córrego Água Limpa

O trecho do Córrego que passa pela parte urbana da Comunidade de Água Limpa e da comunidade São Roque, recebe diretamente o esgoto in natura gerado pelas residências próximas.

Córrego Palmito

O trecho do Córrego que passa pela parte urbana da Comunidade de Juncado, recebe diretamente o esgoto in natura gerado pelas residências próximas que não possuem fossa negra individual.

4.6.1.9 Cobertura por Coleta e Tratamento de Esgoto Sanitário***Atendimento***

O índice de atendimento urbano de esgoto referido ao atendimento com água é apresentado na Tabela 4-32, os dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) apontam para um percentual de atendimento sempre acima de 83%, chegando a 100%, isto é, pleno atendimento relativo no período de 2008 a 2011.

Tabela 4-32 - Índice de atendimento urbano de esgoto referido ao atendimento com água (%) - Série Histórica (2007 - 2014).

Ano de Referência	Índice de Atendimento (%)
2014	95,93
2012	98,50
2011	100,00
2010	100,00
2009	100,00
2008	100,00
2007	83,10

Fonte: SNIS (2014).

Esgoto Tratado

Segundo o SNIS - Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento em 2014 cerca de 17.156 habitantes eram atendidos pelo tratamento de esgoto sanitário fornecido pela Prefeitura Municipal de Jaguaré, sendo que no município a população total em 2010 segundo o IBGE é de 24.678, ou seja, 69,52% da população era atendida no ano de 2014, 0,36% a mais do que o ano de 2012.

Conforme a Tabela 4-33 relativa aos dados da série histórica de coleta e tratamento de esgoto no município de Jaguaré, é possível verificar que houve uma queda de mais de 50% no volume de esgoto coletado e tratado do ano de 2012 a 2014.

Tabela 4-33 - Índices de coleta e tratamento de esgoto - Série Histórica (2007 - 2014).

Ano de referencia	População total atendida com esgotamento sanitário (habitantes)	Volume de esgotos coletado (1.000m³/ano)	Volume de esgotos tratado (1.000m³/ano)	Índice de coleta de esgoto (%)	Índice de tratamento de esgoto (%)
2014	17.156	433,39	433,39	72,23	100
2012	17.068	905,15	905,15	75,03	100
2011	17.068	1.430,14	973,14	91,05	68,05
2010	15.033	790,26	38,1	57,33	4,82
2009	17.624	1.466,00	220,0	91,62	15,01
2008	17.470	1.117,89	171,78	71,29	15,37
2007	13250	902,89	90,2	60,31	9,99

Fonte: SNIS (2012).

Qualidade de Tratamento

No município não é realizado nenhum monitoramento desses corpos d'águas, portanto não se pode dizer se os sistemas de esgotamento sanitário são eficazes.

4.6.1.10 Déficit de instalações hidrossanitárias

Segundo o SIDRA (2010), nas áreas urbanizadas do município de Jaguaré foram contabilizados 4.463 domicílios com acesso a instalações hidrossanitárias, seja de uso exclusivo ou coletivo, representando cerca de 61% dos domicílios municipais. A área rural municipal, geralmente qualificada muito mais negativamente que a área urbana quanto ao déficit hidrossanitário, apresentou 0,34% dos domicílios municipais (25 domicílios) não tinha nem banheiro de uso exclusivo nem sanitário.

De acordo com o IBGE (2010), a categoria “banheiro de uso exclusivo” foi a que apresentou maiores valores, tanto na área urbana quanto na área rural.

4.6.1.11 Sistemas de Monitoramento

Quantidades de Efluentes

A Tabela 4-34 apresenta a série histórica da quantidade de esgoto coletado e tratado dos anos de 2007 a 2011. Como pode ser observado, todo o volume de esgoto coletado é tratado.

Tabela 4-34 - Índice de coleta e tratamento de esgoto.

Ano	Esgoto Coletado (m³/ano)	Esgoto Tratado (m³/ano)
2011	91.100	68.100
2010	57.300	4.800
2009	91.620	15.010
2008	71.300	15.400
2007	60.310	9.990

Fonte: SNIS (2016).

Qualidade dos Efluentes

Não existem informações sistematizadas acerca do monitoramento dos efluentes lançados na localidade de pequeno porte e nos bairros da sede que se utilizam de sistemas fossa séptica e filtro anaeróbio, seja do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo, nem dos corpos hídricos receptores.

Áreas de Risco de Contaminação

Em todo o município de Jaguaré, há ocorrência de lançamentos de esgotos *in natura* os rios e córregos locais, especialmente nos Córregos do Deve, de Fátima, Deolindo, Bebedouro, Pau Lascado, Caximbau, Veludo, Água Limpa e Palmito, assim como o uso de soluções individuais pouco eficientes no tratamento, como é o caso de fossas sépticas e fossas rudimentares nas áreas rurais e também na sede do município.

4.6.2 Caracterização Institucional do SES

No município de Jaguaré a prestação de serviço de esgotamento sanitário é do SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Jaguaré. O SAAE tem a responsabilidade de operar a ETE UASB do bairro de Boa Vista na sede do município e dos sistemas Fossas Filtro coletivos da sede. Nos distritos de Nossa Senhora de Fátima e Palmito que contém os sistemas Fossas Filtro Sumidouro coletivos, o SAAE também é responsável pela manutenção, operação e limpeza.

4.6.2.1 Licenças Ambientais

O Quadro 4-8 apresenta as informações das licenças ambientais válidas no setor de esgotamento sanitário, todas relativas à Estações de Tratamento de Esgotos cujo empreendedor é a Prefeitura Municipal de Jaguaré.

Quadro 4-8 - Licenças ambientais de Jaguaré.

Nº da Licença	Data da Validade	Atividade da Licenciada	Empreendedor	Localização	Situação
LP 048/2002	21/04/2006	Sistema De Esgotamento Sanitário Do Bairro Vista I e II	Município De Jaguaré	Distrito De Boa Vista I e II	Vencida
LI 063/2002	17/12/2006	Sistema De Esgotamento Sanitário Nos Bairros Boa Vista I e II	Município De Jaguaré	AV. 09 De Agosto, Nº 2358 - Centro	Vencida
LP 022/2002	05/02/2006	Sistema De Esgotamento Sanitário	Município De Jaguaré	Distrito De Barra Seca	Vencida
LI 124/2002	14/07/2006	Sistema De Esgotamento Sanitário Na	Município De Jaguaré	Localidade De Barra Seca	Vencida

Nº da Licença	Data da Validade	Atividade da Licenciada	Empreendedor	Localização	Situação
		Localidade De Barra Seca			
LI 228/2004	06/07/2009	Sistema De Esgotamento Sanitário - SES	Município De Jaguaré	Bairro De Água Limpa	Vencida
LP 241/2004	06/07/2009	Sistema De Esgotamento Sanitário - SES	Município De Jaguaré	Bairro Água Limpa	Vencida
LP 049/2004	26/05/2008	Sistema De Esgotamento Sanitário	Município De Jaguaré	Bairro Nova Esperança	Vencida
LI 039/2004	26/05/2008	Sistema De Esgotamento Sanitário	Município De Jaguaré	Bairro Nova Esperança	Vencida
LARS 252/2014	14/04/2018	Estação De Tratamento De Esgoto, Nas Coordenadas UTM 376.971N/7.908.96 6S, DATUM WGS84.	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Comunidade Nossa Senhora De Fatima - S/N - Fatima	Válida
LS 315/2010	26/07/2014	Estação De Tratamento De Esgoto	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Bairro Nova Esperança - S/Nº	Vencida
LS 076/2010	15/03/2014	Estação De Tratamento De Esgoto	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Comunidade De Nossa Senhora De Fátima - Distrito De Fátima	Inválida
LS 252/2014	14/04/2018	Estação De Tratamento De Esgoto, Nas Coordenadas UTM 376.971N/7.908.96 6S, DATUM WGS84.	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Comunidade Nossa Senhora De Fatima - S/N - Fatima	Válida
LS 546/2009	06/12/2013	Unidades Habitacionais Populares Em Loteamento Não Consolidado Com Sistema Coletivo De Tratamento De Esgoto Sanitário	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Novo Tempo	Inválida
LS 401/2011	29/06/2015	Estação De Tratamento De Esgoto, Sem Lagoa	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Rua Treze De Dezembro - Irmã Tereza	Vencida
LS 469/2011	11/09/2015	Estação De Tratamento De Esgoto, Sem Lagoa	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Comunidade Barra Seca	Inválida
LS 470/2011	11/09/2015	Estação De Tratamento De Esgoto Sem Lagoa	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Rua Bianor Correia - S/Nº - Boa Vista I	Vencida

Nº da Licença	Data da Validade	Atividade da Licenciada	Empreendedor	Localização	Situação
LS 651/2011	16/11/2015	Estação De Tratamento De Esgoto	Prefeitura Municipal De Jaguaré	Rua José Junca - S/Nº - Água Limpa	Vencida

Fonte: IEMA (2016).

4.6.3 Avaliação do atendimento e produção per capita

Para estimar vazões de esgotos domésticos adotou-se como população atendida toda a população urbana dos distritos do município. O consumo per capita de água será considerado o valor informado pelo SNIS (2016) de 58 L/hab.dia. O coeficiente de retorno do município foi adotado igual a $C_R = 80\%$. Foi fixada uma taxa de infiltração baixa de 0,15 L/s.km

Para a estimativa das vazões de esgoto ao longo de 20 anos, foram feitos os cálculos para as contribuições de esgoto considerando o crescimento populacional geométrico com base nas populações dos Censos do IBGE de 2000 e 2010.

Tabela 4-35 - Equações para estimativa de geração de esgotos.

Variável	Formulação
Vazão anual coletada:	$Q_{esg} = Q_{inf} + Q_d$
Vazão de infiltração (Q_{inf}):	$Q_{inf} = L \times i$
Vazão doméstica (Q_d):	$Q_d = \frac{P \times q_{cp} \times C_R \times K1 \times K2}{86400}$

Q_{esg} [L/s] = vazão anual de esgoto coletado

Q_{inf} [L/s] = vazão de infiltração de esgoto

Q_d [L/s] = vazão doméstica

L [m] = comprimento de rede

i [L/s.km] = taxa de infiltração de esgoto

P [hab] = população

q [L/hab.dia] = consumo de água *per capita*

C_R [-] = coeficiente de retorno esgoto/água

$K1$ = coeficiente do dia de maior consumo (geralmente igual a 1,2)

$K2$ = coeficiente da hora do dia de maior consumo (geralmente igual a 1,5)

Fonte: Autoria própria.

4.6.4 Contribuição de esgoto e capacidade atual do sistema

Serão consideradas as equações utilizadas anteriormente, entretanto com a adição dos de máxima vazão diária ($K1=1,2$) e de máxima vazão horária ($K2 = 1,5$).

A vazão de esgotos sanitários é dada pela Equação:

$$Q_{maxh} = \frac{P \times q \times C \times K_1 \times K_2}{86400}$$

As vazões de infiltração foram estimadas considerando redes no arruamento apenas nas áreas urbanas, computado com dados de arruamento do Open Street Map, áreas urbanizadas disponíveis no GEOBASES e o software QGis. Considerou-se que todo o arruamento urbano é composto por tubulação simples e que acompanhará o crescimento populacional proporcionalmente para cada distrito.

Como a população urbana municipal aumentaria 111% até 2036 segundo a projeção populacional, estima-se que seriam necessários quase 183.850 metros de redes para universalizar o serviço de coleta e transporte de esgotos sanitários.

A Tabela 4-36 apresenta as estimativas de vazão em todo o município e por distrito.

Tabela 4-36 - Vazões de esgotos sanitários da população urbana em Jaguaré.

Ano		Extensão de Rede (m)	População Urbana (habitantes)				Vazão de Esgotos Sanitários (l/s)			
			Total	Sede	Barra Seca	NS Fátima	Total	Sede	Barra Seca	NS Fátima
0	2000		10699	9234	726	739				
0	2010		15033	13255	956	822				
0	2016	95805	18436	16256	1172	1008	60.5	53.3	3.8	3.3
1	2017	100207	19074	16818	1213	1043	62.7	55.3	4.0	3.4
2	2018	104609	19734	17400	1255	1079	65.0	57.3	4.1	3.6
3	2019	109011	20416	18002	1298	1116	67.4	59.4	4.3	3.7
4	2020	113414	21123	18624	1343	1155	69.8	61.6	4.4	3.8
5	2021	117816	21853	19269	1390	1195	72.3	63.8	4.6	4.0
6	2022	122218	22609	19935	1438	1236	74.9	66.0	4.8	4.1
7	2023	126621	23392	20625	1488	1279	77.5	68.3	4.9	4.2
8	2024	131023	24201	21338	1539	1323	80.2	70.7	5.1	4.4
9	2025	135425	25038	22077	1592	1369	82.9	73.1	5.3	4.5
10	2026	139828	25904	22840	1647	1416	85.7	75.6	5.5	4.7
11	2027	144230	26800	23631	1704	1465	88.6	78.2	5.6	4.8
12	2028	148632	27727	24448	1763	1516	91.6	80.8	5.8	5.0
13	2029	153034	28687	25294	1824	1569	94.7	83.5	6.0	5.2
14	2030	157437	29679	26169	1887	1623	97.8	86.2	6.2	5.3
15	2031	161839	30706	27074	1953	1679	101.0	89.1	6.4	5.5
16	2032	166241	31768	28011	2020	1737	104.4	92.0	6.6	5.7
17	2033	170644	32867	28980	2090	1797	107.8	95.0	6.9	5.9
18	2034	175046	34004	29982	2162	1859	111.3	98.1	7.1	6.1
19	2035	179448	35180	31020	2237	1924	114.9	101.3	7.3	6.3
20	2036	183850	36398	32093	2315	1990	118.6	104.5	7.5	6.5

Fonte: Autoria própria.

4.6.5 Caracterização de Planos, Programas e Projetos

O município não possui ou não foi passado nenhum plano, programa ou projetos finalizados nos últimos anos ou em execução no SES.

4.6.6 Diagnóstico Participativo do SES

A situação do esgotamento sanitário de Jaguaré é marcada pelo uso de fossas (sépticas ou secas) e lançamento dos esgotos nos corpos d'água ou a céu aberto. Segundo os moradores, a prefeitura não possui planejamento e controle na gerência do esgotamento sanitário do município. Assim, tanto na sede do município (São Roque, Japira, Abóbora, Giral, Palmital, Clubinho - ou bairro Irmã Tereza Altoé, Nova Esperança), quanto em outros distritos (Barra Seca – Palmito – e Nossa Senhora de Fátima – Vargem Grande e São João Bosco) verifica-se a inexistência de rede de esgoto sanitário. Enquanto que em Palmital, Nova Esperança, Novo Horizonte, Boa Vista, SEAC, Córrego das Abóboras, Japira, Água Limpa, São João Bosco e centro de Barra Seca e de Nossa Senhora de Fátima, o despejo dos dejetos nos corpos d'água constitui-se como prática corrente. Já é em algumas localidades verifica-se a existência de esgoto a céu aberto e em vias públicas, como em Palmital, São Roque, SEAC, Boa Vista, Rua Zilda Artório Altoé, Caximbal, Giral e Centro do distrito de Nossa Senhora de Fátima.

Além de uma coleta irregular, os moradores apontaram que o tratamento do esgoto também se mostra insuficiente, sobretudo em um contexto de crise hídrica, quando os corpos d'água não tem vazão afetando a capacidade de autodepuração destes. Além disso, verifica-se que há trechos em que o esgoto é lançado na drenagem pluvial, como ocorre na Avenida 9 de Agosto e no Bairro Novo Tempo.

Diante desse cenário, muitos moradores demonstram preocupação com a poluição, o odor, os prejuízos ambientais e à saúde humana de tal situação. Assim, a Hepatite B (no Centro do distrito de Barra Seca), doenças de pele e verminoses (no Centro do distrito de Nossa Senhora de Fátima), assim como infecções intestinais e outras doenças (São João Bosco em N. S. de Fátima) são realidades no município, sobretudo nas localidades aonde se verifica a

inexistência de banheiros nos domicílios, como ocorre nos bairros Novo Tempo, Boa Vista, Palmital e SEAC.

Os moradores desconhecem a existência de estações comunitárias de tratamento de esgoto, bem como de lançamento de esgoto industrial ou de pocilgas, matadouros e granjas nos corpos d'água da região. Mas, identificam o lançamento abusivo de agrotóxicos, inclusive existe uma empresa de pulverização aérea no município, nas plantações, como ocorre no Centro do distrito Nossa Senhora de Fátima e Vargem Grande e São João Bosco (ambas do mesmo distrito referido). Segundo os moradores, esta situação não é fiscalizada, embora reconheçam ações por parte dos agentes da Secretaria de Saúde.

Por fim, a população elegeu como prioridades para o setor os seguintes pontos abaixo:

- Instalação de fossas sépticas individuais no interior;
- Expansão da rede de tratamento de esgoto;
- Tratamento do esgoto.

4.7 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)

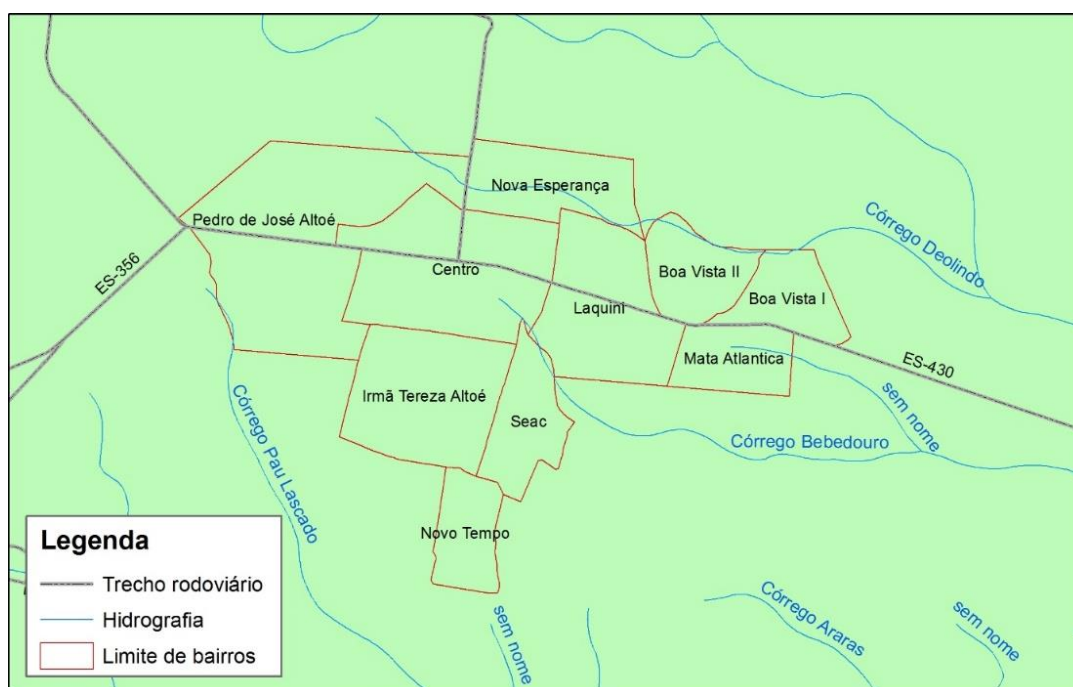
4.7.1 Caracterização operacional do SDMAPU

4.7.1.1 Sistema de Macrodrenagem

A área urbana da Sede está localizada as margens da ES-430. Os principais cursos d'água são os córregos: Deolindo, Bebedouro e Pau Lascado, conforme a Figura 4-18. O relevo da área urbana é suavemente ondulado. As ondulações do relevo criam sub-bacias urbanas contribuintes aos Córregos, cuja demarcação não foi possível com a altimetria existente.

As demais áreas urbanas também se utilizam dos cursos hídricos naturais para destinação final de suas águas de drenagem.

Figura 4-18 - Limite de bairros e hidrografia da área urbana da Sede de Jaguaré - ES.



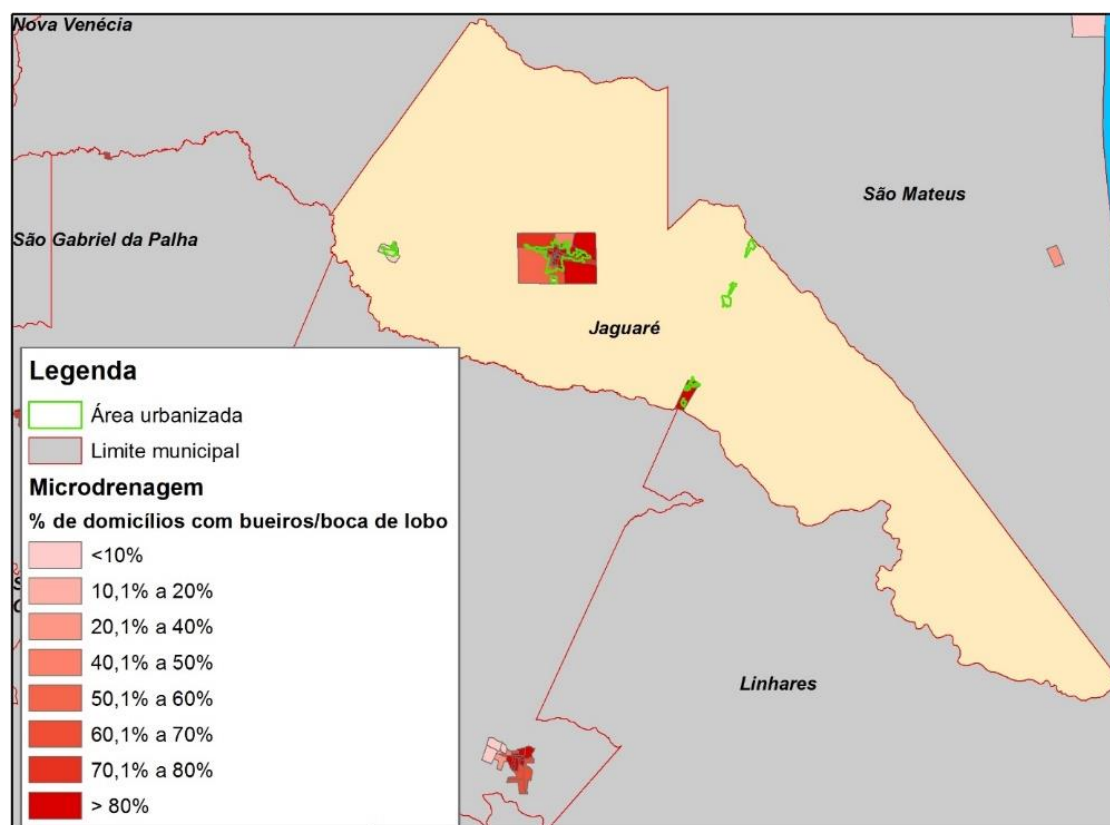
Fonte: Autoria própria.

A Prefeitura não possui o cadastramento das redes de drenagem existentes para a Sede e demais áreas urbanas consolidadas, sendo que desta forma, as análises a seguir contemplaram informações de campo, de mobilização social. As referidas informações de campo foram colhidas em reuniões técnicas realizadas junto com funcionários da Prefeitura e da Defesa Civil. Durante a reunião de Mobilização Social e nas visitas de técnicos ao Município, não foram identificados locais de inundação nas áreas urbanas da Sede e dos Distritos.

4.7.1.2 Sistema de Microdrenagem

Para caracterização do município de Jaguaré, foram utilizados os dados obtidos na Base de Informações do Censo Demográfico 2010 (BRASIL, 2011), uma vez que o Município não conta com cadastro de redes de drenagem. A microdrenagem do setor censitário de determinada região é visualmente identificada pela presença de estruturas como bueiros ou bocas de lobo. Através do cálculo do percentual de domicílios que possuem bueiros ou bocas de lobos (%DBBL) foi obtida a Figura 4-19.

Figura 4-19 - Distribuição espacial do indicador %DBBL do Município.



Fonte: Adaptado de IBGE (2010).

Na Sede municipal, os bairros Centro, Laquini, Boa Vista II, Boa Vista I e Atlântica apresentam percentual acima de 90% de domicílios atendidos por bueiros ou bocas de lobos. As extremidades dos bairros Nova Esperança, Sesc, Irmã Tereza Altoé, Novo Tempo e Pedro de José Altoé apresentam percentual menor que 50%. No distrito de Barra Seca, 85% dos domicílios possuem bueiros ou bocas de lobos e, o distrito de Nossa Senhora de Fátima apresenta percentual menor que 10%.

4.7.1.3 Separação entre os sistemas de Drenagem e de Esgotamento Sanitário

Com base no diagnóstico realizado em campo, e nos projetos disponibilizados pela Secretaria de Planejamento, observou-se que toda a Sede possui rede coletora de esgoto exceto alguns loteamentos novos que ainda não solicitaram anuência, como Loteamento Eleutério, Boa Vista 2, Loteamento Altoé, Loteamento Marcos Bassetti. E, em loteamentos em bairros distantes onde algumas casas ainda possuem fossas particulares não há rede coletora, como em Giral e Loteamento Eldorado.

O distrito de Nossa Senhora de Fátima não possui Estação de Tratamento de Esgoto, mas, possui rede coletora em toda área urbana, que foi instalada há cerca de 2 anos, mas não é utilizada. O distrito de Barra Seca possui rede coletora antiga, com mais de 20 anos, e não há cronograma de manutenção. O Distrito possui tratamento de esgoto tipo fossa/filtro em alvenaria, porém, não apresenta bom funcionamento.

O Município não dispõe de um cadastro da rede de drenagem pluvial existente, deste modo, torna-se difícil estabelecer indicadores de cobertura que representem a realidade local. Nas reuniões de mobilização não foram citadas informações sobre lançamento de esgotos na rede de drenagem.

4.7.2 Caracterização Institucional do SDMAPU

O principal responsável pelas atividades de manutenção das redes de drenagem é a Secretaria Municipal de Obras. Entretanto, a maior parte das manutenções ocorre em caráter corretivo, mediante demanda da população ou pela detecção de condições precárias de operação da infraestrutura de drenagem. A falta de uma equipe especializada e a falta de planejamento, prejudica a manutenção adequada de todo o sistema de drenagem urbana.

Ainda, conforme informações coletadas na reunião técnica com a Prefeitura, a coleta de resíduos é realizada em toda área urbana da Sede de segunda-feira a sábado e nas áreas urbanas das comunidades e distritos a frequência varia entre uma a três vezes na semana. Quanto aos serviços de varrição, as principais avenidas pavimentadas da área urbana da Sede são limpas diariamente, das 5 às 15 horas e as demais ruas pavimentadas são limpas três vezes na semana, das 5 às 15 horas. Assim, a pressão exercida pelo impacto da destinação inadequada de resíduos sólidos na rede de drenagem é minimizada no Município.

4.7.3 Demandas do SDMAPU

O Quadro 4-9 apresenta as principais demandas identificadas de forma técnica para o Município, listando as possíveis causas levantadas apesar da escassez de dados base.

Quadro 4-9 - Quadro resumo abrangendo as demandas técnicas identificadas.

Distrito	Perímetro Urbano/ Comunidade	Demandas apontadas pela reunião técnica / visita a campo	Possíveis causas
Sede	Sede	Alagamento na rua Vovô França, bairro Irmã Tereza Altoé	Rede de drenagem subdimensionada
		Alagamento próximo ao supermercado da Praça, bairro Laquini	Rede de drenagem subdimensionada
		Alagamento nas proximidades da rua Silvan Pariz, bairro Centro	Rede de drenagem subdimensionada
		Alagamento na Av. Nove de Agosto, bairro Centro	Rede de drenagem subdimensionada
Nossa Senhora de Fátima	Nossa Senhora de Fátima	Alagamento na rua Antônio Carlos Simões, nas imediações da Igreja de Fátima	A rua foi pavimentada, porém sem rede de drenagem

Fonte: Autoria própria.

4.7.4 Diagnóstico Participativo do SDMAPU

O Quadro 4-10 apresenta as principais demandas identificadas pela mobilização social para o Município, listando as possíveis causas levantadas apesar da escassez de dados base.

Quadro 4-10 - Quadro resumo abrangendo as demandas apontadas pela mobilização social.

Distrito	Perímetro Urbano/ Comunidade	Mobilização social	Possíveis causas
Sede	Sede	Alagamento no bairro Irmã Tereza Altoé. Próximo a CDL e supermercado Sartori	Rede de drenagem subdimensionada
Nossa Senhora de Fátima	Nossa Senhora de Fátima	Alagamento no centro do Distrito	A rua foi pavimentada, porém sem rede de drenagem

Fonte: Autoria própria.

4.8 DIAGNÓSTICO DO SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS)

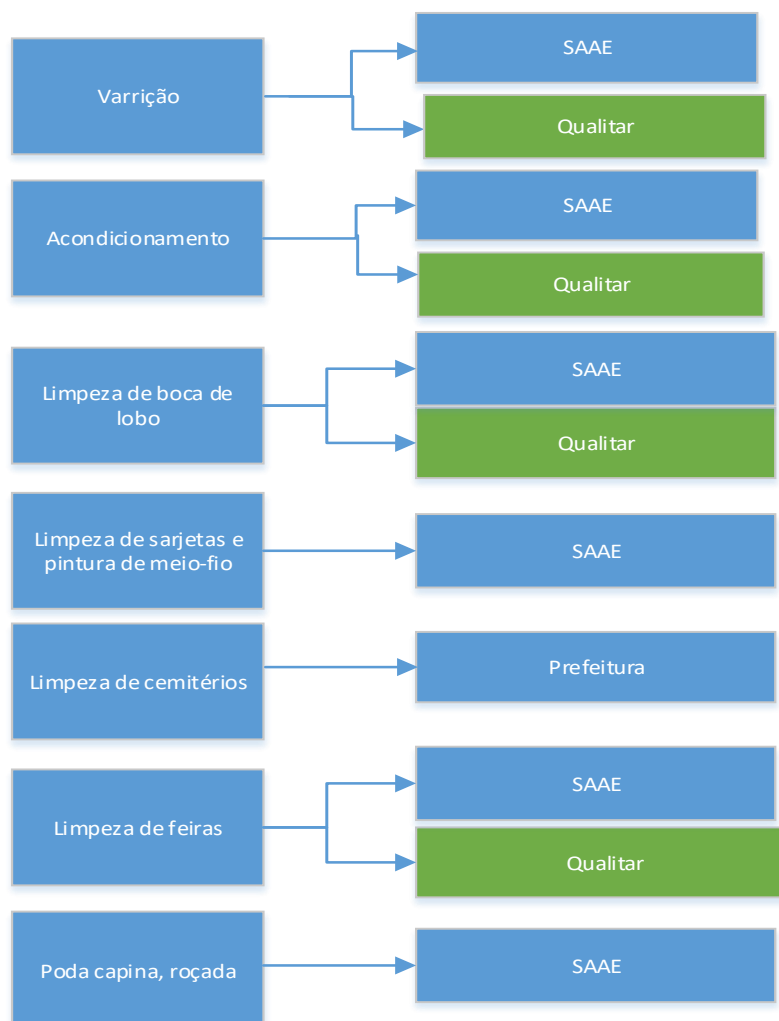
4.8.1 Caracterização operacional do SLUMRS

4.8.1.1 Limpeza de pública

O serviço de limpeza pública engloba os serviços de varrição de vias e logradouros públicos e serviços especiais como, capina, poda, limpeza de cemitérios, dentre outros.

A Figura 4-20 apresenta as atividades do serviço de limpeza pública informando os responsáveis pela execução no município. Na cor azul estão os processos gerenciados pela Prefeitura Municipal e em verde os serviços prestados por empresas particulares.

Figura 4-20 – Responsáveis pelos serviços de limpeza urbana no município.



Fonte: Autoria própria.

4.8.2 Varrição de vias e logradouros públicos

O serviço de varrição de vias logradouros públicos, feito de forma manual ou mecânica tem a finalidade de remover do ambiente público os resíduos dispostos por vias naturais como folhas e galhos de árvores, areia e terra advindas de terrenos vizinhos ou pelas águas da chuva e por via antrópica como guimbas de cigarro, embalagens, papéis, entre outros.

No município de Jaguaré o serviço de varrição de logradouros públicos é realizado por agentes contratados pela Qualitar em todos os bairros e distritos do município. Estimativas feitas pelo município apontam que, atualmente, são varridos cerca de 2064 km/mês equivalente a 68,8 Km/dia. Esse trabalho conta com 36 varredores dos agentes públicos.

4.8.3 Serviços especiais

No município de Jaguaré, o serviço de Limpeza de praças e feiras consiste na varrição manual, coleta e transporte dos resíduos gerados nas praças e logradouros públicos, numa frequência semanal. O serviço de limpeza das praças e das feiras é executado pelos servidores municipais em suas rotinas de varrição dos logradouros públicos

Os serviços de capina, roçada e pintura de meio-fio, é realizado diariamente de acordo com a demanda identificada pelos próprios agentes ou solicitações feitas pela população e conta com a colaboração de 03 agentes públicos. Os resíduos são destinados no bota fora de entulhos existente no município.

Os outros serviços também são realizados pelo SAAE, porém não possuem cronograma e são realizados de acordo com a necessidade.

4.8.4 Acondicionamento

No município de Jaguaré os RSU ficam acondicionados em sacos plásticos dispostos no chão, lixeiras, bombonas em pontos de coleta determinados dessa forma. Ocorre também a disposição de resíduos de maneira incorreta, devido à

inexistência de lixeiras ou simplesmente são jogados fora das lixeiras existentes, atraindo a presença de animais.

Todos os resíduos provenientes da limpeza pública no município, à exceção dos resíduos da construção civil e resíduos verdes, são acondicionados em sacos plásticos e coletados pelos caminhões compactadores junto aos resíduos sólidos domiciliares e comerciais.

4.8.5 Coleta, transporte e transbordo

O SAAE firmou contrato com a empresa Qualitar Ltda para prestação de serviço de coleta, transporte e descarga dos RSU. A coleta é feita de forma convencional em todos os bairros e distritos do município.

O resíduo coletado vai para a estação provisória de transbordo e é acondicionado em caixas estacionária, quando elas atingem sua capacidade máxima, é feito o transporte das mesmas até um aterro sanitário da empresa Brasil Ambiental Tratamento de Resíduos no município de Aracruz.

O SAAE não possui nenhum sistema de controle de quilometragem e velocidade percorrida pelos veículos coletores, sendo este controle realizado pela própria Qualitar.

4.8.5.1 Coleta

No município de Jaguaré a coleta é feita de forma convencional em pontos já conhecidos pela população dos bairros e distritos e tem periodicidades diferentes, de forma que os bairros da sede tem coleta feita em mais dias da semana e os distritos mais longes da sede tem uma menor frequência de coleta. A forma de disposição dos resíduos pela população é em sacos plásticos que geralmente ficam dispostos no chão e em alguns locais existe uma estrutura metálica que faz com que os resíduos fiquem suspensos.

Juntamente com a remoção dos resíduos domiciliares é realizada a coleta dos resíduos das papeleiras implantadas nos logradouros públicos.

A coleta é feita em 2 caminhões compactadores. A equipe é composta por 23 pessoas envolvidas nesse trabalho.

4.8.5.2 Coleta seletiva e reciclagem

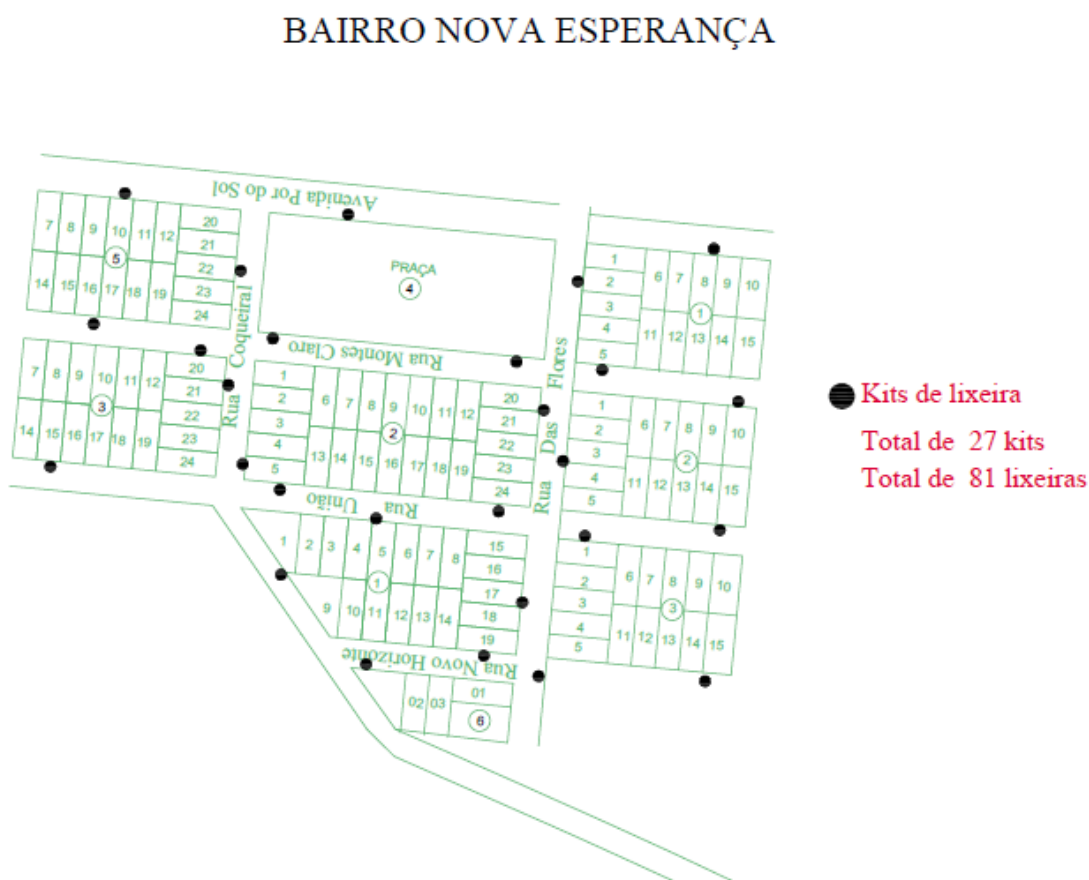
O lançamento do projeto Coleta Seletiva em Jaguaré ocorreu no dia 28 de agosto de 2014. Após o lançamento foram instaladas bombonas para acondicionar lixo seco, lixo úmido e rejeito, essas bombonas servem como um PEV. Foram distribuídos 2 conjuntos de lixeiras no bairro Laquini e 27 no bairro Nova Esperança. Outros 20 PEVs foram instalados na Av. 9 de agosto no centro em agosto. Já a coleta seletiva porta a porta é realizada apenas no bairro Residencial SEAC. A Figura 4-22 apresenta a distribuição dos kits de lixeira no bairro Laquini e a Figura 4-23 apresenta a distribuição dos Kits de lixeiras no Bairro Nova Esperança.

Figura 4-21 – Distribuição das Lixeiras seletivas no Bairro Laquini.



Fonte: PMJ (2016).

Figura 4-22 – Distribuição das Lixeiras seletivas no Bairro Nova Esperança.



Fonte: PMJ (2016).

A coleta é feita de forma binária (Resíduos Seco x Resíduo Úmido) de Segunda-Feira a Sábado partir das 07:00 horas. A Associação de catadores de materiais recicláveis de Jaguaré (ACAMARES) juntamente com o SAAE é responsável por fazer a coleta em um veículo alugado (Caminhão Baú Volkswagem 7110, Ano 1989). Dois catadores da ACAMARES realizam a coleta e é disponibilizado um motorista.

No município existe um galpão de triagem provisório, conforme apresentado na Figura 4-23. A unidade de triagem está sob a responsabilidade da ACAMARES. A triagem é realizada de forma manual pelos catadores da associação. A comercialização dos resíduos triados também é realizada pela ACAMARES. A prefeitura já possui uma área para construção do novo galpão (384268/7911182), essa área está localizada próximo a área do lixão desativado.

Figura 4-23 – Galpão de Triagem.



Fonte: Autoria própria.

4.8.5.3 Transbordo

No município de Jaguaré os resíduos coletados são transportados para a Estação Provisória de Transbordo (Figura 4-24), localizada na Rodovia 456 no local do antigo lixão.

Figura 4-24 – Transbordo.



Fonte: Autoria própria.

Os caminhões coletores descarregam 02 vezes ao dia na estação, onde os resíduos permanecem armazenados temporariamente em 02 caixas estacionárias com capacidade de 30 m³ cada.

A área possui um desnível para que os resíduos possam ser transferidos com mais facilidade do caminhão compactador para as caixas, além de uma área de manobra para os caminhões. Não houve emissão de licença para o transbordo pois é uma área provisória.

4.8.5.4 Transporte

A empresa RT transporta os resíduos depositados nas caixas estacionárias 03 vezes na semana (Segunda, quarta e sexta-feira) por meio de um veículo *rollon-rollof* até o aterro sanitário no município de Aracruz que fica a uma distância de cerca de 127 km da atual estação de transbordo.

4.8.6 Tratamento e disposição de RSU

O que existe no município sobre tratamento de RSU é a coleta seletiva que, após a coleta, os RSU são destinados a usina de triagem e comercializados. A coleta seletiva será tratada em um capítulo específico.

Os demais resíduos coletados na coleta convencional são destinados diretamente ao aterro sanitário sem passar por qualquer tipo de tratamento prévio.

4.8.7 Disposição final dos rejeitos

A forma de disposição final dos RSU do município é em aterro sanitário de propriedade privada. A empresa que opera o aterro é a Brasil Ambiental Tratamento de Resíduos S/A. O aterro se localiza na Rodovia Demócrito Moreira, Zona Rural no município de Aracruz a cerca de 80 km de Jaguaré.

A série histórica da quantidade de RSU destinados a aterro sanitário pelo município de Jaguaré no ano de 2015 é apresentada na Tabela 4-37.

Tabela 4-37 - Série histórica dos RSU destinados ao aterro sanitário.

Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Quantidade (ton)	509,91	421,32	515,27	509,91	405,60	488,69
Mês	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Quantidade (ton)	473,04	426,01	439,02	463,20	407,31	540,15

Fonte: Autoria própria.

A quantidade destinada de RSU no ano de 2015 foi de 5.640, 45 toneladas.

Ressalta-se que o valor coletado pode não representar apenas o RSU (domiciliar, de limpeza pública e comercial), podendo estar recendo uma parcela de Resíduos da construção civil e outros.

4.8.8 Resumo da infraestrutura dos SLUMRS

Para uma correta gestão do Sistema de Limpeza Urbana e Manejo dos Resíduos Sólidos (SLUMRS) é necessária uma infraestrutura mínima de equipamentos e recursos humanos que abarquem as atividades de limpeza pública, coleta, transbordo e transporte dos resíduos sólidos.

4.8.8.1 Equipamentos

São considerados equipamentos do SLUMRS os veículos utilizados para a limpeza urbana e para a coleta de resíduos como, por exemplo, caminhões compactadores, baú, basculantes, poliguindaste, tratores e carretas. A Tabela 4-38 apresenta os equipamentos utilizados no SLUMRS de Jaguaré.

Tabela 4-38 - Equipamentos utilizados no transporte de resíduos sólidos.

Tipo de resíduos	Transporte
Coleta dos Resíduos sólidos domiciliares (RSD) e de Limpeza pública	02 caminhões compactadores
Resíduos da Construção Civil	1 Poliguindantes (containers) 1 Retro escavadeira 2 caçambas
Resíduos Volumosos	1 caminhão Mercedes Benz 709
Resíduos Verdes	1 caminhão Mercedes Benz 709
Resíduos de serviço de saúde	01 Ford Cargo 816
Coleta Seletiva	01 caminhão Baú

Fonte: Autoria própria.

4.8.8.2 Equipe operacional

A equipe operacional do SLUMRS compreende os servidores contratados e treinados para a limpeza urbana, coleta e triagem dos resíduos sólidos.

A quantidade total de pessoas envolvidas no manejo de RSU é estimada em 70 pessoas, tanto do setor administrativo quanto do setor operacional.

Para o serviço de coleta e transporte dos RSU são 23 pessoas. Para o serviço de varrição são alocadas 36 pessoas que fazem o serviço na sede e nos distritos. Para o serviço de capina, roçada e pintura de meio-fio 07 trabalhadores estão envolvidos e para o serviço de poda 02 trabalhadores. No setor administrativo são 06 pessoas que são envolvidas nas atividades de planejamento, coordenação e

fiscalização dos trabalhos. A Tabela 4-39 apresenta as informações sobre a equipe operacional do SLUMRS do município de Jaguaré.

Tabela 4-39 - Dimensionamento equipe operacional do SLUMRS.

Atividades	Número de funcionários
Coleta e Transporte de RSU	23 Trabalhadores
Limpeza Pública (Varrição)	36 Varredores
Limpeza Pública (Capina, Roçada e pintura de meio-fio)	07 Trabalhadores
Poda	02 Trabalhadores
Setor Administrativo	06 Pessoas

Fonte: Autoria própria.

4.8.9 Identificação de áreas de disposição inadequada de resíduos e áreas contaminadas

4.8.9.1 Lixões

Existem no município duas áreas que já foram utilizadas como lixões, mas que hoje estão desativadas: uma está em processo de recuperação e a outra está sendo utilizada como bota fora. A outra área que está no TCA é a da Estação Provisória de Transbordo (EPT). De acordo com os itens 2.1 e 3.2 do TCA 02/13, às área degradadas encontram-se referenciadas pelas coordenadas geográficas. A Tabela 4-40 apresenta a localização destas áreas em coordenadas UTM, Datum WGS 84.

Tabela 4-40 - Áreas inadequadas de recebimentos de resíduos a serem recuperadas.

Locais	Coordenadas
Estação Provisória de Transbordo	327687E 7843603 N
Lixão Desativado	329084 E 7841546 N
Lixão Desativado	323587 E 7839361 N

Fonte: Autoria própria.

4.8.9.2 Pontos viciados

As Figuras 4-25 e 4-26 apresentam a localização de alguns pontos viciados constatados em visita em campo ao município.

Figura 4-25 - Pontos viciados no Distrito de água limpa.



Fonte: Autoria própria.

Figura 4-26 - Pontos viciados no Distrito de Palmito.



Fonte: Autoria própria.

4.8.10 Aspectos sociais relativos à inclusão social no manejo de resíduos

A inclusão dos catadores de materiais recicláveis é uma premissa da PNRS, requerendo das prefeituras municipais o comprometimento com a inclusão desses trabalhadores a sua inserção efetiva nos programas de coleta seletiva, além do conhecimento das externalidades sociais e ambientais envolvidas em sua atividade.

A Associação de catadores de materiais recicláveis de Jaguaré (ACAMARES) está devidamente formalizada e está sediada provisoriamente no bairro clubinho. A renda por associado é, em média, R\$ 600,00 por mês. A própria associação está organizada para realizar a coleta seletiva. Enquanto 02 associados estão

coletando os resíduos no caminhão baú os outros 03 associados ficam na associação realizando a triagem.

4.8.10.1 Mercado de reciclagem

No município de Jaguaré os resíduos coletados são triados e comercializados pela Associação de catadores de materiais recicláveis de Jaguaré (ACAMARES) desde agosto de 2014.

A Figura 4-27 apresenta o panfleto da coleta seletiva que é distribuído no município.

Figura 4-27 – Folder Coleta Seletiva



Fonte: Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (2016).

Estima-se que de setembro de 2014 a setembro de 2015 foram recuperadas cerca de 102,17 toneladas de resíduos.

O Quadro 4-11 apresenta a quantidade de material seletivo comercializado em janeiro, fevereiro e março de 2016.

Quadro 4-11 – Quantidade de material comercializado em janeiro, fevereiro e março de 2016.

Descrição	Quantidade em Kg	Valor do Kg	Valores de cada produto
Papelão	6092	R\$ 0,25	R\$ 1.523,00
Papelão aberto	5420	R\$ 0,17	R\$ 921,40
Plástico Colorido	220,25	R\$ 0,60	R\$ 132,15

LTS CACO	596,9	R\$ 0,05	R\$ 29,85
Plástico Branco	591,6	R\$ 0,80	R\$ 473,28
Papelão (segunda venda)	7305	R\$ 0,20	R\$ 1.461,00
Total	20225,75	-	R\$ 4.540,68

Fonte: Autoria própria.

4.8.10.2 Caracterização Institucional do SLUMRS

O Serviço de Limpeza Pública de Jaguaré é de responsabilidade do Serviço Autônomo e Água e Esgoto (SAAE) e contempla os serviços de coleta, transporte e destinação RSU, varrição de sarjetas e serviços especiais como capina, roçada, pintura do meio-fio, dentre outros. A responsabilidade é consorciada com uma empresa particular para os serviços de coleta e transporte de RSU e varrição. Para o transporte e destinação final de RSU existe um contrato com empresa para destinação em aterro devidamente licenciado pelo órgão ambiental.

O gerenciamento dos RSS e RCC também estão sob a responsabilidade do Serviço Autônomo de Água e Esgoto, não havendo legislação municipal que trata de pequenos e grandes geradores e os serviços de coleta, transporte e destinação final destes resíduos são disponibilizados a todos os usuários sem cobrança pelo serviço.

Atualmente os serviços terceirizados são realizados pelas empresas:

- Disposição final de Resíduos Sólidos Urbanos Domiciliares. Serviço realizado pela RT EMPREENDIMENTOS E SERVIÇOS LTDA.
- Coleta, transporte, tratamento e destinação final de RSS. Serviço realizado pela QUALITAR LIMPEZA E SOLUÇÕES AMBIENTAIS LTDA.
- Coleta e transporte de RSU, Varrição de sarjetas e serviços especiais como capina, roçada, pintura de guias, sarjetas e caixas boca de lobo, dentre outros. Serviço consorciado entre o SAAE de Jaguaré e a QUALITAR LIMPEZA E SOLUÇÕES AMBIENTAIS LTDA,

O principal departamento da Prefeitura Municipal de Jaguaré envolvidos na prestação e administração dos serviços de saneamento do município é o SAAE.

A Figura 4-28 apresenta o fluxograma do gerenciamento de resíduos no município de Jaguaré, por tipologia. Na cor azul estão os processos gerenciados pela Prefeitura Municipal e em verde os serviços prestados por empresas particulares.

populacional baixa e em zonas rurais. A Tabela 4-42 apresenta a porcentagem da população atendida de acordo com a frequência da coleta.

Tabela 4-42 - Estimativa da frequência do serviço de coleta regular.

Percentual da população atendida com frequência diária	50%
Percentual da população atendida com frequência de 2 ou 3 vezes por semana	30%
Percentual da população atendida 1 vez por semana	20%

Fonte: SNIS (2016).

4.8.10.3 Demandas do SLUMRS

As lacunas observadas serão listadas de forma a direcionar as ações que deverão de formuladas nas etapas seguintes do PMGIRS.

Quadro 4-12 - Demandas observadas no diagnóstico de Jaguaré

Demanda	Dimensão da demanda	Prioridade
<u>Limpeza Pública:</u> Os serviços são prestados por uma empresa contratada. Não existem programas e projetos específicos para a limpeza pública como projeto de varrição contemplando mapas de varrição e medição de produtividades dos varredores. Estas lacunas fazem com que os não tenham uma apuração quanto à efetividade dos serviços prestados e recursos utilizados.	Elaboração do plano de varrição que contemple mapas de varrição e medição de produtividade dos varredores.	Curto Prazo
<u>Acondicionamento:</u> Não existem projetos de acondicionamento de resíduos. A maior parte da população dispõe os sacos de lixo em pontos específicos, próximos a suas residências o que favorece a criação de pontos viciados. O projeto de acondicionamento deve prever regras para todas as tipologias de resíduos, considerando pequenos e grandes geradores, bem como regras quanto a localização de pontos fixos de recebimento, mesmo que estes resíduos sejam de responsabilidade do gerador. Desta forma o município propicia uma padronização e facilita a comunicação visual por parte do usuário, bem como pela fiscalização.	Elaboração de projeto de acondicionamento de resíduos.	Curto Prazo
<u>Coleta:</u> O serviço de coleta é bem amplo e feito por 03 caminhões compactadores, porém, devem ser feitas melhorias no controle de percurso e otimização das rotas desses caminhões.	Elaboração de roteiro de Coleta	Curto Prazo
<u>Transporte:</u> Todo o transporte é realizado por empresas contratadas e não é feito o controle de velocidade e percurso por parte do município.	Elaboração de projeto de controle de velocidade e percurso dos caminhões que realizam a coleta	Longo Prazo
<u>Coleta seletiva:</u> A coleta seletiva no município é incipiente e necessita que seja elaborado um projeto de coleta seletiva que abranja todo município.	Elaboração de um projeto de coleta seletiva, adequado a realidade local.	Curto Prazo
<u>Destinação final:</u> A destinação final é realizada de forma adequada em aterro sanitário.	Implementar procedimentos de	Curto Prazo

Demanda	Dimensão da demanda	Prioridade
	pesagem dos resíduos enviados ao aterro.	
<u>Compostagem:</u> Não existe no município sistema de compostagem de resíduos orgânicos e toda esta parcela é destinada para aterro sanitário.	Elaboração de um projeto de compostagem.	Curto Prazo
<u>Inclusão social de catadores:</u> Existe a ACAMARES no município que conta com 05 associados, a renda por associado em média é R\$ 600,00. Estão todos registrados no CAD Único do Governo Federal.	Elaboração de um projeto de coleta seletiva, adequado a realidade local de contar com um número adequado de catadores de materiais reaproveitáveis.	Curto Prazo
<u>Resíduos de Construção Civil:</u> O município faz o gerenciamento dos RCC gerados por meio de contratação de empresa terceirizada que disponibiliza caçambas estacionárias e transporta até o bota fora. Diante este cenário, contata-se que o município não possui legislação que diferencie pequeno e médio gerador, a arca com os custos de uma parcela de geradores que não deveria, os grandes geradores. Além disto, o contrato não leva em consideração a quantidade gerada, pois os resíduos não são pesados, o que não possibilita a avaliação real quanto ao volume gerado e o custo real que deveria ser cobrado. Outra situação observada é o local de disposição de RCC que não atende as normas técnicas, pois não permite o reaproveitamento da parcela reaproveitável dos RCC. Além disto, parte dos resíduos verdes é destinada na mesma área.	Elaboração de uma legislação que diferencie pequeno e médio gerador de RCC. E adequação do local de disposição temporária.	Emergencial
<u>Resíduos de Serviço de Saúde:</u> O município faz o gerenciamento dos RSS gerados no município por meio de contratação de empresa terceirizada que coleta, transporta e dá destinação final aos resíduos. O contrato é por mês de serviço prestado e não leva em consideração a quantidade gerada o que não possibilita a avaliação real quanto ao volume gerado e o custo real que deveria ser cobrado.	Revisão do contrato e elaboração de legislação que diferencie pequeno e médio gerador.	Médio Prazo
<u>Resíduos de responsabilidade dos geradores:</u> O município não tem controle de gestão sobre os resíduos de responsabilidade dos geradores. Não possui legislação e instrumento normativo que indique quais atividades necessitam apresentar os Planos de Gerenciamento de Resíduos, quando licenciados pelo município ou quando são licenciados pelo órgão estadual competente, conforme a competência. Não existe sistema de informação de resíduos.	Elaborar projeto que vise adequação das estruturas do município em termos legislativos, pessoal e infraestrutura que permita o controle sobre o gerenciamento dos resíduos por parte dos geradores.	Emergencial
<u>Resíduos com logística reversa obrigatória:</u> O município não tem controle de gestão sobre os resíduos com logística reversa obrigatória pelo gerador.	Elaborar planejamento de ação em relação ao acompanhamento do cumprimento das obrigatoriedades da logística reversa pelos respectivos responsáveis.	Curto Prazo
<u>Sistematização das informações:</u> Na etapa de coleta de dados verificou-se que os dados não	Implantação de sistema de informação de resíduos que se integre ao SNIR.	Médio Prazo

Demanda	Dimensão da demanda	Prioridade
estão sistematizados, e que parte das informações está sob controle do SAAE.		

Fonte: Autoria própria.

4.8.10.4 Diagnóstico Participativo do SLUMRS

Em reunião de mobilização social os serviços de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos foram avaliados pela população como sendo de regularidade e frequência compatível com a demanda de serviço. A população tem conhecimento do horário da coleta dos resíduos e esta é feita de maneira regular.

As prioridades identificadas pela população para o município de Jaguaré são:

- Fiscalização do recebimento de resíduos especiais pelas lojas vendedoras de produtos;
- Ampliação da Coleta Seletiva;
- Educação Ambiental para conscientização da população;
- Construção de pátio de compostagem;
- Construção de galpão para triagem;
- Destinação adequada dos materiais de construção civil.

4.9 DIAGNÓSTICO DA SAÚDE

Meio ambiente e saúde são indissociáveis. Segundo a Organização Mundial de Saúde, para cada US\$1,00 investido em saneamento, US\$ 4,00 são economizados com o tratamento de doenças correlacionadas a deficiência desta estrutura (OMS. 2014).

A falta de acesso ao esgotamento sanitário, abastecimento de água, manejo de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais urbanas repercutem diretamente na saúde da população e principalmente na qualidade de vida humana. As doenças produzidas pela falta de saneamento básico geram um impacto relevante na saúde pública assim como propiciam os afastamentos dos trabalhadores das atividades laborais (KRONEMBERGER, 2013).

Consoante a Lei orgânica da saúde, o meio ambiente e o saneamento básico são, dentre outros, fatores determinantes e condicionantes para a saúde (BRASIL,

1990). Por isso, compete ao Sistema Único de Saúde (SUS), dentre outras atribuições, participar na elaboração de políticas e execução de ações de saneamento básico (BRASIL, 1988).

A caracterização da situação de saúde do município de Jaguaré possibilita relacionar a situação do saneamento ambiental com os impactos na saúde da população.

4.9.1 Programa Saúde da Família

O Programa de Saúde da Família foi implantado pelo Ministério da Saúde objetivando a reorganização da atenção básica nas comunidades brasileiras. Por não se tratar mais de um programa, o PSF tornou-se Estratégia de Saúde da Família (ESF) e integra o serviço de saúde do município, enriquecendo-o, organizando-o e caracterizando-se como uma estratégia de atenção à saúde integral e resolutive (BRASIL, 2012).

A Unidade Básica de Saúde (UBS) é o contato preferencial dos usuários e a principal porta de entrada do SUS. É instalada próxima da moradia, trabalho e/ou escola dos munícipes para garantir o acesso à população à saúde (BRASIL, 2012).

A atenção básica em Jaguaré é realizada pela ESF com 6 equipes saúde da família e pelo Programa de Agentes de Comunitários de Saúde (PACS). Os agentes comunitários possibilitam a expansão da assistência à saúde da população, uma vez que oferece uma maior cobertura de saúde da coletividade.

A ESF é composta por equipes multiprofissionais. Cada equipe possui médico, enfermeiro, auxiliar ou técnico de enfermagem e agente comunitário de saúde, podendo-se acrescentar o cirurgião dentista e o técnico em saúde bucal. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde do município, todas as unidades saúde da família possuem uma equipe de saúde bucal.

Segundo o plano municipal de saúde, Três equipes da estratégia saúde da família inscritas no Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica – PMAQ-AB sofreram avaliação pelo Ministério da Saúde (MS) em 2013. Tais equipes estão localizadas nas unidades básicas de saúde: Calixto Dagostini

- SEAC, Calixto Dagostini – Irmã Tereza e Central. O PMAQ-AB visa ampliar o acesso e a melhoria da qualidade da atenção básica, garantindo um conjunto de estratégias de qualificação, acompanhamento e avaliação do trabalho das equipes de saúde em todo o território nacional (BRASIL, 2015).

Os programas oferecidos pela atenção básica do município são: programa de saúde bucal, programa de imunização, programa do leite, programa saúde da mulher e planejamento familiar, programa de saúde do homem, programa municipal de saúde mental, programa municipal de DST/AIDS e hepatites virais, programa de hanseníase e tuberculose e o programa de hipertensão e diabetes (HIPERDIA).

4.9.2 Morbidade de doenças relacionadas com a falta de saneamento básico

Na epidemiologia, morbidade refere-se aos indivíduos que adquiriram doenças em um determinado intervalo de tempo. As doenças e agravos decorrentes do saneamento ambiental precário e insatisfatório foram listadas no Quadro 4-13 e ordenadas segundo o capítulo “Algumas Doenças Infecciosas e Parasitárias” da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - 10ª edição (CID 10).

Quadro 4-13 - Doenças relacionadas ao saneamento básico inadequado e o modo de transmissão.

CID10	Doença	Categoria
A00	Cólera	DOENÇAS DE TRANSMISSÃO FECAL-ORAL
A01	Febres tifoide e paratifoide	
A02	Outras infecções por Salmonella	
A03	Shigelose	
A04	Outras Infecções bacterianas	
A06	Amebíase	
A07	Outras Doenças Intestinais por protozoários	
A08	Doenças Intestinais virais, outras e as não especificadas	
B15	Hepatite A	DOENÇAS TRANSMITIDAS POR PICADA DE INSETO
A90	Dengue clássica	
A91	Febre hemorrágica devida ao vírus da dengue	
A95	Febre Amarela	
B55	Leishmaniose	
B74	Filariose	
B50- B54	Malária	

CID10	Doença	Categoria
B57	Doença de Chagas	DOENÇAS TRANSMITIDAS ATRAVÉS DO CONTATO COM A ÁGUA CONTAMINADA
B65	Esquistossomose	
A27	Leptospirose	
A71	Tracoma	DOENÇAS RELACIONADAS À HIGIENE
B35	Dermatofitoses	
B36	Outras micoses superficiais	
B67	Equinococose	DOENÇAS RELACIONADAS A PARASITAS INTESTINAIS
B76	Ancilostomíase	
B77	Ascarídiase	
B78	Estrongiloidíase	
B79	Tricuríase	
B80	Oxiuríase	
B68	Infestação por <i>Taenia</i>	
B69	Cisticercose	

Fonte: Adaptado de Costa et al. (2002).

Essas doenças estão associadas às condições de higiene precárias, condições inadequadas da água para consumo, infestação de insetos e ao esgotamento sanitário impróprio. De acordo com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), as principais enfermidades relacionadas com o saneamento básico ocorridas em Jaguaré nos últimos anos são a dengue e outras infecções bacterianas (Tabela 4-43).

Tabela 4-43 - Morbidade Hospitalar por doenças relacionadas ao saneamento inadequado no município de Jaguaré, 2013-2015.

Agravo	2013	2014	2015	Total
Dengue	8	18	16	42
Outras infecções bacterianas	27	24	25	76
Total	35	42	41	118

Fonte: Ministério da Saúde (2016).

Na Tabela 4-43, encontram-se as doenças que tiveram confirmação das notificações realizadas no sistema de informação, exceto os casos de dengue, que segundo o SINAN, em situações de epidemia nem sempre é possível confirmar todas as ocorrências e por isso, constam todas as notificações registradas no sistema (suspeitas e confirmadas).

A mortalidade no ano de 2014 por doenças infecciosas e parasitárias no município de Jaguaré representa menos de 5% do total de óbitos. O Quadro 4-14 apresenta a mortalidade proporcional segundo a causa do óbito por capítulo da CID 10.

Quadro 4-14 - Mortalidade segundo a causa de óbito por capítulo, 2012 a 2014.

Capítulo CID-10	2012	2013	2014	Total
Algumas doenças infecciosas e parasitárias	4	2	7	13
Neoplasias (tumores)	20	25	19	64

Capítulo CID-10	2012	2013	2014	Total
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários	2	0	0	2
Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	4	6	9	19
Transtornos mentais e comportamentais	2	3	0	5
Doenças do sistema nervoso	4	1	2	7
Doenças do aparelho circulatório	41	44	41	126
Doenças do aparelho respiratório	13	15	17	45
Doenças do aparelho digestivo	4	7	7	18
Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	0	0	0	0
Doenças do aparelho geniturinário	1	2	2	5
Algumas afecções originadas no período perinatal	7	2	3	12
Causas externas de morbidade e mortalidade	29	30	40	99
Total	131	137	147	415

Fonte: Ministério da Saúde (2016).

As condições de saneamento básico, inadequação do destino do lixo, indisponibilidade de água de boa qualidade, a má disposição dos dejetos, bem como o comportamento de higiene pessoal e doméstico são responsáveis pelo aumento da taxa de morbidade e mortalidade na população humana. A seguir discutiremos como alguns desses fatores interferem na relação saúde-doença da população.

4.9.3 Identificação dos fatores causais das enfermidades

A água, o esgotamento sanitário e o manejo de resíduos sólidos compõem um conjunto de determinantes que visam atingir a salubridade ambiental (VALVASSORI, ALEXRANDE, 2012). A dengue e outras infecções bacterianas são doenças que estão relacionadas com a limpeza urbana e o saneamento ambiental ineficaz (BRASIL, 2010).

A dengue é uma doença viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* que, para se reproduzir, utiliza a água parada, seja ela limpa, poluída ou de inundações e enchentes. A dengue foi descrita pela primeira vez no Brasil em 1986 e desde então a doença mante-se em endêmica em todo o território nacional. Alguns fatores explicam a permanência e a expansão do mosquito *Aedes aegypti*, tais como: o processo de urbanização crescente, a eliminação incorreta dos materiais não biodegradáveis, as condições climáticas favoráveis e principalmente a dificuldade dos centros urbanos de manter a coleta e o destino adequado dos

resíduos sólidos causando o aumento da produção de reservatórios para o vetor. Tais situações dificultam a erradicação do mosquito transmissor (BRASIL, 2010).

De acordo com a Tabela 4-43, foi notificado um aumento nos casos de dengue em Jaguaré, correspondendo um aumento de 50%. Diante disso, percebe-se a necessidade de o município intensificar a eliminação de criadouros do mosquito *Aedes aegypti* com o objetivo de manter a infestação do vetor em níveis incompatíveis com a transmissão da doença. Para isso, é necessária a atuação integrada da atenção básica de saúde com o saneamento ambiental. Tal ação deve estar associada às atividades de educação em saúde e mobilização social.

Quanto às outras infecções bacterianas, corresponde à colonização do trato gastrointestinal por bactérias responsáveis por causar o aumento do número de evacuações, podendo estar acompanhada de vômitos, febre e/ou dores abdominais. As espécies mais comuns de bactérias capazes de provocar essas manifestações são: *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Salmonella*, *Shigella* e *Campylobacter*. A contaminação pode ocorrer através do consumo de água contaminada e de alimentos mal preparados ou não higienizados. Tem incidência elevada principalmente em crianças residentes em áreas com precárias condições de saneamento (BRASIL, 2010).

Em Jaguaré, os casos infecção bacteriana se mantiveram estáveis ao longo dos 3 anos analisados. Diante disso, percebe-se a necessidade de medidas de prevenção contínua, individuais e coletivas, bem como a educação em saúde para melhorar as condições higiênico-sanitárias dos munícipes visando à redução da incidência de doenças diarreicas.

4.9.4 Análise das políticas e planos locais de saúde

Segundo o Relatório Anual de Gestão de 2014 de Jaguaré, as ações que tem como propósito a redução da morbimortalidade e a promoção de medidas de controle adequadas das doenças transmissíveis e dos fatores de riscos ambientais se dão por meio da atuação da vigilância em saúde (JAGUARÉ, 2014).

A vigilância em saúde tem como objetivo realizar a análise permanente da situação de saúde da população e em Jaguaré constitui-se em: vigilância sanitária, epidemiológica e ambiental.

Os serviços da vigilância sanitária objetivam eliminar, diminuir ou prevenir os riscos de danos com a saúde resultante da produção e circulação de bens de consumo e serviços que, direta ou indiretamente, se relacionem com a saúde da população (BRASIL, 1990). A vigilância epidemiológica tem o intuito de sugerir medidas de prevenção e controle para doenças ou agravos por meio de ações de detecção das mudanças nos determinantes e condicionantes de saúde individual ou coletiva (BRASIL, 1990). E por fim, a vigilância ambiental em saúde abrange um conjunto de ações com o objetivo de identificar as medidas de prevenção e controle dos fatores de risco ambientais relacionados às doenças ou outros agravos que acometem a saúde humana (MS, 2002).

O município não possui programas mais específicos para doenças relacionadas ao saneamento básico.

4.10 DIAGNÓSTICO DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Para levantamento do Diagnóstico da situação do Saneamento Básico no município de Jaguaré foi realizada uma reunião pública no dia 20 de Junho de 2016, às 8 horas, no Auditório da Prefeitura. Av. 09 de Agosto, nº2326, Bairro Centro. Essa reunião contou com o processo de mobilização social de diferentes atores da sociedade do município, bem como, e, sobretudo, participação de sujeitos estratégicos para a contribuição de informações importantes assim como para a divulgação dos aspectos discutidos em reunião.

Esses sujeitos foram representantes das instituições Educação; CDL; SAAE; IDAF; Associação; Comunidade; Semec; Sec. Planejamento; Câmara Municipal; Sec. Meio Ambiente; Sec. Obras; SEDURB; Sec. Desenvolvimento; Sec. Cidadania; PMJ; totalizando o quantitativo de 51 pessoas. A forma de divulgação e demais elementos da reunião podem ser apreciados em Quadro 4-15.

Quadro 4-15 - Quadro Síntese da reunião de Mobilização da Fase de Diagnóstico Participativo.

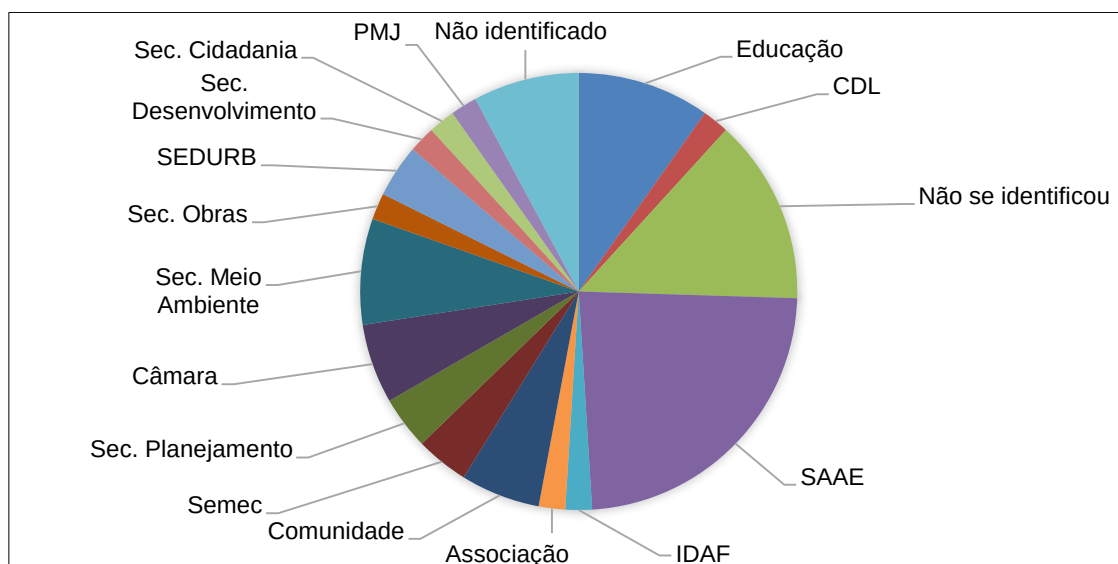
Público: Educação; CDL; SAAE; IDAF; Associação; Comunidade; Semec; Sec.	Nº de Participantes: 51

Planejamento; Câmara Municipal; Sec. Meio Ambiente; Sec. Obras; SEDURB; Sec. Desenvolvimento; Sec. Cidadania; PMJ;	
Formas de Divulgação	Cartazes: 20
	Flyer: 400
	Telefonemas: 15
	Faixa: 01
	Banner: 01
Material utilizado em reunião	Blocos: 51
	Pastas: 51
	Fichas de Avaliação: 51
	Folhas de apresentação do evento: 51
	Canetas: 51

Fonte: Autoria própria.

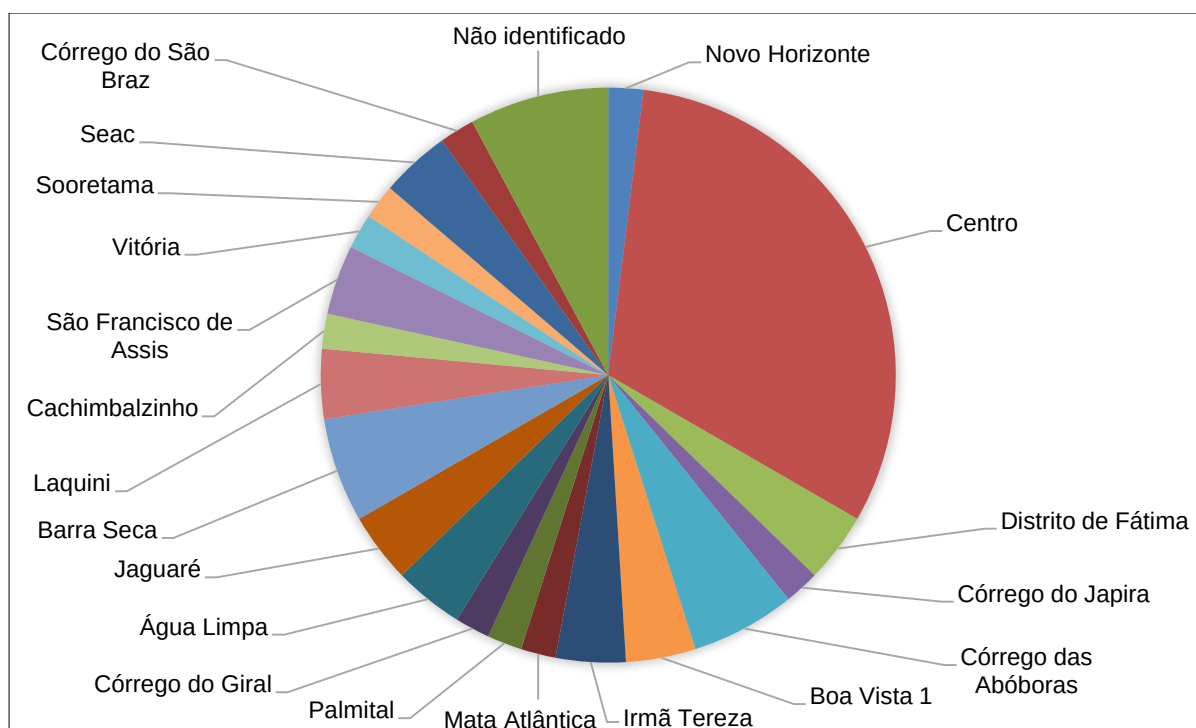
A representatividade de setores da sociedade e de localidades em reunião pode ser visualizada em Figura 4-29 e 4-30:

Figura 4-29 - Representatividade por setores em reunião.



Fonte: Autoria própria.

Figura 4-30 - Representatividade por localidades em reunião.



Fonte: Autoria própria.

Por meio de metodologia de desenvolvimento de mapeamento colaborativo motivado por perguntas geradoras referentes ao Saneamento Básico e que estimulavam a discussão fez-se possível a elaboração do mapa da Figura 4-31.

Figura 4-31 - Mapa colaborativo confeccionado em reunião.



Fonte: Autoria própria.

Além do mapa colaborativo, os presentes em reunião elegeram as prioridades para cada eixo do Saneamento Básico, conforme Quadro 4-16.

Quadro 4-16 - Prioridades eleitas com a população.

Abastecimento de Água	A construção da estrutura ETA do interior; Reflorestamento das nascentes; Aumento da capacidade da reserva de água através de barragens; Ampliação da estrutura da ETA; Fiscalização da distribuição de água e de construção de poços artesianos; Educação ambiental e conscientização em relação ao consumo e reuso de água.
Esgotamento Sanitário	Instalação de fossas sépticas individuais no interior; Expansão da rede de tratamento de esgoto; Tratamento do esgoto.
Drenagem de águas pluviais urbanas	Construção de caixas secas na zona rural; Manutenção e ampliação das redes de drenagem, e, educação Ambiental para conscientização da situação.
Resíduos Sólidos	Fiscalização do recebimento de resíduos especiais pelas lojas vendedoras dos produtos; Ampliação da coleta seletiva; Educação Ambiental para conscientização da população; Construção de pátio de compostagem; Construção de galpão para triagem, e, destinação adequada dos materiais de construção civil.

Fonte: Autoria própria.

4.11 REFERENCIAS

Brasil, Gutemberg Hespanha; Castiglioni, Aurélia Hermínia e Felipe, Carlos Umberto, (2013), **Projeções populacionais para o Espírito Santo: 2015-2030**. Relatório Técnico elaborado para o Plano de Desenvolvimento Espírito Santo 2030 - ES-2030. 171 páginas. Governo/ES. (Disponível em: <http://www.es2030.com.br/>).

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadastro nacional de estabelecimentos de saúde – CNES. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/>. Acesso em 27 de julho de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de informática do sistema único de saúde – DATASUS. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/>. Acesso em: 27 de julho de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças infecciosas e parasitárias. Brasília: 8º Ed., 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 1.645, de 2 de outubro de 2015 – Dispõe sobre o Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB). 2015. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt1645_01_10_2015.html. Acesso em: 19 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância ambiental em saúde. Brasília: FUNASA, 2002

BRASIL. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental Programa de Educação Ambiental e Mobilização Social em Saneamento. **Caderno metodológico para ações de educação ambiental e mobilização social em saneamento**. Brasília, DF: Ministério das Cidades, 2009.

COSTA, A. M. et al. Classificação das doenças relacionadas a um saneamento ambiental inadequado (DRSAI) e os sistemas de informações em saúde no Brasil: Possibilidades e limitações de análise epidemiológica em saúde ambiental. In: XXVIII Congresso Interamericano de Engenharia Sanitária y Ambiental, Cancun, México, 2002.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes e Movimentos de Massa. Jaguaré, 2015.

DIAS, D. M. et al. Morbimortalidade por gastroenterites no Estado do Pará. Rev. Pan-Amaz Saude; v.1; nº1. Ananindeua; mar. 2010. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232010000100008>>

ESPÍRITO SANTO. Instituto Jones dos Santos Neves. Produto Interno Bruto – 2013. Vitória, 2013.

GEOBASES - Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.geobases.es.gov.br/publico/AcessoNavegador.aspx?id=142&nome=NAVEGADOR_GEOBASES>. Acesso em: 10 set. 2016.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos**. Vol.I e II Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – MUNIC. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2013/>>. Acesso em: 12 set. 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra**. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/55U>>. Acesso em 25 de agosto de 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 15 de Junho de 2014.

IBGE (1991). Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1991, (www.ibge.gov.br).

IBGE (2000). Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, (www.ibge.gov.br).

IBGE (2010). Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2010, (www.ibge.gov.br).

IBGE (2011), **Evolução da divisão territorial do Brasil, 1872-2010**, Rio de Janeiro, Documentos para disseminação, 2011.

IBGE (2013a), **Projeções da População, Brasil e Unidades da Federação**, Série Relatórios Metodológicos, Volume 40, 41 p., 2013.

IBGE (2013b), **Projeção da população por sexo e idade: Brasil 2000-2060 e Unidades da Federação 2000-2030**, (Apresentação), IBGE / DPE / COPIS, Rio de Janeiro – 29 de Agosto de 2013, 49 slides.

IBGE (2014). Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2014. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS.

IBGE (2015). Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2015. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS.

IBGE, Cidades@: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades do Espírito Santo. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/24P> acesso em 11 de Setembro de 2016.

IEMA - Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Atlas de Vulnerabilidade às Inundações do Estado do Espírito Santo. 2013.

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves (Org.). ES em Mapas. 2010. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=109>. Acesso em: 06 set. 2016.

JAGUARÉ. Plano Municipal de Saúde 2014-2017. Secretaria Municipal de Saúde, 2014.a

JAGUARÉ. Relatório de Gestão de 2014. Secretaria Municipal de Saúde, 2014.b

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da Práxis**. 3ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KRONEMBERGER, D. Análise dos impactos na saúde e no Sistema Único de Saúde decorrentes de agravos relacionados a um esgotamento sanitário inadequado dos 100 maiores municípios brasileiros no período 2008-2011. Relatório Final. 2013. Disponível em: <<http://www.tratabrasil.org.br/datafiles/uploads/drsai/Relatorio-FinalTrata-Brasil-Denise-Versao-FINAL.pdf>> Acesso em 30 de julho de 2016.

Lagesa (2016), Plano de Trabalho para a Elaboração dos Planos Municipais de Saneamento Básico e Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMSB/PMGIRS) para os municípios de Alegre, Castelo, Conceição da Barra, Domingos Martins, Iúna, Jaguaré, Marataízes, Muniz Freire, Muqui, Nova Venécia, Pinheiros e Sooretama, Universidade Federal do Espírito Santo/Centro Tecnológico, Mestrado Profissional em Engenharia e Desenvolvimento Sustentável, 2016, 157 páginas.

Madeira, João Lira e Simões, Celso Cardoso da Silva (1972). **Estimativas preliminares da população urbana e rural segundo as unidades da federação, de 1960/1980 por uma nova metodologia**. Revista Brasileira de Estatística, v.33, n.129, p.3-11, jan./mar. 1972.

Organização Mundial da Saúde. CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1

PEZEE-ES. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico no Estado do Espírito Santo. Relatório III. Convênio n.º 013/2008. 2010. Disponível em: <http://www.meioambiente.es.gov.br/download/Relatorio_III_Diagnostico_Geobiologico.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

PNUD (2013), **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro**. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2013.96 p. – (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013). (Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>).

PNUD (2013), **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro**. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2013.96 p. – (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013). (Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>).

ROLNIK, Raquel. **É possível uma política urbana contra a exclusão?** in Revista Serviço Social e Sociedade nº72. Ano XXIII. São Paulo: Cortez, 2002.

TRASPADINE, Roberta. **A educação política**. Enecop: 2009. Disponível em <http://listas.enec.org.br/pipermail/enec-attachments/20090810/697a7184/attachment-0001.htm>. Acesso em 20/01/2012

TUCCI, C.E.M. Drenagem Urbana. Cienc. Cult. [online]. 2003. Em:<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000400020>. Acesso em 08 set. 2016.

VALVASSORI, M. L; ALEXRANDE, N. Z. Aplicação do Indicador de Salubridade Ambiental (ISA) para áreas urbanas. Rev. Brasileira de Ciências Ambientais. Nº 25. Set. 2012. Disponível em <abes-dn.org.br/publicacoes/rbciamb/PDFs/25-03_Materia_1_artigos321.pdf> Acesso em: 10 ago 2016.

5 PROGNÓSTICOS E ALTERNATIVAS PARA A UNIVERSALIZAÇÃO, CONDICIONANTES, DIRETRIZES, OBJETIVOS E METAS

O presente Prognóstico tem por objetivo identificar, dimensionar, analisar e prever a implementação de alternativas de intervenção, visando o atendimento das demandas e prioridades da sociedade.

Esta etapa envolve a formulação de estratégias para alcançar os objetivos, diretrizes e metas definidas para o PMSB, incluindo a organização ou adequação das estruturas municipais para o planejamento, a prestação de serviço, a regulação, a fiscalização e o controle social, ou ainda, a assistência técnica e, quando for o caso, a promoção da gestão associada, via convênio de cooperação ou consórcio intermunicipal, para o desempenho de uma ou mais destas funções.

É indiscutível a importância da fase de Diagnóstico da Situação do Saneamento Básico, no entanto, será na fase de Prognósticos e Alternativas para a Universalização, Condicionantes, Diretrizes, Objetivos e Metas onde serão efetivamente elaboradas as estratégias de atuação para melhoria das condições dos serviços saneamento para o município. A prospectiva estratégica requer um conjunto de técnicas sobre a resolução de problemas perante a complexidade, a incerteza, os riscos e os conflitos, devidamente caracterizados.

Os cenários da evolução dos sistemas de saneamento para o PMSB do município serão construídos para um horizonte de tempo de 20 anos. Com base nestes elementos e considerando outras condicionantes como ameaças e oportunidades, os cenários serão construídos configurando as seguintes situações: a tendência, a situação possível e a situação desejável.

A partir dos cenários admissíveis, serão propostos os objetivos gerais e específicos, a partir dos quais serão estabelecidos os planos de metas de emergência e contingência, de curto, médio e longo prazos para alcançá-los. As diretrizes, alternativas, objetivos e metas, programas e ações do PMSB contemplarão definições com o detalhamento adequado e suficiente para que seja possível formular os projetos técnicos e operacionais para a sua implementação.

Essas alternativas deverão ser discutidas e pactuadas a partir das reuniões de mobilização nas comunidades, levando em consideração critérios definidos, previamente, tais como:

- Atendimento ao objetivo principal;
- Custos de implantação;
- Impacto da medida quanto aos aspectos de salubridade ambiental;
- Além do grau de aceitação pela população.

A análise custo-efetividade é utilizada quando não é possível ou desejável considerar o valor monetário dos benefícios provenientes das alternativas em análise, comparando os custos de alternativas capazes de alcançar os mesmos benefícios ou um dado objetivo. A análise custo-benefício fornece uma orientação à tomada de decisão quando se dispõe de várias alternativas diferentes, sob o critério de maior eficiência econômica entre os custos e benefícios estimados.

5.1 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA)

5.1.1 Estimativa das Demandas do SAA

O prognóstico visa determinar os objetivos e metas para atendimento ao plano dentro do horizonte estabelecido, no caso, 20 anos. Além disso, visa a expectativa de universalização de 100% dos serviços de abastecimento de água nas áreas urbanas e rurais do município até o final dos 20 anos.

No município de Jaguaré, foi levantado na fase de diagnóstico que os sistemas de abastecimento de água operados pelo SAAE totalizam 3 unidades principais denominadas Sede, Barra Seca (Barra Seca, São Roque e Água Limpa) e Nossa Senhora de Fátima.

Em vista disso, ao analisar o diagnóstico do município apresentado, foram identificadas algumas demandas existentes na área de abastecimento de água:

- Implantar monitoramento da água bruta e tratada,
- Obter as vazões de outorga e de projeto das unidades que compõem os sistemas de abastecimento de água

- Prever o licenciamento de todas as unidades dos sistemas de abastecimento de água e obtenção das referidas outorgas para os sistemas,
- Resgatar informações importantes sobre o funcionamento dos sistemas como vazões de projeto, vazão efetivamente captada, vazão efetivamente distribuída, população abastecida, extensão da rede de abastecimento e sua composição.

5.1.1.1 Construção de Cenários e Evolução – Prospectiva de Planejamento Estratégico – PPE

Parâmetros de Projeção das Demandas

Considerando que o planejamento das ações deverá acontecer para um horizonte de 20 anos, as demandas e respectivas ações necessárias para atendimento às metas propostas estão estratificadas em horizontes parciais de tempo:

- Imediatos ou emergenciais – até 3 anos;
- Curto prazo – entre 4 a 8 anos;
- Médio prazo – entre 9 a 12 anos;
- Longo prazo – entre 13 a 20 anos.

Para estimar as demandas de água foram adotados os seguintes parâmetros e critérios:

- Consumo médio per capita do município é de 195 L/hab.dia;
- Coeficiente de máxima vazão diária (K1): 1,2;
- Coeficiente de máxima vazão horária (K2): 1,5;
- Cálculo da demanda será restrito à demanda doméstica devido à falta de informações sobre grandes consumidores no município.

Projeções Futuras das Demandas por Abastecimento de Água

A demanda pelo serviço, em termos de vazão necessária para atendimento, foi estimada considerando uma projeção populacional com base nos dados censitários do IBGE dos anos de 2000 e 2010.

Para a estimativa da vazão de água no horizonte de 20 anos foram realizados cálculos das vazões considerando apenas o cenário de taxa média de crescimento populacional e demanda para 24 h/dia, conforme as formulações abaixo.

$$\text{Vazão média: } Q_{\text{méd}} = \frac{P \times q}{86400}, \text{ em L/s;}$$

$$\text{Vazão máxima diária: } Q_{\text{máx}} = Q_{\text{méd}} \times K_1, \text{ em L/s;}$$

$$\text{Vazão máxima horária: } Q_{\text{máxh}} = Q_{\text{méd}} \times K_1 \times K_2, \text{ em L/s.}$$

Onde:

P= População de projeto segundo o cenário de crescimento média (hab);

q= Consumo per capita (L/hab.dia);

K₁= Coeficiente do dia de maior consumo: 1,2;

K₂= Coeficiente da hora de maior consumo: 1,5;

Perdas na produção (ETA): 5%

Estimativa de demanda – Urbana

A projeção de demanda de vazão para a área urbana foi realizada utilizando-se o consumo per capita de 195,00 (L/hab/dia) e o índice de perdas total no sistema de 40,0%. Os resultados da projeção de demanda urbana dos distritos Sede, Barra Seca e Nossa Senhora de Fátima são apresentados na Tabela 5-1, considerando-se a universalização dos serviços.

Tabela 5-1 - Estimativa de demanda urbana.

Ano	Estimativa de Demanda Urbana					
	Sede		Barra Seca		Nossa Senhora de Fátima	
	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)
0	13.965	31,0	1.053	1,7	988	1,6
1	14.162	31,6	1.068	1,7	1.002	1,6
2	14.364	32,1	1.083	1,8	1.017	1,7
3	14.567	32,5	1.098	1,8	1.031	1,7

Ano	Estimativa de Demanda Urbana					
	Sede		Barra Seca		Nossa Senhora de Fátima	
	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)
4	14.726	33,2	1.110	1,9	1.043	1,8
5	14.887	33,6	1.122	1,9	1.054	1,8
6	15.048	34,0	1.134	2,0	1.065	1,9
7	15.212	34,3	1.147	2,0	1.077	1,9
8	15.378	34,7	1.159	2,1	1.089	2,0
9	15.493	35,0	1.168	2,2	1.097	2,1
10	15.609	35,2	1.177	2,2	1.105	2,1
11	15.726	35,5	1.185	2,3	1.113	2,2
12	15.844	35,8	1.194	2,3	1.122	2,2
13	15.963	36,0	1.203	2,4	1.130	2,3
14	16.035	36,2	1.209	2,5	1.135	2,3
15	16.106	36,4	1.214	2,5	1.140	2,4
16	16.179	36,5	1.219	2,6	1.145	2,4
17	16.251	36,7	1.225	2,6	1.150	2,5
18	16.324	36,8	1.230	2,7	1.156	2,5
19	16.364	36,9	1.233	2,7	1.158	2,6
20	16.403	37,0	1.236	2,8	1.161	2,6

Fonte: Autoria própria.

Estimativa de demanda – Rural

A projeção de demanda de vazão para a área rural foi realizada utilizando consumo per capita de 195 (L/hab.dia) e o índice de perdas total de 25%. Os resultados das demandas rurais dos distritos Sede, Barra Seca e Nossa Senhora de Fátima são apresentados na Tabela 5-2.

Tabela 5-2 - Estimativa de demanda rural.

Ano	Estimativa de Demanda Urbana					
	Sede		Barra Seca		Nossa Senhora de Fátima	
	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)
0	4.605	7,3	5.506	8,7	1.571	2,5
1	4.671	7,4	5.584	8,8	1.593	2,5
2	4.737	7,7	5.664	9,2	1.615	2,6
3	4.804	7,9	5.744	9,5	1.639	2,7
4	4.857	8,2	5.807	9,8	1.656	2,8
5	4.909	8,4	5.870	10,1	1.674	2,9
6	4.963	8,7	5.934	10,4	1.693	3,0
7	5.017	8,9	5.998	10,7	1.711	3,1
8	5.071	9,3	6.064	11,1	1.729	3,2
9	5.110	9,6	6.109	11,4	1.742	3,3
10	5.148	9,8	6.155	11,7	1.756	3,3
11	5.186	10,1	6.202	12,0	1.769	3,4
12	5.225	10,3	6.248	12,3	1.782	3,5
13	5.265	10,6	6.295	12,6	1.795	3,6
14	5.288	10,9	6.322	13,0	1.804	3,7
15	5.312	11,0	6.351	13,2	1.812	3,8

Ano	Estimativa de Demanda Urbana					
	Sede		Barra Seca		Nossa Senhora de Fátima	
	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)	P _{urb} (hab.)	Q _{méd} (L/s)
16	5.336	11,3	6.380	13,5	1.820	3,9
17	5.360	11,5	6.408	13,7	1.828	3,9
18	5.384	11,8	6.437	14,1	1.836	4,0
19	5.396	11,9	6.453	14,3	1.841	4,1
20	5.410	12,2	6.468	14,6	1.845	4,2

Fonte: Autoria própria.

5.1.1.2 Disponibilidade Hídrica dos Mananciais

O monitoramento de quantidade de água é conduzido a partir de limitado número de estações fluviométricas, distribuídas espacialmente de forma heterogênea. As referidas estações normalmente correspondem a bacias de drenagem de médio e grande porte, possuem séries históricas de diferentes extensões e não permitem a condução da análise regional consistente de vazões ou a estimativa de disponibilidade hídrica em pequenas bacias hidrográficas. O monitoramento da qualidade de água não está integrado ao monitoramento do regime de vazões e é normalmente realizado em cursos de água de maior expressão e realizado com baixa frequência.

Conforme verificado na etapa de diagnóstico, os rios do município apresentam vazões incompatíveis com as necessidades de captação para atendimento da população há pelo menos 1,5 anos, mesmo com os pontos de captação com barramento. Dessa forma, a alternativa para o abastecimento gera a necessidade de captação em poços para atender a demanda de água da população que era atendida pela captação superficial. Não foram apresentados estudos da capacidade dos poços do município.

Para o distrito de Fátima, o córrego ainda atende à demanda pela vazão apresentada ao longo do ano. Nos demais distritos do município não foi informado acerca da disponibilidade hídrica.

5.1.2 Alternativas Atendimento das Demandas do SAA

5.1.2.1 Distrito Sede – Demanda Urbana

Sendo o índice de atendimento urbano de 99%, traçou-se uma hipótese de que essa variável se elevará até atingir 100% da população atendida (Tabela 5-3).

Tabela 5-3 - Cenário para evolução do índice de atendimento.

Prazo	Imediato		Curto Prazo		Médio Prazo		Longo Prazo	
Ano	Ano 1	Ano 3	Ano 4	Ano 8	Ano 9	Ano 12	Ano 13	Ano 20
Atendimento (%)	99	99	100	100	100	100	100	100

Fonte: Autoria própria.

O município de Jaguaré apresenta um índice per capita de 195L/hab.dia. Dessa forma, será considerado um consumo per capita mínimo de 156 litros diários de água, a ser atingido no Ano 20. Isso porque decidiu-se adotar uma postura conservadora e admitir uma redução de 20% neste índice, conforme cenário da Tabela 5-4 relativo à demanda urbana do distrito Sede.

Tabela 5-4 - Cenário para evolução consumo per capita.

Prazo	Imediato		Curto Prazo		Médio Prazo		Longo Prazo	
Ano	Ano 1	Ano 3	Ano 4	Ano 8	Ano 9	Ano 12	Ano 13	Ano 20
Consumo (L/hab.dia)	195	191	189	181	179	177	170	156

Fonte: Autoria própria.

O índice de perda na distribuição do município em 2014 foi de 40,0%, o qual deverá ser reduzido ao longo da projeção dos anos. Estimou-se então, para esta variável, que é possível reduzir seu valor em 20% até o final do plano, admitindo uma redução gradativa atingindo o índice de para 32% no Ano 20.

Tabela 5-5 - Cenário para evolução do índice de perdas.

Prazo	Imediato		Curto Prazo		Médio Prazo		Longo Prazo	
Ano	Ano 1	Ano 3	Ano 4	Ano 8	Ano 9	Ano 12	Ano 13	Ano 20
Perdas (%)	40,0	39	39	37	37	35	35	32

Fonte: Autoria própria.

5.1.2.2 Demais distritos - Demanda urbana

Aplicam-se para as áreas urbanas de todos os distritos os valores previstos nas Tabelas 5-4 e 5-5, ou seja, redução do consumo per capita para 156

litros/habitante/dia até o Ano 20 e redução do índice de perdas para 32%. Já o fornecimento de água à população, cujo índice atual é de 70% terá sua universalização apenas no Ano 20.

5.1.2.3 Todos os distritos - Demanda rural

Para as áreas rurais dos distritos admitiu-se um atendimento no Ano 0 de 70% com uma estratégia de evolução no atendimento para universalização no Ano 20, conforme ilustra Tabela 5-6.

Tabela 5-6 - Cenário para evolução do índice de atendimento nas áreas rurais dos distritos.

Prazo	Imediato		Curto Prazo		Médio Prazo		Longo Prazo	
Ano	Ano 1	Ano 3	Ano 4	Ano 8	Ano 9	Ano 12	Ano 13	Ano 20
Atendimento (%)	70	73	75	81	83	87	89	100

Fonte: Autoria própria.

Quanto à evolução do consumo per capita adotou-se os mesmos valores constantes na Tabela 5-4.

Para o índice de perdas, como, em sua maioria, deverão ser implantados sistemas novos, admitiu-se um índice 25%.

5.1.2.4 Objetivos e Metas

O Quadro 5-1 apresenta os objetivos e metas pretendidos com a implantação do PMSB para atendimento das demandas do município de Jaguaré.

Quadro 5-1 - Objetivos e metas para o município de Jaguaré.

Água				
Informações gerais	Demanda	Solução	Metas (prazo)	Prioridade
	Índice de atendimento de 70% da população (rural)	Atender 100% da população	Longo	Alta
	Índice de atendimento de 99% da população (urbana)	Atender 100% da população	Médio	Alta
	Índice de perdas na distribuição de 40%	Reduzir índice de perdas até o final do plano para 32%	Longo	Alta
	Índice de perdas no faturamento de 40%	Reduzir índice de perdas em 30% até o final de plano	Longo	Média
	Consumo per capita: 195 L/hab.dia	Reduzir consumo <i>per capita</i> em 30% até o final do plano, limitado à 156 L/hab/dia	Longo	Alta
	Não há informações acerca de outorga para captação de água no município	Regularização e/ou divulgação da situação das outorgas das captações	Curto	Média
	Não há informações acerca do licenciamento das unidades do SAA do município	Regularização e/ou divulgação da situação do licenciamento das unidades do SAA	Curto	Média
	Não há informações acerca de EEAB de todo o município	Levantamento e/ou divulgação de informações a respeito da EEAB Prever necessidade de manutenção	Curto	Média
	Não há informações acerca das adutoras de água tratada de todo o município	Levantamento de informações de localização, comprimento, material e diâmetro das adutoras de água tratada existentes	Curto	Média
	Não há informações acerca das adutoras de água bruta nos distritos	Levantamento de informações de localização, comprimento, material e diâmetro das adutoras de água bruta existentes	Curto	Média
	Não há informações a respeito do comprimento de rede dos distritos	Levantamento de informações de comprimento das redes, assim como material e diâmetro. Elaboração e/ou atualização de cadastro georreferenciado de redes	Curto	Média
	Dificuldade quanto aos nomes das localidades atendidas por cada sistema	Mapeamento das áreas atendidas por cada sistema	Curto	Média

Distrito	Perímetro urbano/ Comunidade	Demanda	Solução		
Sede	Sede	Não há sistema de monitoramento de água bruta	Implantar sistema de monitoramento da água bruta	Curto	Média
		Não há informações sobre a vazão outorgada para captação	Regularização e/ou divulgação da situação da outorga de captação	Curto	Média
		Não há informações sobre a vazão de projeto da ETA;	Levantamento de informações a respeito da vazão de projeto da ETA	Curto	Média
		Não há informações sobre a potência das bombas da EEAT e nem de seu tempo de funcionamento	Levantamento e/ou divulgação de informações a respeito da EEAT Prever necessidade de manutenção	Curto	Média
		Não há informações sobre o número de atendimentos	Levantamento de informações a respeito do número de atendimentos	Curto	Média
Barra Seca	Barra Seca	Não há sistema de monitoramento de água bruta	Implantar sistema de monitoramento da água bruta	Curto	Média
		O sistema de abastecimento de água é muito antigo e encontra-se em mau estado de conservação	Manutenção e/ou substituição de unidades do SAA	Médio	Alta
		Não há informações sobre a vazão outorgada para captação	Regularização e/ou divulgação da situação da outorga de captação	Curto	Média
		Não há informações sobre a vazão de operação nem o tempo de funcionamento da ETA	Levantamento de informações a respeito do tempo de funcionamento e da vazão de operação da ETA	Curto	Média
		Não há informações sobre a potência das bombas da EEAT e nem de seu tempo de funcionamento	Levantamento e/ou divulgação de informações a respeito da EEAT Prever necessidade de manutenção	Curto	Média
	São Roque	Não há sistema de tratamento de água	Implantar sistema de tratamento da água, assim como o monitoramento de sua qualidade	Curto	Alta
		Não há sistema de monitoramento de água bruta	Implantar sistema de monitoramento da água bruta	Curto	Média
		Não há informações sobre a vazão outorgada nem da vazão de captação	Regularização e/ou divulgação da situação da outorga de captação Levantamento de informações a respeito da vazão que é captada	Curto	Média
		Não há informações sobre o número de atendimentos;	Levantamento de informações a respeito do número de atendimentos;	Curto	Média

	Água Limpa	A ETA encontra-se em mau estado de conservação e a cerca em seu entorno apresenta falhas	Manutenção na estrutura física da ETA Construção de estrutura física no entorno da área do reservatório que restrinja a entrada de pessoas não autorizadas e animais	Médio	Alta
		Não há monitoramento de água bruta	Implantar sistema de monitoramento da água bruta	Curto	Média
		Não há informações sobre o tempo de funcionamento da ETA	Levantamento de informações a respeito do tempo de funcionamento da ETA	Curto	Média
		Não há informações sobre o tempo de funcionamento das bombas da EEAT	Levantamento e/ou divulgação de informações a respeito da EEAT Prever necessidade de manutenção	Curto	Média
		Não há informações sobre o número de atendimentos	Levantamento de informações a respeito do número de atendimentos	Curto	Média
N. S. Fátima	N. S. Fátima	A ETA encontra-se em mau estado de conservação	Manutenção na estrutura física da ETA	Médio	Alta
		Não há monitoramento de água bruta	Implantar sistema de monitoramento da água bruta	Curto	Média
		Não há informações sobre a vazão outorgada nem da vazão de captação	Regularização e/ou divulgação da situação da outorga de captação Levantamento de informações a respeito da vazão que é captada	Curto	Média
		Não há informações sobre a vazão de operação e o tempo de funcionamento da ETA	Levantamento de informações a respeito do tempo de funcionamento e da vazão de operação da ETA	Curto	Média
		Não há informações sobre a potência das bombas da EEAT e nem de seu tempo de funcionamento	Levantamento e/ou divulgação de informações a respeito da EEAT Prever necessidade de manutenção	Curto	Média

Fonte: Autoria própria.

5.1.2.5 Alternativas para as demandas

Considerando o padrão de crescimento médio da população são apresentados 4 cenários de alternativas para o atendimento das demandas urbanas, considerada a universalização do serviço de abastecimento de água, o qual deve ocorrer no início do médio prazo (Ano 10) e para as áreas rurais apenas ao final de plano (Ano 20):

- Cenário 1: manutenção do consumo per capita e do índice de perdas;
- Cenário 2: redução do consumo per capita e manutenção do índice de perdas;
- Cenário 3: manutenção do consumo per capita e redução do índice de perdas;
- Cenário 4: redução do consumo per capita e do índice de perdas.

Para atendimento das demandas rurais foram previstos 2 cenários de alternativas, sendo eles:

- Cenário 1: manutenção do consumo per capita e do índice de perdas;
- Cenário 2: redução do consumo per capita e manutenção do índice de perdas;

Para o cálculo dos cenários foram consideradas as seguintes variáveis:

$$\text{Vazão média: } Q_{\text{méd}} = \frac{P \times q}{86400}, \text{ em L/s;}$$

Vazão de captação (adutora de água bruta):

$$Q_{\text{prod}} = (Q_{\text{méd}} \times K_1 \times \% \text{Atendimento}) \times ((1 + \% \text{IDP} + \text{Perda da ETA}), \text{ em L/s;}$$

Vazão da adutora de água tratada:

$$Q_{\text{aat}} = (Q_{\text{méd}} \times K_1 \times \% \text{Atendimento}) \times ((1 + \% \text{IDP}), \text{ em L/s;}$$

Vazão doméstica:

$$Q_{\text{dom}} = Q_{\text{méd}} \times K_1 \times K_2, \text{ em L/s}$$

Vazão para a rede:

$$Q_{\text{rede}} = Q_{\text{dom}} \times (1 + \% \text{IDP}), \text{ em L/s.}$$

Distrito Sede – Demanda Urbana

Com base nas variáveis ilustradas anteriormente apresenta-se na Tabelas 5-7, 5-8, 5-9 e 5-10 as estimativas de produção para atender a demanda do serviço de abastecimento de água no sistema da sede de Jaguaré ao longo do horizonte de planejamento, no cenário de crescimento populacional médio.

Tabela 5-7 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 1.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Q_{prod}	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Q_{aat}	Demanda Doméstica (L/s) – Q_{dom}	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	13.965	98,5	195	31,0	40	54,0	52,2	55,9	78,2
Ano 1	14.162	99,0	195	31,6	40	55,1	53,2	57,0	79,7
Ano 2	14.364	99,0	195	32,1	40	55,8	53,9	57,8	80,9
Ano 3	14.567	99,0	195	32,5	40	56,6	54,7	58,6	82,0
Ano 4	14.726	100,0	195	33,2	40	57,8	55,8	59,8	83,8
Ano 5	14.887	100,0	195	33,6	40	58,5	56,4	60,5	84,7
Ano 6	15.048	100,0	195	34,0	40	59,1	57,1	61,1	85,6
Ano 7	15.212	100,0	195	34,3	40	59,7	57,7	61,8	86,5
Ano 8	15.378	100,0	195	34,7	40	60,4	58,3	62,5	87,5
Ano 9	15.493	100,0	195	35,0	40	60,8	58,7	62,9	88,1
Ano 10	15.609	100,0	195	35,2	40	61,3	59,2	63,4	88,8
Ano 11	15.726	100,0	195	35,5	40	61,8	59,6	63,9	89,4
Ano 12	15.844	100,0	195	35,8	40	62,2	60,1	64,4	90,1
Ano 13	15.963	100,0	195	36,0	40	62,7	60,5	64,8	90,8
Ano 14	16.035	100,0	195	36,2	40	63,0	60,8	65,1	91,2
Ano 15	16.106	100,0	195	36,4	40	63,2	61,1	65,4	91,6
Ano 16	16.179	100,0	195	36,5	40	63,5	61,3	65,7	92,0
Ano 17	16.251	100,0	195	36,7	40	63,8	61,6	66,0	92,4
Ano 18	16.324	100,0	195	36,8	40	64,1	61,9	66,3	92,8
Ano 19	16.364	100,0	195	36,9	40	64,3	62,0	66,5	93,1
Ano 20	16.403	100,0	195	37,0	40	64,4	62,2	66,6	93,3

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-8 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 2.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Qprod	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Qaat	Demanda Doméstica (L/s) – Qdom	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	13.965	98,5	195	31,0	40	54,0	52,2	55,9	78,2
Ano 1	14.162	99,0	195	31,6	40	55,1	53,2	57,0	79,7
Ano 2	14.364	99,0	193	31,8	40	55,3	53,4	57,2	80,0
Ano 3	14.567	99,0	191	31,9	40	55,5	53,6	57,4	80,3
Ano 4	14.726	100,0	189	32,2	40	56,1	54,1	58,0	81,2
Ano 5	14.887	100,0	187	32,2	40	56,1	54,1	58,0	81,2
Ano 6	15.048	100,0	185	32,2	40	56,1	54,1	58,0	81,2
Ano 7	15.212	100,0	183	32,2	40	56,1	54,1	58,0	81,2
Ano 8	15.378	100,0	181	32,2	40	56,1	54,1	58,0	81,2
Ano 9	15.493	100,0	179	32,1	40	55,9	53,9	57,8	80,9
Ano 10	15.609	100,0	177	32,0	40	55,6	53,7	57,6	80,6
Ano 11	15.726	100,0	174	31,7	40	55,1	53,2	57,0	79,8
Ano 12	15.844	100,0	172	31,5	40	54,9	53,0	56,8	79,5
Ano 13	15.963	100,0	170	31,4	40	54,7	52,8	56,5	79,1
Ano 14	16.035	100,0	168	31,2	40	54,3	52,4	56,1	78,6
Ano 15	16.106	100,0	166	30,9	40	53,8	52,0	55,7	78,0
Ano 16	16.179	100,0	164	30,7	40	53,4	51,6	55,3	77,4
Ano 17	16.251	100,0	162	30,5	40	53,0	51,2	54,8	76,8
Ano 18	16.324	100,0	160	30,2	40	52,6	50,8	54,4	76,2
Ano 19	16.364	100,0	158	29,9	40	52,1	50,3	53,9	75,4
Ano 20	16.403	100,0	156	29,6	40	51,5	49,8	53,3	74,6

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-9 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 3.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Q_{prod}	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Q_{aat}	Demanda Doméstica (L/s) – Q_{dom}	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	13.965	98,5	195	31,0	40	54,0	52,2	55,9	78,2
Ano 1	14.162	99,0	195	31,6	40	55,1	53,2	57,0	79,7
Ano 2	14.364	99,0	195	32,1	40	55,8	53,9	57,8	80,9
Ano 3	14.567	99,0	195	32,5	39	56,2	54,3	58,6	81,4
Ano 4	14.726	100,0	195	33,2	39	57,4	55,4	59,8	83,2
Ano 5	14.887	100,0	195	33,6	38	57,7	55,6	60,5	83,5
Ano 6	15.048	100,0	195	34,0	38	58,3	56,2	61,1	84,4
Ano 7	15.212	100,0	195	34,3	37	58,5	56,4	61,8	84,7
Ano 8	15.378	100,0	195	34,7	37	59,1	57,1	62,5	85,6
Ano 9	15.493	100,0	195	35,0	37	59,6	57,5	62,9	86,2
Ano 10	15.609	100,0	195	35,2	36	59,6	57,5	63,4	86,2
Ano 11	15.726	100,0	195	35,5	36	60,1	57,9	63,9	86,9
Ano 12	15.844	100,0	195	35,8	35	60,1	57,9	64,4	86,9
Ano 13	15.963	100,0	195	36,0	35	60,5	58,4	64,8	87,5
Ano 14	16.035	100,0	195	36,2	35	60,8	58,6	65,1	87,9
Ano 15	16.106	100,0	195	36,4	34	60,6	58,5	65,4	87,7
Ano 16	16.179	100,0	195	36,5	34	60,9	58,7	65,7	88,1
Ano 17	16.251	100,0	195	36,7	33	60,7	58,5	66,0	87,8
Ano 18	16.324	100,0	195	36,8	33	61,0	58,8	66,3	88,2
Ano 19	16.364	100,0	195	36,9	32	60,7	58,5	66,5	87,8
Ano 20	16.403	100,0	195	37,0	32	60,9	58,6	67	88

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-10 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana do sistema sede – Crescimento populacional médio – Cenário 4.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Qprod	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Qaat	Demanda Doméstica (L/s) – Qdom	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	13.965	98,5	195	31,0	40	54,0	52,2	55,9	78,2
Ano 1	14.162	99,0	195	31,6	40	55,1	53,2	57,0	79,7
Ano 2	14.364	99,0	193	31,8	40	55,3	53,4	57,2	80,0
Ano 3	14.567	99,0	191	31,9	39	55,1	53,2	57,4	79,8
Ano 4	14.726	100,0	189	32,2	39	55,7	53,7	58,0	80,6
Ano 5	14.887	100,0	187	32,2	38	55,3	53,4	58,0	80,0
Ano 6	15.048	100,0	185	32,2	38	55,3	53,4	58,0	80,0
Ano 7	15.212	100,0	183	32,2	37	54,9	53,0	58,0	79,5
Ano 8	15.378	100,0	181	32,2	37	54,9	53,0	58,0	79,4
Ano 9	15.493	100,0	179	32,1	37	54,7	52,8	57,8	79,2
Ano 10	15.609	100,0	177	32,0	36	54,1	52,2	57,6	78,3
Ano 11	15.726	100,0	174	31,7	36	53,6	51,7	57,0	77,5
Ano 12	15.844	100,0	172	31,5	35	53,0	51,1	56,8	76,6
Ano 13	15.963	100,0	170	31,4	35	52,8	50,9	56,5	76,3
Ano 14	16.035	100,0	168	31,2	35	52,4	50,5	56,1	75,8
Ano 15	16.106	100,0	166	30,9	34	51,6	49,8	55,7	74,6
Ano 16	16.179	100,0	164	30,7	34	51,2	49,4	55,3	74,1
Ano 17	16.251	100,0	162	30,5	33	50,5	48,6	54,8	72,9
Ano 18	16.324	100,0	160	30,2	33	50,1	48,2	54,4	72,4
Ano 19	16.364	100,0	158	29,9	32	49,2	47,4	53,9	71,1
Ano 20	16.403	100,0	156	29,6	32	48,7	46,9	53,3	70,4

Fonte: Autoria própria.

Através da análise dos Quadros que objetivam o atendimento à universalização dos serviços de água da Sede do Município de Jaguaré, são verificadas as seguintes situações para os cenários propostos:

- Cenário 1 (manutenção do consumo per capita e do índice de perdas): Neste cenário a vazão máxima demandada é de 64,4 L/s.
- Cenário 2 (redução do consumo per capita e manutenção do índice de perdas): Neste cenário a vazão máxima demandada é de 56,1 L/s.
- Cenário 3 (manutenção do consumo per capita e redução do índice de perdas): Neste cenário a vazão máxima demandada é de 61,0 L/s.
- Cenário 4 (redução do consumo per capita e do índice de perdas): Neste cenário a vazão máxima demandada é de 48,7 L/s.

A vazão atual produzida na ETA é de 36 L/s podendo ser aumentada conforme o Diagnóstico elaborado para o município. A situação não é favorável visto que o sistema atual, em função da população projetada, não consegue suprir o abastecimento em nenhum dos cenários estudados. Entretanto, existem informações de que a ETA da sede opera com uma vazão de 68,57 L/s, ou seja, suficiente para a demanda.

Atividades voltadas para a conscientização da população e o racionamento da água ajudam a eliminar a necessidade do aumento da produção de água para o abastecimento ao longo dos 20 anos. O aumento da população contribui com a necessidade de se ampliar a demanda e, conseqüentemente a produção em um SAA, enquanto que ações voltadas para a educação ambiental conduzem ao caminho oposto. O cenário 4, principalmente, necessita de ações intensivas para sua implantação.

Demais distritos – Demanda Urbana

Considerando-se o cenário médio de crescimento populacional e universalização dos serviços ao final de plano, nas Tabelas 5-11 e 5-12 são apresentadas as produções necessárias de água para atendimento à população urbana dos distritos de Barra Seca e Nossa Senhora de Fátima, respectivamente, para um consumo per capita decrescente de 195 L/hab/dia a 156 L/hab/dia e índice de perdas decrescente de 40,0% a 32,0% (Cenário 4 de demandas).

Tabela 5-11 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana de Barra Seca – Crescimento populacional médio – Cenário 4

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Q_{prod}	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Q_{aat}	Demanda Doméstica (L/s) – Q_{dom}	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	1.053	70,0	195	1,7	40	2,9	2,8	3,0	4,2
Ano 1	1.068	70,0	195	1,7	40	2,9	2,8	3,0	4,3
Ano 2	1.083	72,0	193	1,7	40	3,0	2,9	3,1	4,4
Ano 3	1.098	73,0	191	1,8	39	3,1	3,0	3,2	4,4
Ano 4	1.110	75,0	189	1,8	39	3,1	3,0	3,3	4,6
Ano 5	1.122	76,0	187	1,8	38	3,2	3,1	3,3	4,6
Ano 6	1.134	78,0	185	1,9	38	3,2	3,1	3,4	4,7
Ano 7	1.147	79,0	183	1,9	37	3,3	3,2	3,5	4,7
Ano 8	1.159	81,0	181	2,0	37	3,4	3,2	3,5	4,8
Ano 9	1.168	83,0	179	2,0	37	3,4	3,3	3,6	5,0
Ano 10	1.177	84,0	177	2,0	36	3,4	3,3	3,6	5,0
Ano 11	1.185	86,0	174	2,1	36	3,5	3,3	3,7	5,0
Ano 12	1.194	87,0	172	2,1	35	3,5	3,4	3,7	5,0
Ano 13	1.203	89,0	170	2,1	35	3,5	3,4	3,8	5,1
Ano 14	1.209	91,0	168	2,1	35	3,6	3,5	3,9	5,2
Ano 15	1.214	92,0	166	2,1	34	3,6	3,5	3,9	5,2
Ano 16	1.219	94,0	164	2,2	34	3,6	3,5	3,9	5,2
Ano 17	1.225	95,0	162	2,2	33	3,6	3,5	3,9	5,2
Ano 18	1.230	97,0	160	2,2	33	3,7	3,5	4,0	5,3
Ano 19	1.233	98,0	158	2,2	32	3,6	3,5	4,0	5,3
Ano 20	1.236	100,0	156	2,2	32	3,7	3,5	4,0	5,3

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-12 - Alternativas para o atendimento da demanda urbana de Nossa Senhora de Fátima – Crescimento populacional médio – Cenário 4

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Q_{prod}	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Q_{aat}	Demanda Doméstica (L/s) – Q_{dom}	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	988	70,0	195	1,6	40	2,7	2,6	2,8	3,9
Ano 1	1.002	70,0	195	1,6	40	2,8	2,7	2,8	4,0
Ano 2	1.017	72,0	193	1,6	40	2,8	2,7	2,9	4,1
Ano 3	1.031	73,0	191	1,7	39	2,9	2,8	3,0	4,2
Ano 4	1.043	75,0	189	1,7	39	3,0	2,9	3,1	4,3
Ano 5	1.054	76,0	187	1,7	38	3,0	2,9	3,1	4,3
Ano 6	1.065	78,0	185	1,8	38	3,1	2,9	3,2	4,4
Ano 7	1.077	79,0	183	1,8	37	3,1	3,0	3,2	4,4
Ano 8	1.089	81,0	181	1,8	37	3,1	3,0	3,3	4,6
Ano 9	1.097	83,0	179	1,9	37	3,2	3,1	3,4	4,7
Ano 10	1.105	84,0	177	1,9	36	3,2	3,1	3,4	4,7
Ano 11	1.113	86,0	174	1,9	36	3,3	3,1	3,5	4,7
Ano 12	1.122	87,0	172	1,9	35	3,3	3,1	3,5	4,7
Ano 13	1.130	89,0	170	2,0	35	3,3	3,2	3,6	4,8
Ano 14	1.135	91,0	168	2,0	35	3,4	3,3	3,6	4,9
Ano 15	1.140	92,0	166	2,0	34	3,4	3,2	3,6	4,9
Ano 16	1.145	94,0	164	2,0	34	3,4	3,3	3,7	4,9
Ano 17	1.150	95,0	162	2,0	33	3,4	3,3	3,7	4,9
Ano 18	1.156	97,0	160	2,1	33	3,4	3,3	3,7	5,0
Ano 19	1.158	98,0	158	2,1	32	3,4	3,3	3,7	4,9
Ano 20	1.161	100,0	156	2,1	32	3,4	3,3	3,8	5,0

Fonte: Autoria própria.

Na área urbana do distrito de Barra Seca, a vazão demandada ao longo do horizonte de projeto (máxima de 3,7 L/s) é capaz de ser suprida pela ETA e captação atual que tem uma produção 6,7 L/s.

No distrito de Nossa Senhora de Fátima a vazão máxima demandada ao longo do horizonte de projeto é de 3,4 L/s e produção do sistema é de 1,04 L/s, insuficiente para atender à demanda. É provável que a população do distrito de Nossa Senhora de Fátima seja atendida também por outro sistema.

Todos os distritos – Demanda rural

As áreas rurais da sede e dos distritos de Barra Seca e Nossa Senhora de Fátima deve ser prevista a universalização dos serviços de abastecimento de água. Por se tratar de áreas rurais, muitas vezes sua universalização é dada de forma individual. Dessa forma, cada uma dessas regiões, deve possuir sistema de abastecimento alternativo para atender a demanda da população local.

Nos Quadros a seguir são apresentadas as produções necessárias nos cenários de crescimento médio para atendimento da população rural considerando um consumo per capita decrescente de 195 L/hab/dia para 156 L/háb.dia e universalização dos serviços até o final de plano para um índice de perdas fixo de 25% (cenário 2).

Tabela 5-13 - Alternativas para o atendimento da demanda rural da Sede – Crescimento populacional médio – Cenário 2.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Q_{prod}	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Q_{aat}	Demanda Doméstica (L/s) – Q_{dom}	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	4.605	70,0	195	7,3	25	11,3	10,9	13,1	16,4
Ano 1	4.671	70,0	195	7,4	25	11,5	11,1	13,3	16,6
Ano 2	4.737	72,0	193	7,6	25	11,9	11,4	13,7	17,1
Ano 3	4.804	73,0	191	7,8	25	12,1	11,6	14,0	17,4
Ano 4	4.857	75,0	189	8,0	25	12,4	12,0	14,3	17,9
Ano 5	4.909	76,0	187	8,1	25	12,6	12,1	14,5	18,2
Ano 6	4.963	78,0	185	8,3	25	12,9	12,4	14,9	18,7
Ano 7	5.017	79,0	183	8,4	25	13,1	12,6	15,1	18,9
Ano 8	5.071	81,0	181	8,6	25	13,4	12,9	15,5	19,4
Ano 9	5.110	83,0	179	8,8	25	13,7	13,2	15,8	19,8
Ano 10	5.148	84,0	177	8,9	25	13,8	13,3	15,9	19,9
Ano 11	5.186	86,0	174	9,0	25	14,0	13,5	16,2	20,2
Ano 12	5.225	87,0	172	9,0	25	14,1	13,6	16,3	20,4
Ano 13	5.265	89,0	170	9,2	25	14,4	13,8	16,6	20,7
Ano 14	5.288	91,0	168	9,4	25	14,6	14,0	16,8	21,1
Ano 15	5.312	92,0	166	9,4	25	14,6	14,1	16,9	21,1
Ano 16	5.336	94,0	164	9,5	25	14,9	14,3	17,1	21,4
Ano 17	5.360	95,0	162	9,5	25	14,9	14,3	17,2	21,5
Ano 18	5.384	97,0	160	9,7	25	15,1	14,5	17,4	21,8
Ano 19	5.396	98,0	158	9,7	25	15,1	14,5	17,4	21,8
Ano 20	5.410	100,0	156	9,8	25	15,2	14,7	17,6	22,0

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-14 - Alternativas para o atendimento da demanda rural de Barra Seca – Crescimento populacional médio – Cenário 2.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Qprod	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Qaat	Demanda Doméstica (L/s) – Qdom	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	5.506	70,0	195	8,7	25	13,6	13,0	15,7	19,6
Ano 1	5.584	70,0	195	8,8	25	13,8	13,2	15,9	19,8
Ano 2	5.664	72,0	193	9,1	25	14,2	13,7	16,4	20,5
Ano 3	5.744	73,0	191	9,3	25	14,5	13,9	16,7	20,9
Ano 4	5.807	75,0	189	9,5	25	14,9	14,3	17,1	21,4
Ano 5	5.870	76,0	187	9,7	25	15,1	14,5	17,4	21,7
Ano 6	5.934	78,0	185	9,9	25	15,5	14,9	17,8	22,3
Ano 7	5.998	79,0	183	10,0	25	15,7	15,1	18,1	22,6
Ano 8	6.064	81,0	181	10,3	25	16,1	15,4	18,5	23,2
Ano 9	6.109	83,0	179	10,5	25	16,4	15,8	18,9	23,6
Ano 10	6.155	84,0	177	10,6	25	16,5	15,9	19,1	23,8
Ano 11	6.202	86,0	174	10,7	25	16,8	16,1	19,3	24,2
Ano 12	6.248	87,0	172	10,8	25	16,9	16,2	19,5	24,3
Ano 13	6.295	89,0	170	11,0	25	17,2	16,5	19,8	24,8
Ano 14	6.322	91,0	168	11,2	25	17,5	16,8	20,1	25,2
Ano 15	6.351	92,0	166	11,2	25	17,5	16,8	20,2	25,3
Ano 16	6.380	94,0	164	11,4	25	17,8	17,1	20,5	25,6
Ano 17	6.408	95,0	162	11,4	25	17,8	17,1	20,5	25,7
Ano 18	6.437	97,0	160	11,6	25	18,0	17,3	20,8	26,0
Ano 19	6.453	98,0	158	11,6	25	18,0	17,3	20,8	26,0
Ano 20	6.468	100,0	156	11,7	25	18,2	17,5	21,0	26,3

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-15 - Alternativas para o atendimento da demanda rural de Nossa Senhora de Fátima – Crescimento populacional médio – Cenário 2.

	População (hab)	Índice de atendimento (%)	Per Capita Total (L/hab.dia)	$Q_{méd}$ (L/ s)	Índice de Perdas IDP (%)	Vazão captação (adutora de água bruta) (L/s) - Qprod	Vazão adutora de água tratada (L/s) - Qaat	Demanda Doméstica (L/s) – Qdom	Vazão para a rede (Ls)
Ano 0	1.571	70,0	195	2,5	25	3,9	3,7	4,5	5,6
Ano 1	1.593	70,0	195	2,5	25	3,9	3,8	4,5	5,7
Ano 2	1.615	72,0	193	2,6	25	4,1	3,9	4,7	5,8
Ano 3	1.639	73,0	191	2,6	25	4,1	4,0	4,8	6,0
Ano 4	1.656	75,0	189	2,7	25	4,2	4,1	4,9	6,1
Ano 5	1.674	76,0	187	2,8	25	4,3	4,1	5,0	6,2
Ano 6	1.693	78,0	185	2,8	25	4,4	4,2	5,1	6,4
Ano 7	1.711	79,0	183	2,9	25	4,5	4,3	5,2	6,4
Ano 8	1.729	81,0	181	2,9	25	4,6	4,4	5,3	6,6
Ano 9	1.742	83,0	179	3,0	25	4,7	4,5	5,4	6,7
Ano 10	1.756	84,0	177	3,0	25	4,7	4,5	5,4	6,8
Ano 11	1.769	86,0	174	3,1	25	4,8	4,6	5,5	6,9
Ano 12	1.782	87,0	172	3,1	25	4,8	4,6	5,6	6,9
Ano 13	1.795	89,0	170	3,1	25	4,9	4,7	5,7	7,1
Ano 14	1.804	91,0	168	3,2	25	5,0	4,8	5,7	7,2
Ano 15	1.812	92,0	166	3,2	25	5,0	4,8	5,8	7,2
Ano 16	1.820	94,0	164	3,2	25	5,1	4,9	5,8	7,3
Ano 17	1.828	95,0	162	3,3	25	5,1	4,9	5,9	7,3
Ano 18	1.836	97,0	160	3,3	25	5,1	4,9	5,9	7,4
Ano 19	1.841	98,0	158	3,3	25	5,1	4,9	5,9	7,4
Ano 20	1.845	100,0	156	3,3	25	5,2	5,0	6,0	7,5

Fonte: Autoria própria.

Não foram obtidas informações sobre os sistemas rurais, portanto é difícil precisar o atendimento atual da demanda. Neste sentido, a área rural precisa de intervenções urgentes visando à universalização do saneamento básico. Dentre essas intervenções podemos destacar para os sistemas alternativos o cadastramento dos poços coletivos e individuais: identificação, vazão, população abastecida, prazo de funcionamento, ação de desativação, qualidade da água, atuação com educação ambiental para a conscientização da população, preservação dos mananciais e nascentes, entre outras.

5.2 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES)

5.2.1 Estimativa das Demandas do SES

O detalhamento dos requisitos de demanda e a definição de alternativas técnicas de engenharia serão primordiais para as atividades do PMSB.

Neste processo são utilizadas as informações do diagnóstico para a projeção e prospecção de demandas futuras utilizando projeções populacionais derivadas de metodologias de projeções demográficas somadas aos elementos previstos em planejamentos e políticas públicas.

O Apêndice B apresenta o mapa com as unidades que compõem os Sistemas de esgotamento sanitário do município. Cada uma dessas unidades é representada por uma figura geométrica e a cor indica a situação de cada uma delas

5.2.1.1 Demandas pelos Serviços

O prognóstico visa determinar os objetivos e metas para atendimento ao plano, dentro do horizonte estabelecido, no caso 20 anos. Além disso visada a expectativa de universalização de 100% dos serviços de esgotamento sanitário nas áreas urbanas e rurais do município até o final dos 20 anos.

No município Jaguaré, foi levantado na fase de diagnóstico que existem coleta e tratamento e são operados pelo SAAE. Na sede existem dois sistemas de tratamento de esgoto do tipo UASB, um deles em construção e sete sistemas

Fossas Filtro. Os distritos e comunidades não possuem sistemas coletivos de tratamento de efluentes.

Além das demandas verificadas nas áreas urbanas, a situação do esgotamento sanitário na área rural do município é crítica, onde, segundo constou o diagnóstico, 63,38% dos domicílios (1.769 domicílios) utilizam fossas rudimentares, 0,86% valas, 0,86% rio, lago ou mar, 0,29% outro tipo e 0,90% não tinham nenhum tipo de disposição de esgotamento sanitário. Neste caso, o ideal é a troca deste tipo menos eficiente por fossas sépticas, tratamento individual mais indicado para esses casos. Essas ações para troca desses tratamentos serão melhores tratadas na etapa de Programas, Planos e Ações deste plano.

Na área urbana, tanto da sede quanto dos distritos, também foram identificados casos de fossas rudimentares, com 18,78% dos domicílios (aproximadamente 849 domicílios) aderindo a essas práticas, segundo levantamento do diagnóstico. Neste caso, deve-se garantir a cobertura da coleta e tratamento em toda área urbana e haver o incentivo para a adesão das casas à rede, cujo tratamento é mais eficiente que o das fossas rudimentares utilizadas. Este programa para adesão à rede também será melhor detalhado na próxima etapa do plano.

5.2.1.2 Construção de Cenários e Evolução – Prospectiva de Planejamento Estratégico – PPE

Parâmetros para Projeção de Demanda

Para o planejamento estratégico das ações referentes ao sistema de esgotamento sanitário, faz-se necessária a estimativa das vazões de contribuição de esgotos sanitários domésticos no município para a identificação das necessidades futuras de ampliação/otimização dos componentes do sistema.

Para o cálculo desta estimativa das vazões de contribuição de esgotos foi adotado um alcance de projeto de 20 anos considerando o ano inicial 2017 e final 2036. A evolução das contribuições de esgoto foi definida a partir de cálculos de taxa de crescimento populacional, tomados como base os censos do IBGE. Foram calculadas as vazões para os distritos municipais (considerando a mesma

proporcionalidade da população no Censo 2010 do IBGE) para o cenário de médio crescimento populacional.

O volume per capita de esgoto gerado por habitante está calculado em função do valor do consumo médio diário per capita de água. Este valor foi identificado através do número de habitantes atendidos pelo sistema de abastecimento de água e o consumo médio diário para um mesmo período. A partir destas considerações, sugeriu-se a redução do consumo de água ao longo dos 20 anos, conforme abordado no memorial de cálculo.

O coeficiente de retorno, ou seja, o consumo de água que retorna como esgoto na rede coletora, foi o valor previsto em norma (80% de retorno, ou seja, $C = 0,80$). Para os coeficientes de variação de vazão, também estão sendo adotados os valores preconizados por norma: coeficiente de variação máxima diária ($K1$) = 1,20; e coeficiente de variação máxima horária ($K2$) = 1,50.

Por fim, devido às características da área de estudo, considerou-se uma taxa de infiltração de 0,10 l/s.km para o cálculo da contribuição de esgoto.

Projeção Futura da Vazão de Esgoto (20 anos)

A estimativa da vazão de esgoto ao longo de 20 anos considerou o cenário de médio crescimento demográfico.

As vazões de contribuição na área de projeto são constituídas das vazões de esgoto doméstico e das contribuições de infiltração. As vazões estimadas estão apresentadas nas Tabelas 5-16 a 5-19, com intervalo de 5 em 5 anos. Memorial de cálculo de vazão de esgotos.

Tabela 5-16 - Vazão de esgotos do município de Jaguaré.

Ano		População Município			Per capita de água (l/hab.dia)	Comp. estimado de rede (m)	Vazão de Esgotos (l/dia)								
							Média			Máxima Diária			Máxima Horária		
		Total	Urbana	Rural			Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	27,689	16,015	11,674	195	73530	50.0	28.9	21.1	60.0	34.7	25.3	90.0	52.0	37.9
5	2022	29,516	17,071	12,445	187	76739	51.1	29.6	21.5	61.3	35.5	25.9	92.0	53.2	38.8
10	2027	30,949	17,900	13,049	177	79949	50.7	29.3	21.4	60.9	35.2	25.7	91.3	52.8	38.5
15	2032	31,935	18,470	13,465	166	83158	49.1	28.4	20.7	58.9	34.1	24.8	88.4	51.1	37.3
20	2037	32,523	18,810	13,713	156	86367	47.0	27.2	19.8	56.4	32.6	23.8	84.6	48.9	35.7

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-17 - Vazão de esgotos do distrito Sede - Jaguaré.

Ano		População Sede			Per capita de água (l/hab.dia)	Comp. estimado de rede (m)	Vazão de Esgotos (l/dia)								
							Média			Máxima Diária			Máxima Horária		
		Total	Urbana	Rural			Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	18,570	13,965	4,605	195	52811	33.5	25.2	8.3	40.2	30.3	10.0	60.4	45.4	15.0
5	2022	19,796	14,887	4,909	187	55117	34.3	25.8	8.5	41.1	30.9	10.2	61.7	46.4	15.3
10	2027	20,757	15,609	5,148	177	57422	34.0	25.6	8.4	40.8	30.7	10.1	61.2	46.0	15.2
15	2032	21,418	16,106	5,312	166	59728	32.9	24.8	8.2	39.5	29.7	9.8	59.3	44.6	14.7
20	2037	21,813	16,403	5,410	156	62034	31.5	23.7	7.8	37.8	28.4	9.4	56.7	42.6	14.1

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-18 - Vazão de esgotos do distrito Barra Seca - Jaguaré.

Ano		População Sede			Per capita de água (l/hab.dia)	Comp. estimado de rede (m)	Vazão de Esgotos (l/dia)								
							Média			Máxima Diária			Máxima Horária		
		Total	Urbana	Rural			Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	6,559	1,053	5,506	195	19119	11.8	1.9	9.9	14.2	2.3	11.9	21.3	3.4	17.9
5	2022	6,992	1,122	5,870	187	19953	12.1	1.9	10.2	14.5	2.3	12.2	21.8	3.5	18.3
10	2027	7,332	1,177	6,155	177	20788	12.0	1.9	10.1	14.4	2.3	12.1	21.6	3.5	18.2
15	2032	7,565	1,214	6,351	166	21622	11.6	1.9	9.8	14.0	2.2	11.7	20.9	3.4	17.6
20	2037	7,704	1,236	6,468	156	22457	11.1	1.8	9.3	13.4	2.1	11.2	20.0	3.2	16.8

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-19 - Vazão de esgotos do distrito N. S. de Fátima - Jaguaré.

Ano		População Sede			Per capita de água (l/hab.dia)	Comp. estimado de rede (m)	Vazão de Esgotos (l/dia)								
							Média			Máxima Diária			Máxima Horária		
		Total	Urbana	Rural			Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	2,559	988	1,571	195	1600	4.6	1.8	2.8	5.5	2.1	3.4	8.3	3.2	5.1
5	2022	2,728	1,054	1,674	187	1670	4.7	1.8	2.9	5.7	2.2	3.5	8.5	3.3	5.2
10	2027	2,861	1,105	1,756	177	1740	4.7	1.8	2.9	5.6	2.2	3.5	8.4	3.3	5.2
15	2032	2,952	1,140	1,812	166	1810	4.5	1.8	2.8	5.4	2.1	3.3	8.2	3.2	5.0
20	2037	3,006	1,161	1,845	156	1879	4.3	1.7	2.7	5.2	2.0	3.2	7.8	3.0	4.8

Fonte: Autoria própria.

5.2.1.3 Estimativas de geração dos principais poluentes nos esgotos domésticos

Sem tratamento

A carga atual e futura dos principais poluentes nas vazões de esgotos domésticos, estimadas a partir de valores típicos de contribuição per capita presentes na literatura, conforme apresentado na Tabela 5-20, estão apresentadas nas Tabelas 5-21 a 5-16 considerando ausência de tratamento.

Tabela 5-20 - Valores típicos de concentração e contribuição per capita dos principais parâmetros físicos, químicos e biológicos dos esgotos domésticos.

Parâmetros Físico-químicos	Contrib. Per capita (g/hab.dia)		Concentração (mg/l)	
	Faixa	Típico	Faixa	Típico
Sólidos Totais	120-220	180	700-1350	1000
Suspensos	35-70	60	200-450	400
• Fixos	7-14	10	40-100	0
• Voláteis	25-60	50	165-350	320
Dissolvidos	85-150	120	500-900	700
• Fixos	50-90	70	300-550	400
• Voláteis	35-60	50	200-350	300
Matéria Orgânica	40-60	50	200-500	350
• DBO ₅	80-130	100	400-800	700
Nitrogênio Total	6-112	8,0	35-70	50
• N Orgânico	2,5-5,0	3,5	15-30	20
• Amônia	3,5-7,0	4,5	20-40	30
• Nitrito	~0	~0	~0	~0
• Nitrato	0-0,5	~0	0-2	~0
Fósforo	1,0-4,5	2,5	5-25	14
• P Orgânico	0,3-1,5	0,8	2-8	4
• P Inorgânico	0,7-3,0	1,7	4-17	10
Parâmetros Biológicos	Contrib. Per capita (NMP/dia)		Concentração (NMP/l)	
Coliformes totais	10 ⁹ -10 ¹²		10 ⁶ -10 ⁹	

Fonte: Silva (2004).

Tabela 5-21 - Carga de DBO municipal e por distrito (kg/dia).

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	1384.5	800.8	583.7	928.5	698.3	230.3	328.0	52.7	275.3	128.0	49.4	78.6
5	2022	1475.8	853.6	622.3	989.8	744.4	245.5	349.6	56.1	293.5	136.4	52.7	83.7
10	2027	1547.5	895.0	652.5	1037.9	780.5	257.4	366.6	58.9	307.8	143.1	55.3	87.8
15	2032	1596.8	923.5	673.3	1070.9	805.3	265.6	378.3	60.7	317.6	147.6	57.0	90.6
20	2037	1626.2	940.5	685.7	1090.7	820.2	270.5	385.2	61.8	323.4	150.3	58.1	92.3

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-22 - Carga de DQO municipal e por distrito (kg/dia).

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	2768.9	1601.5	1167.4	1857.0	1396.5	460.5	655.9	105.3	550.6	255.9	98.8	157.1
5	2022	2951.6	1707.1	1244.5	1979.6	1488.7	490.9	699.2	112.2	587.0	272.8	105.4	167.4
10	2027	3094.9	1790.0	1304.9	2075.7	1560.9	514.8	733.2	117.7	615.5	286.1	110.5	175.6
15	2032	3193.5	1847.0	1346.5	2141.8	1610.6	531.2	756.5	121.4	635.1	295.2	114.0	181.2
20	2037	3252.3	1881.0	1371.3	2181.3	1640.3	541.0	770.4	123.6	646.8	300.6	116.1	184.5

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-23 - Carga de Sólidos Suspensos municipal e por distrito (kg/dia).

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	1661.3	960.9	700.4	1114.2	837.9	276.3	393.5	63.2	330.4	153.5	59.3	94.3
5	2022	1771.0	1024.3	746.7	1187.8	893.2	294.5	419.5	67.3	352.2	163.7	63.2	100.4
10	2027	1856.9	1074.0	782.9	1245.4	936.5	308.9	439.9	70.6	369.3	171.7	66.3	105.4
15	2032	1916.1	1108.2	807.9	1285.1	966.4	318.7	453.9	72.8	381.1	177.1	68.4	108.7
20	2037	1951.4	1128.6	822.8	1308.8	984.2	324.6	462.2	74.2	388.1	180.4	69.7	110.7

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-24 - Carga de Nitrogênio Total municipal e por distrito (kg/dia).

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		

		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	221.5	128.1	93.4	148.6	111.7	36.8	52.5	8.4	44.0	20.5	7.9	12.6
5	2022	236.1	136.6	99.6	158.4	119.1	39.3	55.9	9.0	47.0	21.8	8.4	13.4
10	2027	247.6	143.2	104.4	166.1	124.9	41.2	58.7	9.4	49.2	22.9	8.8	14.0
15	2032	255.5	147.8	107.7	171.3	128.8	42.5	60.5	9.7	50.8	23.6	9.1	14.5
20	2037	260.2	150.5	109.7	174.5	131.2	43.3	61.6	9.9	51.7	24.0	9.3	14.8

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-25 - Carga de Fósforo Total municipal e por distrito (kg/dia).

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	69.2	40.0	29.2	46.4	34.9	11.5	16.4	2.6	13.8	6.4	2.5	3.9
5	2022	73.8	42.7	31.1	49.5	37.2	12.3	17.5	2.8	14.7	6.8	2.6	4.2
10	2027	77.4	44.8	32.6	51.9	39.0	12.9	18.3	2.9	15.4	7.2	2.8	4.4
15	2032	79.8	46.2	33.7	53.5	40.3	13.3	18.9	3.0	15.9	7.4	2.9	4.5
20	2037	81.3	47.0	34.3	54.5	41.0	13.5	19.3	3.1	16.2	7.5	2.9	4.6

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-26 - Carga de Coliformes Totais municipal e por distrito (NMP/dia).

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	3E+11	2E+11	1E+11	2E+11	1E+11	5E+10	7E+10	1E+10	6E+10	3E+10	1E+10	2E+10
5	2022	3E+11	2E+11	1E+11	2E+11	1E+11	5E+10	7E+10	1E+10	6E+10	3E+10	1E+10	2E+10
15	2032	3E+11	2E+11	1E+11	2E+11	2E+11	5E+10	8E+10	1E+10	6E+10	3E+10	1E+10	2E+10
20	2037	3E+11	2E+11	1E+11	2E+11	2E+11	5E+10	8E+10	1E+10	6E+10	3E+10	1E+10	2E+10

Fonte: Autoria própria.

Com tratamento

A remoção de poluentes no tratamento, de forma a adequar o lançamento a uma qualidade desejada ou ao padrão de qualidade vigente, está associada aos conceitos de nível de tratamento e eficiência de tratamento.

O tratamento preliminar tem por objetivo apenas a remoção dos sólidos grosseiros, enquanto o tratamento primário visa a remoção de sólidos sedimentáveis e parte da matéria orgânica. No tratamento secundário, o objetivo é principalmente a remoção de matéria orgânica e eventualmente nutrientes (nitrogênio e fósforo). O tratamento terciário objetiva a remoção de poluentes específicos (usualmente tóxicos ou compostos não biodegradáveis) ou ainda, a remoção complementar de poluentes não suficientemente removidos no tratamento secundário.

O Quadro 5-2, apresentado abaixo, mostra as principais características das etapas de tratamento de esgotos domésticos, com estimativas de eficiência para alguns grupos de poluentes.

Quadro 5-2 - Características dos principais níveis de tratamento dos esgotos.

Item	Nível de Tratamento			
	Preliminar	Primário	Secundário	Terciário
Poluentes removidos	Sólidos grosseiros	Sólidos sedimentáveis; DBO em suspensão	Sólidos não sedimentáveis; DBO em suspensão fina; DBO solúvel; Nutrientes (parcialmente); Patógenos (parcialmente)	Sólidos inorgânicos dissolvidos; DBO em suspensão; Compostos não biodegradáveis; Nutrientes; Patógenos; Metais pesados;
Eficiências de remoção	DBO: 5-10% SS: 5-20% Coliformes: 10-20%	DBO: 30-40% SS: 40-70% Coliformes: 30-70%	DBO: 60-95% SS: 65-95% Coliformes: 70-99% Nutrientes: 10-50%	DBO: 40-99% SS: 80-99% Coliformes: 99,999% Nutrientes: 99%
Mecanismo de tratamento predominante	Físico	Físico	Biológico	Físico Químico Biológico
Cumprimento padrão de lançamento?	Não	Não	Usualmente sim	Sim
Aplicação	Montante de elevatória; Etapa inicial do tratamento	Tratamento parcial; Etapa intermediária do tratamento mais completo	Tratamento mais completo para matéria orgânica e sólidos em suspensão (para nutrientes e coliformes requer	Tratamento para remoção de nutrientes e coliformes

Item	Nível de Tratamento			
	Preliminar	Primário	Secundário	Terciário
			adaptações ou inclusão de etapas específicas)	

Fonte: VON SPERLING (1996).

A seguir são apresentados quatro exemplos de sistemas de tratamento de esgotos de amplo emprego no país, sendo alternativas que privilegiam a simplicidade, menores custos e maior sustentabilidade. Evidentemente, não seria possível abordar todas as tecnologias atualmente disponíveis e praticadas no Brasil e suas diversas combinações. Entretanto, os quatro exemplos de sistemas que serão apresentados servem de ponto de partida para o tomador de decisão.

As tecnologias de tratamento a seguir são apenas exemplos que poderiam ser aplicadas no município diante das diversas possibilidades de tratamento existentes atualmente. Logicamente, é necessário um estudo de concepção do sistema completo para avaliar a viabilidade técnica e econômica em cada sistema de tratamento.

a) Sistema de Lagoa Anaeróbia e Lagoa Facultativa

No sistema de lagoas anaeróbias seguidas por lagoas facultativas, o esgoto bruto entra numa lagoa anaeróbia de menores dimensões e mais profunda, onde a fotossíntese praticamente não ocorre e o consumo de oxigênio é maior que a sua produção.

Para um período de permanência de apenas 3 a 5 dias na lagoa anaeróbia, a decomposição da matéria orgânica é apenas parcial, mas com remoção da DBO da ordem de 50 a 60%, aliviando a carga para a lagoa facultativa, situada a jusante.

Na lagoa facultativa, de dimensões menores, uma série de eventos contribui para a purificação dos esgotos efluentes. Parte da matéria orgânica em suspensão tende a sedimentar, vindo a constituir o lodo de fundo, que sofre processo de decomposição por microrganismos anaeróbios.

Este sistema também é conhecido por sistema australiano. O requisito de área é tal, que se obtém uma economia de área da ordem de $1/3$, comparado a uma lagoa facultativa única.

O sistema tem uma eficiência ligeiramente superior à de uma lagoa facultativa única, é conceitualmente simples e fácil de operar. No entanto, a existência de uma etapa anaeróbia em uma unidade aberta tem a possibilidade de liberação de maus odores. Por essa razão, o sistema australiano é normalmente localizado onde é possível haver um grande afastamento das residências.

b) Sistema de Reator Anaeróbio de Fluxo Ascendente (UASB) e Biofiltro Aerado Submerso

Nos reatores anaeróbios de fluxo ascendente e manta de lodo, o volume requerido é bastante reduzido em comparação com os outros sistemas de tratamento. Como resultado da atividade anaeróbia, esses reatores promovem uma remoção média de matéria orgânica (DBO₅) da ordem de 70% (VON SPERLING, 1996).

O risco da geração ou liberação de maus odores pode ser bastante minimizado através de um projeto bem elaborado tanto nos cálculos cinéticos quanto nos aspectos hidráulicos. A completa vedação do reator, incluindo a saída submersa do efluente, colabora sensivelmente para a diminuição destes riscos, bem como a operação adequada do reator.

A principal função dos biofiltros aerados submersos é a remoção de compostos orgânicos e nitrogênio na forma solúvel, contribuindo para uma eficiência global da remoção de DBO₅ superior a 90%. O lodo de excesso produzido nos biofiltros é por recalque ao reator UASB para estabilização.

No Brasil, a maior aplicação dos biofiltros aerados submersos tem sido como pós tratamento de efluentes de reatores UASB.

c) Sistema de Lodos Ativados

O sistema de lodos ativados não exige grandes requisitos de áreas como por exemplo as lagoas. No entanto há um alto grau de mecanização e um elevado consumo de energia elétrica (VON SPERLING, 1996).

A alta eficiência deste sistema é em grande parte devido a recirculação de lodo. Esta permite que o tempo de detenção hidráulico seja pequeno e consequentemente também o reator possua pequenas dimensões.

Além da matéria orgânica carbonácea, o sistema de lodos ativados pode remover também nitrogênio e fósforo, porém a remoção de coliformes é geralmente baixa insuficiente para o lançamento no corpo receptor.

A utilização de reator UASB + Lodos ativados é uma alternativa bastante promissora em regiões de clima quente, com o reator UASB substituindo com vantagens o decantador primário (PROSAB 4, 2006).

d) Sistema de Fossa Séptica e Filtro Anaeróbio

O sistema de fossas sépticas seguidas de filtros anaeróbios tem sido amplamente utilizado em nosso meio rural e em comunidades de pequeno porte. A fossa séptica remove a maior parte dos sólidos em suspensão. A matéria orgânica efluente da fossa séptica se dirige ao filtro anaeróbio, onde ocorre a sua remoção, também em condições anaeróbias (VON SPERLING, 1996).

O filtro anaeróbio apresenta alguma similaridade conceitual com os filtros biológicos aeróbios: em ambos os casos, a biomassa cresce aderida a um meio suporte, usualmente pedras.

A eficiência deste sistema é usualmente inferior à dos processos aeróbios, embora seja na maior parte das situações suficiente. Fossas-filtro tem sido amplamente utilizadas para pequenas populações (PROSAB 4, 2006).

Sempre há um risco de geração de maus odores por se tratar de um sistema anaeróbio, no entanto procedimentos de projeto e operacionais podem contribuir para reduzir esses riscos.

Sejam consideradas ainda as eficiências médias de tratamento das quatro alternativas de tratamento acima citadas: DBO tem eficiência de remoção da ordem de 80 a 90%; DQO, de 70 a 80%; Sólidos Suspensos, de 75 a 90%; Nitrogênio Total, inferior a 60% (adotado 50%); Fósforo Total, inferior a 35% (adotado 30%); e Coliformes Termotolerantes, até 2 unidades Log.

Tabela 5-27 - Carga de DBO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 80%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	276.9	160.2	116.7	185.7	139.7	46.1	65.6	10.5	55.1	25.6	9.9	15.7
5	2022	295.2	170.7	124.5	198.0	148.9	49.1	69.9	11.2	58.7	27.3	10.5	16.7
10	2027	309.5	179.0	130.5	207.6	156.1	51.5	73.3	11.8	61.6	28.6	11.1	17.6
15	2032	319.4	184.7	134.7	214.2	161.1	53.1	75.7	12.1	63.5	29.5	11.4	18.1
20	2037	325.2	188.1	137.1	218.1	164.0	54.1	77.0	12.4	64.7	30.1	11.6	18.5

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-28 - Carga de DBO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 90%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	138.4	80.1	58.4	92.9	69.8	23.0	32.8	5.3	27.5	12.8	4.9	7.9
5	2022	147.6	85.4	62.2	99.0	74.4	24.5	35.0	5.6	29.4	13.6	5.3	8.4
10	2027	154.7	89.5	65.2	103.8	78.0	25.7	36.7	5.9	30.8	14.3	5.5	8.8
15	2032	159.7	92.4	67.3	107.1	80.5	26.6	37.8	6.1	31.8	14.8	5.7	9.1
20	2037	162.6	94.1	68.6	109.1	82.0	27.1	38.5	6.2	32.3	15.0	5.8	9.2

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-29 - Carga de DQO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 70%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	830.7	480.5	350.2	557.1	419.0	138.2	196.8	31.6	165.2	76.8	29.6	47.1
5	2022	885.5	512.1	373.4	593.9	446.6	147.3	209.8	33.7	176.1	81.8	31.6	50.2
10	2027	928.5	537.0	391.5	622.7	468.3	154.4	220.0	35.3	184.7	85.8	33.2	52.7
15	2032	958.1	554.1	404.0	642.5	483.2	159.4	227.0	36.4	190.5	88.6	34.2	54.4
20	2037	975.7	564.3	411.4	654.4	492.1	162.3	231.1	37.1	194.0	90.2	34.8	55.4

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-30 - Carga de DQO municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 80%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		

		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	553.8	320.3	233.5	371.4	279.3	92.1	131.2	21.1	110.1	51.2	19.8	31.4
5	2022	590.3	341.4	248.9	395.9	297.7	98.2	139.8	22.4	117.4	54.6	21.1	33.5
10	2027	619.0	358.0	261.0	415.1	312.2	103.0	146.6	23.5	123.1	57.2	22.1	35.1
15	2032	638.7	369.4	269.3	428.4	322.1	106.2	151.3	24.3	127.0	59.0	22.8	36.2
20	2037	650.5	376.2	274.3	436.3	328.1	108.2	154.1	24.7	129.4	60.1	23.2	36.9

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-31 - Carga de Sólidos Suspensos municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 80%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	332.3	192.2	140.1	222.8	167.6	55.3	78.7	12.6	66.1	30.7	11.9	18.9
5	2022	354.2	204.9	149.3	237.6	178.6	58.9	83.9	13.5	70.4	32.7	12.6	20.1
10	2027	371.4	214.8	156.6	249.1	187.3	61.8	88.0	14.1	73.9	34.3	13.3	21.1
15	2032	383.2	221.6	161.6	257.0	193.3	63.7	90.8	14.6	76.2	35.4	13.7	21.7
20	2037	390.3	225.7	164.6	261.8	196.8	64.9	92.4	14.8	77.6	36.1	13.9	22.1

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-32 - Carga de Sólidos Suspensos municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 90%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	166.1	96.1	70.0	111.4	83.8	27.6	39.4	6.3	33.0	15.4	5.9	9.4
5	2022	177.1	102.4	74.7	118.8	89.3	29.5	42.0	6.7	35.2	16.4	6.3	10.0
10	2027	185.7	107.4	78.3	124.5	93.7	30.9	44.0	7.1	36.9	17.2	6.6	10.5
15	2032	191.6	110.8	80.8	128.5	96.6	31.9	45.4	7.3	38.1	17.7	6.8	10.9
20	2037	195.1	112.9	82.3	130.9	98.4	32.5	46.2	7.4	38.8	18.0	7.0	11.1

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-33 - Carga de Nitrogênio Total municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 50%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	110.8	64.1	46.7	74.3	55.9	18.4	26.2	4.2	22.0	10.2	4.0	6.3
5	2022	118.1	68.3	49.8	79.2	59.5	19.6	28.0	4.5	23.5	10.9	4.2	6.7

10	2027	123.8	71.6	52.2	83.0	62.4	20.6	29.3	4.7	24.6	11.4	4.4	7.0
15	2032	127.7	73.9	53.9	85.7	64.4	21.2	30.3	4.9	25.4	11.8	4.6	7.2
20	2037	130.1	75.2	54.9	87.3	65.6	21.6	30.8	4.9	25.9	12.0	4.6	7.4

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-34 - Carga de Fósforo Total municipal e por distrito (kg/dia) após tratamento com eficiência de 30%.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	48.5	28.0	20.4	32.5	24.4	8.1	11.5	1.8	9.6	4.5	1.7	2.7
5	2022	51.7	29.9	21.8	34.6	26.1	8.6	12.2	2.0	10.3	4.8	1.8	2.9
10	2027	54.2	31.3	22.8	36.3	27.3	9.0	12.8	2.1	10.8	5.0	1.9	3.1
15	2032	55.9	32.3	23.6	37.5	28.2	9.3	13.2	2.1	11.1	5.2	2.0	3.2
20	2037	56.9	32.9	24.0	38.2	28.7	9.5	13.5	2.2	11.3	5.3	2.0	3.2

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-35 - Carga de Coliformes Totais municipal e por distrito (NMP/dia) após tratamento com eficiência de 2 unidade Log.

Ano		Município			Sede			Barra Seca			NS de Fátima		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
0	2017	3E+09	2E+09	1E+09	2E+09	1E+09	5E+08	7E+08	1E+08	6E+08	3E+08	1E+08	2E+08
5	2022	3E+09	2E+09	1E+09	2E+09	1E+09	5E+08	7E+08	1E+08	6E+08	3E+08	1E+08	2E+08
10	2027	3E+09	2E+09	1E+09	2E+09	2E+09	5E+08	7E+08	1E+08	6E+08	3E+08	1E+08	2E+08
15	2032	3E+09	2E+09	1E+09	2E+09	2E+09	5E+08	8E+08	1E+08	6E+08	3E+08	1E+08	2E+08
20	2037	3E+09	2E+09	1E+09	2E+09	2E+09	5E+08	8E+08	1E+08	6E+08	3E+08	1E+08	2E+08

Fonte: Autoria própria.

5.2.2 Alternativas Atendimento das Demandas do SES

5.2.2.1 Objetivos e Metas

Nos Quadros 5-3 a 5-5 apresenta-se um resumo dos objetivos e sua projeção temporal dentro do horizonte de planejamento de 20 anos (curto, médio e longo prazos). Nestes Quadros também estão estabelecidos critérios de priorização de objetivos que refletirão as expectativas sociais.

Quadro 5-3 - Objetivos e Metas – Distrito Sede.

Demanda	Solução	Metas (Prazo)	Prioridade
Falta de rede coletora nos novos loteamentos	Implantação de melhorias no SES contemplando a ampliação das redes de coleta de esgoto e centralização de estação de tratamento.	Médio	Média
Utilização de fossas sépticas e rudimentares ainda representa opção de boa parte dos domicílios.	Prever implantação de rede coletora para recebimento dos efluentes. Possibilidade do uso de soluções alternativas individuais de tratamento, desde que autorizadas por órgão municipal competente, instaladas e mantidas de maneira adequada, sobretudo em comunidades rurais. Incentivo à população para realização das ligações na rede coletora, quando existir, por meio de ações educativas e de fiscalização a fim de reduzir o lançamento clandestino de esgotos sanitários em vias públicas, em galerias pluviais e em corpos hídricos.	Médio	Média
Lançamento de esgotos sanitários in natura de residências urbanas e rurais nos corpos hídricos locais, ou à céu aberto e/ou em redes de drenagem pluvial	Incentivo à população para realização das ligações na rede coletora, quando existir, por meio de ações educativas e de fiscalização a fim de reduzir o lançamento clandestino de esgotos sanitários em corpos hídricos e em redes de drenagem pluvial. Uso de soluções alternativas individuais de tratamento, desde que autorizadas por órgão municipal competente, instaladas e mantidas de maneira adequada, sobretudo em áreas rurais.	Curto	Alta

Fonte: Autoria própria.

Quadro 5-4 - Objetivos e Metas – Distrito Barra Seca.

Demanda	Solução	Metas (Prazo)	Prioridade
Necessita de rede coletora para atendimento de 88% dos domicílios.	Ampliação da cobertura de coleta com a implementação de novas redes coletoras.	Médio	Média
ETE Fossa Filtro na área urbana atendendo parcialmente a comunidade.	Estudo de concepção para verificar a necessidade de ampliação da capacidade de tratamento ou substituição da ETE de forma a atender toda comunidade.	Curto	Alta

Demanda	Solução	Metas (Prazo)	Prioridade
Lançamentos no Córrego Caximbau de esgotos in natura, ou à céu aberto e/ou em redes de drenagem pluvial.	Prever implantação de rede coletora para recebimento dos efluentes lançados in natura, quando for o caso. Possibilidade do uso de soluções alternativas individuais de tratamento, desde que autorizadas por órgão municipal competente, instaladas e mantidas de maneira adequada, sobretudo em comunidades rurais. Incentivo à população para realização das ligações na rede coletora, por meio de ações educativas e de fiscalização a fim de reduzir o lançamento clandestino de esgotos sanitários em vias públicas, em galerias pluviais e em corpos hídricos.	Curto	Alta
Manutenções periódicas na ETE	Estabelecimento de cronograma de ações de manutenção para garantir o bom funcionamento	Curto	Média
Monitoramento da eficiência e capacidade de tratamento.	Estabelecimento de monitoramento periódico para garantir a qualidade e eficiência do sistema de tratamento Estudo de concepção para verificar a necessidade de ampliação da capacidade de tratamento da ETE ou substituição do tipo de estação para aumento do nível de eficiência e atendimento dos padrões de lançamento, considerando níveis satisfatórios de operação.	Curto	Alta

Fonte: Autoria própria.

Quadro 5-5 - Objetivos e Metas – Distrito Nossa Senhora de Fátima.

Demanda	Solução	Metas (Prazo)	Prioridade
Lançamentos in natura no Córrego Veludo que passa na área urbana, ou à céu aberto e/ou em redes de drenagem pluvial.	Prever implantação de rede coletora para recebimento dos efluentes lançados in natura, quando for o caso. Possibilidade do uso de soluções alternativas individuais de tratamento, desde que autorizadas por órgão municipal competente, instaladas e mantidas de maneira adequada, sobretudo em comunidades rurais. Incentivo à população para realização das ligações na rede coletora, existente ou implantada, por meio de ações educativas e de fiscalização a fim de reduzir o lançamento clandestino de esgotos sanitários em vias públicas, em galerias pluviais e em corpos hídricos.	Curto	Alta
Necessidade de elaboração e implantação de melhorias no SES para atender toda comunidade urbana.	Implantação do SES com redes, EEEBs (quando necessário) e ETE(s).	Longo	Média

Fonte: Autoria própria.

5.2.2.2 Alternativas de Tratamento

O processo de avaliação e seleção da tecnologia mais apropriada para o tratamento de esgotos domésticos deve considerar a concepção do sistema de tratamento, os custos relativos à construção, a operação e a manutenção, bem como a reparação e a substituição do sistema (MASSOUD et al., 2009). As técnicas existentes para o tratamento de esgotos domésticos incluem duas abordagens básicas: centralizadas ou descentralizadas (MOUSSAVI et al., 2010; SURIYACHAN et al., 2012).

Tratamento Local (bacia)

Quando a coleta, o tratamento e a descarga (ou reuso) de efluentes acontecem próximo do local onde o efluente foi gerado, é chamado de sistema de tratamento descentralizado.

A necessidade de orientar os traçados da rede coletora na malha viária existente, mesmo sob melhor aproveitamento da topografia para obter uma condução dos efluentes pela maior parte da extensão do sistema por gravidade, requer invariavelmente a introdução de estações elevatórias para contornar e superar acidentes topográficos. Determinadas sub-bacias ou bacias não poderiam ser conectadas a outras sem o artifício da utilização de estações elevatórias de bombeamento, desconsiderando-se a hipótese de um aprofundamento exagerado e inviável técnica e economicamente de coletores para obter o escoamento por gravidade. A introdução de recalques significa custos adicionais, tanto de implantação quanto de operação, fatores de custo que incrementam na medida em que ocorre o bombeamento repetido de vazões acumuladas ao longo do caminho de condução.

Libralato et al. (2012) afirmam que os custos dos sistemas descentralizados se referem unicamente à unidade de tratamento. Além disso, a gestão desse tipo de sistema é facilitada, uma vez que o próprio gerador é responsável pelo sistema.

Tecnologias descentralizadas podem variar desde simples métodos biológicos até sistemas de membrana-filtração de alta tecnologia que reciclam efluentes. Tratamento descentralizado pode reduzir construções, operações e manutenções. É uma proposta interessante no auxílio da conservação dos recursos naturais e

provém uma característica ecologicamente correta o que faz deste sistema ser um atrativo para sua implantação (JORDAN & SENTHILNATHAN, 1996).

Além destas vantagens, Naphi (2004) também cita algumas:

- Não há mistura dos resíduos industriais com os domésticos;
- Utilização de tecnologias com menos investimentos em manutenção;
- Redução de custos, uma vez que não necessita de utilização de canais para o transporte dos resíduos;
- O efluente tratado está prontamente disponível para reutilização;
- Possibilidade de expansão do sistema;
- Facilidade de planejamento e execução, já que os projetos são simples e fáceis de executar, até pelo investimento financeiro;
- Possibilidade de empregar diferentes estratégias de gestão financeiramente e ambientalmente eficientes.

Crites & Tchobanoglous (1998), afirmam que as situações típicas que justificam a opção pelo método da descentralização são:

- Quando devem ser melhoradas a operação e administração de sistemas do local existente;
- Onde há falhas nos sistemas locais individuais;
- Onde a comunidade está distante dos sistemas de tratamento de esgotos existentes;
- Onde existem oportunidades para o reuso local do efluente tratado.

Tratamento Centralizado

A gestão centralizada é uma forma de tratar esgotos domésticos em regiões com elevada densidade populacional e urbanizadas. Trata-se de um sistema de tratamento que envolve um conjunto de equipamentos e instalações destinados a coletar, transportar, tratar e destinar de maneira segura grandes volumes de esgotos domésticos. Normalmente, estes sistemas são de propriedade pública (SURIYACHAN et al., 2012).

O sistema centralizado é aplicado na maior parte dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, sendo considerada uma tecnologia consolidada para solucionar

a problemática do tratamento de esgotos domésticos. Entretanto por se tratar de um sistema relativamente caro, no que se refere à implantação, operação e manutenção, este tipo de sistema não é apropriado para pequenas comunidades e/ou comunidades rurais (MASSOUD et al., 2009; SABRY, 2010). Os sistemas centralizados são fortemente dependentes de energia elétrica (LIBRALATO et al., 2012). Além disso, há utilização extensa de terra, bem como utilização de tecnologias de tratamento avançado (SURIYACHAN et al., 2012).

As desvantagens dos sistemas de tratamento de esgotos centralizados são citadas como: a elevada demanda de energia para a degradação do material carbonáceo e para a nitrificação; o “desperdício” na ordem de 20%, 5% e 90% de nitrogênio, fósforo e potássio, respectivamente, passíveis de serem reutilizados na agricultura; a alta produção de biossólidos (lodo) e os custos referentes à sua disposição final; alto custo de operação e manutenção das redes coletoras e estações de tratamento.

Comparação entre as Alternativas

Os sistemas descentralizados são destacados por garantir o acesso ao saneamento, principalmente em regiões rurais e periurbanas, as quais ainda sofrem pela falta de saneamento adequado. Já os sistemas centralizados são construídos principalmente para atender as áreas densamente povoadas.

Sistemas de tratamento descentralizados tem se tornado uma opção sustentável para o tratamento de esgotos domésticos, não só no Brasil, mas na Europa também, principalmente por ser uma alternativa de acessibilidade em locais distantes da rede de esgoto centralizada; possibilidade de geração de bioenergia, através da transformação do material orgânico; Possibilidade de reutilização do efluente, rico em nutrientes, em práticas agrícolas; e, reaproveitamento da água (ROELEVELD e ZEEMAN, 2006; MOELANTS et. al., 2011).

Tendo em vista que a Lei Federal nº 11.445 (BRASIL, 2007), que instituiu a Política Nacional de Saneamento, apresenta como destaque entre seus objetivos, “proporcionar condições adequadas de salubridade ambiental às populações rurais e de pequenos núcleos urbanos isolados”, a adoção de sistemas descentralizados pode contribuir para a universalização do saneamento em

assentamentos rurais, áreas periurbanas ou até mesmo no atendimento a populações em situação de risco em regiões urbanizadas.

5.3 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)

5.3.1 Estimativa das Demandas do SDMAPU

Conforme as cidades vão se urbanizando, os usos do solo urbano tendem a desprotegê-lo e impermeabilizá-lo, reduzindo o tempo de concentração, provocando o aumento da vazão de pico nas chuvas.

Visando o prognóstico aplicado nos Planos de Saneamento, Menezes Filho e Tucci (2012) obtiveram uma atualização da relação, desenvolvida por Campana e Tucci (1994), entre área impermeabilizada e densidade populacional para a cidade de Porto Alegre. Neste estudo foram identificados valores superiores de impermeabilização do solo por habitante por hectare, que passaram de 50 m² para 90 m² de área impermeabilizada média por habitante, para ocupações de 50 hab/ha.

Desta forma, para um prognóstico com horizonte de 20 anos têm-se para o Município de Jaguaré que para o cenário médio de crescimento populacional, a estimativa do aumento da área impermeabilizada deverá ser, para cada distrito, o apresentado na Tabela 5-36.

Os dados base para o desenvolvimento do estudo demográfico foram aqueles levantados pelo último censo do IBGE (2010). Os dados utilizados referiram-se apenas à população urbana dos distritos, por serem estas as que causarão impactos na impermeabilização de áreas nos perímetros urbanos.

Dessa forma, os incrementos de área impermeável seguem ano a ano em relação ao ano base de desenvolvimento, sendo usado como base para os cálculos o estudo desenvolvido por Menezes Filho e Tucci (2012).

Tabela 5-36 – Expansão da área impermeável por distrito para Jaguaré- ES.

Incremento da área impermeável (m²), por distrito no Município de Jaguaré, em relação ao ano base				
Intervalo de tempo (anos)	Distrito de Sede	Distrito de Barra Seca	Distrito de Nossa Senhora de Fátima	Município de Jaguaré
0	-	-	-	-
1	19014,6	1371,4	1179,2	21565,1
2	38298,7	2762,2	2375,1	43436,0
3	57856,3	4172,8	3587,9	65617,0
4	73084,8	5271,1	4532,3	82888,2
5	88479,0	6381,4	5487,0	100347,4
6	104040,8	7503,8	6452,0	117996,6
7	119772,0	8638,4	7427,6	135838,0
8	135674,5	9785,3	8413,8	153873,6
9	146753,4	10584,4	9100,8	166438,6
10	157915,4	11389,4	9793,0	179097,9
11	169161,2	12200,5	10490,4	191852,2
12	180491,3	13017,7	11193,1	204702,1
13	191906,5	13841,0	11901,0	217648,5
14	198781,0	14336,8	12327,3	225445,1
15	205686,3	14834,9	12755,5	233276,6
16	212622,5	15335,1	13185,6	241143,3
17	219589,9	15837,6	13617,7	249045,3
18	226588,5	16342,4	14051,7	256982,6
19	230376,0	16615,6	14286,6	261278,2
20	234164,1	16888,8	14521,5	265574,5

Fonte: Autoria própria.

Dessa forma, o aumento de áreas impermeabilizadas nas regiões urbanas levará ao aumento do escoamento superficial e diminuição do tempo de concentração, com aumento da vazão de pico.

Entretanto, isto ocorrerá apenas para as pequenas bacias de drenagem, uma vez que para bacias hidrográficas maiores, o incremento estimado de áreas impermeabilizadas deverá ser ínfimo em relação a área total da bacia.

Para Jaguaré, onde o perímetro urbano da Sede se encontra na área de cabeceiras de afluentes do Córrego Caximbau, e pela previsão feita acima, terá um grande incremento na área impermeabilizada nos próximos anos. Dessa forma, é importante que as Áreas de Preservação Permanente (APP), e sobretudo os maciços florestais restantes nas cabeceiras, continuem sendo protegidas ou recuperadas.

Todos os demais perímetros urbanos de Jaguaré estão próximos a rios de bacias hidrográficas maiores, e com boa cobertura florestal, o que levará a impactos desprezíveis.

Mesmo que o Município não apresente problemas de inundação é importante que haja a intensificação das ações para a promoção do ordenamento territorial, fazendo-se valer da aplicação de suas leis e diretrizes para o uso e ocupação do solo.

A falta de estudos específicos de dimensionamento e modelagem de escoamento nas sub-bacias que contemplam trechos urbanos dificultam a avaliação dos reais motivos das ocorrências de alagamentos para o Município.

Sendo assim, o Quadro 5-6 abaixo, apresenta os problemas já existentes em relação a drenagem para o Município, levantados na etapa de diagnóstico deste estudo, e identificando os aspectos prognósticos esperados para os diversos perímetros e comunidades em relação ao levantamento do incremento de área impermeável.

Quadro 5-6 – Aspectos prognósticos para as áreas urbanas de Jaguaré-ES.

Distrito	Perímetro urbano/ Comunidade	Problemas apontados no diagnóstico	Prognóstico
Sede	Sede	Alagamento na rua Vovô França e próximo a CDL e supermercado Sartori no bairro Irmã Tereza Altoé, próximo ao supermercado da Praça no Bairro Laquini, na Av. Nove de Agosto e na rua Silvan Pariz no bairro Centro	Possível continuidade dos problemas de alagamento caso não seja feita a desobstrução/redimensionamento das redes de drenagem e permanência da dificuldade de acesso a equipamentos públicos (Programa Saúde da Família Palmital)
		Alagamento em região de brejo (UTM 24k: 386164 E; 7909200 S)	Tendência de eventual aumento dos problemas caso sejam impermeabilizadas áreas a montante dessa região, visto que é uma região que apresenta cotas mais baixas e propensa a alagamentos
Nossa Senhora de Fátima	Nossa Senhora de Fátima	Alagamento na Rua Antônio Carlos Simões, nas imediações da Igreja de Fátima	Tendência de permanência dos problemas de alagamento caso não sejam realizadas obras de drenagem e permanência da dificuldade de acesso a equipamentos públicos (Programa Saúde da Família Fátima)
Barra Seca	Barra Seca	Não foram diagnosticados problemas de alagamentos ou inundações	Os distritos deverão continuar sem problemas de alagamento e inundação caso sejam respeitadas as legislações vigentes de ordenamento urbano.

Fonte: Autoria própria.

5.3.2 Alternativas Atendimento das Demandas do SDMAPU

5.3.2.1 Estabelecimento de diretrizes para o controle de escoamentos na fonte

As metodologias de controle do escoamento na fonte são orientadas nas concepções de utilização de dispositivos para aumentar a infiltração na fonte, ou seja, na área do usuário urbano ou na reserva, dentro da área do usuário urbano, de parcela de volume de escoamento superficial gerada devido à sua instalação na bacia.

A abrangência e tipo de procedimento de controle a ser empregado são definidos em função da atenuação necessária ao hidrograma de cheia de cada bacia hidrográfica urbana.

Atualmente, o Plano Diretor do Município de Jaguaré, para garantia da permeabilidade do solo, estabelece a taxa de permeabilização mínima de 15 % (quinze por cento) da área do lote, na zona residencial.

Ainda, a preservação das áreas florestais remanescentes é importante para manter os sítios de infiltração nas bacias hidrográficas, no intuito de reduzir o escoamento superficial e a ocorrência de enxurradas e inundações.

Desta forma, como medida de controle ambiental recomenda-se a preservação dos maciços florestais existentes, e recuperação de áreas desmatadas, sobretudo aquelas definidas pela Lei 12.651 de 2012 como APP.

Seguindo nesta linha, as medidas de controle de escoamento na fonte incluem principalmente diretrizes para o uso de pavimentos permeáveis nas vias e de outros dispositivos que auxiliem a infiltração controlada da água no solo.

Para o meio rural, as medidas de controle do escoamento na fonte passam desde o uso de técnicas de cultivo voltadas a preservação do solo e da água dentro das propriedades rurais, à reestruturação das estradas vicinais com a construção e manutenção de caixas secas, ao recobrimento de taludes de corte e aterro para que se evitem erosões e prejuízos futuros.

5.3.2.2 Medidas mitigadoras para contenção de erosões e assoreamento

Assoreamento é o processo de deposição de sedimentos detríticos, restabelecendo contato com o fundo do leito devido à gravidade. A sedimentação é um processo natural ocasionado por erosão de partículas e seu posterior transporte (TUCCI, 1998). Porém, fatores antrópicos aceleram tal processo, o que causa efeitos negativos para o Meio Ambiente.

Segundo Carvalho (2000), a quantidade e intensidade das chuvas, tipo de solo e formação geológica, cobertura e uso do solo, topografia, escoamento superficial,

características dos sedimentos, são fatores que contribuem para a erosão e transporte dos sedimentos em rios, gerando assoreamento.

O controle dos processos erosivos envolve: evitar o impacto das gotas de chuva; disciplinar o escoamento superficial seja ele difuso ou, em especial, concentrado e; facilitar a infiltração de água no solo.

Em áreas agrícolas para se obter aumento das taxas de infiltração de água no solo e redução do escoamento superficial, é aconselhável práticas como: Plantio em nível, controle de capinas, uso de resíduos na superfície do solo (casca de café, resíduo de poda e etc), terraceamento, cordões de contorno, implantação de florestas comerciais.

Para áreas de pastagens, são também necessárias práticas de manejo conservacionistas, a fim de evitar o assoreamento, pode-se citar: Melhoria das condições químicas do solo (adequar nutrientes do solo às exigências da gramínea); Adequação da taxa de lotação e escolha adequada das espécies.

Nas estradas, no intuito de melhorar as condições de trafegabilidade, e para a redução da velocidade de escoamento superficial de forma eficiente e para a ampliação das taxas de infiltração e consequente redução do escoamento superficial e erosão, recomendam-se estruturas como caixas secas e bacias de contenção, instaladas às margens de rodovias pavimentadas ou vicinais. Além disso, recomenda-se medidas como recobrimento de áreas não transitáveis com espécies herbáceas, principalmente gramíneas e recobrimento de taludes de corte e aterro.

5.3.2.3 Medidas mitigadoras gerenciais

Práticas de gestão eficiente da drenagem urbana são capazes de garantir o correto funcionamento da rede instalada, além de aumentar a sua vida útil, garantindo a minimização dos prejuízos durante os grandes eventos pluviométricos.

As medidas gerenciais são não estruturais, de baixo custo, podem ser tomadas em caráter imediato, e são capazes de trazer um retorno considerável em um curto

período de tempo. Como exemplo, pode-se citar a manutenção do sistema de drenagem, que é fundamental para permitir a efetividade de obras ao longo do tempo. Por isso, as manutenções devem ser periódicas, registradas e executadas tanto em períodos secos como chuvosos, mesmo que com uma frequência diferenciada (SÃO PAULO, 2012).

Deverá ocorrer a designação de um profissional responsável para a gestão do eixo drenagem dentro da Prefeitura, a fim de organizar e alimentar um banco de dados, além de coordenar e gerir com planejamento as ações de drenagem urbana no Município, bem como o desenvolvimento de toda e qualquer questão relativa ao tema, assim como para o acompanhamento da aplicação das metas e programas propostos por este plano. Da mesma forma deverá ocorrer a formulação de um fluxograma que tenha as diretrizes básicas de atendimento aos principais problemas apresentados pela rede de drenagem e suas respectivas ações de resposta.

O Quadro 5-7 ressalta as medidas mitigadoras de implementação imediata.

Quadro 5-7 - Medidas mitigadoras a serem implementadas no sistema de drenagem e suas prioridades no Município.

Demandas	Dimensão Da Demanda	Prioridade
Manutenção dos cursos d'água de forma planejada	Limpeza do caminhamento urbano, com retirada de material assoreado e vegetação invasora do Curso d'água.	Imediata
Manutenção do sistema de macrodrenagem urbana de forma planejada	Desobstrução do sistema de macrodrenagem assoreado na Sede e distritos. Não há informação da extensão total das redes de macrodrenagem.	Imediata
Manutenção da rede de microdrenagem de forma planejada	Limpeza (principalmente das bocas de lobo) e reparos no sistema de drenagem.	Imediata
Crescimento sustentável das áreas urbanas	Fiscalização e ordenamento das construções urbanas	Imediata

Fonte: Autoria própria.

Todas estas medidas imediatas supracitadas também possuem caráter contínuo, ou seja, são medidas de gestão que devem ser realizadas continuamente dentro de um ambiente planejado, e que tenham a capacidade de se aperfeiçoarem com as experiências adquiridas ao longo dos anos.

5.4 PROGNÓSTICO DO SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS)

5.4.1 Estimativa das Demandas do SLUMRS

Para mensurar as necessidades de serviços Sistema de Limpeza Urbana e Manejo de Resíduos Sólidos (SLUMRS), foram analisados os dados obtidos no diagnóstico técnico-participativo. As projeções das demandas, por serviço, foram estimadas para o horizonte de 20 anos, considerando a definição de metas de:

- Imediatos ou emergenciais – até 3 anos;
- Curto prazo – entre 4 a 8 anos;
- Médio prazo – entre 9 a 12 anos;
- Longo prazo – entre 13 a 20 anos.

No Quadro 5-8 é apresentado o resumo dos principais aspectos observados em cada etapa, as respectivas demandas e graus de prioridade.

Quadro 5-8 - Demandas observadas no diagnóstico de Jaguaré.

Demanda	Dimensão da demanda	Prioridade
<u>Limpeza Pública:</u> Os serviços são prestados por uma empresa contratada. Não existem programas e projetos específicos para a limpeza pública como projeto de varrição contemplando mapas de varrição e medição de produtividades dos varredores. Estas lacunas fazem com que o município não tenha uma apuração quanto à efetividade dos serviços prestados e recursos utilizados.	Elaboração do plano de varrição que contemple mapas de varrição e medição de produtividade dos varredores.	Curto Prazo
<u>Acondicionamento:</u> Não existem projetos de acondicionamento de resíduos. A maior parte da população dispõe os sacos de lixo em pontos específicos, próximos a suas residências o que favorece a criação de pontos viciados. O projeto de acondicionamento deve prever regras para todas as tipologias de resíduos, considerando pequenos e grandes geradores, bem como regras quanto a localização de pontos fixos de recebimento, mesmo que estes resíduos sejam de responsabilidade do gerador. Desta forma o município propicia uma padronização e facilita a comunicação visual por parte do usuário, bem como pela fiscalização.	Elaboração de projeto de acondicionamento de resíduos.	Curto Prazo
<u>Coleta:</u> O serviço de coleta é bem amplo e feito por 03 caminhões compactadores, porém, devem ser feitas melhorias no controle de percurso e otimização das rotas desses caminhões.	Elaboração de roteiro de Coleta	Curto Prazo

Demanda	Dimensão da demanda	Prioridade
Transporte: Todo o transporte é realizado por empresas contratadas e não é feito o controle de velocidade e percurso por parte do município.	Elaboração de projeto de controle de velocidade e percurso dos caminhões que realizam a coleta	Longo Prazo
Coleta seletiva: A coleta seletiva no município é incipiente e necessita que seja elaborado um projeto de coleta seletiva que abranja todo município.	Elaboração de um projeto de coleta seletiva, adequado a realidade local.	Curto Prazo
Destinação final: A destinação final é realizada de forma adequada em aterro sanitário.	Implementar procedimentos de pesagem dos resíduos enviados ao aterro.	Curto Prazo
Compostagem: Não existe no município sistema de compostagem de resíduos orgânicos e toda esta parcela é destinada para aterro sanitário.	Elaboração de um projeto de compostagem.	Curto Prazo
Inclusão social de catadores: Existe a ACAMARES no município que conta com 05 associados, a renda por associado em média é R\$ 600,00. Estão todos registrados no CAD Único do Governo Federal.	Elaboração de um projeto de coleta seletiva, adequado a realidade local de contar com um número adequado de catadores de materiais reaproveitáveis.	Curto Prazo
Resíduos de Construção Civil: O município faz o gerenciamento dos RCC gerados por meio de contratação de empresa terceirizada que disponibiliza caçambas estacionárias e transporta até o bota fora. Diante deste cenário, constata-se que o município não possui legislação que diferencie pequeno e médio gerador, a arca com os custos de uma parcela de geradores que não deveria, os grandes geradores. Além disto, o contrato não leva em consideração a quantidade gerada, pois os resíduos não são pesados, o que não possibilita a avaliação real quanto ao volume gerado e o custo real que deveria ser cobrado. Outra situação observada é o local de disposição de RCC que não atende as normas técnicas, pois não permite o reaproveitamento da parcela reaproveitável dos RCC. Além disto, parte dos resíduos verdes é destinada na mesma área.	Elaboração de uma legislação que diferencie pequeno e médio gerador de RCC. E adequação do local de disposição temporária.	Emergencial
Resíduos de Serviço de Saúde: O município faz o gerenciamento dos RSS gerados no município por meio de contratação de empresa terceirizada que coleta, transporta e dá destinação final aos resíduos. O contrato é por mês de serviço prestado e não leva em consideração a quantidade gerada o que não possibilita a avaliação real quanto ao volume gerado e o custo real que deveria ser cobrado.	Revisão do contrato e elaboração de legislação que diferencie pequeno e médio gerador.	Médio Prazo
Resíduos de responsabilidade dos geradores: O município não tem controle de gestão sobre os resíduos de responsabilidade dos geradores. Não possui legislação e instrumento normativo que indique quais atividades necessitam apresentar os Planos de Gerenciamento de Resíduos, quando	Elaborar projeto que vise adequação das estruturas do município em termos legislativos, pessoal e infraestrutura que permita o controle sobre o	Emergencial

Demanda	Dimensão da demanda	Prioridade
licenciados pelo município ou quando são licenciados pelo órgão estadual competente, conforme a competência. Não existe sistema de informação de resíduos.	gerenciamento dos resíduos por parte dos geradores.	
<u>Resíduos com logística reversa obrigatória:</u> O município não tem controle de gestão sobre os resíduos com logística reversa obrigatória pelo gerador.	Elaborar planejamento de ação em relação ao acompanhamento do cumprimento das obrigações da logística reversa pelos respectivos responsáveis.	Curto Prazo
<u>Sistematização das informações:</u> Na etapa de coleta de dados verificou-se que os dados não estão sistematizados, e que parte das informações está sob controle do SAAE.	Implantação de sistema de informação de resíduos que se integre ao SNIR.	Médio Prazo

Fonte: Autoria própria.

5.4.2 Estimar produção de resíduos e percentuais de atendimento pelo sistema de limpeza urbana

A estimativa de produção de resíduos foi calculada considerando o cenário de projeção de crescimento populacional e apresentado no Diagnóstico do PMSB.

Foram confeccionados 3 cenários de projeção:

- Pessimista: considerando o aumento da geração per capita de resíduos;
- Conservador: considerando a manutenção da geração per capita de resíduos nos valores atuais; e
- Otimista: considerando o decréscimo da geração per capita de resíduos.

A escolha do cenário dependerá das estratégias adotadas pelo município para a gestão dos resíduos sólidos e da participação da população na forma de um consumo mais consciente.

O percentual de geração de resíduos utilizado nos cálculos foi de 0,77 Kg/hab.dia e corresponde à taxa de geração per capita para município na faixa populacional 2, considerando os municípios realizam a pesagem dos RSU - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerada um aumento na taxa de geração per capita de 2,6%aa para o cenário pessimista, sem aumento para o cenário conservador e -1% para o cenário otimista.

O Potencial de RSU – Secos foi considerado como sendo 31,9% e de RSU – Úmidos foi de 51,4% e 16,7% conforme proposto no Plano Nacional de Resíduos Sólidos que está em fase de aprovação pelo Governo Federal (IPEA/2012).

Os rejeitos foram calculados como sendo a parcela do total de resíduos gerados que não são reciclados ou compostados. Portanto, terão que ser encaminhado para destinação ambientalmente correta.

Portanto, a partir da definição do cenário de referência será possível dimensionar as infraestruturas necessárias para prestação dos serviços de coleta, triagem, compostagem e disposição final dos rejeitos, dentre outros.

A prospectiva de planejamento estratégico para a gestão dos RSU será feita com base na avaliação de cenários. O Cenário populacional adotado será o cenário de crescimento médio apresentado no Diagnóstico do PMSB.

Quanto à de Gestão de resíduos foram definidos três cenários, sendo estes: pessimista, médio e otimista.

A definição do cenário ideal ou aplicável no município irá permitir o dimensionamento do sistema, seja nas medidas estruturantes como as infraestruturas, quanto nas estruturais como mobilização social e capacitação para a gestão do sistema.

Cenário 1 – Crescimento Populacional Médio, taxa de geração per capita estável e Cenário de Gestão de Resíduos sólidos Pessimista

Cenário 2 – Crescimento Populacional Médio, taxa de geração per capita estável e Cenário de Gestão de Resíduos sólidos Médio

Cenário 3 – Crescimento Populacional Médio, taxa de geração per capita estável e Cenário de Gestão de Resíduos sólidos otimista

Nas Tabelas 5-37 e 5-38 são apresentadas as metas de alcance das taxas de materiais recicláveis na parcela de RSU - Secos e as metas de alcance das taxas de materiais compostáveis na parcela de RSU – Úmidos.

Tabela 5-37 - Metas de alcance das taxas de coleta de materiais recicláveis na parcela de RSU – Secos.

Cenário	Metas / Ano					
	2017	2020	2025	2030	2035	2037
Cenário pessimista	5%	10%;	15%	20%	30%	30%
Cenário médio	5%	20%	40%	60%	80%	80%
Cenário otimista	5%	25%	50%	75%	100%	100%

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-38 - Metas de alcance das taxas de materiais compostáveis na parcela de RSU – Úmidos.

Cenários	Metas / Ano					
	2017	2020	2025	2030	2035	2037
Cenário pessimista	2%	5%;	7,5%	10%	15%	15%
Cenário médio	2%	5%	10%	20%	30%	30%
Cenário otimista	2%	10%	20%	30%	40%	40%

Fonte: Autoria própria.

As Tabelas 5-39, 5-40 e 5-41 apresentam as estimativas de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU para os Cenários 1, 2 e 3 respectivamente.

Tabela 5-39 - Estimativa de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU – Cenário 1.

Ano	População	Geração per capita de Resíduos (kg/hab.dia) Projetado	Geração total de RSU (t/ano)	Potencial de RSU - secos (t/ano)	Potencial de RSU - úmidos (t/ano)	Potencial de RSU - rejeitos (t/ano)
				31,9% dos RSU ^(b)	51,4 % dos RSU ^(b)	16,7 % dos RSU ^(b)
	A	B ^(a) = 0,77(1,026) ⁿ	C = A*B	D = 31,9% C	E= 51,4%C	F = 16,7%C
2015	26.920	0,77	7.462,22	2.380,45	3.835,58	1.246,19
2017	27.689	0,81	8.079,64	2.577,40	4.152,93	1.349,30
2020	28.883	0,88	9.102,74	2.903,78	4.678,81	1.520,16
2025	30.490	1,00	10.925,07	3.485,10	5.615,49	1.824,49
2030	31.651	1,13	12.894,10	4.113,22	6.627,57	2.153,31
2035	32.367	1,29	14.991,42	4.782,26	7.705,59	2.503,57
2036	32.445	1,32	15.418,27	4.918,43	7.924,99	2.574,85
2037	32.523	1,35	15.857,17	5.058,44	8.150,59	2.648,15
2015/2037 (%)	32,05	75,89	112,50	112,50	112,50	112,50

Nota:

a) 0,77 corresponde à taxa de geração per capita para município na faixa populacional 1, considerando os municípios realizam a pesagem dos RSU - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerado um aumento na taxa de geração per capita de 2,6%aa.

b) Percentuais de 31,9% de secos e 51,4% de úmidos e 16,7% de rejeitos segundo PNRS (Brasil, 2012).

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-40 - Estimativa de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU – Cenário 2.

Ano	População	Geração per capita de Resíduos (kg/hab.dia) Projetado	Geração total de RSU (t/ano)	Potencial de RSU - secos (t/ano)	Potencial de RSU - úmidos (t/ano)	Potencial de RSU - rejeitos (t/ano)
				31,9% dos RSU ^(b)	51,4 % dos RSU ^(b)	16,7 % dos RSU ^(b)
	A	B ^(a) = 0, 77	C = A*B	D = 31,9% C	E= 51,4%C	F = 16,7%C
2015	26.920	0,77	7.462,22	2.380,45	3.835,58	1.246,19
2017	27.689	0,77	7.675,33	2.448,43	3.945,12	1.281,78
2020	28.883	0,77	8.006,37	2.554,03	4.115,27	1.337,06
2025	30.490	0,77	8.451,83	2.696,13	4.344,24	1.411,46
2030	31.651	0,77	8.773,66	2.798,80	4.509,66	1.465,20
2035	32.367	0,77	8.972,13	2.862,11	4.611,68	1.498,35
2036	32.445	0,77	8.993,75	2.869,01	4.611,68	1.501,96
2037	32.523	0,77	9.015,38	2.875,90	4.611,68	1.505,57
2015/2037 (%)	32,05	0,00	20,81	20,81	20,23	20,81

Nota:

a) 0,77 corresponde à taxa de geração per capita para município na faixa populacional 1, considerando os municípios realizam a pesagem dos RSU - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerado que a taxa de geração per capita se mantém estável em 0,77.

b) Percentuais de 31,9% de secos e 51,4% de úmidos e 16,7% de rejeitos segundo PNRS (Brasil, 2012).

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-41 - Estimativa de geração de RSU e previsão de atendimento pelo SMLPU – Cenário 3.

Ano	População	Geração per capita de Resíduos (kg/hab.dia) Projetado	Geração total de RSU (t/ano)	Potencial de RSU - secos (t/ano)	Potencial de RSU - úmidos (t/ano)	Potencial de RSU - rejeitos (t/ano)
				31,9% dos RSU ^(b)	51,4 % dos RSU ^(b)	16,7 % dos RSU ^(b)
	A	B ^(a) = 0, 77 (0,99) ⁿ	C = A*B	D = 31,9% C	E= 51,4%C	F = 16,7%C
2015	26.920	0,77	7.462,22	2.380,45	3.835,58	1.246,19
2017	27.689	0,75	7.522,59	2.399,71	3.866,61	1.256,27
2020	28.883	0,73	7.613,98	2.428,86	3.913,58	1.271,53
2025	30.490	0,70	7.643,68	2.438,33	3.928,85	1.276,49
2030	31.651	0,66	7.545,86	2.407,13	3.878,57	1.260,16
2035	32.367	0,63	7.338,37	2.340,94	3.771,92	1.225,51
2036	32.445	0,62	7.282,49	2.323,12	3.771,92	1.216,18
2037	32.523	0,62	7.227,00	2.305,41	3.771,92	1.206,91
2015/2037 (%)	32,05	-19,84	-3,15	-3,15	-1,66	-3,15

Nota:

a) 0,77 corresponde à taxa de geração per capita para município na faixa populacional 1, considerando os municípios realizam a pesagem dos RSU - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerado que a taxa de geração per capita reduz 1%a.a.

b) Percentuais de 31,9% de secos e 51,4% de úmidos e 16,7% de rejeitos segundo PNRS (Brasil, 2012).

Fonte: Autoria própria.

5.4.3 Estimativas anuais dos volumes de produção de resíduos sólidos

Para o cálculo do volume foram considerados os pesos específicos aparente das parcelas dos RSU. O peso específico aparente da parcela de recicláveis foi considerado como sendo 65 kg/m^3 (BASSANI, 2011). O peso específico aparente da parcela de compostável e dos rejeitos foi considerado como sendo de 230 kg/m^3 (IBAM, 2001). As projeções anuais de volume foram estimadas com base no cenário médio das metas de alcance das taxas de materiais recicláveis na parcela de RSU - Secos e as metas de alcance das taxas de materiais compostáveis na parcela de RSU – Úmidos apresentadas acima.

Tabela 5-42 - Estimativa anual de volume de RSU – Cenário 1.

Ano	Geração total de RSU (t/ano)	Potencial de RSU - secos (t/ano)	Potencial de Recicláveis (t/ano) ^(b)	Estimativa anual de volume de recicláveis	Potencial de RSU - úmidos (t/ano)	Potencial de material compostável (t/ano) ^(c)	Estimativa anual de volume de materiais compostáveis	Potencial de RSU - rejeitos (t/ano)	Estimativa anual de volume de rejeitos
		31,9% dos RSU ^(d)	X = 5% (2015) ; 10% (2020); 30% (2025); 60% (2030); 80% (2035)	PEA (65Kg/m³) ^(e)	51,4 % dos RSU ^(d)	Z = 2% (2015) ; 5% (2020); 20% (2025); 40% (2030); 60% (2035)	PEA (65Kg/m³) ^(e)		PEA (65Kg/m³) ^(e)
		D = 31,9% C	E = x%*D	F = E*1000/65	G = 51,4%*C	H = Z%*F	I = H*1000/230		K = J*1000/230
2015	7.462,22	2.380,45	119,02	1.831,11	3.835,58	76,71	333,53	7.266,49	31.593,43
2017	8.079,64	2.577,40	128,87	1.982,62	4.152,93	83,06	361,12	7.867,71	34.207,43
2020	9.102,74	2.903,78	290,38	4.467,35	4.678,81	233,94	1.017,13	8.578,43	37.297,50
2025	10.925,07	3.485,10	1.045,53	16.085,07	5.615,49	1.123,10	4.883,03	8.756,44	38.071,50
2030	12.894,10	4.113,22	2.467,93	37.968,17	6.627,57	2.651,03	11.526,21	7.775,14	33.804,97
2035	14.991,42	4.782,26	3.825,81	58.858,64	7.705,59	4.623,36	20.101,54	6.542,26	28.444,60
2036	15.418,27	4.918,43	3.825,81	58.858,64	7.924,99	4.754,99	20.673,89	6.837,46	29.728,10
2037	15.857,17	5.058,44	3.825,81	58.858,64	8.150,59	4.890,35	21.262,40	7.141,01	31.047,87
2015/2037 (%)	112,50	112,50	3.114,36	3.114,36	112,50	6.274,98	6.274,98	-1,73	-1,73

Nota:

a) 0,77 Corresponde à taxa de geração per capita para município com faixa populacional 2 considerando os municípios que utilizam balança - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerado um aumento na taxa de geração per capita de 2,6%aa.

b) Metas para coleta seletiva municipal: 2020 - 10%; 2025 - 30%; 2030 - 60%; 2035 - 80%.

c) Metas para a compostagem municipal: 2020 - 5%; 2025 - 20%; 2030 - 40%; 2035 - 60%.

d) Percentuais de 31,9% de secos e 51,4% de úmido segundo PNRS (Brasil, 2012).

e) PEA – Peso Específico Aparente.

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-43 - Estimativa anual de volume de RSU – Cenário 2.

Ano	Geração total de RSU (t/ano)	Potencial de RSU - secos (t/ano)	Potencial de Recicláveis (t/ano) ^(b)	Estimativa anual de volume de recicláveis	Potencial de RSU - úmidos (t/ano)	Potencial de material compostável (t/ano) ^(c)	Estimativa anual de volume de materiais compostáveis	Potencial de RSU - rejeitos (t/ano)	Estimativa anual de volume de rejeitos
		31,9% dos RSU ^(d)	X = 5% (2015) ; 10% (2020); 30% (2025); 60% (2030); 80% (2035)	PEA (65Kg/m³) ^(e)	51,4 % dos RSU ^(d)	Z = 2% (2015) ; 5% (2020); 20% (2025); 40% (2030); 60% (2035)	PEA (65Kg/m³) ^(e)		PEA (65Kg/m³) ^(e)
	C = A*B	D = 31,9% C	E = x%*D	F = E*1000/65	G = 51,4%C	H = Z%F	I = H*1000/230	J = C - E - H	K = J*1000/230
2015	7.462,22	2.380,45	119,02	1.831,11	3.835,58	76,71	333,53	7.266,49	31.593,43
2017	7.675,33	2.448,43	122,42	1.883,41	3.945,12	78,90	343,05	7.474,01	32.495,69
2020	8.006,37	2.554,03	255,40	3.929,28	4.115,27	205,76	894,62	7.545,20	32.805,22
2025	8.451,83	2.696,13	808,84	12.443,69	4.344,24	868,85	3.777,60	6.774,14	29.452,78
2030	8.773,66	2.798,80	1.679,28	25.835,05	4.509,66	1.803,86	7.842,89	5.290,52	23.002,24
2035	8.972,13	2.862,11	2.289,69	35.225,97	4.611,68	2.767,01	12.030,46	3.915,44	17.023,65
2036	8.993,75	2.869,01	2.289,69	35.225,97	4.622,79	2.773,67	12.059,45	3.930,39	17.088,66
2037	9.015,38	2.875,90	2.289,69	35.225,97	4.633,90	2.780,34	12.088,44	3.945,35	17.153,68
2015/2037 (%)	20,81	20,81	1.823,74	1.823,74	20,81	3.524,41	3.524,41	-45,70	-45,70

Nota:

a) 0,77 Corresponde à taxa de geração per capita para município com faixa populacional 1 considerando os municípios que utilizam balança - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerado que a taxa de geração per capita se mantém estável em 0,77.

b) Metas para coleta seletiva municipal: 2020 - 10%; 2025 - 30%; 2030 - 60%; 2035 - 80%.

c) Metas para a compostagem municipal: 2020 - 5%; 2025 - 20%; 2030 - 40%; 2035 - 60%.

d) Percentuais de 31,9% de secos e 51,4% de úmido segundo PNRS (Brasil, 2012).

e) PEA – Peso Específico Aparente.

Fonte: Autoria própria.

Tabela 5-44 - Estimativa anual de volume de RSU – Cenário 3.

Ano	Geração total de RSU (t/ano)	Potencial de RSU - secos (t/ano)	Potencial de Recicláveis (t/ano) ^(b)	Estimativa anual de volume de recicláveis	Potencial de RSU - úmidos (t/ano)	Potencial de material compostável (t/ano) ^(c)	Estimativa anual de volume de materiais compostáveis	Potencial de RSU - rejeitos (t/ano)	Estimativa anual de volume de rejeitos
		31,9% dos RSU ^(d)	X = 5% (2015) ; 10% (2020); 30% (2025); 60% (2030); 80% (2035)	PEA (65Kg/m³) ^(e)	51,4 % dos RSU ^(d)	Z = 2% (2015) ; 5% (2020); 20% (2025); 40% (2030); 60% (2035)	PEA (65Kg/m³) ^(e)		PEA (65Kg/m³) ^(e)
	C = A*B	D = 31,9% C	E = x%*D	F = E*1000/65	G = 51,4%C	H = Z%F	I = H*1000/230	J = C - E - H	K = J*1000/230
2015	7.462,22	2.380,45	119,02	1.831,11	3.835,58	76,71	333,53	7.266,49	31.593,43
2017	7.522,59	2.399,71	119,99	1.845,93	3.866,61	77,33	336,23	7.325,28	31.849,03
2020	7.613,98	2.428,86	242,89	3.736,71	3.913,58	195,68	850,78	7.175,41	31.197,44
2025	7.643,68	2.438,33	731,50	11.253,85	3.928,85	785,77	3.416,39	6.126,41	26.636,57
2030	7.545,86	2.407,13	1.444,28	22.219,65	3.878,57	1.551,43	6.745,34	4.550,15	19.783,27
2035	7.338,37	2.340,94	1.872,75	28.811,57	3.771,92	2.263,15	9.839,80	3.202,46	13.923,76
2036	7.282,49	2.323,12	1.872,75	28.811,57	3.743,20	2.245,92	9.764,87	3.163,82	13.755,74
2037	7.227,00	2.305,41	1.872,75	28.811,57	3.714,68	2.228,81	9.690,47	3.125,44	13.588,88
2015/2037 (%)	-3,15	-3,15	1.473,44	1.473,44	-3,15	2.805,43	2.805,43	-56,99	-56,99

Nota:

a) 0,77 Corresponde à taxa de geração per capita para município com faixa populacional 1 considerando os municípios que utilizam balança - SNIS-RS 2014 (SNIS, 2016). Foi considerado que a taxa de geração per capita reduz 1%a.a.

b) Metas para coleta seletiva municipal: 2020 - 10%; 2025 - 30%; 2030 - 60%; 2035 - 80%.

c) Metas para a compostagem municipal: 2020 - 5%; 2025 - 20%; 2030 - 40%; 2035 - 60%.

d) Percentuais de 31,9% de secos e 51,4% de úmido segundo PNRS (Brasil, 2012).

e) PEA – Peso Específico Aparente.

Fonte: Autoria própria.

5.4.4 Alternativas Atendimento das Demandas do SLUMRS

Análise e seleção das alternativas de intervenção visando à melhoria das condições sanitárias em que vivem as populações urbanas e rurais. Tais alternativas terão por base as carências atuais dos serviços de saneamento básico, que devem ser projetadas utilizando-se, por exemplo, a metodologia de cenários alternativos de evolução gradativa do atendimento.

As demandas na prestação de serviço de limpeza pública e manejo de resíduos sólidos podem ser sanadas a partir da avaliação de alternativas que podem se diferenciar quanto à forma de gestão, podendo ser realizada pela própria prefeitura ou pelo consórcio público, bem como na execução do serviço.

O Quadro 5-9 apresenta as alternativas para atendimento das principais etapas no serviço de limpeza pública e manejo de resíduos sólidos

Quadro 5-9 - Alternativas para atendimento das demandas nos serviços de limpeza e manejo de resíduos.

Serviços	Alternativas para atendimento
Varrição	1 - Plano de varrição manual que contemple todas as ruas calçadas dos municípios com mão de obra própria. 2 - Plano de varrição manual que contemple todas as ruas calçadas dos municípios com mão de terceirizada.
Coleta convencional	1 – Plano de Coleta convencional com previsão de universalização do serviço realizado pela prefeitura municipal. 2 – Plano de Coleta convencional com previsão de universalização do serviço realizado por empresa terceirizada. 3 – Plano de Coleta convencional com previsão de universalização do serviço realizado por empresa terceirizada gerida pelo consórcio público intermunicipal.
Coleta seletiva	1 – Plano de Coleta seletiva com previsão de universalização do serviço de forma gradual realizado pela prefeitura municipal (diretamente ou com terceirização do serviço para empresa privada), com entrega do material coletado para associação/cooperativa de catadores. 2 – Plano de Coleta seletiva com previsão de universalização do serviço de forma gradual realizado pelo consórcio público (diretamente ou com terceirização do serviço para empresa privada), com entrega do material coletado para associação/cooperativa de catadores. 3 - Plano de Coleta seletiva com previsão de universalização do serviço de forma gradual realizado por associação/cooperativa de catadores de materiais reaproveitáveis, e com entrega do material coletado para associação/cooperativa de catadores.
Transbordo	1 – Adequação da Estação de Transbordo municipal. 2 – Conclusão das Estações de Transbordo do Programa ES sem Lixão e encaminhamento dos resíduos coletados para a ET do ES sem Lixão
Transporte	Elaborar plano de transporte com análise da frota e equipe de trabalho e monitoramento de indicadores de qualidade do serviço prestado, como quilometragem e carga transportada por viagem.
Destinação final	1 – Destinar os RSU para aterro sanitário a ser licenciado no próprio município.

Serviços	Alternativas para atendimento
	2 – Destinar os RSU para aterro sanitário a ser licenciado em outro município por meio do CONORTE. 3 – Destinar os RSU para aterro sanitário a ser licenciado por empresa terceirizada.
Compostagem	1 – Projeto de compostagem gradual de RSU úmidos limpos, com coleta diferenciada de geradores específicos como feiras, supermercados, bares e restaurantes, e afins, realizado pela prefeitura municipal (diretamente ou com terceirização do serviço para empresa privada). 2 - Projeto de compostagem gradual de RSU úmidos limpos, com coleta diferenciada de geradores específicos como feiras, supermercados, bares e restaurantes, e afins, realizado pelo consórcio público (diretamente ou com terceirização do serviço para empresa privada).
Inclusão social de catadores	Inclusão social de catadores de materiais recicláveis para a etapa de educação ambiental e sensibilização da população.
Resíduos da Construção Civil (RCC)	1 - Projeto de gerenciamento de RCC com definição dos pequenos e grandes geradores, estruturação da coleta e destinação final dos resíduos gerados pelos pequenos geradores e regulamentando os procedimentos para que o grande gerador realize as etapas de coleta, transporte e destinação final dos RCC gerados. 2 - Projeto de gerenciamento de RCC com definição dos pequenos e grandes geradores, estruturação da coleta e destinação final dos resíduos gerados pelos pequenos geradores e regulamentando os procedimentos de cobrança de para o município realizar as etapas de coleta, transporte e destinação final dos RCC gerados pelo grande gerador.
Resíduos de Serviço de Saúde (RSS)	1 - Projeto de gerenciamento de RSS com definição de regulamentando dos procedimentos para que os geradores realizem as etapas de coleta, transporte e destinação final dos RSS gerados, sendo que o município não irá realizar nenhuma etapa do manejo. 2 - Projeto de gerenciamento de RSS com definição de regulamentando dos procedimentos para que os geradores realizem as etapas de coleta, transporte e destinação final dos RSS gerados, podendo o município realizar etapas do manejo dos resíduos definido previamente em regulamento próprio, com cobrança de taxa pública pelo serviço prestado.
Resíduos de responsabilidade dos geradores	1 - Elaborar procedimentos normativos que estabeleçam procedimentos a serem adotados pelos geradores quanto ao manejo dos resíduos, sendo que o município não irá realizar nenhuma etapa do manejo. 2 - Elaborar procedimentos normativos que estabeleçam procedimentos a serem adotados pelos geradores quanto ao manejo, podendo o município realizar etapas do manejo dos resíduos definido previamente em regulamento próprio como similares aos RSU, com cobrança de taxa pública pelo serviço prestado.
Resíduos com logística reversa obrigatória	1 – Elaborar procedimento de fiscalização para avaliar o cumprimento das resoluções CONAMA que estabelecem a obrigatoriedade da logística reversa e; 2 – Elaborar procedimentos para participação nos sistemas de logística reversa que serão estabelecidos nos novos acordos setoriais a partir da Lei 12.305/2010.

Fonte: Autoria própria.

5.5 PROGNÓSTICO DA SITUAÇÃO ECONÔMICA

5.5.1 Prognóstico das Finanças municipais

No amplo Diagnóstico realizado para o município de Jaguaré; especificamente no que tange à evolução das receitas e despesas da administração pública municipal, bem como da sustentabilidade financeira dos serviços ligados aos quatro eixos do saneamento básico, foi possível dimensionar o tamanho do desafio para a sustentação econômica da gestão e da prestação dos serviços conforme os objetivos do Plano.

No Diagnóstico ficou clara a fragilidade na geração de receitas por meio da estrutura tributária municipal. Além disso, percebeu-se que apenas os sistemas de água e esgoto possuem algum tipo de sustentação financeira mais independente, todavia, ainda assim foi apurado um importante déficit operacional.

Para o município de Jaguaré foram levantados esses indicadores para os anos de 2013, 2014 e 2015, tal como apresentado na Tabela a seguir.

Tabela 5-45 - Apuração dos Indicadores Gerenciais das Finanças Públicas Municipais de Jaguaré-ES.

Indicadores Gerenciais	2013	2014	2015
1. Transferências Intergovernamentais x Geração de receita própria	1.00 X 0,09	1.00 X 0,09	1.00 X 0,11
2. Receita Tributária Per Capita	R\$ 192,33	R\$ 189,16	R\$ 230,91
3. Vinculação da Receita Corrente	47,23%	47,91%	47,34%
4. Capacidade de Poupar	3,47%	-0,03%	-5,72%
5. Resultado Fiscal	2,19%	-2,66%	-9,56%
6. Despesa per Capita com Prestação de Serviços	R\$ 2.537,55	R\$ 2.712,49	R\$ 2.907,55
7. Investimento per capita	R\$ 160,16	R\$ 225,93	R\$ 238,04
8. Endividamento Bruto	0,00%	0,17%	2,29%
9. Nível de Investimento	5,80%	7,89%	8,25%

Fonte: IBGE Cidades/Sinconfi/STN (2015).

Dos indicadores gerenciais acima, cabem nota para alguns que podem revelar maior ou menor dificuldade na execução dos investimentos que serão apurados para a execução dos Planos, Programas, Projetos e Ações.

Inicialmente chama-se a atenção para o 1º indicador que apura o grau de dependência municipal em relação às transferências intergovernamentais. Veja-se que em Jaguaré a geração de receita própria apresenta uma baixíssima proporção quando comparada com as transferências intergovernamentais, isso porque em média para cada R\$ 1,00 de transferência tem-se apenas R\$ 0,10 de

receita própria gerada. Essa fragilidade de geração de receitas também pode ser verificada no segundo indicador. Isso mostra que o PMSB requererá do município de Jaguaré um alto esforço de captação de recursos.

Outro dado importante para ser comentado é a vinculação da receita corrente. Em Jaguaré, apesar de quase metade da receita possuir destinação definida em leis e/ou convênios, ainda existe uma boa margem para a definição das áreas a serem investidas, o que aumenta a flexibilidade na elaboração da Lei Orçamentária Anual, possibilitando a inclusão das obras de saneamento básico.

5.5.2 Análise dos direcionadores de Futuro

A análise dos eventos denominados “Direcionadores de futuro” aparece como um complemento a todas as informações levantadas e prognosticadas até o momento. Um bom prognóstico deve levar em consideração acontecimentos esperados ou em curso que possam ter direta relação com o objeto de análise.

Assim, a análise segue com os aspectos da contemporaneidade da economia, do clima, das possíveis mudanças sociais entre outros que possam sinalizar possíveis impactos para a dinâmica municipal e, conseqüentemente, possam trazer pressões sobre o sistema de saneamento básico.

A partir do levantamento e análise das questões que envolvem o município de Jaguaré, observaram-se os direcionadores apresentados a seguir como possíveis eventos e impactos na cidade:

- Investimentos previstos para o município;
- Questões ambientais;
- Crescimento populacional;
- Déficit habitacional;

No que tange aos investimentos, cabe destacar que o município de Jaguaré está inserido na microrregião nordeste onde é esperado um investimento da ordem de R\$ 4,6 bilhões até o ano de 2020. Desses investimentos, uma parte será canalizada para o município de Jaguaré para instalação de empresas em seu Condomínio Empresarial. Tal como levantado no Diagnóstico, duas empresas já

se encontram devidamente instaladas e em funcionamento, outras já receberam doação de terreno por meio de Lei Complementar (Conf. LC nº1293/2015; 1294/2015; 1295/2015; 1297/2015) e várias outras já protocolaram pedido de participação.

No condomínio empresarial a previsão é de instalação de até 37 empresas, entre elas dezenas de indústrias que trazem consigo uma alta demanda para ao menos três eixos do Saneamento básico. Nesse caso, vale lembrar que a Prefeitura Municipal de Jaguaré conta com a Instrução Normativa nº 1 de 20 de agosto de 2014 que dispõe sobre o enquadramento das atividades potencialmente poluidoras e/ou degradadoras do meio ambiente com obrigatoriedade de licenciamento ambiental junto à SEMMA e sua classificação quanto ao potencial poluidor e porte. A maior parte das indústrias está contemplada na IN, sendo, portanto, necessário um diálogo constante entre os processos de licenciamento e o presente Plano que ora se constrói.

Além do condomínio, destaca-se também a construção da primeira fábrica de café encapsulado, cujos investimentos serão da ordem de 50 milhões (FINDES, 2014).

Em relação às questões ambientais, Jaguaré é reconhecidamente uma região de alta produtividade de café. No entanto, na esteira dessa vocação agrícola aparece o histórico desmatamento que suprimiu grande parte da cobertura vegetal natural do município. De acordo com o Incaper (2010), a cobertura de vegetação atual/original do município é de apenas 11% (7.197 Km²), sendo que o aspecto é de muita fragmentação dos remanescentes da mata atlântica. Veja-se que é um percentual muito abaixo do que estabelece a atual legislação ambiental sobre as áreas de reserva. Essa supressão é responsável por mudanças no microclima, no regime hidrológico, provocando uma queda da biodiversidade (INCAPER, 2010).

A queda da biodiversidade é um dos responsáveis, por exemplo, pela crise hídrica porque passam os municípios capixabas. Em Jaguaré, a preocupação com a crise tem sido constante, inclusive devido às perdas substanciais provocada na produção agrícola. Nesse sentido, o PMSB deve considerar essa complexa realidade.

Quando se analisa a dinâmica populacional no município de Jaguaré a partir dos vários cenários possíveis apresentados no diagnóstico, verifica-se que no caso de

um baixo crescimento populacional a população de Jaguaré crescerá 25,95% (6.366 pessoas) até 2037, já considerando um cenário de alto crescimento essa taxa saltará para 43,1% (10.511 pessoas).

No diagnóstico foram apuradas as seguintes áreas como vetores de expansão urbana no município de Jaguaré: Propriedade de Giovane D'Agostini e bairros Pedro de José Altoé, Mata Atlântica, Novo Tempo e Nova Esperança.

Mesmo considerando o cenário de crescimento populacional mais baixo, os números se apresentam como um importante desafio a ser superado, já que o atual passivo ambiental do município aponta para uma redução progressiva da capacidade de atendimento das demandas previstas para o Eixo água.

A dinâmica de crescimento populacional pode se refletir em déficit habitacional. Em Jaguaré o Instituto Jones dos Santos Neves no ano de 2014 apurou a existência de 515 famílias em situação de déficit habitacional. Desse total, aproximadamente 30% referia-se a habitação precária, isso revela uma deficiência no estoque de moradia apontando para a necessidade de construção de novas habitações. A outra parte do déficit referia-se à necessidade de incremento do estoque haja vista a existência de coabitação forçada de mais de uma família no mesmo espaço, alta densidade de moradores em pequenos espaços ou famílias convivendo com ônus excessivo de aluguel (IJSN, 2015).

Esse déficit habitacional, na hipótese positiva de ser superado por meio de programas de habitação de interesse social, será responsável por pressionar os quatro eixos do Saneamento básico municipal.

5.5.3 Cenários Prospectivos

A construção dos cenários se fez com base em todas as informações coletadas, analisadas e discutidas nas fases pretéritas de elaboração do Plano, todas consubstanciadas nos diagnósticos técnico-participativos e sistematizadas nas seções anteriores. Além disso, neste capítulo apresentam-se os direcionadores de futuro, ou seja, os eventos esperados e que possivelmente impactarão na realidade do município de Jaguaré pressionando, especialmente, o Sistema de Saneamento Básico.

Os cenários prospectivos ora apresentados para o Município de Jaguaré trazem quatro futuros possíveis, cuja materialização ou não, dependerá da forma como se dará o processo de execução do Plano Municipal de Saneamento Básico. Esses cenários são: o Negativo, a Tendência, o Possível e o Positivo (desejável).

O cenário Negativo ocorre quando os eventos futuros se materializam sem que haja ações proativas e planejadas por parte dos atores. A Tendência seria resultado de uma efetivação dos eventos futuros aliados a uma postura apenas reativa dos atores, ou seja, trata-se da continuidade do Status quo, o Cenário Possível e o Positivo são resultados de ações organizadas e planejadas por parte dos atores. Quanto mais as ações se antecipam aos eventos futuros, mais se aproxima da situação desejável. Nesse sentido, o Cenário mais otimista, desejável e positivo é uma realidade que dependerá não só da efetivação adequada do planejamento, mas também das habilidades políticas na execução do Plano.

No Quadro abaixo se apresenta um detalhamento dos cenários prospectivos para o Sistema de Saneamento Básico de Jaguaré.

Quadro 5-10 - Cenários Prospectivos para o Sistema de Saneamento Básico de Jaguaré.

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
Meio Ambiente	Intensificação do processo de desmatamento das matas ciliares Ampliação na pressão sobre os corpos hídricos pelo uso como fontes alternativas de abastecimento de água Poluição acelerada dos corpos hídricos pelo lançamento de esgoto e resíduos Intensificação de processos de assoreamento Poluição acelerada do solo pelo uso de agroquímicos Danos ambientais severos e periódicos causados por enchentes e inundações. Poluição do ar intensa causada pelo tratamento indevido de resíduos	Manutenção do ritmo de desmatamento das matas ciliares Pressão sobre os corpos hídricos pelo uso como fontes alternativas de abastecimento de água Poluição dos corpos hídricos pelo lançamento de esgoto e resíduos Processos de assoreamento em curso Poluição do solo pelo uso de agroquímicos Danos ambientais regulares causados por enchentes e inundações Presença de poluição do ar causada pelo tratamento indevido de resíduos	Interrupção do processo de desmatamento das matas ciliares Redução na pressão sobre os corpos hídricos pelo uso como fontes alternativas de abastecimento de água Interrupção do aumento da poluição dos corpos hídricos pelo lançamento de esgoto e resíduos Processos de assoreamento controlados Redução da poluição do solo pelo uso de agroquímicos Danos ambientais moderados e ocasionais causados por enchentes e inundações Redução dos níveis de poluição do ar causada pelo tratamento indevido de resíduos	Recuperação das matas ciliares Utilização sustentável dos recursos hídricos Recuperação dos corpos hídricos de poluição causada pelo lançamento de esgotos e resíduos Recuperação de áreas assoreadas Utilização sustentável do solo Danos ambientais causados por enchentes e inundações raros Preservação da qualidade do ar pelo devido tratamento aos resíduos
Socioeconômico	Ampliação de populações ocupando irregularmente as margens de córregos e rios sem fiscalização Ampliação de populações não atendidas pelo serviço de abastecimento e tratamento de água Redução da qualidade, capacidade e abrangência dos serviços de saneamento básico ocasionado pelo	Presença de populações ocupando irregularmente as margens de córregos e rios sem fiscalização Presença de populações não atendidas pelo abastecimento e tratamento de água Baixa qualidade, capacidade e abrangência dos serviços de saneamento básico ocasionado pelo crescimento populacional e de atividades econômicas	Fiscalização das ocupações irregulares das margens de córregos e rios Redução de populações não atendidas pelo abastecimento e tratamento de água com ampliação do sistema Ampliação da qualidade, capacidade e abrangência dos serviços de saneamento básico para acompanhar o crescimento populacional e de atividades econômicas	Fiscalização das ocupações irregulares das margens de córregos e rios e controle do processo de ocupação do solo Toda a população atendida pelo abastecimento e tratamento de água a partir da ampliação do sistema Ampliação da qualidade, capacidade e abrangência dos serviços de saneamento básico em ritmo superior ao

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
	crescimento populacional e de atividades econômicas Alta resistência da população ao serviço de abastecimento de água gerando pressões sociais Piora no nível de consciência e educação ambiental da população Percentual elevado da população sem acesso à rede coletora de esgotos Aumento na frequência de doenças de veiculação hídrica, com a possibilidade de desenvolvimento de endemias Aumento do número de residências sem instalações sanitárias Perdas econômicas frequentes devido a inundações e alagamentos de residência, sistema viário, equipamentos públicos, entre outros Desconforto intenso causado pela presença de pontos viciados e destinação incorreta de resíduos	Resistência da população ao serviço de abastecimento de água gerando pressões sociais Baixo nível de consciência e educação ambiental da população Percentual significativo da população sem acesso à rede coletora de esgotos Ocorrência regular de doenças de veiculação hídrica Presença significativa de residências sem instalações sanitárias Perdas econômicas regulares devido a inundações e alagamentos de residência, sistema viário, equipamentos públicos, entre outros Desconforto moderado causado pela presença de pontos viciados e destinação incorreta de resíduos	Quebra de resistência da população ao serviço de abastecimento de água gerando pressões sociais Melhoras no nível de consciência e educação ambiental da população Redução da população sem acesso à rede coletora de esgotos Redução de doenças de veiculação hídrica Redução do percentual de residências sem instalações sanitárias Perdas econômicas mínimas devido a inundações e alagamentos de residência, sistema viário, equipamentos públicos, entre outros Redução gradativa do desconforto causado pela presença de pontos viciados e destinação incorreta de resíduos	crescimento populacional e de atividades econômicas População participando de forma consciente do serviço regular de abastecimento de água População amplamente consciente e educada para questões ambientais Toda a população com acesso à rede coletora de esgotos Ocorrência mínima de doenças de veiculação hídrica Todas as residências do município com instalações sanitárias Realocação completa das unidades habitacionais em áreas de risco, alagamentos e inundações. Bom nível de qualidade de vida pela ausência de pontos viciados e destinação correta de resíduos
Operacionais	Degradação e incapacidade de atendimento à demanda do serviço de abastecimento de água do município Ampliação das interrupções no fornecimento de água	Padrões insatisfatórios de atendimento e qualidade da rede de abastecimento de água Interrupções frequentes no fornecimento de água	Melhora no padrão de atendimento e qualidade da rede de abastecimento de água Interrupções esporádicas no fornecimento de água com a	Excelência no padrão de qualidade e atendimento da rede de abastecimento de água Fornecimento de água sem interrupções com a ampliação das fontes de abastecimento

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
	Aumento do volume de perdas do sistema de abastecimento de água Percentual elevado da extensão municipal sem rede coletora de esgotos Percentual elevado de esgoto coletado sem tratamento ou com tratamento inadequado Falhas operacionais constantes do sistema de drenagem Ampliação significativa do número de pontos viciados Elevado volume de resíduos orgânicos destinados a aterros Ausência de sistema de manejo e gestão de RSU, RSS e RCC Serviço de limpeza pública ineficientes	Manutenção dos atuais índices de perdas do sistema de abastecimento de água Percentual significativo da extensão municipal sem rede coletora de esgotos Percentual significativo de esgoto coletado sem tratamento ou com tratamento inadequado Falhas operacionais regulares do sistema de drenagem Expressiva presença de pontos viciados Volume significativo de resíduos orgânicos destinados a aterros Sistema precário e ineficiente de manejo e gestão de RSU, RSS e RCC Serviço de limpeza pública precário	ampliação das fontes de abastecimento Pequena redução do índice de perdas do sistema de abastecimento de água Redução do percentual da extensão municipal sem rede coletora de esgotos Redução significativa do percentual de esgoto coletado sem tratamento ou com tratamento inadequado Falhas operacionais esporádicas do sistema de drenagem Redução do número de pontos viciados Redução do volume de resíduos orgânicos destinados a aterros Melhora no sistema de manejo e gestão de RSU, RSS e RCC Melhora nos serviços de limpeza pública	Minimização do índice de perdas do sistema de abastecimento de água Toda a extensão municipal com rede coletora de esgotos Todo o esgoto coletado com tratamento adequado Falhas operacionais mínimas do sistema de drenagem Ausência de pontos viciados com recuperação de áreas degradadas por resíduos orgânicos destinados a aterros Gerenciamento de resíduos com perfeita integração com a Associação de catadores, fomentando a coletiva seletiva adequadamente e reduzindo os resíduos gerados Sistema eficiente e completo de manejo e gestão de RSU, RSS e RCC Serviços de limpeza pública regulares e eficientes
Atendimento ao Usuário	Redução da capacidade de atendimento da demanda pelos serviços de saneamento básico Elevada insatisfação dos usuários dos serviços de saneamento básico	Atendimento parcial das demandas pelos serviços de saneamento básico, com deficiências pontuais Níveis pouco favoráveis de satisfação dos usuários	Atendimento total e satisfatório das demandas pelos serviços de abastecimento de água, inclusive em relação à qualidade da água, e de coleta e destinação de resíduos sólidos e cobertura parcial dos serviços de esgotamento sanitário e de drenagem pluvial	Atendimento total e satisfatório das demandas pelos serviços de saneamento básico Plena satisfação dos usuários dos serviços de saneamento básico

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
			Níveis favoráveis de satisfação dos usuários dos serviços de saneamento básico	
Finanças	Incapacidade de realizar investimentos com recursos próprios por parte da municipalidade Impossibilidade de captação de recursos para ampliação e manutenção dos serviços Aumento gradual dos gastos com operação e manutenção do sistema, possibilidade de insolvência financeira e risco alto de falhas recorrentes no mesmo	Capacidade financeira própria limitada a gastos emergenciais Incapacidade financeira própria na realização de serviços de ampliação e melhoria do sistema Dificuldades na captação de recursos para ampliação e manutenção dos serviços Aumento gradual dos gastos com operação e manutenção do sistema, com risco de falhas no mesmo	Capacidade financeira própria de realizar investimentos de manutenção do sistema existente e melhorias e ampliações pontuais Capacidade de captação de recursos para ampliações pontuais do sistema Aumento gradual dos gastos com operação e manutenção do sistema e possibilidade de acompanhar parcialmente as demandas	Capacidade financeira de investimentos com recursos próprios e captação para manutenção e ampliação do sistema Sustentabilidade financeira dos serviços de saneamento básico Aumento gradual dos gastos com operação e manutenção do sistema e com contrapartida adequada de ampliação das receitas
Institucional	Ausência de instrumentos de promoção de consciência ambiental Incapacidade de gestão do sistema Ausência de transparência e mecanismos de controle social quanto ao sistema Ausência de indicadores relativos ao sistema Descumprimento recorrente da legislação e incapacidade de atender padrões de qualidade exigidos Enfraquecimento institucional ocasionando incapacidade de planejamento e gestão do sistema	Iniciativas esporádicas de conscientização e educação ambiental Baixa capacidade de gestão do sistema Controle social exercido sem mecanismos regulares e institucionalizados Avaliação do sistema realizada sem periodicidade definida e sem indicadores bem estabelecidos Informações sobre o sistema esporádicas e não sistemáticas Cumprimento parcial e limitado da legislação e dos requisitos de qualidade	Iniciativas periódicas de conscientização e educação ambiental Capacidade média de gestão do sistema Criação de mecanismos regularizados de controle social Avaliação periódica do sistema com o estabelecimento de critérios bem definidos para a mesma Disponibilização de um conjunto de informações gerais sistemáticas e periódicas sobre o funcionamento do sistema	Ações sistematizadas e permanentes de consciência e educação ambiental Eficiência na gestão do sistema Rotinas e métodos de controle social bem definidos e estabelecidos Acompanhamento dos resultados do Plano Municipal de Saneamento Básico por um conjunto de indicadores monitorados permanentemente Cumprimento dos requisitos legais e dos padrões de qualidade efetuados por

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
	Incapacidade de controle e acompanhamento dos contratos relativos aos serviços de saneamento	efetuado como resposta a fiscalização externa Capacidade de planejamento e gestão do sistema limitada a ações de curto prazo. Capacidade baixa de controle e acompanhamento dos contratos relativos aos serviços de saneamento	Cumprimento parcial da legislação e dos requisitos de qualidade efetuado como resposta a fiscalização externa e mecanismos próprios de controle Capacidade de planejamento e gestão do sistema limitada a ações de curto e médio prazos Capacidade de controle e acompanhamento dos contratos relativos aos serviços de saneamento	mecanismos incorporados à própria gestão Capacidade de planejamento e gestão do sistema no curto, no médio e no longo prazos Gestão de excelência dos contratos relativos aos serviços de saneamento

Fonte: Autoria própria.

5.6 PROGNÓSTICO E PROPOSTA DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Por meio dos problemas e desafios, bem como avanços e potencialidades descritos em Quadro 5-11 fez-se possível estabelecer programas, projetos e ações descritos no próximo tópico.

Quadro 5-11 - Cenários em Saneamento Básico.

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
Meio Ambiente	Percepção moderada da população em relação aos investimentos nas diversas políticas públicas efetivadas pelo poder público municipal na cidade de Jaguaré, sobretudo na zona rural; Baixo controle social das políticas públicas, haja vista que os presentes em reuniões declararam ser necessário ampliar os convites para as reuniões participativas para acompanhamento das políticas; Baixo conhecimento da população dos aspectos legislativos do saneamento básico; Baixo envolvimento dos movimentos sociais, organizações e entidades que atuam no município nos aspectos relacionados ao saneamento básico, como exemplo, em reunião de mobilização social, compareceram apenas cinco organizações, quando há o registro de quinze organizações atuantes no município; Também houve o baixo envolvimento das prestadoras	A lista de presença aponta que a maioria dos presentes em reunião eram moradores do bairro centro da sede do município. Esse fator pode sugerir a facilidade da participação social dos moradores dessa localidade. Diante disso, faz-se necessário a criação de mecanismos que garantam a escuta dos moradores dos distritos do município; O processo da elaboração do PMSB mostrou a fragilidade da participação social, mas pode ser considerada um avanço, tendo em vista o número de moradores que compareceram à Reunião, mesmo não estando organizados. Possibilitando uma aproximação e possível organização futura para exercer o controle social das políticas públicas de forma mais eficaz.	Destacam-se os instrumentos de comunicação social do município: site oficial da prefeitura, o “<i>Jornal Jaguaré</i>” de frequência mensal, e, rádio local “Ativa FM” como mecanismos importantes para promoção do controle social através da difusão de informações relevantes para a execução dos planos; Destacam-se os aspectos culturais do município como fortes mecanismos de promoção de controle social através da difusão de informações, bem como sensibilização da população para o saneamento básico. No município de Jaguaré existem manifestações culturais advindas do legado dos imigrantes e negros escravizados que foram trazidos ao Estado, como a Festa do Produtor Rural.	Um aspecto relevante identificado em processo de levantamento do diagnóstico é a contribuição dos profissionais agentes comunitários de saúde no processo de implementação do saneamento básico. Sendo assim, destaca-se o potencial desses profissionais nos esforços de difusão de informações importantes, bem como a promoção da universalização do saneamento básico; No quesito de análise sobre a participação popular para elaboração do diagnóstico técnico participativo, avalia-se positivamente a disponibilidade dos munícipes em contribuir com o levantamento de informações reais relacionadas ao saneamento básico. Como exemplo, em reunião de mobilização para levantamento do diagnóstico observou-se o grande número de intervenções que possibilitou uma sistematização bastante detalhada das questões do município, seus desafios e problemas a serem

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
	de serviços de saneamento básico no município.			enfrentados, para além de implicações diretas e soluções passíveis ao plano.

Fonte: Autoria Própria.

Quadro 5-12 - Cenários prospectivos da Educação Ambiental.

Categoria	Cenários			
	Negativo	Tendência	Possível	Positivo
Educação Ambiental	Desigualdade racial e dos sexos no que se refere à frequência escolar; Declaração em reunião de mobilização por parte da população que existem poucas ações a respeito da educação ambiental como parte da cultura da cidade, ocorrendo ações de forma pontual como a Associação de Coleta Seletiva, a qual promove ações porta a porta. Nas escolas existe o plano de Educação Ambiental, além da divulgação de panfletos de ações ambientais. Há também o disque entulho da prefeitura, que visa remover o entulho gerado pela construção civil e o lixo industrial.	Executar ações previstas em Programa Estadual de Educação Ambiental.	Planejar ações permanentes e que articule a comunidade escolar para além do âmbito escolar formal. Implantar ações no âmbito escolar que repercutam no seio comunitário como hortas, separação do lixo.	Existência do Programa Municipal de Educação Ambiental; Existência do Fórum Municipal de Educação Ambiental; Existência de um programa de Educação Ambiental na reserva de Sooretama.

Fonte: Autoria própria.

5.7 REFERÊNCIAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Normas Brasileiras**. Disponível em: www.abnt.org.br/. Acesso em 08 fev. 2017.

B&B Engenharia Ltda. **Prognósticos e Alternativas para a Universalização dos Serviços de Saneamento Básico**. Objetivo e Metas: Várzea Paulista. São Paulo, 2014. Disponível em: http://gove.varzeapaulista.sp.gov.br/include/concursos_publicos/pdfs/ou_146_844.pdf. Acesso em: 13/02/2017.

BASSANI, P. D. Caracterização de resíduos sólidos de coleta seletiva em condomínios residenciais: estudo de caso em Vitória – ES. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

BONTEMPO, V. L.; OLIVIER, C.; MOREIRA, C. W. S.; OLIVEIRA, G. Gestão das águas urbanas em Belo Horizonte: avanços e retrocessos. **Rega** – Revista de Gestão de Água da América Latina. Vol. 9, n. 1, p. 5-16, 2012.

BORJESON, L., HOJER, M., DREBORG, K. H., EKVALL, T., FINNVEDEN, G. Towards a User's Guide to Scenarios: a Report on Scenario Type and Scenario Techniques. *Environmental Strategies Research*. Stockholm: Royal Institute of Technology, 2005.

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. **Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 de outubro de 2015

BRASIL. Lei Nº 11.445, de 5 de Janeiro de 2007. **Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 08 de novembro de 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Plano Nacional de Resíduos Sólidos**. Brasília, agosto de 2012.

BRASIL. Plano Nacional em Saneamento Básico. 2015. Disponível em: http://www.cidades.gov.br/images/stories/ArquivosSNSA/PlanSaB/plansab_texto_editado_para_download.pdf. Acesso em: 25 abr. 2015.

BRASIL. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental Programa de Educação Ambiental e Mobilização Social em Saneamento. **Caderno metodológico para ações de educação ambiental e mobilização social em saneamento**. Brasília, DF: Ministério das Cidades, 2009.

CAIXA – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Manejo e Gestão dos Resíduos da construção civil. Volume 1: Manula de orientação: Como montar um sistema de manejo e gestão nos municípios, Brasília, 2005.

CAMPANA, N.A; TUCCI, C. E. M. Estimativa de área impermeável de macro-bacias urbanas. RBE, **Caderno de Recursos Hídricos**. Vol.2, n.2. 1994.

CARVALHO, N. O; FILIZOLA Jr., SANTOS, P. M. C; LIMA, J. E. F. W. **Guia de avaliação de assoreamento de reservatórios**. Brasília. ANEEL, 185p. 2000.

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem. **Lixo Municipal: Manual de Gerenciamento Integrado**. Coordenação: André Vilhena - 3.ed. São Paulo: CEMPRE, 2010.

CHERNICHARO, C. A. de L. e COSTA, A. M. L. M. da. **Drenagem Pluvial**. In: **Manual de Saneamento e Proteção Ambiental Para os Municípios**. Vol. 2 – Saneamento. Escola de Engenharia da UFMG. 1995.

Decreto nº 3792-R. **Institui O Comitê das Bacias Hidrográficas do Rio Barra Seca e da Foz do Rio Doce**. Publicado no DIOES em 23 de março de 2015. Disponível em: <https://agerh.es.gov.br/cbh-barra-seca-e-foz>. Acesso em: 08 de novembro de 2016

ESPÍRITO SANTO. Lei Estadual nº 9.864, de 26 de junho de 2012. **Dispõe sobre a reformulação do Programa de Pagamento por Serviços Ambientais**. Disponível em: <http://www.al.es.gov.br>. Acesso em: 06 de novembro de 2016.

FINDES. Caminhos para o desenvolvimento regional. São Mateus e Região. 1ª Edição. 2014.

FRANCO, F. L.. Prospectiva estratégica: uma metodologia para a construção do futuro. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

FUZARO, J.A. & RIBEIRO, L.T. (2007). Coleta seletiva para prefeituras. 5 ed. São Paulo: SMA/CPLA.

GEOTÉCNICA. **Cartilha Erosão**. 3. ed. Brasília: José Camapum de Carvalho e Noris Costa Diniz, 2007. 34 p. Disponível em: http://www.geotecnica.unb.br/downloads/publicacoes/cartilhas/cartilha_erosao_2007.pdf. Acesso em: 20 jan. 2015.

GODET, Michel et al. *Scenarios and strategies*. A toolbox for problem solving. Paris: Lipsor, 2004.

GODET, Michel. *Creating futures scenario planning as a strategic management tool*. Paris: Economica, 2006.

GODET, Michel. *From anticipation to action: a handbook of stratégie prospective*. Paris: Unesco, 1994.

GODET, Michel; DURANCE, Philippe. *La prospectiva estratégica para las empresas y los territorios*. Paris: Lipsor, 2009.

GODET, Michel; DURANCE, Philippe. *Prospectiva estratégica: problemas y métodos*. 2. ed. Paris: Lipsor, 2007.

IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal. **Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos** / José Henrique Penido Monteiro [et al.]; coordenação técnica Victor Zular Zveibil. Rio de Janeiro: IBAM, 2001.

IJSN. Déficit Habitacional no Espírito Santo com base no CadÚnico. Textos para Discussão, 53. Vitória-ES, 2015. 52p.

IJSN. Déficit Habitacional no Espírito Santo com base no CadÚnico. Textos para Discussão, 53. Vitória-ES, 2015. 52p.

INCAPER. Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural – município de Jaguaré, PROATER 2011 – 2013. Vitória – Es, 2010.

INCAPER. Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural – município de Jaguaré, PROATER 2011 – 2013. Vitória – Es, 2010.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Resíduos agrossilvopastoris I – Resíduos orgânicos**. Caderno de Diagnóstico. 2011c.

LEAL, A.C. Resíduos Sólidos no Pontal do Paranapanema, Presidente Pudente, São Paulo: Antonio Thomas Junior, 2004.

LOREGAZZI, A. Contribuições conceituais para o gerenciamento de resíduos sólidos e ações de educação ambiental. In:

LOUREIRO, A. L. *Gestão dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário no Estado da Bahia*: análise de diferentes modelos. 2009. Dissertação (mestrado em engenharia ambiental urbana) – Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MAGALHÃES, R, C. Erosão: Definições, tipos e formas de controle. **VII Simpósio Nacional de Controle de Erosão**: Goiânia. p. 2. 2001.

MENEZES FILHO, F. C. M. de; TUCCI, C. E. M. Alteração na redação entre densidade habitacional x área impermeável: Porto Alegre – RS. **Revista de Gestão de Água da América Latina** - REGA. Vol. 9, n. 1, p. 49-55. 2012.

MOISÉS, Márcia et al. **A política federal de saneamento básico e as iniciativas de participação, mobilização, controle social, educação em saúde e ambiental nos programas governamentais de saneamento**. *Ciênc. saúde coletiva*, Ago 2010, vol.15, no.5, p.2581-2591. ISSN 1413-8123.

NASCIMENTO, N. et al., 2006: **Long term uncertainties and potential risks to urban waters in Belo Horizonte**. SWITCH Project. First SWITCH Scientific Meeting, University of Birmingham, UK, 9-10 Jan 2006. Disponível em http://www.switchurbanwater.eu/outputs/pdfs/CBEL_PAP_Uncertainties_and_risks_to_urban_waters_BH.pdf. Acessado em 15 de outubro de 2016. p. 221-244.

PDM – Plano Diretor Municipal. **Lei Complementar nº 772/2008. Institui o Plano Diretor Participativo do Município de Jaguaré e dá outras providências**. Prefeitura Municipal. ES. 2008.

PERIM, Carlos Alberto Feitosa; LOUREIRO, João Carlos Neves. **Introdução ao Planejamento Municipal: Para o desenvolvimento sustentável e democrático**. Vitória: Ed. GM, 2006.

PREFEITURA DE JAGUARÉ. Lei nº 554 de 2002 – **Cria a Coordenadoria Municipal de Defesa Civil (COMDEC) do Município de Jaguaré-ES e dá outras providências**.

Prefeitura Municipal de Nova Aurora. **Plano Municipal de Saneamento Básico**. Prospectiva e Planejamento Estratégico (PPE). 2013. Disponível em < http://novaaurora.pr.gov.br/arq/rel_prospectiva.pdf> Acesso em 15 jan. 2017).

SÃO PAULO. **Manual de drenagem e manejo de águas pluviais: gerenciamento do sistema de drenagem urbana**. São Paulo: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, p.168, 2012.

SÃO PAULO. **Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos da Cidade de São Paulo**. Prefeitura do Município de São Paulo - Comitê Intersecretarial para a Política Municipal de Resíduos Sólidos, 2014, 456 p. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/servicos/arquivos/PGIRS-2014.pdf>>. Acesso em 27 jul. 2016.

SILVEIRA, Rogério Braga; HELLER, Léo and REZENDE, Sonaly. Identificando correntes teóricas de planejamento: uma avaliação do Plano Nacional de Saneamento Básico (Plansab). *Rev. Adm. Pública* [online]. 2013, vol.47, n.3, pp. 601-622. ISSN 0034-7612.

SNIS - Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento. **Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos – 2014**. Brasília: fevereiro de 2016.

TUCCI, C. E. M. **Gestão de Águas Pluviais Urbanas**. Ed. Rosana Lobo, Porto Alegre, RS, p. 194, 2005.

TUCCI, C. E. M. Plano Diretor de Drenagem Urbana: princípios e concepção. **Revista Brasileira de Recursos Hídricos – RBRH**. Vol. 2, n. 2. 1997.

TUCCI, C.E.M.. **Modelos Hidrológicos**. Edit. UFRGS ABRH 652 p, 1998.

VASCONCELOS, G. B.; YAMAKI, H. T. Plano inicial de Londrina e sua relação com as águas. In: CARVALHO, M. S. de (org.). Geografia, meio ambiente e desenvolvimento. Londrina: UEL, 2003.

6 PROGRAMAS E PROJETOS DO PMSB DO MUNICÍPIO

Após a realização de um amplo diagnóstico e a construção do prognóstico foi possível entender detalhadamente o *Status Quo* da situação do Saneamento Básico no município em tela. Diante dessa compreensão, sobretudo fomentada pela interação entre as equipes de consultoria, o grupo de trabalho da prefeitura e a população, foi possível gestar a base dos Programas, Projetos e Ações que visam ao atingimento dos objetivos sempre conectados aos princípios norteadores do Plano.

Diante disso, os Programas, Projetos e Ações constituem-se em iniciativas estratégicas que buscam superar os problemas, enfrentar os desafios e alcançar os objetivos relacionados ao PMSB. Cada Programa, com objetivos gerais e público-alvo definido, foi concebido como um conjunto de Projetos contemplando ações, objetivos, custos e indicadores específicos.

A construção dos Programas foi pautada em uma triangulação entre os principais aspectos que caracterizam o sistema de saneamento básico do município identificados nos diagnósticos técnicos e participativos, nos cenários delineados a partir dos direcionadores de futuro descritos no relatório prospectivo de planejamento e nos objetivos do plano estabelecidos no presente relatório. Essa construção subjaz a ideia de que o processo de estruturação de Programas e Projetos envolve uma intencionalidade que se concretiza em iniciativas que se anteveem como necessárias tendo como objetivo transformar uma realidade em uma situação desejável.

Nesse sentido, é importante considerar que, ao partir de uma realidade presente que foi historicamente construída, as ações dos Projetos podem gerar resultados maiores ou menores de acordo com as limitações engendradas por essa própria realidade que se pretende transformar. Ou seja, a execução desse conjunto de Projetos permitirá avançar entre os cenários “possível” e “positivo” traçados para o saneamento básico dos municípios dependendo das limitações dadas pela situação atual e da capacidade de superação dessas próprias limitações.

Cabe ressaltar também que, mesmo partilhando do entendimento de que Projetos necessariamente possuem início, meio e fim, e que Programas geralmente são caracterizados por ações contínuas, optou-se aqui por tratar um conjunto qualquer

de ações como Projetos e agrupá-los dentro de Programas, dada a estrutura atual dos órgãos públicos municipais envolvidos na execução e a capacidade de gestão dos mesmos.

Sendo assim, segue o Quadro 6-1 com a relação de Programas e Projetos do Plano Municipal de Saneamento Básico. Como se pode notar, o Plano foi concebido como a execução de um conjunto de 25 Programas e 61 Projetos, que podem ser visualizados com maior descrição no APÊNDICE A.

Quadro 6-1 - Lista Sintética dos Programas e Projetos Propostos.

NÚMERO	PROGRAMAS	PROJETOS ASSOCIADOS AOS PROGRAMAS	
PG01	UNIVERSALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS NA ÁREA RURAL	PJ01	Demanda Rural por Água Potável
		PJ02	Manutenção nas estruturas físicas das unidades de sistemas alternativos
		PJ03	Ampliação/construção das estruturas físicas das unidades de sistemas alternativos
PG 02	UNIVERSALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS NAS ÁREAS URBANIZADAS	PJ04	Demanda Urbana por Água potável
		PJ05	Manutenção nas estruturas físicas das unidades
		PJ06	Ampliação das estruturas físicas das unidades
PG 03	USO RACIONAL DA ÁGUA	PJ07	Controle e redução de desperdícios
PG 04	GESTÃO DA ÁGUA	PJ08	Monitoramento da qualidade da água bruta
		PJ09	Monitoramento da qualidade da água tratada
		PJ10	Controle dos mananciais
PG 05	COMUNICAÇÃO USUÁRIO X PRESTADORA DE SERVIÇO	PJ11	Atendimento ao usuário
		PJ12	Gestão da informação do sistema de água
PG 06	GESTÃO SUSTENTÁVEL	PJ13	Gestão operacional e administrativa
PG 07	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	PJ14	Identificação e cadastramento
		PJ15	Comunicação e Atendimento ao Usuário
		PJ16	Gestão da informação do sistema de esgotamento
PG 08	AMPLIAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO	PJ17	Implantação / Ampliação dos Serviços de Coleta e Transporte dos SES em áreas Urbanas e urbanizadas
		PJ18	Implantação / Ampliação / Reforma das Unidades de Tratamento dos SES Urbanos
		PJ19	Implantação / Ampliação dos sistemas Pró Rurais
PG09	MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL DOS SISTEMAS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO	PJ20	Manutenção dos Sistemas Coletivos de Esgotamento Sanitário
		PJ21	Regularização Ambiental e Fundiária

PG 10	MONITORAMENTO DAS UNIDADES DE TRATAMENTO E DOS CORPOS RECEPTORES	PJ22	Monitoramento das Unidades Coletivas de Tratamento e dos Corpos Receptores
		PJ23	Acompanhamento das Unidades Individuais de Tratamento
PG 11	BEM ESTAR SANITÁRIO	PJ24	Monitoramento dos Lançamentos Clandestinos
PG 12	PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO GERENCIAL E OPERACIONAL DA DRENAGEM URBANA	PJ25	Projeto de fortalecimento da fiscalização da ocupação urbana
		PJ26	Projeto de reestruturação da gestão do sistema de drenagem
		PJ27	Projeto de fortalecimento e valorização da participação social na gestão da drenagem
		PJ28	Projeto de manutenção preventiva e Corretiva do Sistema de drenagem
PG 13	PROGRAMA DE PLANO DE ÁGUAS PLUVIAIS	PJ29	Projeto de Cadastramento da rede de drenagem
		PJ30	Projeto de elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas não contempladas
PG 14	ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA GESTÃO DE RESÍDUOS	PJ31	Gestão sustentável dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos
		PJ32	Reestruturação do sistema de limpeza pública municipal
		PJ33	Sistema Municipal de Informação sobre Resíduos
PG 15	COLETA SELETIVA COM INCLUSÃO SOCIAL DE CATADORES	PJ34	Coleta Seletiva de Recicláveis com inclusão social de catadores
		PJ35	Fortalecimento de associações/cooperativas de catadores
PG 16	APROVEITAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS ÚMIDOS	PJ36	Compostagem dos RSU úmidos limpos
		PJ37	Reaproveitamento energético dos RSU úmidos
PG 17	GESTÃO ADEQUADA DOS RESÍDUOS ESPECIAIS	PJ38	Fortalecimento da gestão dos RCC
		PJ39	Fortalecimento da gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS
		PJ40	Coleta de móveis usados e inservíveis
		PJ41	Coleta de óleo de cozinha
PG 18	GERADORES RESPONSÁVEIS	PJ42	Gestão sustentável dos resíduos sólidos industriais
		PJ43	Fortalecimento da gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória
PG 19	DESTINO CORRETO	PJ44	Estação de Transbordo de RSU
		PJ45	Aterro Sanitário
PG 20	RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS POR RESÍDUOS	PJ46	Lixão zero
		PJ47	Ponto Limpo
PG21	REDUÇÃO DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS	PJ48	Compras sustentáveis
		PJ49	Consumo consciente
PG 22	SANEAMENTO ESTRUTURANTE	PJ50	Fortalecimento dos conselhos
		PJ51	Saneamento básico é um direito
		PJ52	Divulgação do saneamento básico
		PJ53	Ecultura

PG23	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL - DIMENSÃO FORMAL E INFORMAL - A ESCOLA E A COMUNIDADE	PJ54	Eco - Escolas
		PJ55	A Educação Ambiental e Práticas Esportivas
		PJ56	Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes
PG24	GESTÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	PJ57	De Olho na Educação Ambiental
		PJ58	Formação de Educadores/ Agentes Ambientais
		PJ59	Articulação entre o saneamento básico, a saúde e a assistência social
PG25	TRANSVERSALIDADE ENTRE GESTÃO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SANEAMENTO BÁSICO	PJ60	A Educação Ambiental e os eixos do saneamento básico
		PJ61	Departamento de gestão integrada do saneamento ambiental

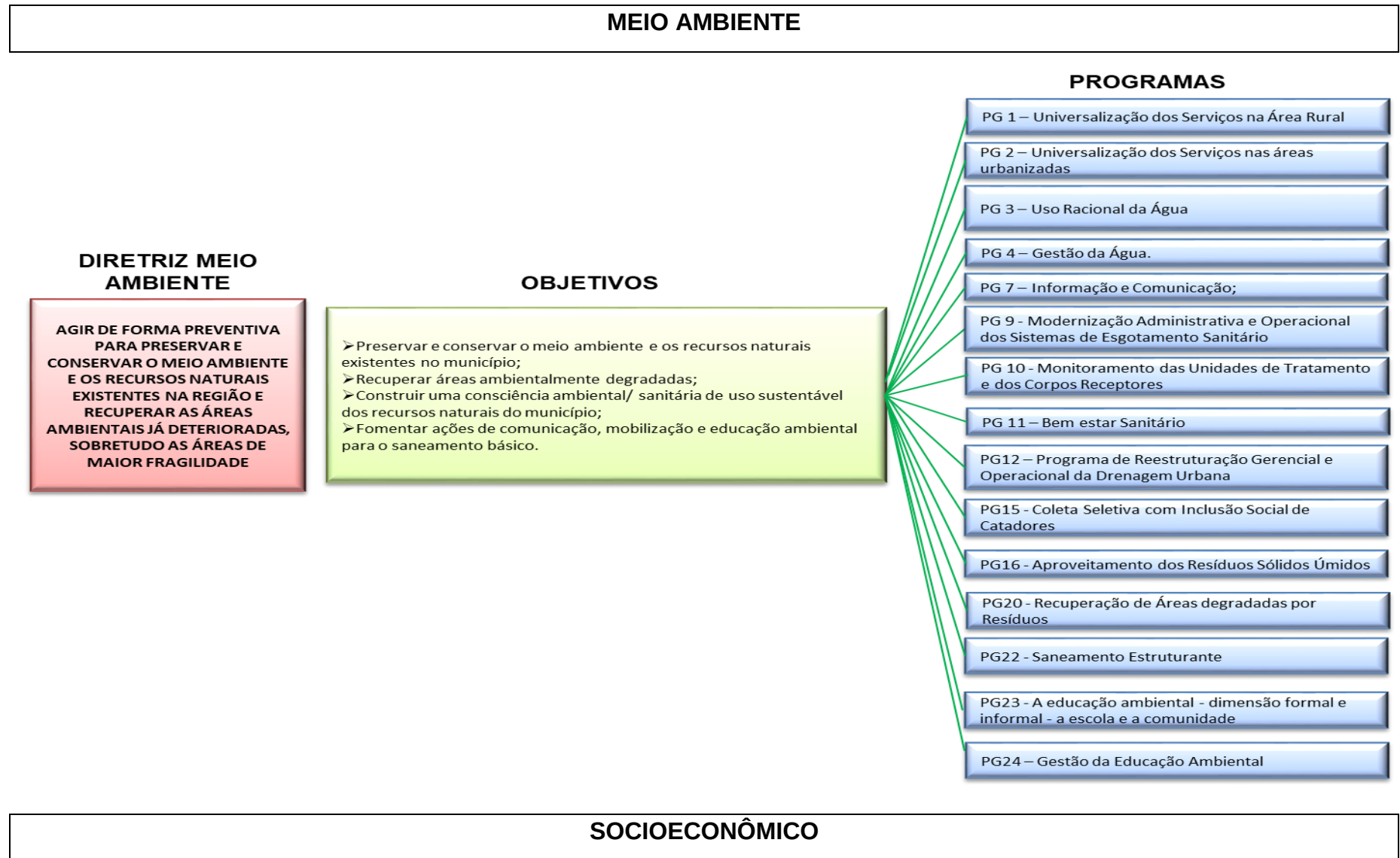
Fonte: Autoria própria.

6.1 ESTRATÉGIA DO PLANO DE SANEAMENTO BÁSICO

Uma estratégia de atuação em políticas públicas por meio de Planos deve levar em conta a necessidade de as intervenções possuírem plena consonância com a realidade na qual se pretende intervir. Por isso, no processo de planejamento de intervenções direcionadas para transformar uma realidade é importante ter clareza sobre a relação entre os objetivos que se pretende alcançar e os mecanismos que serão utilizados para tal fim, ou seja, é preciso ter uma visão estratégica direcionando a ação.

Assim, a Figura 6-1 abaixo representa o esforço de traçar uma visão estratégica do Plano Municipal de Saneamento Básico para o município articulando as diretrizes, os objetivos e os programas construídos para se alcançar tais objetivos. Como se pode notar, para se alcançar os objetivos definidos, é importante que os programas sejam executados de forma integrada e complementar. Para melhorar a visualização, a Figura foi dividida segundo a categorização discutida anteriormente. Vale lembrar que alguns programas contemplam mais de uma diretriz.

Figura 6-1 - Visão estratégica do Plano Municipal de Saneamento Básico.



DIRETRIZ SOCIOECONÔMICO

CONTRIBUIR PARA A CONTÍNUA
MELHORIA DA SAÚDE PÚBLICA
E DA QUALIDADE DE VIDA E
PARA A FORMAÇÃO DE UMA
CONSCIÊNCIA
AMBIENTAL/SANITÁRIA
PAUTADA NA
SUSTENTABILIDADE DOS
RECURSOS NATURAIS DO
MUNICÍPIO.

OBJETIVOS

- Ampliar a capacidade de atendimento dos serviços de saneamento básico em quantidade e qualidade de acordo com a evolução da demanda;
- Garantir meios adequados para o atendimento da população rural dispersa, inclusive mediante a utilização de soluções compatíveis com suas características econômicas e sociais peculiares;
- Reduzir a ocorrência de doenças relacionadas às condições dos serviços de saneamento básico;

PROGRAMAS

PG 1 – Universalização dos Serviços na Área Rural

PG 2 – Universalização dos Serviços nas áreas urbanizadas

PG 4 – Gestão da Água

PG 8 - Ampliação e Modernização dos Sistemas de Esgotamento Sanitário

PG 9 - Modernização Administrativa e Operacional dos Sistemas de Esgotamento Sanitário

PG 10 - Monitoramento das Unidades de Tratamento e dos Corpos Receptores

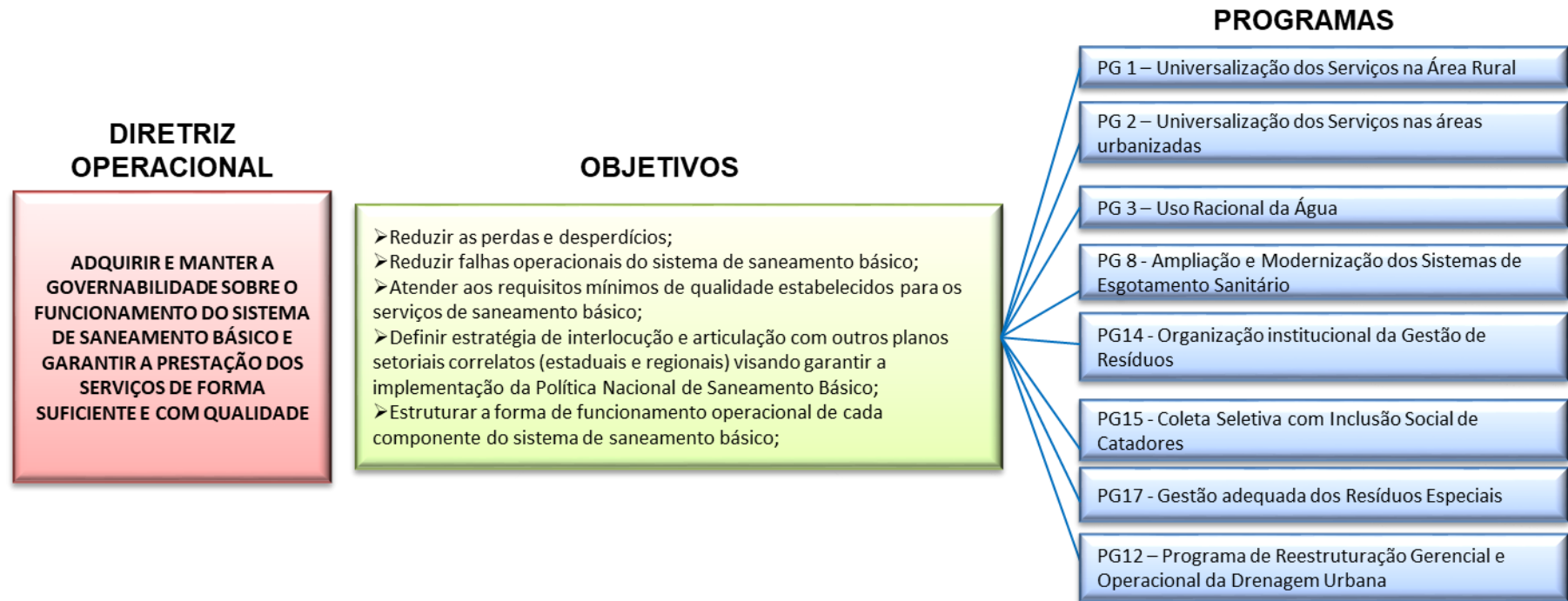
PG 11 - Bem Estar Sanitário

PG15 - Coleta Seletiva com Inclusão Social de Catadores

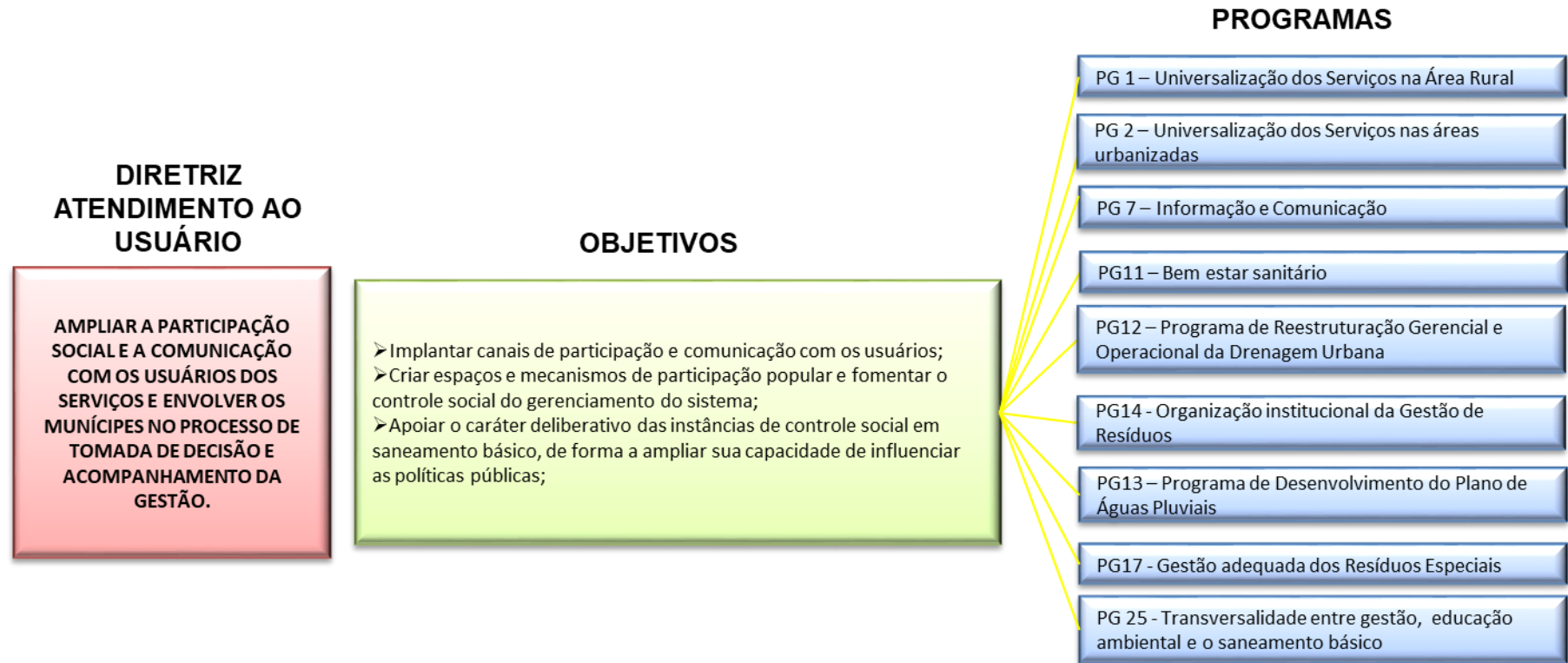
PG 21 – Redução da Geração de Resíduos

PG 24 – Gestão da Educação Ambiental

OPERACIONAL



ATENDIMENTO AO USUÁRIO



FINANCEIRO

DIRETRIZ FINANCEIRO

DESENVOLVER O GERENCIAMENTO FINANCEIRO DO SISTEMA ORIENTANDO-O PARA A AUTOSSUSTENTAÇÃO, COM ESPECIAL ATENÇÃO PARA A CAPACIDADE DE INVESTIMENTOS E PARA O EQUILÍBRIO ENTRE RECEITAS E DESPESAS.

OBJETIVOS

- Qualificar os investimentos públicos, com maior eficiência, eficácia e efetividade nos resultados, estabelecendo metas de desempenho operacional para os operadores públicos de serviços de esgotamento sanitário;
- Avaliar modelos tarifários quanto aos critérios de subsídio interno e eficiência dos serviços;
- Rever a cobrança dos serviços de saneamento básico;
- Otimizar custos de operação de cada componente do sistema de saneamento;
- Aumentar a captação de recursos para investimentos;

PROGRAMAS

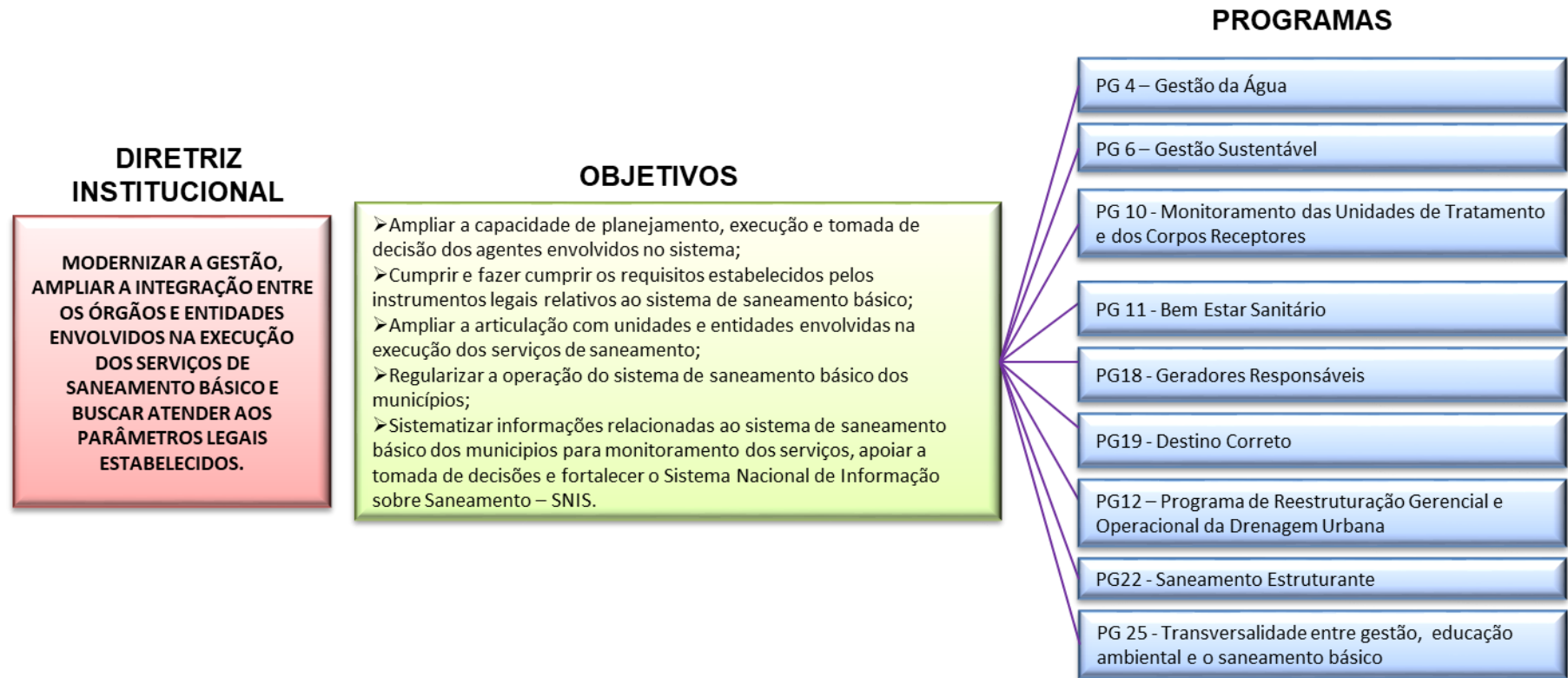
PG 2 – Universalização dos Serviços nas áreas urbanizadas

PG 8 - Ampliação e Modernização dos Sistemas de Esgotamento Sanitário

PG14 - Organização institucional da Gestão de Resíduos

PG 25 - Transversalidade entre gestão, educação ambiental e o saneamento básico

INSTITUCIONAL



Fonte: Autoria própria.

6.2 RELAÇÃO ENTRE OS DESAFIOS E OS PROGRAMAS

A elaboração dos diagnósticos técnicos-participativos fomentou a organização, na Etapa dos Prognósticos, dos quadros de sistematização de todos os problemas e desafios, avanços e oportunidades da situação do Saneamento Básico do Município.

Assim como cada programa está no encalço de atingir alguns objetivos específicos, também foi formulado como forma de superar os problemas e desafios dos municípios, apurados em cada diretriz. Dessa forma, os Quadros 6-2, 6-3, 6-4 e 6-5 abaixo apresentam uma síntese de tais problemas e desafios relacionando-os com programas estruturados para enfrentá-los.

Contudo, é oportuno transcrever que em face da complexidade da realidade, os desafios e problemas identificados não podem ser solucionados apenas com programas relativos ao saneamento básico, dependem de ações complementares de outras áreas, sobretudo os problemas e desafios das áreas urbanas que demandam o fortalecimento do planejamento urbano da cidade.

Quadro 6-2 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Abastecimento de Água e os programas propostos no PMSB.

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
Meio Ambiente	Vazões dos rios presentes na região são incompatíveis com as necessidades de captação para atendimento da população.	PG 3 – Uso Racional da Água;
	Conscientizar os usuários para reduzir o volume per capita consumido.	PG 4 – Gestão da Água.
	Incentivar o reflorestamento e recuperação da mata ciliar.	PG24 – Gestão da Educação Ambiental
Socioeconômicos	Ocupações irregulares às margens do córrego Altoé.	PG 1 – Universalização dos Serviços na Área Rural;
	Ocorrências de verminoses nos bairros onde não há distribuição de água tratada pelo SAAE.	PG 2 – Universalização dos Serviços na Área Urbana;
	Promover programas sociais de educação ambiental.	PG 4 – Gestão da Água;
	Moradores do bairro Girau não aceitam a implementação da água encanada na região.	PG 21 – Saneamento Estruturante.
Operacionais	Cadastrar e fiscalizar todos os poços coletivos e individuais: identificação, vazão, população abastecida, prazo de funcionamento e qualidade da água.	PG 1 – Universalização dos Serviços na Área Rural;
	Fornecer manutenção e monitoramento em poços de captação em regiões onde	

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
	não possuem sistema de abastecimento de água.	PG 2 – Universalização dos Serviços na Área Urbana; PG 3 – Uso Racional da Água; PG 4 – Gestão da Água.
	ETA Barra Seca não suporta sua demanda atual, além de apresentar condições precárias para o tratamento.	
	Irregularidade no abastecimento de água em períodos de seca. Neste período, no distrito de Nossa Senhora de Fátima, os moradores buscam água para beber nas escolas da região.	
	Fornecer tratamento de água nas regiões de Japira, Abóbora, Girau, São João Bosco e Vargem Grande.	
	Reduzir as perdas na distribuição no sistema de abastecimento de água no município.	
Atendimento ao Usuário	Ampliar o sistema de abastecimento de água para as regiões de Japira, São Roque, Abóbora, Girau, São João Bosco e Vargem Grande.	PG 1 – Universalização dos Serviços na Área Rural; PG 2 – Universalização dos Serviços na Área Urbana
Institucional	Necessidade de criar um Plano Diretor de Abastecimento de Água.	PG 6 – Gestão Sustentável. PG 25 - Transversalidade entre gestão, educação ambiental e o saneamento básico

Fonte: Autoria própria.

Quadro 6-3 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Esgotamento Sanitário e os programas propostos no PMSB.

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
Meio Ambiente	Conscientizar os usuários do recurso para reduzir o volume per capita consumido.	PG 7 – Informação e Comunicação; PG 9 - Modernização Administrativa e Operacional dos Sistemas e Esgotamento Sanitário; PG 10 - Monitoramento das Unidades de Tratamento e dos Corpos Receptores; PG24 – Gestão da Educação Ambiental
	Proteger, preservar e monitorar todos os mananciais (córregos, nascentes, rios, poços).	
	Manter as licenças ambientais atualizadas com o órgão ambiental	
Socioeconômicos	Casas sem banheiro nos bairros Novo Tempo, Boa Vista, Palmital e SEAC, na sede do município	PG 8 - Ampliação e Modernização dos Sistemas de Esgotamento Sanitário;
	Ocorrência de Hepatite B no centro do distrito de Barra Seca	

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
	Ocorrência de doenças de pele e verminoses no centro do distrito de Nossa Senhora de Fátima	PG 9 - Modernização Administrativa e Operacional dos Sistemas de Esgotamento Sanitário; PG 10 - Monitoramento das Unidades de Tratamento e dos Corpos Receptores PG 11 - Bem Estar Sanitário
	Ocorrência de infecção intestinal no distrito Nossa Senhora de Fátima, comunidade de São João Bosco	
	Esgoto a céu aberto nos distritos Sede (bairros Palmital, São Roque, SEAC, Boa Vista, Centro - Rua Zilda Artório Altoé; comunidade Girau), Barra Seca (comunidade Caximbal) e Nossa Senhora de Fátima (Centro)	
	Lançamento de esgoto em corpos d'água nos distritos Sede (bairros Palmital, Nova Esperança, Novo Horizonte, Boa Vista, SEAC; Córrego das abóbora, Comunidade rural de Japira), Barra Seca (Centro) e Nossa Senhora de Fátima (Centro e comunidade de São João Bosco).	
Operacionais	Expandir o serviço de coleta de efluentes em todo o município	PG 8 - Ampliação e Modernização dos Sistemas de Esgotamento Sanitário PG 9 - Modernização Administrativa e Operacional dos Sistemas de Esgotamento Sanitário; PG 10 - Monitoramento das Unidades de Tratamento e dos Corpos Receptores
	Ligação indevida de efluentes na galeria de água pluvial na Avenida 9 de Agosto na sede do município	
	Expandir o sistema de tratamento de efluentes em todo o município	
	Monitorar os efluentes das ETES do município	
	Junção da rede pluvial com a rede de coleta de esgoto no bairro Novo Tempo, na sede do município	
	Implantar rede de esgoto no distrito Sede (bairro de São Roque, Japira, Abóbora, Girau, Palmital, Clubinho, Nova Esperança), Barra Seca (Comunidade de Palmito) e Nossa Senhora de Fátima (comunidade de São João Bosco e comunidade de Vargem Grande)	
Finanças	Ampliar investimentos na adequação do esgotamento sanitário em todos os distritos do município	PG 8 - Ampliação e Modernização dos Sistemas de Esgotamento Sanitário.
Institucional	Necessidade de ampliar a fiscalização do lançamento inadequado de esgoto e agrotóxicos nos cursos d'água	PG 10 - Monitoramento das Unidades de Tratamento e dos Corpos Receptores
		PG 11 - Bem Estar Sanitário PG 25 - Transversalidade entre gestão, educação ambiental e o saneamento básico

Fonte: Autoria própria.

Quadro 6-4 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Drenagem e Manejo de Águas Pluviais Urbanas e os programas propostos no PMSB.

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
Meio Ambiente	Com cobertura de vegetação atual/original do Município de 11%. É baixa a cobertura em florestas, existindo desmatamentos indevidos.	PG12 – Programa de Reestruturação Gerencial e Operacional da Drenagem Urbana
	Manejo inadequado de sistemas de irrigação. Existência de práticas de baixo nível tecnológico na agricultura com prejuízo para o meio ambiente.	PG24 – Gestão da Educação Ambiental
Operacionais	Atuação pautada pela emergência e necessidade de resposta a falhas no sistema com reduzida capacidade de realização de projetos de ampliação e melhoria.	PG12 – Programa de Reestruturação Gerencial e Operacional da Drenagem Urbana
	Baixa eficiência do sistema de drenagem urbana, registrando a ocorrência de falhas de operação por falta de planejamento das operações e precária manutenção preventiva e corretiva.	
	Intensificação dos alagamentos em áreas sem sistema de drenagem.	
	Existência de ruas não pavimentadas próximo às áreas urbanas que contribuem para o assoreamento da rede de drenagem.	
Atendimento ao Usuário	Manutenção da atual capacidade de atendimento do sistema de drenagem com perda de qualidade no atendimento à população.	PG11 – Bem estar sanitário
	Lançamentos indevidos de esgoto nos corpos d'água, comprometendo a qualidade de água.	PG12 – Programa de Reestruturação Gerencial e Operacional da Drenagem Urbana PG13 – Programa de Desenvolvimento do Plano de Águas Pluviais
Institucional	O Município não possui Plano Diretor de Águas Pluviais (PDAP)	PG12 – Programa de Reestruturação Gerencial e Operacional da Drenagem Urbana
	Cumprimento da taxa de permeabilidade mínima apenas nas novas edificações.	PG13 – Programa de Desenvolvimento do Plano de Águas Pluviais PG 25 - Transversalidade entre gestão, educação ambiental e o saneamento básico

Fonte: Autoria própria.

Quadro 6-5 - Relação entre os problemas e desafios do Sistema de Limpeza Pública e Manejo dos Resíduos Sólidos e os programas propostos no PMSB.

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
Meio Ambiente	Necessidade de eliminação de pontos viciados existente nos distritos de Nossa Senhora de Fátima, Distrito de Barra seca e Sede.	PG15 - Coleta seletiva com inclusão social de catadores PG16 - Aproveitamento dos Resíduos Sólidos Úmidos PG20 - Recuperação de Áreas degradadas por Resíduos PG24 – Gestão da Educação Ambiental
	Necessita implantar sistema de compostagem de resíduos orgânicos, pois toda esta parcela é destinada para aterro sanitário.	
	Necessidade de implantar o sistema de coleta seletiva os resíduos secos em todo município, expandindo para os demais bairros da sede que ainda não possuem e para os distritos de Nossa Senhora de Fátima e Barra Seca	
	Necessidades de recuperação das áreas degradadas nos distritos de Nossa Senhora de Fátima, Distrito de Barra Seca e Sede.	
Socioeconômicos	Necessidade de capacitação da população para que participem dos programas de coleta seletiva municipal e conheçam os programas de resíduos existentes no município.	PG15 - Coleta Seletiva com Inclusão Social de Catadores
	Necessidade de programa de comunicação social para que a população seja informada sobre os horários e rotas dos sistemas de coleta regular e seletiva.	
	Necessidade de Programa de Educação Ambiental para evitar depósitos de resíduos em pontos viciados e em horários inadequados	
Operacionais	Necessidade de elaboração de programas e projetos específicos para a limpeza pública como projeto de varrição contemplando mapas de varrição e medição de produtividades dos varredores.	PG14 - Organização Institucional da Gestão de Resíduos PG15 - Coleta Seletiva com Inclusão Social de Catadores PG17 - Gestão adequada dos Resíduos Especiais
	Necessidade de elaboração de projetos de acondicionamento de resíduos, pois é a maior parte da população dispõe os sacos de lixo em pontos específicos e em latões, próximos a suas residências o que favorece a criação de pontos viciados.	
	Necessidade de organização da roteirização das coletas convencional e seletiva de forma a otimizar o serviço prestado e controlar os percursos realizados.	
	Necessidade sistema de monitoramento da coleta e transporte dos RSU, RSS e RCC.	
	Necessidade de controle de gestão dos resíduos de responsabilidade dos geradores.	
	Necessidade de sistematização das informações	
Atendimento ao Usuário	Necessidade de organização e implantação de sistema de coleta seletiva de volumosos	PG17 - Gestão adequada dos Resíduos Especiais
	Necessidade de implantação de sistema de gerenciamento dos RCC dos pequenos geradores	
Finanças	Viabilizar recursos para os investimentos necessários.	PG14 - Organização institucional da

CATEGORIAS	PROBLEMAS/DESAFIOS	PROGRAMAS
		Gestão de Resíduos
Institucional	Necessidade de criação de legislação específica que estabeleça regras para o gerenciamento dos RSS.	PG18 - Geradores Responsáveis
	Necessidade de criação de legislação específica que estabeleça regras para o gerenciamento dos RCC e RSS, com diferenciação entre o pequeno e grande gerador.	PG19 - Destino Correto
	Revisão dos contratos de prestação de serviço de coleta de RSS e RCC de forma que seja possível a medição do serviço prestado em relação a quantidade coleta e transportada.	PG 25 - Transversalidade entre gestão, educação ambiental e o saneamento básico
	Necessidade de acompanhar o cumprimento das obrigações da logística reversa pelos respectivos responsáveis.	

Fonte: Autoria própria.

6.3 DETALHAMENTO DOS PROGRAMAS E DOS PROJETOS

Tal como delineado anteriormente, os programas foram estruturados a partir de um conjunto de projetos e ações direcionadas para alcançar um determinado objetivo e público alvo tendo em vista os problemas, desafios e oportunidades identificados no diagnóstico, bem como os direcionadores apresentados na composição dos cenários prospectivos. Em cada ação foi realizada uma estimativa de custo e fixado um prazo para a execução, sendo que algumas ações compreendem apenas iniciativas que podem ser executadas pela própria instituição sem desembolso financeiro para além daquele já feitos nas ações. O roteiro estabeleceu ainda indicador e meta para monitoramento e avaliação da execução do projeto.

É importante considerar que os custos estimados apresentam certas limitações, que estão relacionadas principalmente à complexidade que envolve a realização de obras públicas e a dificuldade de estimar extensões e unidades que requerem a elaboração de projetos técnicos de engenharia.

Em relação aos prazos das ações, cabe considerar que eles foram fixados levando em consideração os critérios de priorização, mas também a capacidade de financiamento e execução financeira dos órgãos envolvidos.

Por fim, é mister pontuar que eventos diversos e não previstos podem ocasionar mudanças na execução das ações e, portanto, alterações no cronograma aqui

proposto. Para tanto, as etapas de revisões quinquenais servem à essas eventuais reprogramações. Os projetos, em detalhes, estão em anexo a esse documento.

6.4 MATRIZ DE PRIORIZAÇÃO DOS PROGRAMAS E PROJETOS

A matriz de priorização dos programas consiste no estabelecimento de níveis de prioridade dos mesmos, tendo em vista a atual situação dos serviços no município. Para a elaboração da Matriz de Prioridades, foram utilizados os seguintes critérios:

- Atendimento ao objetivo principal
- Impacto da medida quanto ao grau de salubridade ambiental
- Essencialidade ao funcionamento do sistema
- Ampliação dos serviços

Para cada critério foi estabelecida, por sua vez, uma escala de pontuação, da forma apresentada abaixo:

Quadro 6-6 - Pontuação para cada critério utilizado na elaboração da Matriz de Prioridades.

PONTUAÇÃO	ATENDIMENTO AO OBJETIVO PRINCIPAL
4	Atende completamente
3	Atende
2	Atende parcialmente
1	Atende indiretamente
PONTUAÇÃO	IMPACTO DA MEDIDA QUANTO AO GRAU DE SALUBRIDADE AMBIENTAL
4	Grande impacto na salubridade ambiental
3	Impacto razoável na salubridade ambiental
2	Baixo impacto na salubridade ambiental
1	Impacto indireto na salubridade ambiental
PONTUAÇÃO	ESSENCIALIDADE AO FUNCIONAMENTO DO SISTEMA
4	Essencial ao funcionamento do sistema
3	Grande relevância para o funcionamento do sistema
2	Relevante para o funcionamento do sistema
1	Importância Indireta ao funcionamento do sistema
PONTUAÇÃO	AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS
4	Ampliação significativa dos serviços
3	Ampliações moderadas nos serviços
2	Ampliação indireta nos serviços
1	Sem relações com a ampliação dos serviços

Fonte: Autoria própria.

Assim, para cada Programa foram atribuídas notas, resultado do somatório das quatro notas atribuídas por cada critério, que poderiam variar entre 4 (três) e 16, sendo os mais bem pontuados classificados como os de maior prioridade. Foram considerados assim:

- Prioridade Absoluta: projetos com pontuação total igual a 16, 15 ou 14;
- Alta Prioridade: projetos com pontuação total igual a 13, 12, ou 11;
- Média Prioridade: projetos com pontuação total igual a 10, 9 ou 8;
- Baixa Prioridade: projetos com pontuação total igual a 7, 6, 5 ou 4.

O mesmo exercício foi feito, posteriormente, para cada Projeto. Essa priorização orientou a construção do cronograma de implementação dos Programas e Projetos considerando, ainda, os custos dos mesmos e a capacidade de financiamento do município. A matriz com a pontuação obtida por cada Programa por critério, assim como sua pontuação final e grau de prioridade, é apresentada no Quadro 6-7. Já o Quadro 6-8 apresenta a listagem dos Programas ordenados por grau de prioridade. O Quadro 6-9, por sua vez, apresenta a priorização dos Projetos e, na sequência, o Quadro 6-10 ordena os projetos por grau de prioridade.

Quadro 6-7 - Matriz de priorização dos Programas.

NÚMERO	NOME DO PROGRAMA	PONTUAÇÃO PELOS CRITÉRIOS				Pontuação Total	GRAU DE PRIORIDADE
		Atendimento ao Objetivo	Salubridade	Essencialidade	Ampliação		
PG01	UNIVERSALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS NA ÁREA RURAL	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PG 02	UNIVERSALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS NA ÁREA URBANA	4	3	3	3	13	ALTA
PG 03	USO RACIONAL DA ÁGUA	4	3	2	2	11	ALTA
PG 04	GESTÃO DA ÁGUA	1	3	2	2	8	MÉDIA
PG 05	COMUNICAÇÃO USUÁRIO X PRESTADORA DE SERVIÇO	1	1	2	1	5	BAIXA
PG 06	GESTÃO SUSTENTÁVEL	1	3	2	1	7	BAIXA
PG 07	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	3	2	4	2	11	ALTA
PG 08	AMPLIAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PG 09	MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL DOS SISTEMAS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO	3	4	4	3	14	ABSOLUTA
PG 10	MONITORAMENTO DAS UNIDADES DE TRATAMENTO E DOS CORPOS RECEPTORES	3	4	4	3	14	ABSOLUTA
PG 11	BEM ESTAR SANITÁRIO	3	4	3	3	13	ALTA
PG 12	PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO GERENCIAL E OPERACIONAL DA DRENAGEM URBANA	4	3	4	2	13	ALTA
PG 13	PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE ÁGUAS PLUVIAIS	4	1	2	2	9	MÉDIA
PG 14	ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA GESTÃO DE RESÍDUOS	4	3	4	4	15	ABSOLUTA
PG 15	COLETA SELETIVA COM INCLUSÃO SOCIAL DE CATADORES	4	4	4	4	16	ABSOLUTA

NÚMERO	NOME DO PROGRAMA	PONTUAÇÃO PELOS CRITÉRIOS				Pontuação Total	GRAU DE PRIORIDADE
		Atendimento ao Objetivo	Salubridade	Essencialidade	Ampliação		
PG 16	APROVEITAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS ÚMIDOS	4	3	3	3	13	ALTA
PG 17	GESTÃO ADEQUADA DOS RESÍDUOS ESPECIAIS	2	3	3	3	11	ALTA
PG 18	GERADORES RESPONSÁVEIS	3	3	3	3	12	ALTA
PG 19	DESTINO CORRETO	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PG 20	RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS POR RESÍDUOS	4	4	4	3	15	ABSOLUTA
PG 21	REDUÇÃO DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS	3	1	2	3	9	MÉDIA
PG 22	SANEAMENTO ESTRUTURANTE	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PG 23	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL - DIMENSÃO FORMAL E INFORMAL - A ESCOLA E A COMUNIDADE	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PG 24	GESTÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PG 25	TRANSVERSALIDADE ENTRE GESTÃO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SANEAMENTO BÁSICO	4	4	4	4	16	ABSOLUTA

Fonte: Autoria própria.

Quadro 6-8 - Ordenamento dos Programas por Grau de Priorização.

NÚMERO	NOME DO PROGRAMA	GRAU DE PRIORIDADE
PG01	UNIVERSALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS NA ÁREA RURAL	ABSOLUTA
PG 08	AMPLIAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO	ABSOLUTA
PG 09	MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL DOS SISTEMAS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO	ABSOLUTA
PG 10	MONITORAMENTO DAS UNIDADES DE TRATAMENTO E DOS CORPOS RECEPTORES	ABSOLUTA
PG 14	ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA GESTÃO DE RESÍDUOS	ABSOLUTA
PG 15	COLETA SELETIVA COM INCLUSÃO SOCIAL DE CATADORES	ABSOLUTA
PG 19	DESTINO CORRETO	ABSOLUTA
PG 20	RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS POR RESÍDUOS	ABSOLUTA
PG 22	SANEAMENTO ESTRUTURANTE	ABSOLUTA
PG 23	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL - DIMENSÃO FORMAL E INFORMAL - A ESCOLA E A COMUNIDADE	ABSOLUTA
PG 24	GESTÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	ABSOLUTA
PG 25	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SANEAMENTO BÁSICO	ABSOLUTA
PG 25	TRANSVERSALIDADE ENTRE GESTÃO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SANEAMENTO BÁSICO	ABSOLUTA
PG 02	UNIVERSALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS NAS ÁREAS URBANIZADAS	ALTA
PG 03	USO RACIONAL DA ÁGUA	ALTA
PG 07	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	ALTA
PG 11	BEM ESTAR SANITÁRIO	ALTA
PG 12	PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO GERENCIAL E OPERACIONAL DA DRENAGEM URBANA	ALTA
PG 16	APROVEITAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS ÚMIDOS	ALTA
PG 17	GESTÃO ADEQUADA DOS RESÍDUOS ESPECIAIS	ALTA
PG 18	GERADORES RESPONSÁVEIS	ALTA
PG 04	GESTÃO DA ÁGUA	MÉDIA
PG 13	PROGRAMA DE PLANO DE ÁGUAS PLUVIAIS	MÉDIA
PG 21	REDUÇÃO DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS	MÉDIA
PG 05	COMUNICAÇÃO USUÁRIO X PRESTADORA DE SERVIÇO	BAIXA
PG 06	GESTÃO SUSTENTÁVEL	BAIXA

Fonte: Autoria própria.

Quadro 6-9 - Matriz de priorização dos Projetos.

NÚMERO	NOME DO PROJETO	PONTUAÇÃO PELOS CRITÉRIOS				Pontuação Total	GRAU DE PRIORIDADE
		Atendimento ao Objetivo	Salubridade	Essencialidade	Ampliação		
PJ01	Demanda rural por água potável	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ02	Manutenção nas estruturas físicas das unidades do interior	3	3	3	2	11	ALTA
PJ03	Ampliação/construção das estruturas físicas das unidades do interior	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ04	Demanda urbana por água potável	4	3	3	3	13	ALTA
PJ05	Manutenção nas estruturas físicas das unidades	3	3	3	2	11	ALTA
PJ06	Ampliação das estruturas físicas das unidades	4	3	3	3	13	ALTA
PJ07	Controle e redução de desperdícios	3	3	4	4	14	ABSOLUTA
PJ08	Monitoramento da qualidade da água bruta	1	1	2	1	5	BAIXA
PJ09	Monitoramento da qualidade da água tratada	1	3	4	1	9	MÉDIA
PJ10	Controle dos mananciais	1	4	3	2	10	MÉDIA
PJ11	Atendimento ao usuário	1	1	2	1	5	BAIXA
PJ12	Gestão da informação do sistema de água	1	1	2	1	5	BAIXA
PJ13	Gestão operacional e administrativa	1	1	3	1	6	BAIXA
PJ14	Identificação e cadastramento	1	1	3	1	6	BAIXA
PJ15	Comunicação e Atendimento ao Usuário	1	1	3	1	6	BAIXA
PJ16	Gestão da informação do sistema de esgotamento	2	1	1	3	7	BAIXA
PJ17	Implantação / Ampliação dos Serviços de Coleta e Transporte dos SES em áreas Urbanas e urbanizadas	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ18	Implantação / Ampliação / Reforma das Unidades de Tratamento dos SES Urbanos	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ19	Implantação / Ampliação dos sistemas Pró Rurais	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ20	Manutenção dos Sistemas Coletivos de Esgotamento Sanitário	4	4	4	2	14	ABSOLUTA
PJ21	Regularização Ambiental e Fundiária	1	2	4	1	8	MÉDIA

PJ22	Monitoramento das Unidades Coletivas de Tratamento e dos Corpos Receptores	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ23	Acompanhamento das Unidades Individuais de Tratamento	4	4	3	2	13	ALTA
PJ24	Monitoramento dos Lançamentos Clandestinos	3	4	4	1	12	ALTA
PJ25	Projeto de fortalecimento da fiscalização da ocupação urbana	3	2	2	2	9	MÉDIA
PJ26	Projeto de reestruturação da gestão do sistema de drenagem	3	2	3	2	10	MÉDIA
PJ27	Projeto de fortalecimento e valorização da participação social na gestão da drenagem	2	3	2	2	9	MÉDIA
PJ28	Projeto de manutenção preventiva e Corretiva do Sistema de drenagem	4	4	4	3	15	ABSOLUTA
PJ29	Projeto de Cadastramento da rede de drenagem	3	1	3	2	9	MÉDIA
PJ30	Projeto de elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas não contempladas	4	1	3	2	10	MÉDIA
PJ31	Gestão sustentável dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos	4	1	4	4	13	ALTA
PJ32	Reestruturação do sistema de limpeza pública municipal	4	2	4	4	14	ABSOLUTA
PJ33	Sistema Municipal de Informação sobre Resíduos	2	2	2	1	7	BAIXA
PJ34	Coleta Seletiva de Recicláveis com inclusão social de catadores	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ35	Fortalecimento de associações/cooperativas de catadores	4	4	3	4	15	ABSOLUTA
PJ36	Compostagem dos RSU úmidos limpos	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ37	Reaproveitamento energético dos RSU úmidos	2	1	1	1	5	BAIXA
PJ38	Fortalecimento da gestão dos RCC	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ39	Fortalecimento da gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ40	Coleta de móveis usados e inservíveis	3	3	3	3	12	ALTA
PJ41	Coleta de óleo de cozinha	2	2	2	3	9	MÉDIA

PJ42	Gestão sustentável dos resíduos sólidos industriais	4	2	3	4	13	ALTA
PJ43	Fortalecimento da gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória	2	1	3	3	9	MÉDIA
PJ44	Estação de Transbordo de RSU	1	3	3	3	10	MÉDIA
PJ45	Aterro Sanitário	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ46	Lixão zero	4	4	4	3	15	ABSOLUTA
PJ47	Ponto Limpo	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ48	Compras sustentáveis	3	1	1	2	7	BAIXA
PJ49	Consumo consciente	3	1	1	2	7	BAIXA
PJ50	Fortalecimento dos conselhos	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ51	Saneamento básico é um direito	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ52	Divulgação do saneamento básico	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ53	Ecultura	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ54	Eco - Escolas	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ55	A Educação Ambiental e Práticas Esportivas	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ56	Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ57	De Olho na Educação Ambiental	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ58	Formação de Educadores/ Agentes Ambientais	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ59	Articulação entre o saneamento básico, a saúde e a assistência social	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ60	A educação ambiental e os eixos do saneamento básico	4	4	4	4	16	ABSOLUTA
PJ61	Departamento de gestão integrada do saneamento ambiental	4	4	4	4	16	ABSOLUTA

Fonte: Autoria própria.

Quadro 6-10 - Ordenamento dos Projetos por Grau de Priorização.

NÚMERO	NOME DO PROJETO	GRAU DE PRIORIDADE
PJ01	Demanda rural por água potável	ABSOLUTA
PJ03	Ampliação/construção das estruturas físicas das unidades do interior	ABSOLUTA
PJ07	Controle e redução de desperdícios	ABSOLUTA
PJ17	Implantação / Ampliação dos Serviços de Coleta e Transporte dos SES em áreas Urbanas e urbanizadas	ABSOLUTA
PJ18	Implantação / Ampliação / Reforma das Unidades de Tratamento dos SES Urbanos	ABSOLUTA
PJ19	Implantação / Ampliação dos sistemas Pró Rurais	ABSOLUTA
PJ20	Manutenção dos Sistemas Coletivos de Esgotamento Sanitário	ABSOLUTA
PJ22	Monitoramento das Unidades Coletivas de Tratamento e dos Corpos Receptores	ABSOLUTA
PJ28	Projeto de manutenção preventiva e Corretiva do Sistema de drenagem	ABSOLUTA
PJ32	Reestruturação do sistema de limpeza pública municipal	ABSOLUTA
PJ34	Coleta Seletiva de Recicláveis com inclusão social de catadores	ABSOLUTA
PJ35	Fortalecimento de associações/cooperativas de catadores	ABSOLUTA
PJ36	Compostagem dos RSU úmidos limpos	ABSOLUTA
PJ38	Fortalecimento da gestão dos RCC	ABSOLUTA
PJ39	Fortalecimento da gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	ABSOLUTA
PJ45	Aterro Sanitário	ABSOLUTA
PJ46	Lixão zero	ABSOLUTA
PJ47	Ponto Limpo	ABSOLUTA
PJ50	Fortalecimento dos conselhos	ABSOLUTA
PJ51	Saneamento básico é um direito	ABSOLUTA
PJ52	Divulgação do saneamento básico	ABSOLUTA
PJ53	Ecultura	ABSOLUTA
PJ54	Eco - Escolas	ABSOLUTA
PJ55	A Educação Ambiental e Práticas Esportivas	ABSOLUTA
PJ56	Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes	ABSOLUTA
PJ57	De Olho na Educação Ambiental	ABSOLUTA
PJ58	Formação de Educadores/ Agentes Ambientais	ABSOLUTA
PJ59	Articulação entre o saneamento básico, a saúde e a assistência social	ABSOLUTA
PJ60	A educação ambiental e os eixos do saneamento básico	ABSOLUTA
PJ61	Departamento de gestão integrada do saneamento ambiental	ABSOLUTA
PJ02	Manutenção nas estruturas físicas das unidades do interior	ALTA
PJ04	Demanda urbana por água potável	ALTA
PJ05	Manutenção nas estruturas físicas das unidades	ALTA
PJ06	Ampliação das estruturas físicas das unidades	ALTA
PJ23	Acompanhamento das Unidades Individuais de Tratamento	ALTA
PJ24	Monitoramento dos Lançamentos Clandestinos	ALTA

NÚMERO	NOME DO PROJETO	GRAU DE PRIORIDADE
PJ31	Gestão sustentável dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos	ALTA
PJ40	Coleta de móveis usados e inservíveis	ALTA
PJ42	Gestão sustentável dos resíduos sólidos industriais	ALTA
PJ09	Monitoramento da qualidade da água tratada	MÉDIA
PJ10	Controle dos mananciais	MÉDIA
PJ21	Regularização Ambiental e Fundiária	MÉDIA
PJ25	Projeto de fortalecimento da fiscalização da ocupação urbana	MÉDIA
PJ26	Projeto de reestruturação da gestão do sistema de drenagem	MÉDIA
PJ27	Projeto de fortalecimento e valorização da participação social na gestão da drenagem	MÉDIA
PJ29	Projeto de Cadastramento da rede de drenagem	MÉDIA
PJ30	Projeto de elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas não contempladas	MÉDIA
PJ41	Coleta de óleo de cozinha	MÉDIA
PJ43	Fortalecimento da gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória	MÉDIA
PJ44	Estação de Transbordo de RSU	MÉDIA
PJ08	Monitoramento da qualidade da água bruta	BAIXA
PJ11	Atendimento ao usuário	BAIXA
PJ12	Gestão da informação do sistema de água	BAIXA
PJ13	Gestão operacional e administrativa	BAIXA
PJ14	Identificação e cadastramento	BAIXA
PJ15	Comunicação e Atendimento ao Usuário	BAIXA
PJ16	Gestão da informação do sistema de esgotamento	BAIXA
PJ33	Sistema Municipal de Informação sobre Resíduos	BAIXA
PJ37	Reaproveitamento energético dos RSU úmidos	BAIXA
PJ48	Compras sustentáveis	BAIXA
PJ49	Consumo consciente	BAIXA

Fonte: Autoria própria.

7 PLANO DE EXECUÇÃO

O Plano de execução apresenta o detalhamento dos desembolsos anuais relacionados à operacionalização dos Programas, Projetos e Ações do Plano de Saneamento Básico Municipal do município ora formulado. Assim, a partir da lista de intervenções, com o detalhamento das ações necessárias, foi possível estimar os custos, os quais requerem uma adequada programação financeira a fim de que os objetivos almejados sejam alcançados, de forma especial a Universalização sustentável dos serviços.

Cumprе ressaltar que muitas as restrições/obstáculos que dificultam os investimentos no setor que vão desde as questões de natureza técnica, passando por dificuldades institucionais ou mesmo financeiras. Desta sorte, o Plano Municipal de Saneamento Ambiental, na perspectiva do Planejamento de Longo Prazo, cumpre o papel de fornecer ao município o direcionamento adequado para que sejam rompidas/mitigadas tais restrições.

No Brasil, o prejudicado cenário do saneamento básico municipal é resultante da combinação de anos de ausência de marco regulatório, insegurança jurídica para atração de investimentos privados, e fragilidade das finanças públicas municipais para os investimentos no setor. Verifica-se, pois, que a construção do PMSB nas várias etapas por que passou cuida de fornecer elementos sólidos de planejamento que permite ao município laborar de forma mais sólida no encalço do rompimento dos déficits (quantitativo e qualitativo) dos serviços.

Nesse caminho, o presente relatório traz um cronograma de execução físico-financeiro compatível com os objetivos estabelecidos para que se tenha um cenário desejável, bem como também, ajustado à capacidade institucional do município no que se refere aos desembolsos. O relatório avança na identificação de alguns novos indicadores de gestão fiscal do município, para além dos identificados no relatório de Gestão Financeira (Etapa do Diagnóstico), apresentando as formas e fontes de financiamento a serem acessadas para a sustentação financeira do programa.

Para além do dimensionamento de custos, do cronograma de execução e as possíveis fontes de financiamento, o relatório fornece também sugestões de mecanismos e procedimentos necessários à avaliação sistemática da eficácia,

eficiência e efetividade das ações programadas, para que garantam o atendimento dos objetivos propostos.

7.1 CUSTO TOTAL DO PMSBI

O Plano Municipal de Saneamento Básico Integrado consubstancia as intervenções projetadas para os quatro eixos do saneamento básico, necessárias ao adequado funcionamento do sistema e ao atingimento do cenário possível ou desejado evidenciado ao longo do estudo (Etapa Prognóstico). A partir das estimativas de custos e estabelecimento das prioridades, bem como do horizonte temporal definido para cada projeto foi construído o cronograma de execução físico-financeiro.

O detalhamento da execução físico-financeira de cada ação dos programas e projetos propostos é apresentado nos quadros constantes do APÊNDICE B do PMSBI. No Quadro 7-1 abaixo se apresentam os diversos Projetos para os quatro eixos, bem como a consolidação dos custos envolvidos em cada um, cujo somatório representa o custo global do PMSBI. Vale ressaltar que os custos foram apurados a partir de estimativas realizadas com base em projetos de monta equivalente. Todavia, somente os projetos técnicos de engenharia darão a dimensão exata desses custos. Além disso, os valores foram apresentados de acordo com os preços atuais de 2017, e no caso de intervenções de longo prazo esses valores podem se alterar conforme a variação dos preços dos bens e serviços relacionados a cada intervenção.

Quadro 7-1 - Custo Global do PMSBI.

Nome do Projeto		Total
PJ01	Demanda rural por água potável	24.000,00
PJ02	Manutenção nas estruturas físicas das unidades do interior	453.000,00
PJ03	Ampliação/construção das estruturas físicas das unidades do interior	2.238.166,40
PJ04	Demanda urbana por água potável	24.000,00
PJ05	Manutenção nas estruturas físicas das unidades	480.000,00
PJ06	Ampliação das estruturas físicas das unidades	9.272.855,32
PJ07	Controle e redução de desperdícios	-
PJ08	Monitoramento da qualidade da água bruta	122.400,00
PJ09	Monitoramento da qualidade da água tratada	504.600,00
PJ10	Controle dos mananciais	350.000,00
PJ11	Atendimento ao usuário	-
PJ12	Gestão da informação do sistema de água	-
PJ13	Gestão operacional e administrativa	2.940.400,00
PJ14	Identificação e cadastramento	24.000,00

	Nome do Projeto	Total
PJ15	Comunicação e Atendimento ao Usuário	-
PJ16	Gestão da informação do sistema de esgotamento	-
PJ17	Implantação / Ampliação dos Serviços de Coleta e Transporte dos SES em áreas Urbanas e urbanizadas	11.656.300,00
PJ18	Implantação / Ampliação / Reforma das Unidades de Tratamento dos SES Urbanos	3.870.000,00
PJ19	Implantação / Ampliação dos sistemas Pró Rurais	7.619.000,00
PJ20	Manutenção dos Sistemas Coletivos de Esgotamento Sanitário	2.712.000,00
PJ21	Regularização Ambiental e Fundiária	16.200,00
PJ22	Monitoramento das Unidades Coletivas de Tratamento e dos Corpos Receptores	62.400,00
PJ23	Acompanhamento das Unidades Individuais de Tratamento	-
PJ24	Monitoramento dos Lançamentos Clandestinos	516.600,00
PJ25	Projeto de fortalecimento da fiscalização da ocupação urbana	2.042.880,00
PJ26	Projeto de reestruturação da gestão do sistema de drenagem	1.440.000,00
PJ27	Projeto de fortalecimento e valorização da participação social na gestão da drenagem	-
PJ28	Projeto de manutenção preventiva e Corretiva do Sistema de drenagem	1.880.000,00
PJ29	Projeto de Cadastramento da rede de drenagem	121.000,00
PJ30	Projeto de elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas não contempladas	400.000,00
PJ31	Gestão sustentável dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos	51.000,00
PJ32	Reestruturação do sistema de limpeza pública municipal	245.000,00
PJ33	Sistema Municipal de Informação sobre Resíduos	165.000,00
PJ34	Coleta Seletiva de Recicláveis com inclusão social de catadores	575.000,00
PJ35	Fortalecimento de associações/cooperativas de catadores	30.000,00
PJ36	Compostagem dos RSU úmidos limpos	203.000,00
PJ37	Reaproveitamento energético dos RSU úmidos	92.000,00
PJ38	Fortalecimento da gestão dos RCC	124.000,00
PJ39	Fortalecimento da gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	124.000,00
PJ40	Coleta de móveis usados e inservíveis	201.000,00
PJ41	Coleta de óleo de cozinha	260.000,00
PJ42	Gestão sustentável dos resíduos sólidos industriais	41.000,00
PJ43	Fortalecimento da gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória	21.000,00
PJ44	Estação de Transbordo de RSU	682.000,00
PJ45	Aterro Sanitário	292.000,00
PJ46	Lixão zero	650.000,00
PJ47	Ponto Limpo	58.000,00
PJ48	Compras sustentáveis	32.000,00
PJ49	Consumo consciente	34.000,00
PJ50	Fortalecimento dos conselhos	15.000,00
PJ51	Saneamento básico é um direito	466.000,00
PJ52	Divulgação do saneamento básico	200.000,00
PJ53	Ecultura	174.000,00
PJ54	Eco - Escolas	-
PJ55	A Educação Ambiental e Práticas Esportivas	962.480,50
PJ56	Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes	1.203.100,62
PJ57	De Olho na Educação Ambiental	152.392,75
PJ58	Formação de Educadores/ Agentes Ambientais	224.578,78
PJ59	Articulação entre o saneamento básico, a saúde e a assistência social	96.248,05
PJ60	A educação ambiental e os eixos do saneamento básico	-
PJ61	Departamento de gestão integrada do saneamento ambiental	-
	TOTAL	56.143.602,42

Fonte: Autoria própria.

É importante salientar que os projetos e ações apresentados envolvem tanto despesas de custeio (para o caso de Programas de Educação ambiental, por exemplo), quanto despesas de capital (tal como aquelas relacionadas à construção de ETEs). Todavia, a maior parte dos custos e, portanto, dos desembolsos referem-se à despesas de capital, relativos a obras e instalações, demandando assim diversas fontes de recursos para além do Orçamento básico da Prefeitura e/ou das empresas envolvidas com a operação do sistema.

7.2 EXECUÇÃO FÍSICO E FINANCEIRA DOS PROJETOS

A Lei nº 11.445/2007, em seu Art. 52, parágrafo 2º preconiza que os planos municipais de saneamento básico devem ser elaborados tendo como perspectiva o horizonte de 20 (vinte) anos. Assim, considerando a gestão do presente Plano no ano de 2017, todas as ações propostas foram projetadas para o período de 20 anos.

Apesar da premência de todas as intervenções apuradas, a realidade financeira, técnica e operacional do município não permite que elas sejam levadas a cabo simultaneamente. Nesse sentido, a ordem de execução e sua distribuição no lapso temporal foram organizadas a partir das prioridades estabelecidas no capítulo 6 do presente relatório. Dessa forma, busca-se o atendimento tempestivo das demandas urgentes, bem como garantir a adequada integração e continuidade das ações ao longo desses vinte anos. Além disso, considerou-se como referência para o cronograma o custo dos projetos, a capacidade de endividamento e pagamento dos municípios e o tempo de maturação de projetos que envolvem procedimentos técnicos de engenharia, desapropriações e obras.

O Quadro a seguir apresenta o Plano de execução físico-financeiro para os 20 anos de execução do Plano.

[illegible]

Nome do Projeto		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
PJ51	Saneamento básico é um direito	-	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32
PJ52	Divulgação do saneamento básico	-	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32
PJ53	Ecultura	-	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89
PJ54	Eco - Escolas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PJ55	A Educação Ambiental e Práticas Esportivas	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02
PJ56	Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03
PJ57	De Olho na Educação Ambiental	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64
PJ58	Formação de Educadores/ Agentes Ambientais	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94
PJ59	Articulação entre o saneamento básico, a saúde e a assistência social	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40
PJ60	A educação ambiental e os eixos do saneamento básico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PJ61	Departamento de gestão integrada do saneamento ambiental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL		619.806,13	1.505.229,04	1.546.584,60	2.447.290,48	7.317.532,15	8.110.092,15	7.997.020,72	4.366.554,05	2.432.729,05	2.338.395,72

(Continuação)

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Nome do Projeto		11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
PJ41	Coleta de óleo de cozinha	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	6.833,33	260.000,00
PJ42	Gestão sustentável dos resíduos sólidos industriais	578,95	578,95	578,95	578,95	578,95	578,95	578,95	578,95	578,95	578,95	41.000,00
PJ43	Fortalecimento da gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória	375,00	375,00	375,00	375,00	375,00	375,00	375,00	375,00	375,00	375,00	21.000,00
PJ44	Estação de Transbordo de RSU	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	4.357,14	682.000,00
PJ45	Aterro Sanitário	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	12.300,00	292.000,00
PJ46	Lixão zero	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	2.571,43	650.000,00
PJ47	Ponto Limpo	894,74	894,74	894,74	894,74	894,74	894,74	894,74	894,74	894,74	894,74	58.000,00
PJ48	Compras sustentáveis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32.000,00
PJ49	Consumo consciente	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	1.773,68	34.000,00
PJ50	Fortalecimento dos conselhos	789,47	789,47	789,47	789,47	789,47	789,47	789,47	789,47	789,47	789,47	15.000,00
PJ51	Saneamento básico é um direito	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	24.526,32	466.000,00
PJ52	Divulgação do saneamento básico	10.526,32					10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	10.526,32	200.000,00
PJ53	Ecultura	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	9.157,89	174.000,00
PJ54	Eco - Escolas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PJ55	A Educação Ambiental e Práticas Esportivas	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	48.124,02	962.480,50
PJ56	Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	60.155,03	1.203.100,62
PJ57	De Olho na Educação Ambiental	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	7.619,64	152.392,75
PJ58	Formação de Educadores/ Agentes Ambientais	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	11.228,94	224.578,78
PJ59	Articulação entre o saneamento básico, a saúde e a assistência social	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	4.812,40	96.248,05
PJ60	A educação ambiental e os eixos do saneamento básico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PJ61	Departamento de gestão integrada do saneamento ambiental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL		1.994.186,83	1.977.520,16	1.977.520,16	1.977.520,16	1.977.520,16	1.231.620,16	1.698.286,83	1.698.286,83	1.698.286,83	1.231.620,16	56.143.602,42

Fonte: Autoria própria.

7.3 CAPACIDADE DE INVESTIMENTO PÚBLICO

7.3.1 Apresentação

A análise da capacidade de investimento público tem como objetivo apresentar um conjunto de informações que revelam a capacidade fiscal do município e que podem determinar a viabilidade do Plano Municipal de Saneamento básico, a partir da identificação de formas de financiamento e fontes de captação de recursos, em consonância com a capacidade de pagamento e endividamento do município. Alguns dados foram apresentados sob a forma de tabelas que agregam dados de alguns municípios em fase de construção do Plano Municipal de Saneamento Básico, desse modo é possível fazer uma comparação com os dados municípios em tela dinamizando a análise.

No encalço de uma análise consistente das capacidades fiscais dos municípios, a legislação pertinente relacionada à obtenção de recursos para financiamento dos Projetos foi relacionada, com especial atenção para a Lei de Responsabilidade Fiscal e a Resolução do Senado Federal nº 43/2001. Convém por em relevo que a maioria dos municípios brasileiros não possui folga financeira para fomentar com recursos próprios grandes quantidades de projetos que demandem altos volumes de recursos, como é o caso do PMSB. Por esse motivo, foram destacadas as possíveis fontes de captação de recursos, e suas diversas nuances. A opção por programas ou formas de financiamento e/ou fomento está condicionada pelos objetivos de curto, médio e longo prazos, bem como pelo volume de recursos necessários à adequada execução dos projetos e as restrições legislativas e institucionais, sobretudo aquelas ligadas à Gestão Fiscal dos municípios.

É premente que se deixe claro que toda e qualquer fonte de obtenção de recursos dependerá das devidas qualificações dos Projetos apresentados e de um conjunto de fatores concernente à capacidade institucional do município. Portanto, é indispensável o envolvimento efetivo dos técnicos da prefeitura e demais envolvidos com a prestação dos serviços de saneamento básico, na elaboração detalhada dos Projetos, bem como a participação efetiva de qualquer empresa pública ligada ao saneamento básico municipal. Além disso, é sabido que a organização adequada dos documentos e obrigações para a regularidade fiscal do município, sobretudo as referidas no art. 16 e no inciso VIII do art. 21 da

Resolução do Senado Federal (RSF) nº 43/2001 (CADIP, INSS, FGTS, CRP, RFB/PGFN e Dívida Ativa da União), é requisito indispensável para a captação de recursos, e isso também dependerá da devida organização dos recursos humanos envolvidos.

No bojo dessas orientações percebe-se que a obtenção de recursos por meio de quaisquer fontes para financiar as ações, projetos e programas listados no Plano Municipal de Saneamento básico, dependerá do adequado planejamento municipal de longo prazo, a fim de incluí-los nas Leis Orçamentárias Anuais, nas Leis de Diretrizes Orçamentárias e nos Planos Plurianuais. Ressalta-se também que é fundamental a boa prática dos preços públicos, tarifas, taxas e impostos envolvidos com os serviços dos quatro eixos do saneamento básico municipal, sejam eles prestados diretamente pela Prefeitura, sejam aqueles prestados por empresas (pública ou privada).

A gestão operacional e fiscal adequada nos serviços dará suporte econômico-financeiro no que tange aos custos de exploração e administração dos serviços, em que pese de forma especial as despesas operacionais. Invoca-se aqui a Lei nº 11.445/2007 que em seu art. 13 estabelece que: “Os entes da Federação, isoladamente ou reunidos em consórcios públicos, poderão instituir fundos, aos quais poderão ser destinadas, entre outros recursos, parcelas das receitas dos serviços, com a finalidade de custear, na conformidade do disposto nos respectivos planos de saneamento básico, a universalização dos serviços públicos de saneamento básico”. Esses recursos poderão ser utilizados como fontes ou garantias em operações de crédito.

Assim, resta dizer que nesse capítulo são apontados os caminhos a serem percorridos pelo município no encalço do financiamento do Plano Municipal de Saneamento Básico Integrado. Todavia, a definição do modelo de financiamento e do uso das fontes de recursos são prerrogativas do município, servindo esse documento como referência analítica para a tomada de decisão. Para tornar a análise mais prática, após esta apresentação são arrolados os indicadores econômico-financeiros que revelam informações acerca da capacidade de endividamento e pagamento de alguns, em especial do município em análise, na sequência apresentam-se textos legais que ordenam as operações de crédito dos municípios, bem como algumas simulações relacionadas à possibilidade de o

Município efetuar operações de crédito. Em seguida são destacados os possíveis programas de financiamento e as diversas fontes de captação de recursos que poderão ser acessadas pelos municípios, seja no âmbito federal ou no estadual.

7.3.2 Capacidade de Endividamento e Investimento

Para além dos dados do orçamento municipal que foram apresentados nos relatórios pretéritos, o presente estudo congrega os principais indicadores econômico-financeiros que fornecem informações relevantes acerca da viabilidade de o município acessar as diferentes fontes de financiamento das intervenções propostas no Plano Municipal de Saneamento Básico.

Nesse encalço, utilizou-se como referência a Portaria nº 306 de 10 de setembro de 2012 que estabelece a metodologia para a classificação da situação fiscal de entes federados, a fim de que seja concedido o aval ou garantia da União em operação de crédito interna ou externa. A partir das orientações daquele documento e da necessidade de avaliação sobre a situação fiscal do município, foram selecionados indicadores que permitem a adequada interpretação acerca das possibilidades de uso do orçamento municipal para financiar os projetos.¹

Os indicadores da situação Fiscal do Município selecionados servem à interpretação da capacidade de endividamento e/ou pagamento e investimento, bem como revelam a liberdade que possui no uso do seu orçamento.

O primeiro indicador, “**GRP**”, mede a capacidade da prefeitura de gerar receitas de origem tributária e de contribuição econômica para cada Real de transferências intergovernamentais. Quanto menor o indicador, maior é a dependência do município em relação às transferências intergovernamentais.

¹ A metodologia completa para as simulações de capacidade de pagamento do município podem ser encontradas na Portaria nº 306/2012 editada pelo Ministério da Fazenda e, complementarmente, na Portaria 543/2012 da Secretaria do Tesouro Nacional.

O segundo indicador, “**RTPc**”, apresenta a média de arrecadação de tributos por cidadão no município. Por meio desse indicador reforça-se a o entendimento sobre a capacidade da estrutura tributária do município.

O terceiro indicador, “**ITPc**”, mede o Investimento médio por cidadão no município. Comparado ao segundo indicador é possível analisar o esforço necessário no que tange a efetivação de obras públicas com recursos extras tributários.

O quarto indicador, “**VRC**”, mede a parcela da receita corrente cuja destinação é definida em leis e/ou convênios. Na interpretação do indicador quanto maior o seu valor, menor será a liberdade do gestor municipal para decidir sobre a alocação dos recursos, já que significará o “carimbo” pré-definido de algumas rubricas.

O quinto indicador, “**CGP**”, a Capacidade de Geração de poupança mede a parcela disponível da receita corrente após a cobertura das despesas de pessoal e custeio e da amortização e juros da dívida. Quanto maior o indicador, maior a capacidade de financiar investimentos.

O sexto indicador, “**EnB**”, mede o percentual entre receita orçamentária e de operações de crédito, precatórias, obrigações a pagar em circulação, obrigações legais e tributárias. Esse indicador revela a liberdade que o município possui para realizar operações de crédito.

Por fim o sétimo indicador, “**DPS**”, Despesas com prestação de serviços per capita, tem como objetivo evidenciar o custo geral de manutenção da máquina pública e serviços essenciais prestados pela municipalidade. Nesse indicador está inserido o salário dos servidores, as despesas fixas de escolas, hospitais e transporte público, além de com manutenção e contas de energia.

Na Tabela 7-1 são apresentados os indicadores econômico-financeiros calculados para onze municípios do Estado do Espírito Santo que se encontram em fase de elaboração de seu Plano Município de Saneamento Básico. A análise que se segue é pormenorizada para o município de Jaguaré, mas a comparação permite um melhor entendimento sobre o *status quo* do município.

Tabela 7-1 - Indicadores da situação Fiscal dos Municípios selecionados.

Município	GRP	RTPc	ITPc	VRC	CGP	EnB	DPS
Alegre	1.00 X 0,18	232,55	171,69	46,99%	6,92%	11,78%	1.948,30
Castelo	1.00 X 0,12	209,90	126,22	52,47%	9,12%	0,95%	2.025,61
Conceição da Barra	1.00 X 0,15	234,51	471,29	53,87%	21,35%	12,04%	1.969,78
Domingos Martins	1.00 X 0,10	196,57	280,14	53,79%	8,09%	5,45%	2.475,50
Iúna*	1.00 X 0,07	106,82	169,32	54,27%	1,33%	0,59%	1.873,06
Marataízes	1.00 X 0,14	350,86	664,53	28,72%	7,62%	0,04%	4.147,17
Muniz Freire*	1.00 X 0,08	147,27	124,06	47,64%	-4,29%	9,78%	2.499,82
Nova Venécia*	1.00 X 0,11	150,72	316,29	53,01%	3,47%	10,46%	2.072,85
Pinheiros	1.00 X 0,08	146,64	209,61	53,45%	7,67%	9,82%	2.038,98
Sooretama	1.00 X 0,06	91,81	358,93	51,23%	6,86%	0,83%	2.076,26
Jaguaré	1.00 X 0,11	230,91	238,04	47,34%	-5,72%	2,29%	2.907,55
Média	1.00 X 0,12	190,78	284,56	49,34%	5,67%	5,82%	2.366,81

Obs.: Foram utilizados os valores das dotações atualizadas no período de referência, qual seja, dezembro de cada ano. * dados de 2014.

Fonte: Adaptado de SISTN (2015).

A partir dos dados apresentados na Tabela 7-1 verifica-se que o Indicador de Geração de Receita Própria, **RTPc**, do município de Jaguaré não destoa da média dos municípios da amostra e essa costuma ser uma tendência para os municípios de pequeno porte no Brasil. Como já se havia evidenciado na fase de diagnóstico, existe uma grande dependência em relação às transferências intergovernamentais para o financiamento das políticas públicas.

Quanto ao indicador **RTPc** relacionado à capacidade tributária do município, verifica-se que em média arrecada-se R\$ 230,91 em taxas e contribuições por cidadão no município de Jaguaré. Esse número está acima da média amostral. Para complementar a análise têm-se o terceiro indicador, **ITPc**, que se refere ao Investimento Per Capita municipal. No Caso de Jaguaré o valor médio de investimentos por habitante é de R\$ 238,04, ou seja, um pouco superior à média da arrecadação. Assim, tem-se o retorno per capita do imposto pago pelos habitantes no município, o qual supera 100%. No entanto, o dado pode revelar baixo grau de investimentos no município, e isso pode ter relação direta com a capacidade administrativa municipal.

Uma importante regularidade dos municípios analisados, em especial Jaguaré, é a fragilidade na geração de receitas próprias por meio de política tributária que permita a criação de poupança a fim de financiar os investimentos. Em muitos municípios as receitas correntes não são suficientes para financiar as despesas

correntes. Nesse sentido, um conjunto de ações é necessário a fim de se caminhar na melhoria dessa fonte de recursos; as sugestões de ação estão listadas a seguir:

- Atualização da legislação: tributária, postura, obras, vigilância sanitária, licenciamento ambiental; buscando definir e/ou desburocratizar procedimentos, permitindo uma maior agilidade no processo de geração de receitas, aumentando quantitativamente e qualitativamente a base de arrecadação;
- Melhoria da estrutura administrativa: Promoção de Capacitação de recursos humanos, principalmente na área de fiscalização de rendas, posturas, obras, meio ambiente, vigilância sanitária, etc. Os custos de treinamento são superados pelo aumento da base arrecadatória;
- Melhoria da infraestrutura institucional: Atualização do cadastro técnico municipal no que tange aos imóveis; atualização da planta genérica de valores de IPTU e ITBI; criação de programas de parcelamento de débitos inscritos em dívida ativa.

Para avaliar a liberdade que o município de Jaguaré tem de utilizar os recursos de sua receita corrente utiliza-se o indicador **VRC**. Em Jaguaré 47,34% das receitas correntes do ano de 2015 possuíam destinação definida em leis e/ou convênios. Esse indicador está um pouco abaixo da média, evidenciando maior liberdade para o gestor público alocar recursos.

Quando se observa atentamente o indicador de Capacidade de Geração de Poupança (**CGP**), percebe-se que a baixa capacidade de geração de poupança reflete-se no baixo percentual de investimentos municipais. Em Jaguaré, a capacidade de Geração de Poupança é negativa, o que significa alta fragilidade das despesas correntes desse município para realizar investimentos.

Assim, resta indubitado que o município precisa caminhar não somente em direção à modernização da administração tributária a fim de financiar projetos estruturantes, tal como aqueles ligados ao Plano Municipal de Saneamento Básico, como também avançar na modernização de toda sua gestão pública no sentido de se qualificar para obtenção de recursos de diversas fontes.

No que tange ao endividamento bruto (**EnB**), percebe-se que todos os municípios analisados, especialmente Jaguaré, possuem grande margem para a contratação

de operações de crédito. Ressalta-se que a adequada qualificação dos técnicos municipais é requisito indispensável para que se capte recursos por meio de operações de crédito, já que tais operações são profundamente regulamentadas pela LRF e pelas Resoluções do Senado Federal (RSF) nº 40 e 43, de 2001. Além disso, vale destacar que as operações de crédito podem sempre aparecer como opção de financiamento dos projetos, tendo em vista, muitas vezes, as limitações dos recursos de convênios.

Já quando se analisa o indicador de Despesas com prestação de serviços per capita (**DPS**), verifica-se que o custo per capita da máquina administrativa da prefeitura de Jaguaré supera em muito a receita tributária e o investimento per capita, estando inclusive acima da média da amostra de municípios. Mais uma vez tem-se em tela a necessidade de otimização de processos administrativas capazes de reduzir custos e alavancar o volume de investimento.

A atual fragilidade de geração/captação de receitas para investimentos aparece também em outra regularidade dos municípios em comento, qual seja, o baixo percentual de recursos captados por meio por meio de convênios. Atualmente são inúmeros os programas governamentais disponibilizados por meio dessa fonte e o governo Federal disponibiliza portais e treinamentos específicos para os técnicos municipais. Vários estudos são cristalinos em apontar as vantagens dessa fonte, tal como o trabalho de Castro e Andrade (2013) que revelou a importância da implementação de um órgão de projetos e convênios para a captação de recursos para os municípios brasileiros. Sugestão essa passível de ser incorporada por qualquer município.

7.3.3 Condicionantes legais e números das operações de crédito

A contratação de operações de crédito por Municípios, assim como ocorre para os outros entes federados, subordina-se às normas da Lei Complementar de 04/05/2000 (Lei de Responsabilidade Fiscal – LRF) e às Resoluções do Senado Federal (RSF) nº 40 e 43, de 2001. A fim de orientar adequadamente essas operações, o Tesouro Nacional brasileiro criou o Manual para Instruções de Pleito (MIP), instrumento robusto que fornece todas as orientações necessárias aos municípios para que os mesmos acessem recursos com aval ou garantia da União

em operação de crédito interna ou externa. O MIP orienta os procedimentos de instrução dos pedidos de análise dirigidos ao Ministério da Fazenda, apresentando procedimentos para contratação, as condições ou vedações aplicáveis, os limites de endividamento a que estão submetidos, bem como os documentos exigidos pelo Senado Federal e a sua forma de apresentação (MIP, 2015).

De acordo com o MIP as operações de crédito dos entes públicos podem ser (Lei nº 4.320/1964 e LRF) de curto prazo (de até 12 meses), que podem integrar a dívida flutuante, como as operações de Antecipação de Receita Orçamentária, e de médio ou longo prazo (acima de 12 meses), as quais compõem também a dívida fundada ou a dívida consolidada. No caso dos Projetos relacionados ao Plano Municipal de Saneamento Básico, se tem como perspectiva temporal o Médio e o Longo Prazo. São as operações de crédito de Médio e Longo prazo que propiciam o financiamento de obras e serviços públicos, mediante contratos ou a emissão de títulos da dívida pública, sendo observado o art. 11 da RSF nº 43/2001.

O município, nas operações de crédito, deverá observar os seguintes limites, conforme RSF 43/2011.

- LIMITE DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO – FLUXO - O montante global das operações realizadas em um exercício financeiro não poderá ser superior a 16,0% (dezesesseis por cento) da receita corrente líquida - RCL (inciso I do art. 7º da RSF nº 43/2001);
- LIMITE DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO – DISPÊNDIO - O comprometimento anual com amortizações, juros e demais encargos da dívida consolidada, inclusive relativos a valores a desembolsar de operações de crédito já contratadas e a contratar, não poderá exceder a 11,5% (onze inteiros e cinco décimos por cento) da receita corrente líquida (inciso II do art. 7º da RSF nº 43/2001). O cálculo do comprometimento anual será feito pela média anual de todos os exercícios financeiros em que houver pagamentos previstos da operação pretendida da relação entre o comprometimento previsto e a receita corrente líquida projetada ano a ano (§ 4º do art. 7º da RSF nº 43/2001 e suas alterações).
- LIMITE DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO – ESTOQUE – (inciso III do art. 7º da RSF nº 43/2001, combinado com art. 3º da RSF nº 40/2001) a dívida

consolidada líquida, no caso dos Municípios, não poderá exceder 1,2 (um inteiro e dois décimos) vezes a receita corrente líquida;

Ao se fazer a projeção da Receita Corrente Líquida é possível prever o possível montante de comprometimento anual com a dívida pública municipal. O parágrafo 6º do art. 7º da RSF nº 43/2001, estabelece os critérios para o essa Projeção, qual seja, a aplicação de Fator de Atualização sobre a receita corrente líquida do período de 12 (doze) meses findos no mês de referência. O referido Fator é obtido a partir da média geométrica das taxas de crescimento real do PIB nacional nos últimos oito anos (art. 8º da Portaria STN nº 396/2009). A partir de março de 2017, considerando as revisões do IBGE e a publicação do PIB de 2016, o Fator de Atualização a ser utilizado é de 1,11783149%².

Na Tabela a seguir foram projetados os valores da Receita Corrente Líquida para os próximos vinte anos e a partir deles, foram calculados os valores para operações de crédito, em conformidade com os incisos da RSF nº 43/2001 dispostos acima.

Tabela 7-2 - Projeções de Valores para Operações de Crédito do Município de Jaguaré (em R\$1,00).

Ano	Proj.RCL	Inciso I	Inciso II	Inciso III
2018	78.341.993,31	12.534.718,93	9.009.329,23	94.010.391,97
2019	79.217.724,78	12.674.835,96	9.110.038,35	95.061.269,74
2020	80.103.245,45	12.816.519,27	9.211.873,23	96.123.894,54
2021	80.998.664,76	12.959.786,36	9.314.846,45	97.198.397,71
2022	81.904.093,34	13.104.654,93	9.418.970,73	98.284.912,00
2023	82.819.643,08	13.251.142,89	9.524.258,95	99.383.571,70
2024	83.745.427,13	13.399.268,34	9.630.724,12	100.494.512,56
2025	84.681.559,89	13.549.049,58	9.738.379,39	101.617.871,87
2026	85.628.157,03	13.700.505,13	9.847.238,06	102.753.788,44
2027	86.585.335,54	13.853.653,69	9.957.313,59	103.902.402,64
2028	87.553.213,68	14.008.514,19	10.068.619,57	105.063.856,42
2029	88.531.911,08	14.165.105,77	10.181.169,77	106.238.293,29
2030	89.521.548,66	14.323.447,79	10.294.978,10	107.425.858,39
2031	90.522.248,72	14.483.559,79	10.410.058,60	108.626.698,46
2032	91.534.134,92	14.645.461,59	10.526.425,52	109.840.961,90
2033	92.557.332,30	14.809.173,17	10.644.093,21	111.068.798,76
2034	93.591.967,31	14.974.714,77	10.763.076,24	112.310.360,77
2035	94.638.167,79	15.142.106,85	10.883.389,30	113.565.801,35

² Devido à ausência de dados sobre a Receita Corrente Líquida do ano de 2017, as projeções foram realizadas com os dados de 2014. Todavia, o contexto da análise não se encontra prejudicada visto que a diferença de valores não tende a ser demasiada para o pequeno lapso temporal.

Ano	Proj.RCL	Inciso I	Inciso II	Inciso III
2036	95.696.063,03	15.311.370,09	11.005.047,25	114.835.275,64
2037	96.765.783,76	15.482.525,40	11.128.065,13	116.118.940,51

Fonte: Adaptado de SISTN (2015).

Os valores apresentados na tabela acima permitem a realização de programação financeira quando da hipótese de se optar por operações de crédito. Veja-se que se optar por obter operações de crédito nos limites impostos pelo Inciso I, o município possui margem para financiar todas as ações por meio dessa modalidade de financiamento.

A fim de ilustrar detalhadamente o grau de comprometimento das receitas municipais com a manutenção básica da máquina pública, abaixo se apresenta o percentual de despesas com o funcionalismo público entre 2012 e 2014, conforme dados disponíveis nos relatórios de Gestão Fiscal do Tesouro Nacional, cujas informações são fornecidas pelos municípios. Utiliza-se a mesma sistemática de se comparar os dados dos municípios em tela com o de outros municípios que estão em fase de elaboração do PMSB.

Tabela 7-3 - Gastos com pessoal em relação à Receita Corrente Líquida.

Município	2012	2013	2014
Alegre	53,71	55,02	55,84
Castelo	51,51	52,09	51,81
Conceição da Barra	53,78	49,02	49,58
Domingos Martins	44,76	42,79	42,27
Iúna	-	-	55,9
Marataízes	39,93	35,28	39,85
Muniz Freire	56,14	59,57	60,24
Nova Venécia	52,42	49,92	47,82
Pinheiros	-	-	-
Sooretama	51,1	50,42	47,22
Jaguaré	38,3	44,18	51,96
MÉDIA	49,07	48,70	50,25

Fonte: Adaptado de SISTN (2015).

Veja-se que os dados relativos aos gastos com pessoal em Jaguaré apresentam tendência crescente, como já se havia verificado no Diagnóstico municipal, ultrapassando, inclusive, a média amostral.

Com o mesmo intuito de detalhar a Gestão Fiscal do município, apresenta-se na Tabela abaixo o Grau de Endividamento dos municípios selecionados entre 2012 e 2014.

Tabela 7-4 - Percentual da Dívida Consolidada Líquida sobre a Receita Corrente Líquida dos Municípios selecionados.

Município	2012	2013	2014
Alegre	10,19	5,49	-20,22
Castelo	-13,7	-18,1	-18,59
Conceição da Barra	0	0	-78,8
Domingos Martins	-11,9	-12,27	-24,02
Iúna			-6,15
Marataízes	0	-43,52	-65,31
Muniz Freire	-5,4	-10	-11,81
Nova Venécia	10,44	-12,36	-17,1
Pinheiros			
Sooretama	-26,06	-21,98	-12,92
Jaguaré	-17,82	0	0

Fonte: Adaptado de SISTN (2015).

Veja-se que a realidade da Dívida Consolidada Líquida em Jaguaré é muito parecida com a de vários outros municípios do Espírito Santo. Ou seja, baixíssimo Grau de Endividamento, que muitas vezes assume valores negativos. Isso ocorre quando o município possui haveres monetários em caixa que superam os Restos à pagar. Mais uma vez ressalta-se a capacidade de o município recorrer a empréstimos de médio e longo prazo para financiar os Projetos do PMSB.

Em relação às operações de crédito é válido lembrar que a LRF apresenta restrições adicionais para controle das contas públicas em anos de eleição, com destaque para o seguinte: “é proibido ao governante contrair obrigação de despesa, nos dois últimos quadrimestres do seu mandato, que não possa ser cumprida integralmente dentro dele, ou que tenha parcelas a serem pagas no exercício seguinte sem que haja suficiente disponibilidade de caixa.” Essas contingências devem ser levadas em consideração no planejamento de desembolsos.

À despeito de as operações de crédito se apresentarem como uma alternativa viável ao financiamento dos programas, projetos e ações do Plano Municipal de Saneamento Básico, é válido ressaltar que essa é a fonte mais complexa e onerosa. Nesse sentido, na próxima seção são destacadas as diversas formas e fontes de fomento e financiamento disponíveis para o município e possíveis empresas públicas que operam, ou venham a operar parte do sistema de saneamento básico no município.

7.3.4 Formas e fontes de fomento e financiamento

São inúmeras as fontes de fomento e financiamento para os projetos de saneamento ambiental nos municípios. Cada uma, porém, possui suas nuances em termos de custos e burocracias envolvidas. Para todos os casos, é preciso que o município desenvolva uma competência para captação de recursos. No caso dos fomentos, por exemplo, a adequada identificação dos Programas de Financiamento existentes, em todos os níveis de governo e a observação das diretrizes para elaboração de proposta de trabalho são indispensáveis para o sucesso na obtenção dos recursos necessários. Nesse sentido, vale a observação atenta aos manuais disponibilizados pelos diversos ministérios que facilitam a elaboração dos projetos, sobretudo aqueles disponibilizados pelo Ministério das Cidades.

O processo de financiamento das ações dependerá do modelo de negócio, preconizados em todo o arcabouço legal que versa sobre o tema, quais sejam, sumariamente: (i) a Lei de Concessão 8.987/1995, que regularizou a relação público-privada; (ii) a Lei de PPP 11.079/2004, que instituiu o modelo de participação público-privada no Brasil; (iii) a Lei dos Consórcios Públicos 11.107/2005, que regularizou a relação entre os entes federativos; e (iv) a Lei do Saneamento 11.445/2007, que estabeleceu as diretrizes nacionais para o saneamento.

A Lei nº 11.445/2007, em seus art. 48 e 49, apresenta um conjunto de diretrizes e objetivos que colocam o Saneamento Básico como prioridade na alocação de recursos públicos federais e dos financiamentos com recursos da União ou com recursos geridos ou operados por órgãos ou entidades da União. Assim versam esses artigos:

Art. 48. A União, no estabelecimento de sua política de saneamento básico, observará as seguintes diretrizes:

- I - Prioridade para as ações que promovam a equidade social e territorial no acesso ao saneamento básico;
- II - Aplicação dos recursos financeiros por ela administrados de modo a promover o desenvolvimento sustentável, a eficiência e a eficácia;
- III - estímulo ao estabelecimento de adequada regulação dos serviços;

- IV - Utilização de indicadores epidemiológicos e de desenvolvimento social no planejamento, implementação e avaliação das suas ações de saneamento básico;
- V - Melhoria da qualidade de vida e das condições ambientais e de saúde pública;
- VI - Colaboração para o desenvolvimento urbano e regional;
- VII - garantia de meios adequados para o atendimento da população rural dispersa, inclusive mediante a utilização de soluções compatíveis com suas características econômicas e sociais peculiares;
- VIII - Fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico, à adoção de tecnologias apropriadas e à difusão dos conhecimentos gerados;
- IX - Adoção de critérios objetivos de elegibilidade e prioridade, levando em consideração fatores como nível de renda e cobertura, grau de urbanização, concentração populacional, disponibilidade hídrica, riscos sanitários, epidemiológicos e ambientais;
- X - Adoção da bacia hidrográfica como unidade de referência para o planejamento de suas ações;
- XI - estímulo à implementação de infra-estruturas e serviços comuns a Municípios, mediante mecanismos de cooperação entre entes federados.
- XII - estímulo ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de equipamentos e métodos economizadores de água;

Art. 49. São objetivos da Política Federal de Saneamento Básico:

- I - Contribuir para o desenvolvimento nacional, a redução das desigualdades regionais, a geração de emprego e de renda e a inclusão social;
- II - Priorizar planos, programas e projetos que visem à implantação e ampliação dos serviços e ações de saneamento básico nas áreas ocupadas por populações de baixa renda;
- III - Proporcionar condições adequadas de salubridade ambiental aos povos indígenas e outras populações tradicionais, com soluções compatíveis com suas características socioculturais;
- IV - Proporcionar condições adequadas de salubridade ambiental às populações rurais e de pequenos núcleos urbanos isolados;
- V - Assegurar que a aplicação dos recursos financeiros administrados pelo poder público dê-se segundo critérios de promoção da salubridade ambiental, de maximização da relação benefício-custo e de maior retorno social;

VI - Incentivar a adoção de mecanismos de planejamento, regulação e fiscalização da prestação dos serviços de saneamento básico;

VII - promover alternativas de gestão que viabilizem a auto-sustentação econômica e financeira dos serviços de saneamento básico, com ênfase na cooperação federativa;

VIII - promover o desenvolvimento institucional do saneamento básico, estabelecendo meios para a unidade e articulação das ações dos diferentes agentes, bem como do desenvolvimento de sua organização, capacidade técnica, gerencial, financeira e de recursos humanos, contempladas as especificidades locais;

IX - Fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico, a adoção de tecnologias apropriadas e a difusão dos conhecimentos gerados de interesse para o saneamento básico;

X - Minimizar os impactos ambientais relacionados à implantação e desenvolvimento das ações, obras e serviços de saneamento básico e assegurar que sejam executadas de acordo com as normas relativas à proteção do meio ambiente, ao uso e ocupação do solo e à saúde.

XI - incentivar a adoção de equipamentos sanitários que contribuam para a redução do consumo de água;

XII - promover educação ambiental voltada para a economia de água pelos usuários.

Já e em seu Art. 50, a mesma lei estabelece a possibilidade de criação programas de incentivo à execução de projetos de interesse social na área de saneamento básico com participação de investidores privados, mediante operações estruturadas de financiamentos realizados com recursos de fundos privados de investimento, de capitalização ou de previdência complementar, em condições compatíveis com a natureza essencial dos serviços públicos de saneamento básico.

Assim estabelece esse artigo:

Art. 50. A alocação de recursos públicos federais e os financiamentos com recursos da União ou com recursos geridos ou operados por órgãos ou entidades da União serão feitos em conformidade com as diretrizes e objetivos estabelecidos nos arts. 48 e 49 desta Lei e com os planos de saneamento básico e condicionados:

I - ao alcance de índices mínimos de:

a) desempenho do prestador na gestão técnica, econômica e financeira dos serviços;

b) eficiência e eficácia dos serviços, ao longo da vida útil do empreendimento;

II - à adequada operação e manutenção dos empreendimentos anteriormente financiados com recursos mencionados no caput deste artigo.

§ 1º Na aplicação de recursos não onerosos da União, será dado prioridade às ações e empreendimentos que visem ao atendimento de usuários ou Municípios que não tenham capacidade de pagamento compatível com a auto-sustentação econômico-financeira dos serviços, vedada sua aplicação a empreendimentos contratados de forma onerosa.

§ 2º A União poderá instituir e orientar a execução de programas de incentivo à execução de projetos de interesse social na área de saneamento básico com participação de investidores privados, mediante operações estruturadas de financiamentos realizados com recursos de fundos privados de investimento, de capitalização ou de previdência complementar, em condições compatíveis com a natureza essencial dos serviços públicos de saneamento básico.

§ 3º É vedada a aplicação de recursos orçamentários da União na administração, operação e manutenção de serviços públicos de saneamento básico não administrados por órgão ou entidade federal, salvo por prazo determinado em situações de eminente risco à saúde pública e ao meio ambiente.

§ 4º Os recursos não onerosos da União, para subvenção de ações de saneamento básico promovidas pelos demais entes da Federação, serão sempre transferidos para Municípios, o Distrito Federal ou Estados.

§ 5º No fomento à melhoria de operadores públicos de serviços de saneamento básico, a União poderá conceder benefícios ou incentivos orçamentários, fiscais ou creditícios como contrapartida ao alcance de metas de desempenho operacional previamente estabelecidas.

§ 6º A exigência prevista na alínea a do inciso I do caput deste artigo não se aplica à destinação de recursos para programas de desenvolvimento institucional do operador de serviços públicos de saneamento básico.

Conforme destaca Albuquerque (2011), desde 2007, com o lançamento do PAC-Saneamento, o Governo Federal passou a destinar grande quantidade de recursos para o setor, utilizando a Caixa Econômica Federal (Caixa) e o BNDES, nessa ordem, como agentes financeiros dos projetos inseridos no programa.

Quando pensamos na categorização dos recursos para o saneamento, podemos dividi-los, conforme as categorias abaixo:

Quadro 7-3 - Principais fontes de financiamento disponíveis para o setor de saneamento básico do Brasil.

Forma	Descrição
Recursos onerosos	São os recursos provenientes dos fundos financiadores (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço-FGTS e Fundo de Amparo do Trabalhador-FAT). Sua captação ocorre por meio de operações de crédito e possui o ônus de incidência de juros. Trata-se de contratos de financiamento.
Recursos não onerosos	São aqueles relacionados ao Orçamento Geral da União, orçamentos de estados e municípios ou ainda de Convênios com esse fim específico. A forma de obtenção se dá por meio de transferência fiscal/estabelecimento de convênio entre entes federados, não havendo incidência de juros reais. Trata-se de contratos de repasse.
Recursos provenientes de empréstimos internacionais	São os recursos obtidos junto às agências multilaterais de crédito, tais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco Mundial (BIRD), por meio de Operações de Crédito avalizadas pelo Ministério da Fazenda.
Recursos captados no mercado de capitais	Os recursos são obtidos por meio do lançamento de ações ou emissão de debêntures, onde o conceito de investimento de risco apresenta-se como principal fator decisório na inversão de capitais no saneamento básico, disponíveis às companhias estaduais e municipais de saneamento básico.
Recursos próprios dos prestadores de serviços	São os recursos provenientes dos superávits das operações das empresas públicas que operam os serviços de saneamento básico.
Recursos provenientes da cobrança pelo uso dos recursos hídricos	São os recursos oriundo do pagamento, pelos usuários, dos recursos ambientais, como os recursos hídricos, por exemplo.

Fonte: Autoria própria.

Quando se trata dos Programas de Financiamento existentes, cabe lembrar que cada um deles possui limites específicos para o valor do financiamento, que podem variar de acordo com o enquadramento do município, sobretudo em termos de tamanho populacional. Além disso, alguns financiamentos possuem limites temporais. Esses limites devem ser observados no planejamento e programação dos investimentos.

No Quadro a seguir são descritos os vários programas de fomento e financiamento para as ações de Saneamento básico, disponibilizados por instituições nos níveis federal e estadual. Descrevem-se também os objetivos de cada programa.

7.3.4.1 Fontes da esfera Federal

Quadro 7-4 - Descrição detalhada das fontes de financiamento na esfera Federal.

Instituição	Programa	Origem dos Recursos	Objetivos
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – Secretaria de Desenvolvimento Urbano	PRÓSANEAMENTO	FGTS	O Pró-Saneamento tem por objetivo promover a melhoria das condições de saúde e da qualidade de vida da população, por meio de ações de saneamento, integradas e articuladas com outras políticas setoriais.
	PROSANEAR	FGTS.	O objetivo fundamental do PAT PROSANEAR é equacionar, de forma autossustentável, os problemas de saneamento ambiental nas áreas urbanas altamente adensadas, ocupadas por famílias de baixa renda, onde as condições de infraestrutura sejam precárias.
	PASS	Fundo perdido / BID	O PASS/BID tem como objetivo implementar projetos integrados de saneamento nos bolsões de pobreza do país, universalizando os serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário nas áreas de maior concentração de pobreza.
	PRO-INFRA	Orçamento Geral da União (OGU)	O Pró-Infra é um programa destinado a municípios, que objetiva contribuir para a melhoria da qualidade de vida nas cidades mediante a reestruturação de sua infraestrutura urbana.
Ministério da Saúde - FUNASA	Programa de Saneamento Rural	Fundo perdido / Ministério da Saúde	O Programa de Saneamento Rural – Funasa financia ações de saneamento em áreas rurais, como: Implantação e/ou a ampliação e/ou a melhoria de sistemas públicos e abastecimento de água e esgotamento sanitário; Elaboração de projetos de sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário; Implantação de melhorias sanitárias domiciliares e/ou coletivas

Instituição	Programa	Origem dos Recursos	Objetivos
			de pequeno porte, incluindo a implantação de sistemas de captação e armazenamento de água de chuva – cisternas.
Ministério do Meio Ambiente	LIXO E CIDADANIA	Fundo perdido	A retirada de crianças e adolescentes dos lixões, onde trabalham diretamente na catação ou acompanham seus familiares nesta atividade.
	PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS	Convênios, Organismos Nacionais e Internacionais e Orçamento Geral da União (OGU).	Ações, Programas e Projetos no Âmbito dos Resíduos Sólidos.
	REBRAMAR Rede Brasileira de Manejo Ambiental de Resíduos Sólidos.	Ministério do Meio Ambiente.	Programas entre os agentes que geram resíduos, aqueles que o controlam e a comunidade.
Ministério das Cidades	Saneamento para Todos	Caixa Econômica Federal (FGTS)/BNDES	O Programa SANEAMENTO PARA TODOS – Setor Público e Privado tem por objetivo promover a melhoria das condições de saúde e da qualidade de vida da população por meio de ações integradas e articuladas de saneamento básico no âmbito urbano com outras políticas setoriais, por meio de empreendimentos financiados ao setor público ou privado.
Ministério de Ciência e Tecnologia	PROSAB - Programa de Pesquisa em Saneamento Básico.	FINEP, CNPQ, Caixa Econômica Federal, CAPES e Ministério da Ciência e Tecnologia.	Apoiar o desenvolvimento de pesquisas e o aperfeiçoamento de tecnologias nas áreas de águas de abastecimento, águas residuárias e resíduos sólidos que sejam de fácil aplicabilidade, baixo custo de implantação, operação e manutenção e que resultem na melhoria das condições de vida da população brasileira, especialmente as menos favorecidas.
Agência Nacional de Águas	PRODES		Visa a incentivar a implantação ou ampliação de estações de tratamento para reduzir os níveis de poluição em bacias hidrográficas, a partir de

Instituição	Programa	Origem dos Recursos	Objetivos
			prioridades estabelecidas pela ANA.
	Programa de Gestão de Recursos Hídricos	OGU	Integra projetos e atividades que objetivam a recuperação e preservação da qualidade e quantidade de recursos hídricos das bacias hidrográficas.
BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social	Programa Fundo Clima	Recursos do Ministério do Meio Ambiente	Apoiar a projetos de racionalização da limpeza urbana e disposição de resíduos com aproveitamento para geração de energia localizados em um dos municípios prioritários identificados pelo Ministério do Meio Ambiente.
Banco Interamericano de Desenvolvimento	PROCIDADES	BID	Promover a melhoria da qualidade de vida da população nos municípios brasileiros de pequeno e médio porte. A iniciativa é executada por meio de operações individuais financiadas pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID), inclusive na área de saneamento.

Fonte: Autoria própria.

7.3.4.2 Fontes da esfera Estadual

Quadro 7-5 - Descrição detalhada das fontes de financiamento na esfera Estadual.

Instituição	Código do Programa/ Rúbricas	Tipo de Instrumento	Objetivo
Fundo Estadual do Meio Ambiente/ SEAMA	FUNDEMA 201500002	Convênio	Apoiar planos, programas, projetos e empreendimentos que contribuam para a defesa e para o desenvolvimento sustentável do meio ambiente, bem como ampliar e fortalecer a oferta de serviços por organizações de interesse público não estatais, através de parcerias.
Instituto de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Espírito Santo	IDURB 201400003	Convênio	Implementar e/ou apoiar ações de urbanismo, saneamento e infraestrutura voltadas para mitigação dos efeitos das cheias e secas.

Instituição	Código do Programa/ Rúbricas	Tipo de Instrumento	Objetivo
	IDURB 201400001	Convênio	Proporcionar aos centros urbanos capixabas obras e serviços de infraestrutura urbana, com vistas ao desenvolvimento racional equilibrado do Estado.
Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos	IEMA 201300005	Convênio	Implantar e Implementar as Unidades de Conservação, utilizando os recursos de Compensação Ambiental previstos em legislação.
	IEMA 201300004	Convênio	Promover a Educação Ambiental formal e não formal, continua e permanente, no Estado do Espírito Santo, de forma que as pessoas adquiram conhecimentos para formação e modificação de valores, habilidades, experiências e atividades para agir individual e coletivamente, voltado para a conservação do Meio Ambiente.
	IEMA 201300002	Convênio	Aperfeiçoar e executar de forma eficaz ações integradas de controle ambiental, estimulando a gestão ambiental municipalizada e o envolvimento dos cidadãos na busca das soluções ambientais.
Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano	SEDURB 0854	Convênio	Apoio aos municípios para implantação da coleta seletiva com inclusão social de catadores.
	SEDURB 201100040	Convênio	Implantar Sistemas regionais de logísticas e destinação final de resíduos sólidos urbanos (RSU), erradicar lixões ou outras disposições inadequadas.
	SEDURB 201100039	Convênio	Promoção de melhoria da qualidade, o aumento da disponibilidade hídrica e uso racional das águas por meio da integração com políticas transversais inclusive viabilidade de investimentos na promoção de saneamento básico (água e esgoto).
Secretaria Estadual de Meio Ambiente	FUNDÁGUA	Convênio	Fomentar, criar e fortalecer os comitês de bacias hidrográficas; Fomentar estudos, serviços e obras com vistas à conservação, preservação, uso racional, promoção dos usos múltiplos, controle e proteção dos recursos hídricos, superficiais e subterrâneos incluídos no Plano Estadual de Recursos Hídricos; Promover sistema de pagamento de serviços ambientais, etc..
Banco de Desenvolvimento	PROINVESTE CAPIXABA	Bandes	Financiar os municípios capixabas para a realização de

Instituição	Código do Programa/ Rúbricas	Tipo de Instrumento	Objetivo
do Estado do Espírito Santo			investimentos e modernização da gestão pública.

Fonte: Autoria própria.

Dada a complexidade do processo de captação de recursos em algumas fontes, sobretudo pelos requerimentos documentais, sugere-se que seja criado um portfólio de opções para cada projeto. Nesse processo, as soluções consorciadas e a participação efetiva das empresas públicas prestadores de serviços de saneamento são fundamentais no processo de captação de recursos.

7.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, G. da R. **Estruturas de financiamento aplicáveis ao setor de saneamento básico**. BNDES Setorial, n.34, p.45-94. 2011.

BRASIL. Lei 9.496/97, de 11 de setembro de 1997. Estabelece critérios para a consolidação, a assunção e o refinanciamento, pela União, da dívida pública mobiliária e outras que especifica, de responsabilidade dos Estados e do Distrito Federal.

BRASIL. Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000. **Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências**. Diário Oficial da União, DF, 05 mai.2000.

BRASIL. Ministério da Fazenda, Tesouro Nacional. Operações de Crédito de Estados e Municípios, Manual para Instruções de Pleitos – MIP. Versão Abr. 2015. Brasília, 2015.

CASTRO, M. H. G. de; ANDRADE, B. R. C. de. **A importância da implementação de um órgão de projetos e convênios para a captação de recursos para os municípios brasileiros: o caso da prefeitura municipal de viçosa**. In: Anais do IV Congresso Internacional governo, gestão e profissionalização em âmbito local frente aos grandes desafios de nosso tempo. Belo horizonte, out.2013.

SENADO FEDERAL. **Resolução do Senado Federal n. 43/2001**. Dispõe sobre as operações de crédito interno e externo dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Diário Oficial da União, DF, 26 dez.2001.

SENADO FEDERAL. **Resolução Nº 40 de 2001**. Texto consolidado com as alterações decorrentes da resolução nº 5 de 2002. DOU de 21.12.2001 e republicada DOU de 10.04.2002.

8 PLANO DE AÇÕES PARA EMERGÊNCIAS E CONTINGÊNCIAS

Os eventos de emergência são aqueles decorrentes de atos da natureza ou acidentais que fogem do controle do prestador de serviços, podendo causar grandes transtornos à qualidade e/ou continuidade da prestação dos serviços em condições satisfatórias. Neste sentido, as ações de emergência e contingência buscam destacar as estruturas disponíveis e estabelecer as formas de atuação dos órgãos operadores, tanto de caráter preventivo como corretivo, procurando elevar o grau de segurança e a continuidade operacional das instalações afetadas com os serviços de esgotamento sanitário.

Deverão ser utilizados mecanismos locais e corporativos de gestão na operação e na manutenção dos serviços de saneamento, no sentido de prevenir ocorrências indesejadas através do controle e do monitoramento das condições físicas das instalações e dos equipamentos, visando minimizar ocorrência de sinistros e interrupções na prestação dos serviços.

Em caso de ocorrências atípicas, que extrapolam a capacidade de atendimento local, os órgãos operadores deverão dispor de todas as estruturas de apoio (mão de obra, materiais e equipamentos), de manutenção estratégica, das áreas de gestão operacional, de controle de qualidade, de suporte como comunicação, suprimentos e tecnologias de informação, dentre outras. A disponibilidade de tais estruturas possibilitará que os sistemas de esgotamento sanitário não tenham a segurança e a continuidade operacional comprometidas ou paralisadas.

As ações de emergência buscam corrigir ou mitigar as consequências dos eventos. Já as ações de contingências são as que visam precaver o sistema contra os efeitos de ocorrências ou situações indesejadas sob algum controle do prestador, com probabilidade significativa de ocorrência e previsibilidade limitada.

Além de destacar as ações que podem ser previstas para minimizar o risco de acidentes, e orientar a atuação dos setores responsáveis para controlar e solucionar os impactos causados por situações críticas não esperadas, são apresentadas algumas ações de emergências e contingências a serem adotadas para os serviços de saneamento básico.

8.1 SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES)

No Sistema de Esgotamento Sanitário, um dos principais motivos de interrupção dos serviços é o vazamento, que pode ocorrer, entre outras razões, por paralisação de elevatórias e entupimentos das tubulações. A primeira ação a ser tomada nestes casos seria o acionamento imediato de uma equipe para atendimento emergencial. Considerando que a produção de esgoto está diretamente relacionada ao consumo de água, uma outra medida possível é a emissão de alerta para contenção do consumo e, caso não seja suficiente, partir para um racionamento. Sistemas de geração autônoma de energia elétricas também podem ser adotados para evitar a paralisação de uma elevatória devido à uma paralisação no fornecimento de energia.

Os principais procedimentos a serem adotados em caso de acidente são a identificação de: áreas com estrutura danificada; abrangência da área afetada; existência de casos de contaminação e, em caso afirmativo, encaminhar ocorrência para o órgão de saúde, para os procedimentos indicados.

No Quadro 8-1 estão identificados os principais tipos de ocorrências/situações, possíveis origens e as ações a serem tomadas para o Sistema de Esgotamento Sanitário do Município.

Quadro 8-1 - Possíveis situações emergenciais ou contingenciais e respectivas propostas de ações.

Situação de Emergência e/ou Contingência	Origem	Ações
1. Rompimento ou obstrução de coletor tronco, interceptor ou emissário com extravasamento para vias, áreas habitadas ou corpos hídricos.	Desmoronamento de taludes ou paredes de canais	a) comunicação imediata ao responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de defesa civil, vigilância sanitária e ambiental; b) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial nas instalações danificadas; c) sinalizar e isolar a área como meio de evitar acidentes; d) imediata limpeza e descontaminação das áreas e/ou imóveis afetados. e) monitoramento dos efeitos e da recuperação dos corpos receptores afetados.
	Erosões de fundo de vale	a) comunicação imediata ao responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de defesa civil, vigilância sanitária e ambiental; b) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial nas instalações danificadas; c) sinalizar e isolar a área como meio de evitar acidentes; d) imediata limpeza e descontaminação das áreas e/ou imóveis afetados; e) monitoramento dos efeitos e da recuperação dos corpos receptores afetados.
	Rompimento de pontos para travessia de veículos	a) comunicação imediata ao responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de defesa civil, vigilância sanitária e ambiental; b) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial nas instalações danificadas; c) sinalizar e isolar a área como meio de evitar acidentes; d) imediata limpeza e descontaminação das áreas e/ou imóveis afetados; e) comunicar as autoridades de trânsito sobre o rompimento da travessia; f) monitoramento dos efeitos e da recuperação dos corpos receptores afetados.
2. Rompimento ou obstrução de rede coletora secundária com retorno de esgoto nos imóveis e/ou extravasamento para via pública	Obstrução em coletores de esgoto	a) comunicar o responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de vigilância sanitária e ambiental; b) isolar o trecho danificado do restante da rede com o objetivo de manter o atendimento das áreas não afetadas pelo rompimento c) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial nas instalações danificadas
	Lançamento indevido de águas pluviais na rede coletora de esgoto	a) comunicar o responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de vigilância sanitária e ambiental; b) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial nas instalações danificadas c) ampliar a fiscalização e o monitoramento das redes de esgoto e de captação de águas pluviais com o objetivo de identificar ligações clandestinas, regularizar a situação e implantar sistema de cobrança de multa e punição para reincidentes

Situação de Emergência e/ou Contingência	Origem	Ações
3. Paralisação acidental ou emergencial de ETE com extravasão ou lançamento de efluentes não tratados nos corpos receptores.	Interrupção no fornecimento de energia elétrica nas instalações de bombeamento	a) comunicar o responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e ao órgão municipal ambiental; b) comunicar à Concessionária de Energia a interrupção de energia; c) acionar alimentação alternativa de energia; d) instalar tanque de acumulação do esgoto extravasado com o objetivo de evitar contaminação do solo e água; e) adotar solução emergencial de manutenção; f) monitoramento dos efeitos e da recuperação dos corpos receptores afetados.
	Danificação de equipamentos eletromecânicos ou estruturas	a) comunicar o responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e ao órgão municipal ambiental; b) comunicar aos órgãos de controle ambiental os problemas com os equipamentos e a possibilidade de ineficiência e paralisação das unidades de tratamento c) adotar solução emergencial de manutenção d) instalar equipamento reserva ou executar reparo das instalações danificadas com urgência; e) monitoramento dos efeitos e da recuperação dos corpos receptores afetados.
	Ações de vandalismo	a) comunicar o responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e ao órgão municipal ambiental; b) comunicar o ato de vandalismo à Polícia local; c) executar reparo das instalações danificadas com urgência; d) monitoramento dos efeitos e da recuperação dos corpos receptores afetados
4. Paralisação acidental ou emergencial de estação elevatória com extravasamento para vias, áreas habitadas ou corpos hídricos.	Interrupção no fornecimento de energia elétrica nas instalações de bombeamento	a) comunicação imediata ao responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de defesa civil, vigilância sanitária e ambiental; b) comunicar à Concessionária de Energia a interrupção de energia; c) acionar alimentação alternativa de energia; d) sinalizar e isolar a área como meio de evitar acidentes; e) instalar tanque de acumulação do esgoto extravasado com o objetivo de evitar contaminação do solo e água.
	Danificação de equipamentos eletromecânicos ou estruturas	a) comunicação imediata ao responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de defesa civil, vigilância sanitária e ambiental; b) comunicar aos órgãos de controle ambiental os problemas com os equipamentos e a possibilidade de ineficiência e paralisação das unidades de tratamento; c) sinalizar e isolar a área como meio de evitar acidentes; d) instalar equipamento reserva; e) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial das instalações danificadas;

Situação de Emergência e/ou Contingência	Origem	Ações
	Ações de vandalismo	a) comunicação imediata ao responsável pela prestação do serviço de esgotamento sanitário e aos órgãos municipais de defesa civil, vigilância sanitária e ambiental; b) comunicar o ato de vandalismo à Polícia local; c) sinalizar e isolar a área como meio de evitar acidentes; d) executar trabalhos de limpeza, desobstrução e reparo emergencial das instalações danificadas;
5. Vazamentos e contaminação de solo, curso hídrico ou lençol freáticos por fossas	Rompimento, extravasamento, vazamento e/ou infiltração de esgoto por ineficiência de fossas	a) comunicar a Vigilância Sanitária; b) promover o isolamento da área e contenção do resíduo com o objetivo de reduzir a contaminação; c) conter vazamento e promover a limpeza da área com caminhão limpa fossa, encaminhando o resíduo para a estação de tratamento de esgoto; d) exigir a substituição das fossas negras por fossas sépticas e sumidouros ou ligação do esgoto residencial à rede pública nas áreas onde existe esse sistema.
	Construção de fossas inadequadas e ineficientes	a) comunicar a Vigilância Sanitária; b) promover o isolamento da área e contenção do resíduo com o objetivo de reduzir a contaminação; c) conter vazamento e promover a limpeza da área com caminhão limpa fossa, encaminhando o resíduo para a estação de tratamento de esgoto; d) implantar programa de orientação quanto a necessidade de adoção de fossas sépticas em substituição às fossas negras e fiscalizar se a substituição está acontecendo nos prazos exigidos.
	Inexistência ou ineficiência do monitoramento	a) comunicar a Vigilância Sanitária; b) promover o isolamento da área e contenção do resíduo com o objetivo de reduzir a contaminação; c) conter vazamento e promover a limpeza da área com caminhão limpa fossa, encaminhando o resíduo para a estação de tratamento de esgoto; d) ampliar o monitoramento e fiscalização destes equipamentos na área urbana e na zona rural, principalmente nas fossas localizadas próximas aos cursos hídricos e pontos de captação subterrânea de água para consumo humano.

Fonte: Autoria própria.

8.1.1 Regras de atendimento e funcionamento operacional para situação crítica na prestação do serviço de esgotamento sanitário e tarifas de contingência

8.1.1.1 Contexto institucional das responsabilidades

Nas situações críticas da prestação do serviço de esgotamento sanitário, as responsabilidades devem envolver todos os níveis institucionais, como a seguir:

- **Prestadores:** é a quem se atribui a responsabilidade operacional das ações emergenciais. As ações são as listadas nos itens anteriores deste capítulo, às quais os prestadores deverão ter planos emergenciais detalhados, que serão submetidos a aprovação prévia do Ente Regulador;
- **Ente Regulador:** aprova os planos detalhados das ações previstas para situações críticas, e acompanha o cumprimento das operações nos períodos de ocorrência de emergências;
- **Titular (executivo municipal):** através do Grupo ou Comitê de Planejamento recebe as informações e monitora o andamento da situação emergencial.

8.1.1.2 Regras gerais dos serviços de água e esgotos

Os planos detalhados do Prestador nas situações críticas deverão conter:

- *Situação de racionamento ou aumento temporário de água:*
 - Instrumentos formais de comunicação entre Prestador, Regulador, instituições, autoridades e Defesa Civil;
 - Meios e formas de comunicação a população;
 - Definição da quantidade mínima a disponibilizar e periodicidade de entrega de água pelos caminhões pipa;
 - Dimensionamento do número de caminhões pipas e definição de preços unitários médios do fornecimento;
 - Listagem prévia dos caminhões pipas disponíveis na região e seus fornecedores;
 - Minuta de contratos emergenciais para contratação de caminhões pipas;

- Sistemas de controle dos reservatórios e de rodízio do fornecimento pela rede.
- *Situação de acidentes e imprevistos nas instalações:*
 - Instrumentos formais de comunicação entre Prestador, Regulador, instituições,
 - Autoridades e Defesa Civil;
 - Meios e formas de comunicação a população;
 - Minuta de contratos emergenciais para contratação de serviços;
 - Definição dos serviços padrão e seus preços unitários médios;
 - Listagem prévia dos fornecedores de geradores de energia e equipamentos
 - Usuais nas situações.

8.1.1.3 Mecanismos tarifários de contingência

O emprego das tarifas de contingência é assegurado pela Lei Federal nº 11.445/2007 através do seu Artigo 46, o qual estabelece:

Art. 46. Em situação crítica de escassez ou contaminação de recursos hídricos que obrigue à adoção de racionamento, declarada pela autoridade gestora de recursos hídricos, o ente regulador poderá adotar mecanismos tarifários de contingência, com objetivo de cobrir custos adicionais decorrentes, garantindo o equilíbrio financeiro da prestação de serviços e a gestão da demanda.

O responsável pela instituição da tarifa de contingência é o ente regulador, que, para tanto, adotará os procedimentos regulatórios a seguir:

- Sistematização dos custos operacionais e dos investimentos necessários para atendimento dentro das regras de fornecimento;
- Cálculo tarifário e quantificação das receitas e subsídios necessários. Normalmente o subsídio pode ser tarifário caso integrem a estrutura tarifária, ou pode ser fiscal, neste caso quando decorrerem de alocação de recursos orçamentários, inclusive por meio de subvenções que, de acordo com o Programa de Subvenção Econômica, “é uma modalidade de apoio financeiro que consiste na aplicação de recursos públicos não reembolsáveis diretamente

em empresas, para compartilhar com elas os custos e os riscos inerentes a tais atividades”.

A Lei nº11.445/2007 permite a aplicação e a coexistência de diferentes esquemas de subsídios, que podem ser orientados para a oferta (subsídios indiretos), destinados aos prestadores de serviços, ou para a demanda (subsídios diretos), destinados aos usuários dos serviços de saneamento básico que estejam em condições de vulnerabilidade.

No caso da tarifa de contingência com quantificação de subsídios, torna-se necessário proceder-se ao cálculo da tarifa de prestação dos serviços de maneira a incluir-se a formatação do subsídio direto à parte, de forma tal que o benefício destinado ao prestador no caso de situações emergenciais, não prejudique o usuário com nível de pobreza maior, que deve ter o consumo do serviço prestado beneficiado por este recurso.

8.2 SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA)

As ações para emergências e contingências devem ser previstas no PMSB – Plano Municipal de Saneamento Básico, conforme determinado na Lei Federal nº 11.445/2007. Os prestadores de serviços públicos de saneamento básico devem estar atentos ao planejamento dessas ações para reduzir os impactos das situações emergenciais ou de contingências a que pudessem estar sujeitas as instalações de seus sistemas e, por consequência, a qualidade dos serviços.

As situações de emergências são, em geral, acidentes nos sistemas de previsibilidade incerta ou ainda situações de vandalismo, que exigem ações corretivas de rápido encaminhamento. Já as de contingência são eventualidades que podem ser minimizadas mediante um planejamento preventivo de ações vinculadas à manutenção constante e à proteção de equipamentos.

As atividades antrópicas podem gerar impacto no sistema de abastecimento de água, como exemplo, ações de terraplanagem geram o desmatamento, movimentação de terra, possíveis deslizamentos, assoreamento de mananciais situados nos fundos de vale, posicionados a jusante do local da obra. As consequências desses impactos podem gerar efeitos desastrosos no

abastecimento de água devido alteração no volume de água, que pode ser reduzido drasticamente. São diversas as situações onde a quantidade e a qualidade da água para abastecimento acaba por ser comprometida.

Atividades como agricultura, pecuária, habitações, a industrialização e o lançamento de esgoto sem tratamento podem impactar o meio ambiente, comprometendo a qualidade das águas dos mananciais. Como exemplo, pode ser citado a contaminação por agrotóxicos, por fertilizantes e por produtos químicos. As águas subterrâneas, que servem como fonte alternativa de abastecimento, também pode ser contaminada por essas fontes de poluição. Portanto, qualquer que seja a atividade ou a ação a ser desenvolvida em determinada localidade, deve-se prever um estudo de impacto ambiental e traçar-se um plano de controle para que o meio ambiente do entorno não seja comprometido.

Outro aspecto importante, de alteração da qualidade da água, refere-se às doenças de veiculação hídrica que ocorrem pela contaminação da água de abastecimento por efluentes de origem sanitária. Essa contaminação pode acontecer devido vazamentos nas redes de esgoto, por ligações clandestinas de esgotos em redes de água pluvial, pelo solo contaminado por vazamentos de diversas origens, pelo seu lançamento in natura a céu aberto ou pela presença de fossas negras, cujos efluentes infiltram no solo desprotegido, alcançando o lençol freático.

8.2.1 Plano para segurança das águas

A falta de saneamento básico implica em inúmeras consequências, dentre elas, a ocorrência de contaminação da população por epidemias por vetores resultantes dessa situação, trazendo consigo um grande risco ao bem estar físico e mental dos indivíduos. O Quadro 8-2 apresenta doenças relacionadas com o abastecimento de água e suas medidas de controle.

Quadro 8-2 - Doenças de veiculação hídrica.

Transmissão	Doença	Medidas de controle
Água	Cólera Febre tifoide Leptospirose Giardíase Amebíase Hepatite infecciosa Diarreia aguda	• Fornecer água em quantidade e qualidade para consumo humano; • Instalar abastecimento de água preferencialmente com encanamento no domicílio; • Instalar melhorias sanitárias domiciliares e coletivas; • Instalar reservatório de água adequado com limpeza sistemática; • Proteger de contaminação os mananciais e fontes de água; Implantar sistema adequado de esgotamento sanitário; • Eliminar o aparecimento de criadouros com inspeção sistemática e medidas de controle (aterro e outros); • Dar destinação adequada aos resíduos sólidos; • Controlar vetores e hospedeiros intermediários.
Falta de limpeza e higienização com a água	Escabiose Pediculose (piolho) Tracoma Conjuntivite bacteriana aguda Salmonelose Tricuríase Enterobiase Ancilostomíase Ascaridíase	
Por vetores que se relacionam com a água	Malária Dengue Febre amarela Filariose	
Associada à água	Esquistossomose	

Fonte: FUNASA (2010).

Segundo a Portaria nº 2.914/2011 do Ministério da Saúde (MS) deve-se manter avaliação sistemática do sistema ou solução alternativa coletiva de abastecimento de água, sob a perspectiva dos riscos à saúde, com base nos seguintes critérios:

- I. Ocupação da bacia contribuinte ao manancial;
- II. Histórico das características das águas;
- III. Características físicas do sistema;
- IV. Práticas operacionais; e
- V. Na qualidade da água distribuída, conforme os princípios dos Planos de Segurança da Água (PSA) recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) ou definidos em diretrizes vigentes no País;

Dentre outras exigências tais como:

- I. Responsável técnico habilitado nos sistemas e nas soluções alternativas coletivas de abastecimento de água para consumo humano;
- II. Processo de desinfecção ou cloração em toda água para consumo humano, fornecida coletivamente; e
- III. Quando as águas forem provenientes de manancial superficial, deverão ser submetidas a processo de filtração.

A Portaria MS 2.914/2011 descreve, ainda, que compete ao responsável pela operação do sistema de abastecimento de água para consumo humano notificar a autoridade de saúde pública e informar à respectiva entidade reguladora e à população, identificando períodos e locais, sempre que houver:

- I. Situações de emergência com potencial para atingir a segurança de pessoas e bens;
- II. Interrupção, pressão negativa ou intermitência no sistema de abastecimento;
- III. Necessidade de realizar operação programada na rede de distribuição, que possa submeter trechos à pressão negativa;
- IV. Modificações ou melhorias de qualquer natureza nos sistemas de abastecimento; e
- V. Situações que possam oferecer risco à saúde.

Além disso, deve garantir a qualidade da água em atendimento ao padrão de potabilidade vigente, em conformidade com padrão microbiológico, para substâncias químicas que representam risco à saúde, entre outros parâmetros dispostos nos Anexos e demais disposições dessa Portaria.

No entanto, para garantir o acesso da população à água em quantidade e com qualidade, as seguintes metas deverão ser seguidas:

- Cumprimento da Portaria MS nº 2.914/2011;
- Garantir a qualidade dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos utilizados para abastecimento público e consumo humano;
- Definir procedimentos para a avaliação sistemática e a eficácia dos serviços prestados;
- Promover a melhoria contínua do gerenciamento da prestação.

De acordo com o ministério da saúde, o gerenciamento da qualidade da água, baseado em uma abordagem preventiva de risco, auxilia na garantia da segurança da água para consumo humano. O controle da qualidade microbiológica e química da água para consumo humano requer o desenvolvimento de planos de gestão que, quando implementados, forneçam base para a proteção do sistema e o controle do processo, garantindo-se que o número de patógenos e as concentrações das substâncias químicas não representem risco à saúde pública,

e que a água seja aceitável pelos consumidores. O PSA - Plano de Segurança da Água é um instrumento com abordagem preventiva, com o objetivo de garantir a segurança da água para consumo humano (BRASIL, 2012).

O PSA representa uma evolução do conceito sanitário e avaliações de vulnerabilidade, que incluem e envolve todo o sistema de abastecimento de água, por meio da organização e sistematização das práticas de gerenciamento aplicadas à água para consumo humano, pois o desenvolvimento de ferramentas metodológicas, com base em estudos de casos para a implementação do PSA no Brasil, constitui-se em um elemento facilitador para a implementação da portaria de potabilidade da água para consumo humano pelos responsáveis pelo controle de qualidade da água (nos sistemas e nas soluções alternativas coletivas de abastecimento de água) e pela vigilância da qualidade da água para consumo humano (setor saúde) (BRASIL, 2012).

Diante dessa perspectiva, o PSA deve ser elaborado pelo responsável pelo sistema, visando criar ferramentas metodológicas de avaliação e gerenciamento de riscos à saúde, associados aos sistemas de abastecimento em todas as suas etapas. É importante ressaltar que todas as localidades e distritos devem ser incluídos nesse plano para garantir a qualidade da água distribuída à população do município.

8.2.2 Planos para situações oriundas de acidentes nos sistemas

Os acidentes e imprevistos que normalmente ocorrem nesse sistema deverão englobar todas as características ambientais do entorno dos mananciais de água, ao longo dos sistemas de tratamento até a distribuição. As ações mitigadoras ou emergenciais terão que levar em conta o meio ambiente natural e urbano de forma a não abalar a sistemática de abastecimento, ou pelo menos minimizar os incômodos advindos pela suspensão ou racionamento do serviço.

Portanto, as ações de contingência contemplam todas as hipóteses acidentais identificadas, suas conseqüências e medidas efetivas para o desencadeamento das ações de controle. Sua estrutura contempla os procedimentos e recursos humanos e materiais, de modo a propiciar as condições para adoção de ações, rápidas e eficazes, para fazer frente aos possíveis acidentes causados durante a

operação dos serviços de água, anomalias operacionais e imprevisíveis que surgirem.

Em caso de ocorrências atípicas, que extrapolem a capacidade de atendimento local, a operadora em exercício deverá dispor de todas as estruturas de apoio com mão de obra, materiais, equipamentos, de suas áreas de manutenção estratégica, das áreas de gestão, projetos e de toda área que se fizerem necessárias, inclusive áreas de suporte como comunicação, marketing, suprimentos e tecnologia da informação dentre outras, visando a correção dessas ocorrências atípicas, para que os sistemas de abastecimento de água do município tenham a segurança e a continuidade operacional.

Os acidentes devem ser documentados, para formação de um histórico que irá auxiliar na verificação de recorrências dos eventos e na necessidade de melhorias dos procedimentos adotados. As ações para atendimento dessas situações devem ser rápidas e eficientes e realizadas por equipe treinada e especializada.

No Quadro 8-3 estão identificados os principais tipos de ocorrências/situações, possíveis origens e as ações a serem tomadas para o Sistema de Abastecimento de Água do Município.

Quadro 8-3 - Identificação das principais ocorrências, origens e ações de contingência para os SAA.

Ocorrência	Origem	Ações de Contingência
Falta D'água Generalizada	Inundação das captações de água com danificação de equipamentos eletromecânicos / estruturas.	• Comunicar imediatamente aos órgãos municipais de defesa civil, a vigilância sanitária e ambiental, a operadora de energia elétrica e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Sinalizar e isolar a área; • Limpar e descontaminar as áreas e/ou imóveis afetados; • Reparar as instalações danificadas com urgência.
	Deslizamento de encosta / movimentação do solo / solapamento de apoios de estruturas com arrebentamento da adução de água bruta.	• Comunicar imediatamente aos órgãos municipais de defesa civil, a vigilância sanitária e ambiental, a operadora de energia elétrica e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Sinalizar e isolar a área; • Limpar e descontaminar as áreas e/ou imóveis afetados; • Reparar as instalações danificadas com urgência.

Ocorrência	Origem	Ações de Contingência
	Interrupção prolongada no fornecimento de energia elétrica nas instalações de produção de água.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Comunicar a concessionária de energia; • Acionar gerador alternativo de energia; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Controlar a água disponível nos reservatórios; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.
	Vazamento de cloro nas instalações de tratamento de água.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, a vigilância sanitária e ambiental e a população; • Sinalizar e isolar a área; • Limpar e descontaminar as áreas e/ou imóveis afetados; • Implementar o Plano de Ação de Emergência (PAE) cloro; • Controlar a água disponível nos reservatórios; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.
	Qualidade inadequada da água dos mananciais.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, a vigilância sanitária e ambiental e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Ampliar a fiscalização para determinar o agente causador; • Intensificar o monitoramento da água bruta e tratada; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário; • Deslocar frota de caminhões tanque para fornecimento emergencial de água potável.
	Ações de vandalismo.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura e a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos; • Comunicar à Polícia; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Executar reparo das instalações danificadas com urgência; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.
Falta D'água Parcial ou Localizada	Deficiências de água nos mananciais.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Controlar a água disponível nos reservatórios; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.
	Interrupção temporária no fornecimento de energia elétrica nas	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Comunicar a concessionária de energia;

Ocorrência	Origem	Ações de Contingência
	instalações de produção de água.	• Acionar gerador alternativo de energia; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Controlar a água disponível nos reservatórios; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.
	Interrupção no fornecimento de energia elétrica em setores de distribuição.	• Comunicar a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Comunicar a concessionária de energia; • Acionar gerador alternativo de energia; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Controlar a água disponível nos reservatórios; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.
	Danificação de equipamentos de estações elevatórias de água tratada.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Reparar as instalações danificadas com urgência.
	Danificação de estruturas de reservatórios e elevatórias de água tratada.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Reparar as instalações danificadas com urgência.
	Rompimento de redes e linhas adutoras de água tratada.	• Comunicar imediatamente a concessionária/prefeitura, a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e a população; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Reparar as instalações danificadas com urgência.
	Ações de vandalismo.	• Comunicar a concessionária/prefeitura e a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos; • Comunicar à polícia; • Verificar e adequar o plano de ação às características da ocorrência; • Reparar as instalações danificadas com urgência; • Implementar rodízio de abastecimento, se necessário.

Fonte: Autoria própria.

Outro ponto importante a ser determinado é com relação a artigo 46 da Lei nº 11.445/2007, que descreve que em situação crítica de escassez ou contaminação de recursos hídricos que obrigue à adoção de racionamento, declarada pela autoridade gestora de recursos hídricos, o ente regulador poderá adotar mecanismos tarifários de contingência, com objetivo de cobrir custos adicionais

decorrentes, garantindo o equilíbrio financeiro da prestação do serviço e a gestão da demanda.

8.3 SISTEMA DE DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)

É necessário que seja elaborado previamente, para otimizar as atividades de resposta a emergências, o Plano de Contingência que tem por objetivo orientar as ações de preparação e resposta ao cenário de risco, caso um evento adverso venha a ocorrer.

As principais medidas não estruturais, preventivas para eventos de emergência são: previsão e alerta de inundação, e zoneamento das áreas de risco de inundação. A seguir serão apresentadas as características destas medidas.

8.3.1 Sistema de previsão e alerta de inundações

De acordo com TUCCI (2005) o sistema de previsão e alerta tem o objetivo de se antecipar à ocorrência da inundação, alertando a população e tomando as medidas necessárias para reduzir os prejuízos que sejam resultantes da inundação.

De acordo com Barbosa (2006) uma maior conscientização da comunidade e um sistema de alerta, monitorado de maneira precisa, são determinantes na adoção de medidas preventivas. O conhecimento desse sistema pela população é importante, visto que pode reduzir os prejuízos causados pelas inundações. A Figura 8-1 apresenta, de forma esquemática, uma rede de monitoramento e previsão de alerta.

Figura 8-1 - Estrutura esquemática de uma rede de monitoramento e previsão de alerta.



Fonte: Barbosa (2006).

O sistema de previsão e alerta em tempo real envolve: um Sistema de coleta e transmissão de informações hidrológicas e do tempo (Monitoramento por rede telemétrica, satélite ou radar e transmissão dessas informações para o centro de previsão); um Centro de Previsão, responsável pela recepção e processamento de informações e por modelo de previsão, avaliação e alerta; e a Defesa Civil, responsável por alertar os sistemas públicos e a população que mora em locais de risco, além da remoção e proteção à população atingida durante a situação de emergência.

O Espírito Santo possui o Plano Estadual de Proteção e Defesa Civil – PEPDEC (2015), que visa delinear as ações de prevenção, preparação e resposta para a minimização de efeitos desastrosos no Estado, estabelecendo nesse sentido, as atribuições de cada uma das instituições estaduais que compõem o Comitê Estadual de Combate às Adversidades Climáticas.

De acordo com PEPDEC (2015), a Defesa Civil Estadual conta com duas fontes de informações meteorológicas: o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência

Técnica e Extensão Rural (INCAPER) e o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN).

O Sistema de Informações Meteorológicas do INCAPER concentra informações das instituições públicas que atuam com meteorologia e recursos hídricos no Estado. A função deste Sistema é monitorar as condições do tempo e do clima, realizar previsão do tempo e alertas meteorológicos e monitorar os recursos hídricos no Estado, fornecendo subsídios para a tomada de decisão dos órgãos governamentais e não governamentais. As informações sobre o Sistema de Informações Meteorológicas são publicadas na internet através do site: <http://hidrometeorologia.incaper.es.gov.br/>.

Para consolidação do Sistema Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, o CEMADEN foi criado com o objetivo de implementar, complementar e consolidar a rede de instrumentos meteorológicos, hidrológicos e geotécnicos para monitoramento ambiental.

O município de Jaguaré criou em 2002 a Comissão Municipal de Defesa Civil (COMDEC) pela lei nº 554 de 2002, e esta recebe, por e-mail, as Informações Meteorológicas (granizo, chuvas intensas e vendaval) da Defesa Civil Estadual. Desse modo, os coordenadores e agentes da Defesa Civil Municipal devem ficar atentos a essas informações para repassarem à população em tempo necessário para as mesmas se precaverem.

8.3.2 Zoneamento das áreas de risco de inundação

Em 2013, IEMA desenvolveu o Atlas de Vulnerabilidade às Inundações no Estado do Espírito Santo, que reúne e consolida as informações sobre inundações existentes nos municípios e que, por conseguinte, deverá subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas de prevenção e mitigação de eventos críticos, contribuindo para a alocação racional de recursos públicos.

Complementarmente o CPRM (2015) possui um levantamento e cadastramento das áreas de risco de enxurradas, inundação, e deslizamentos de terra para Jaguaré.

E ainda se recomenda que o Município desenvolva um Plano Municipal de Redução de Risco, que tem por objetivo a elaboração de cartas de risco naturais, que são instrumentos que devem apresentar a distribuição, o tipo e o grau dos riscos naturais, visando à construção de referências fundamentais para a implantação e desenvolvimentos de uma política pública municipal de gestão de riscos.

Todas estas fontes de dados identificaram áreas de risco que foram apresentadas na Etapa de Diagnóstico deste Plano Municipal de Saneamento.

Além das medidas supracitadas, são apresentados no Quadro 8-4 a seguir cenários que caracterizam situações de emergência e que para cada ocorrência são recomendadas ações de contingência para mitigação dos impactos à população e ao meio ambiente. O quadro ainda traz os órgãos responsáveis por prover as ações de cada situação.

Quadro 8-4 - Medidas a serem tomadas para determinados tipos de ocorrência.

Situações de Emergência/Contingência	Plano de Ação para Mitigação	Órgão Responsável
Ações preventivas	- Comunicar aos responsáveis pelos imóveis situados em áreas alagáveis ou inundáveis, através de informativos com coleta de assinaturas, da necessidade ações em seu imóvel para diminuir possíveis perdas econômicas; - Apoiar a capacitação dos agentes da Defesa Civil Municipal; - Monitorar a emissão dos alertas dos serviços meteorológicos do INCAPER visando convocar as equipes; - Promover a revisão de recursos disponíveis junto aos Órgãos Municipais, Estaduais etc., através de check-list dos equipamentos, materiais, recursos humanos e programas sociais; - Criar parcerias com os meios de comunicação (Rádios, Jornais e Televisão), visando informar sobre ações de prevenir e para minimizar danos devido às inundações e tempestades;	Prefeitura – secretarias de Obras e Serviços Urbanos e de Assistência Social/Defesa Civil Municipal
Ações em estado de alerta	- Atividades de socorro às populações em risco; - Acionar técnico responsável para verificar a existência de risco a população (danos a edificações, vias, risco de propagação de doenças, etc.); - Assistência aos habitantes atingidos (remoção para abrigos provisórios); - Restabelecimento da moral da população atingida e reabilitação de cenários; - Desinfecção, desinfestação, descontaminação;	Prefeitura – secretarias de Obras e Serviços Urbanos e de Assistência Social/Defesa Civil Municipal

Situações de Emergência/Contingência	Plano de Ação para Mitigação	Órgão Responsável
Ações de resposta	- Contatar coordenadoria estadual da Defesa Civil – CEDEC; - Identificar as áreas atingidas; - Acionar as equipes de socorro; - Verificar quais as vias de acesso e evacuar as áreas de risco; - Manter todos informados quanto aos riscos através dos possíveis meios de comunicação; - Equipar e organizar os abrigos para receber a população vitimada pelas enchentes; - Busca e salvamento das vítimas; - Atendimento hospitalar - Divulgação para a imprensa quanto à situação do desastre e suas consequências; - Vigilância sanitária para monitoramento quanto às epidemias; - Propor soluções para a resolução das situações, com a participação da população e conscientizando a mesma sobre a importância de se preservar o sistema de drenagem.	Prefeitura – Secretarias de Obras e Serviços Urbanos, de Assistência Social e de Saúde/Defesa Civil Municipal
Ações de reconstrução	- Reconstrução de estruturas (pontes, estradas, etc.) e serviços públicos essenciais; - Relocação da população e construção de moradias seguras e baixo custo para população de baixa renda; - Ordenação de espaço urbano; - Avaliação dos danos e elaboração dos laudos técnicos; - Mobilização das brigadas ou equipes de demolição e remoção dos escombros; - Serviços essenciais: energia elétrica, água potável, comunicação, rede de esgoto, coleta de lixo, suprimento de alimentos, combustível e etc.	Prefeitura - Secretarias de Obras e Serviços Urbanos e de Assistência Social/Defesa Civil Municipal
Critérios e Condições de Acionamento	O Plano de Contingência deverá ser divulgado para a comunidade através de palestras e reuniões nas associações de moradores e nas escolas próximo as áreas de riscos. Nestas reuniões os moradores serão orientados, para, em caso de desastres, informar a Prefeitura Municipal ou Defesa Civil Municipal, onde será feita a avaliação para tomada de providências, acionando os demais setores envolvidos. O Plano deverá ser monitorizado pelos alertas dos serviços meteorológicos do INCAPER.	Prefeitura/Defesa Civil Municipal.

Fonte: Autoria própria.

8.4 SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS)

Quadro 8-5 - Plano de Emergência e Contingência do Sistema de Limpeza Pública e Manejo de Resíduos.

Situações de Emergência/Contingência	Plano de Ação para Mitigação	Órgão Responsável
Falta ou falha grave de qualquer tipo de serviços de limpeza urbana (contratado ou não)	- Acionar a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE. - Regularizar o serviço	- Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE.
Falha com interrupção longa no tratamento e disposição final dos RSU	- Acionar a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE. - Providenciar disposição em outro aterro licenciado.	- Empresa contratada e/ou outras unidades de tratamento / destinação /disposição final
Interrupção do serviço de coleta e limpeza públicas	- Acionar a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE. - Imputar penalidades previstas em contrato; - Contratar uma nova empresa, em caráter emergencial para execução dos serviços interrompidos	- Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE.
Interrupções nos acessos às unidades de transferência ou transbordo (se não existir, escrever “quando existir”)	- Acionar o Serviço de Fiscalização da Prefeitura Municipal, Secretaria de obras e Serviços Urbanos/SAAE, e Órgão / companhia de trânsito municipal; - Obter autorização para a utilização de caminhos alternativos ou, quando necessário, construir caminhos alternativos provisórios	- Serviço de Fiscalização da Prefeitura Municipal; - Setor de Fiscalização da empresa contratada (executora dos serviços) - Secretaria Municipal de Meio Ambiente
Invasão e ocupação irregular de áreas Municipais identificadas como “passivos ambientais”	- Acionar Fiscal de Obras e Polícia Militar (ambiental) mais próxima; - Desocupação da área invadida; - Relocação (provisória ou permanente) da população	- Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE.
Disposição irregular de resíduos Não Perigosos em “área particular”	- Acionar Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE e Polícia Militar (ambiental) mais próxima; - Identificar, notificar, multar e/ou imputar as sanções cabíveis ao autor do despejo ou ao proprietário do terreno; - Recolher e dar destinação adequada aos resíduos	- Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE.
Disposição irregular de resíduos Não Perigosos, em “área pública” autor conhecido	- Acionar Fiscal de Obras e Serviço de Limpeza Pública; - Identificar, notificar, multar e/ou imputar as sanções cabíveis ao autor do despejo ou ao proprietário do terreno	- Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE.
Disposição irregular de resíduos Não Perigosos, em “área pública” autor desconhecido	- Acionar Fiscal de Obras e Serviço de Limpeza Pública; - Recolher e dar destinação adequada aos resíduos	- Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos/SAAE.

Situações de Emergência/Contingência	Plano de Ação para Mitigação	Órgão Responsável
Disposição Irregular de resíduos Perigosos	- Acionar - Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Polícia Militar (ambiental) mais próxima, Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e IEMA; - Isolar e sinalizar a área; - Identificar / tipificar o resíduo perigoso; - Verificar orientações IEMA	- Secretaria Municipal de Meio Ambiente - Defesa Civil e Corpo de Bombeiros
Acidentes com produtos perigosos	- Acionar - Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e IEMA; - Isolar e sinalizar a área; - Identificar / tipificar o resíduo perigoso; - Verificar orientações IEMA	- Secretaria Municipal de Meio Ambiente - Defesa Civil e Corpo de Bombeiros

Fonte: Autoria própria.

8.5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. de A. dos R. **Medidas de proteção e controle de inundações urbanas na bacia do rio Mamanguape/PB**. Universidade Federal da Paraíba – UFPB: Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). João Pessoa, 2006. 116p.

BRASIL. Lei Nº 11.445, de 5 de Janeiro de 2007. **Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 08 de novembro de 2016.

TUCCI, C.E.M. **Gestão de Águas Pluviais Urbanas**. Ministério das Cidades – Global Water Partnership - World Bank – Unesco, 2005.

9 FORMULAÇÃO DE MECANISMOS E PROCECIMENTOS DE AVALIAÇÃO SISTEMÁTICA DA EFICIÊNCIA DO PMSB

A gestão pública vem se modernizando e incorporando, ao longo do tempo, estratégias e instrumentos para a ampliação de sua eficiência e eficácia, com novas ações e tipos de intervenções. Inclusive, ressalta-se uma gestão pautada em indicadores que permitam o acompanhamento adequado da execução das políticas públicas e aumentem a transparência das ações.

Dessa forma, a construção de um planejamento estratégico e seu acompanhamento ao longo do tempo é essencial para alcançar os resultados positivos do presente plano. Entende-se que o planejamento estratégico é um processo cíclico, dinâmico e permanente que compreende não somente o momento de análise da realidade e de proposição de projetos e ações, mas engloba também a execução e avaliação que levam a um novo momento de proposição.

9.1 PLANEJAMENTO DO PMSB

O Planejamento compreende as atividades desenvolvidas para elaboração do conjunto de relatórios, conhecimentos, projetos, metas e indicadores apresentados e descritos no Plano Municipal de Saneamento Básico, bem como os demais momentos futuros que envolverão todas as iniciativas de transformação da realidade situacional.

Para o momento inicial do planejamento estratégico que resultou no presente Plano foi constituído um Comitê Técnico Executivo (CTE) que acompanhou os trabalhos de elaboração do PMSB e foram realizadas visitas de reconhecimento de campo, audiências públicas, levantamento de dados secundários junto aos órgãos envolvidos diretamente na prestação de serviços de saneamento básico, sistematização de informações institucionais sobre o município e reuniões técnicas com os consultores envolvidos na elaboração do Plano.

Em termos do gerenciamento técnico, foram realizadas reuniões do CTE que acompanhou o processo e desempenhou a função de facilitador o levantamento de informações e interação entre a equipe técnica e os órgãos públicos municipais

bem como para reconhecimento de campo e levantamento de informações. Além disso, os trabalhos realizados tiveram diálogo permanente com a Secretaria de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano do Estado do Espírito Santo

Na realização dos estudos foram utilizados os bancos de dados e estudos:

- Do Instituto Jones Santos Neves (IJSN);
- Dos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE);
- Relativos aos indicadores do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS);
- Do operador e prestador do serviço de água e esgoto;
- Das Secretarias, Departamentos e demais órgãos públicos municipais;
- Relativos aos relatórios contábeis da Prefeitura Municipal.

Tais dados permitiram que fossem realizadas as análises que resultaram nos diagnósticos técnicos.

Em termos de interação com a sociedade, garantiu-se sua representatividade e participação através dos membros da sociedade civil presentes no CTE, bem como a participação dos cidadãos nas respectivas audiências públicas e reuniões de mobilização.

Dessa forma, o acompanhamento contínuo da sociedade esteve garantido durante todos os momentos do planejamento. Além disso, durante as audiências públicas, desenvolveu-se uma metodologia que permitiu inserir a visão da população na elaboração do diagnóstico participativo de cada componente do saneamento básico.

9.2 EXECUÇÃO DO PMSB

A execução do Plano compreende a realização dos projetos e ações para alcançar os objetivos estabelecidos no PMSB, ou seja, significa adotar iniciativas e providências concretas para a realização do que está planejado. Essa fase do planejamento estratégico também ocorre nas duas instâncias já identificadas, ou seja, em nível técnico de gestão e em nível de interação social.

Em relação ao nível técnico de gestão, deve ser constituído um Comitê de Gestão do PMSB formado pelas unidades gerenciais do plano e por representantes da sociedade civil que irão desenvolver as atividades de controle, monitoramento, acompanhamento e avaliação do PMSB. De início o próprio CTE pode funcionar como Comitê de Gestão a fim de estabelecer o marco institucional desse processo de gestão.

O comitê terá a responsabilidade de promover a articulação das unidades gerenciais responsáveis pela efetivação do Plano por meio da execução dos projetos e ações definidos e acordados com a sociedade, incluindo, inclusive, a articulação com unidades complementares da Prefeitura e com instâncias e órgãos externos reguladores e financiadores do Saneamento Básico.

As secretarias municipais (unidades gerenciais) devem utilizar ferramentas de gerenciamento de projetos, especialmente de sistematização de informações, de detalhamento das ações e de controle que permitam o acompanhamento da evolução das ações empreendidas. Em termos de interação com a sociedade, além da representatividade da sociedade civil garantida pelos membros da sociedade civil no Comitê de Gestão do PMSB, deverão ser realizadas semestralmente câmaras técnicas para receber e debater a prestação de contas das atividades e a evolução da execução dos projetos do PMSB, bem como avaliar demandas e ações emergenciais. Essas câmaras técnicas, além da participação efetiva da sociedade civil, deverão contar com a participação de representantes dos órgãos públicos, direta e indiretamente relacionados aos serviços de saneamento básico, abrindo-se espaço também para a participação de representantes de secretarias estaduais, ministério público, órgãos federais, dentre outros.

9.3 ACOMPANHAMENTO, MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PMSB

O acompanhamento, monitoramento e avaliação consistem em verificar o quanto os projetos e ações estão sendo executados, se e como os objetivos estão sendo alcançados, o quanto as metas estão sendo superadas e quais os problemas e entraves que possam estar impedindo a execução do que está planejado.

Em termos gerenciais técnicos, cabe ao comitê reunir-se regularmente e sempre que se fizer necessário para acompanhar as atividades e evolução dos projetos e ações do PMSB, bem como avaliar demandas, ações emergenciais e direcionamentos da execução.

O comitê deverá utilizar instrumentos de controle, acompanhamento e avaliação. Essa etapa exige, sobretudo, a sistematização de informações por parte das unidades gerenciais que permitam monitorar as ações realizadas e as metas alcançadas. As reuniões do comitê de gestão devem ser capazes de gerar conhecimento e decisões que facilitem a execução do Plano.

Em termos de interação social, caberá ao Comitê apresentar na Câmara Técnica semestral o andamento dos projetos e ações, os resultados alcançados e as dificuldades presentes na execução, ou seja, prestar contas à sociedade das demandas apresentadas pela população nos diagnósticos participativos e dos compromissos pactuados no PMSB. Além disso, a Câmara Técnica deverá avaliar a condução dos projetos e ações em relação ao que está planejado, apontar novas demandas e deliberar sobre a atualização do PMSB que deverá ser realizada a cada 4 (quatro) anos.

Para tanto, a principal proposta do modelo de gestão do saneamento básico é o fortalecimento institucional da Administração Municipal a partir da criação de um Departamento de Gestão Integrada do Saneamento Ambiental (DEGISA), que agregue a gestão de todas as iniciativas relacionadas ao saneamento básico municipal. Trata-se de uma estrutura sistêmica e estratégica que pode estar ligada diretamente ao Prefeito, ou algumas das secretarias responsáveis pela oferta dos serviços de saneamento.

9.4 REGULAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SANEAMENTO BÁSICO

Em um contexto de crise fiscal e reformulação das formas de intervenção estatal, muitos serviços públicos foram transferidos para a iniciativa privada através de concessões e privatizações. Com isso, o Estado deixou de ser o protagonista na execução dos serviços e passou a desempenhar apenas as funções de planejamento, regulação e fiscalização, exigindo o surgimento das agências reguladoras.

A Lei de concessões nº 8.987 de 1995 já trazia em seu texto a criação de autarquias reguladoras que tinha como objetivo criar condições favoráveis para a prestação dos serviços públicos e proteger a população consumidora de tais serviços.

Em relação aos serviços de saneamento básico o marco regulatório foi estabelecido pela Lei nº 11.455/2007 que definiu como objetivos da regulação promover melhorias sociais para a população realizando intervenções necessárias para garantir um padrão de qualidade dos serviços e buscando o bem-estar social. Esse marco legal de regulação do saneamento engloba, além do abastecimento de água e esgotamento sanitário, o manejo de resíduos sólidos, a limpeza urbana, o manejo e a drenagem das águas pluviais urbanas.

Como os municípios do Estado têm apresentado pouca capacidade técnica e financeira para criar uma agência reguladora exclusiva para os serviços de saneamento básico e diante da necessidade de atender a legislação e dotar os serviços de saneamento de uma instância reguladora, devem ser incentivadas iniciativas de ações conjuntas entre municípios próximos.

9.5 AVALIAÇÃO DOS MECANISMOS LEGAIS PARA EXECUÇÃO DOS PMSB

De forma geral, os municípios apresentam algumas deficiências em termos de normas jurídicas que sejam alinhadas e eficientes para a execução de todo o PMSB. As normas municipais circundam e envolvem os projetos, sem, contudo, geralmente, apresentar regras específicas e detalhadas para que os projetos possam ser aplicados.

Dessa forma, portanto, duas posturas do Poder Público Municipal são necessárias: (a) a regulamentação dos institutos normativos existentes na Lei Orgânica Municipal e nos Códigos para que ocorra a subsunção aos projetos e (b) a edição de novas normas que sejam convergentes com as propostas apresentadas nesse plano.

No que se refere ao ordenamento jurídico, para que haja alinhamento entre as proposições desse Plano e a realidade do município, as seguintes peças jurídicas devem elaboradas, caso ainda não exista no marco legal do município:

- (a) Código Municipal de Meio Ambiente;
- (b) Código de Proteção Ambiental;
- (c) Código Municipal de Saúde;
- (d) Coordenadoria Municipal de Defesa Civil;
- (e) Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente;
- (f) Consórcio Público para Desenvolvimento Sustentável;
- (g) Consórcio Municipal de Saneamento Básico;
- (h) Código de Parcelamento do Solo.

Dessa forma, é necessário o município adequar a legislação local aos novos ditames legislativos nas áreas de saneamento básico, resíduo sólido e florestas e às proposições desse plano para que as suas ações sejam mais permeadas de eficácia e eficiência.

9.6 INDICADORES SELECIONADOS PARA AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DO PLANO

Este tópico consiste na definição de mecanismos e procedimentos que permitam nortear as ações e empreender avaliações no campo do saneamento básico. Um indicador é uma relação matemática que mede, numericamente, atributos de um processo ou de seus resultados, com o objetivo de comparar esta medida com metas numéricas, pré-estabelecidas (FPNQ, 1995).

Especialmente nos países em desenvolvimento, as áreas de saneamento e de saúde, ainda que disponham, respectivamente, de um conjunto de indicadores sanitários e epidemiológicos, não os utilizam de forma sistemática e integrada, para fornecer suporte qualificado às suas ações, na meta de universalizar com equidade o atendimento. Tais indicadores, além de seu potencial em representar os efeitos da insuficiência das ações de saneamento sobre a saúde humana,

podem constituir ferramenta para a vigilância e para a orientação de programas e planos de alocação de recursos em saneamento (COSTA et al., 2005).

Na legislação brasileira, seja em nível federal ou estadual a palavra “indicador” aparece citada inúmeras vezes, como, por exemplo, é mencionada 5 (cinco) vezes na Política Nacional de Saneamento Básico - Lei nº. 11.445/07 (BRASIL, 2007), 5 (cinco) vezes na Política Estadual de Resíduos Sólidos do Estado do Espírito Santo - Lei nº. 9264/09 (ESPÍRITO SANTO, 2009). Em todas as vezes que o termo indicador é mencionado, este está relacionado ao planejamento, implementação e avaliação de ações para melhoria da qualidade de vida, das condições ambientais e de saúde pública.

Von Schirnding (apud CALIJURI et al, 2009) reforça o papel dos indicadores de salubridade ambiental afirmando que os indicadores têm como papel principal a transformação de dados em informações relevantes para os tomadores de decisão e o público. Nesse sentido, é possível expressar na forma de indicadores de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo das águas pluviais urbanas e saúde coletiva a atual situação do saneamento básico no município, assim como fazer um acompanhamento destes indicadores ao longo de ações efetuadas para avaliar a evolução do saneamento básico, da saúde e da sustentabilidade no município.

Para a avaliação sistemática da eficiência, eficácia e efetividade das ações dos Planos, foi proposta uma matriz de indicadores de desempenho englobando os eixos de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo das águas pluviais urbanas e saúde coletiva composta por 46 indicadores e um quadro de pontuação onde para cada indicador é apresentada uma nota que pode ser utilizada pelo gestor municipal para indicar as ações prioritárias no município.

Para a coleta das informações necessárias para acompanhamento dos indicadores, devem ser utilizados dados disponibilizados nas bases de dados do Governo Federal, Estadual e Municipal. Segue abaixo algumas secretarias e instituições onde os dados podem ser encontrados:

- Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS);

- Fundação Nacional da Saúde (FUNASA);
- Secretaria de Estado da Saúde (SESA); Vigilância Epidemiológica Municipal e Estadual de Saúde;
- Secretaria Municipal de Saúde; Programa Saúde da Família; Plano de Ação para Prevenção e Controle da Diarreia desenvolvido pela Vigilância em Saúde;
- Concessionária dos Serviços de Abastecimento de Água e Esgoto – CESAN;
- Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA);
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE);
- Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN);
- Secretaria Estadual de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano (SEDURB).

Para auxiliar na investigação dos indicadores, deve ser utilizado também o Programa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD), Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), Sistema de Informação de Agravos de Saúde (SINAN), Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC).

Os indicadores selecionados visam auxiliar na avaliação objetiva, no monitoramento e no acompanhamento dos Planos de Saneamento Básico e Gestão Integrada de Resíduos Sólidos do município como um todo e podem ser verificados no APÊNDICE C.

9.7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.433, de 08 de janeiro de 1997**. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9433.htm>. Acesso: 20 jun. 2015.

BRASIL. **Lei nº 11.445, de 05 de janeiro de 2007**. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.914, de 12 de dezembro de 2011**. Dispõe sobre os procedimentos de controle e de vigilância da Qualidade da Água para consumo humano e seu padrão de potabilidade.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano de segurança da água: garantindo a qualidade e promovendo a saúde: um olhar do SUS**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_seguranca_agua_qualidade_sus.pdf>. Acesso: 28 jun. 2015.

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde. **Impactos na saúde e no sistema único de saúde decorrentes de agravos relacionados a um saneamento ambiental inadequado**. Brasília: FUNASA/Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/files_mf/estudosPesquisas_ImpactosSaude.pdf>. Acesso: 28 jun. 2015.

APÊNDICE A

Objetivo do Projeto: Fornecer água com qualidade para a toda a população do município, atendendo aos critérios de potabilidade estabelecidos pela Portaria nº 2914/2011 do Ministério da Saúde						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar diagnóstico/cadastramento georreferenciado da situação do sistema de abastecimento de água das áreas urbanas e urbanizadas	Diagnóstico/Cadastro atualizado das áreas rurais	Prefeitura	R\$ 24.000,00	1	4
2	Realizar campanhas de incentivo à ligação na rede	Novas ligações à rede	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20
Indicador: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto, Número de ligações na rede, % da população atendida						
PROJETO 05						
Manutenção Nas Estruturas Físicas Das Unidades						
Objetivo do Projeto: Promover reformas adequadas e melhorias operacionais ao sistema de abastecimento de água, que incluem as redes, adutoras, elevatórias, reservatórios e ETAs						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Fazer melhorias operacionais no sistema de abastecimento de água sempre que necessário para manter a eficiência.	Sistema mais Eficiente	Operador do Sistema	R\$ 480.000,00	5	20
Indicador: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto						
PROJETO 06						
Ampliação Das Estruturas Físicas Das Unidades						
Objetivo do Projeto: Ampliar as estruturas físicas a fim de adequá-las à demanda de água para o abastecimento de todo o município.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Ampliar a rede de abastecimento do município para atender 100% da população por todo o horizonte de projeto	Universalização do SAA	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 872.855,32	1	20
2	Substituição do sistema de abastecimento de água de Barra Seca.	SAA Barra Seca	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 4.000.000,00	5	7
3	Implantar sistema de abastecimento de água em São Roque	Reservatório Sede	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 4.000.000,00	5	7
4	Ampliar redes e ligações através do crescimento vegetativo	Novos trechos e ligações das Redes de Abastecimento	Operador do Sistema	R\$ 400.000,00	1	20
Indicador: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto						
PROGRAMA 03						
Uso Racional Da Água						
Objetivo do Programa: Atuar na demanda de consumo de água, incentivando o Uso Racional por meio de medidas de conscientização da população para enfrentar a escassez de recursos hídricos, e através de medidas operacionais para o controle de perdas físicas.						
Público Alvo: Toda a população do município						
PROJETO 07						
Controle E Redução De Desperdícios						
Objetivo do Projeto: Reduzir o desperdício de água em todo o município.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Viabilizar a utilização de equipamento adequado e realizar treinamento de pessoal para a pesquisa de vazamentos nos reservatórios, nas adutoras e/ou redes de distribuição e nos ramais prediais.	Redução de Vazamentos	Operador do Sistema	Equipe Local	1	20

2	Fiscalizar os consumos não autorizados (fraudes e falhas de cadastro)	Redução de Consumo	Operador do Sistema	Equipe Local	1	20
3	Realizar campanhas de conscientização para uso racional da água	Conscientização populacional	Operador do Sistema	Equipe Local	1	20
4	Realizar campanhas de conscientização para captação de água da chuva e reuso da d'água em edificações públicas e privadas.	Conscientização populacional	Operador do Sistema	Equipe Local	1	20
Indicador: Índice de redução de perdas; Índice de perdas na distribuição; Consumo per capita						
PROGRAMA 04						
Gestão Da Água						
Objetivo do Programa: Melhorar as informações sobre qualidade e quantidade de água no município, de forma a subsidiar os tomadores de decisão na definição de políticas públicas para a recuperação da qualidade das águas, contribuindo com a gestão sustentável dos recursos hídricos.						
Público Alvo: Responsável pelo abastecimento de água						
PROJETO 08						
Monitoramento Da Qualidade Da Água Bruta						
Objetivo do Projeto: Levantar informações e acompanhar a evolução da qualidade da água dos mananciais do município, evidenciado as situações onde houver risco para a saúde humana e dos animais.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar estudo para implantação de projeto de redes de monitoramento da qualidade da água bruta	Rede de Monitoramento da Água Bruta	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 60.000,00	1	10
2	Implantar e realizar o monitoramento da qualidade da água captada onde não existe	Rede de Monitoramento da Água Bruta	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 62.400,00	5	20
3	Monitoramento da qualidade da água captada	Monitoramento da Água Bruta	Operador do Sistema	Equipe Local	2	20
4	Montar planos de amostragem anual para coleta das amostras	Plano de Amostragem	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	10
Indicador: Índice de qualidade do manancial; Classificação do manancial – CONAMA 357						
PROJETO 09						
Monitoramento Da Qualidade Da Água Tratada						
Objetivo do Projeto: Levantar informações que garantam que a água que abastece a população está dentro dos padrões estabelecidos pela Portaria Nº 2914/2011 do Ministério da Saúde.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar estudo para implantação de projeto de redes de monitoramento da qualidade da água tratada no município.	Rede de Monitoramento da Água Tratada	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 60.000,00	1	5
2	Implantar e realizar o monitoramento diário da qualidade da água tratada nas ETAs de todo o município	Rede de Monitoramento da Água Tratada	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 444.600,00	2	20
3	Montar planos de amostragem anual para coleta e análise das amostras	Rede de Monitoramento da Água Tratada	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	5
Indicador para o monitoramento e avaliação: Índice de qualidade da água tratada						
PROJETO 10						
Controle Dos Mananciais						
Objetivo do Projeto: Preservar a qualidade de água dos mananciais que abastecem o município						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Fiscalizar e orientar as instalações e ocupações ao redor dos mananciais	Controle dos Mananciais	Prefeitura	Equipe Local	1	20

2	Promover a preservação, o controle e a recuperação das matas ciliares com acompanhamento técnico por meio do plantio de mudas de espécies nativas visando atender o Código Florestal nos trechos dos cursos d'água. Fazer uso sustentável das áreas rurais consolidadas em APP ao redor de cursos d'água	Controle dos Mananciais	Prefeitura	R\$ 190.000,00	1	20
3	Realizar estudo para condução de projetos hidrológicos específicos para avaliação da qualidade de água e disponibilidade hídrica em cursos d'água que constituam potenciais mananciais para captação de água para abastecimento público e que não disponham monitoramento hidrológico sistemático	Diagnóstico Hidrológico	Prefeitura	R\$ 60.000,00	1	3
4	Isolar e realizar manutenções e limpeza das margens dos rios próximos as captações	Controle dos Mananciais	Prefeitura	R\$ 20.000,00	1	20
5	Realizar estudo para implantação de projeto de redes de monitoramento de vazões dos cursos d'água	Rede de Monitoramento	Prefeitura	R\$ 60.000,00	1	3
6	Realizar manutenção no barramento construído para a captação de água na Sede a fim de controlar os problemas de assoreamento	Reservatório / Barramento manancial	Prefeitura	R\$ 20.000,00	1	3
Índice de qualidade do manancial; Classificação do manancial – CONAMA 357; Porcentagem de área recuperada da mata ciliar						
PROGRAMA 05						
Informação e Comunicação						
Objetivo do Programa: Aperfeiçoar a comunicação e a relação entre prestadora de serviço e o usuário e levantar informações a respeito do sistema de abastecimento de água, a fim de melhorar o atendimento do serviço prestado.						
Público Alvo: Responsável pelo abastecimento de água e toda população						
PROJETO 11						
Atendimento Ao Usuário						
Objetivo do Projeto: Desenvolver melhorias no atendimento aos usuários pelo prestador do serviço e pela Prefeitura.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Implantar canal aberto de comunicação entre usuário e Prefeitura	Comunicação	Prefeitura	Equipe Local	1	20
2	Implantar/Manter canal aberto de comunicação entre usuário e prestadora de serviço	Comunicação	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20
3	Publicar indicadores de desempenho dos serviços de abastecimento de água local e municipal para a população	Publicação de indicadores	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20
Indicador: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto						
PROJETO 12						
Gestão da informação						
Objetivo do Projeto: Identificar e realizar cadastramento das informações referente ao sistema de abastecimento de água do município						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Criar um banco de dados com informações a respeito das vazões captadas nos mananciais, do número de atendimentos e rede de distribuição	Banco de Dados atualizado	Prefeitura	Equipe Local	1	3
2	Manter a atualização do banco de dados: identificação, vazão, população abastecida, prazo de funcionamento, ação de desativação, qualidade da água, entre outras	Banco de Dados atualizado	Prefeitura	Equipe Local	4	20
3	Transferir ao município todas as informações operacionais e estratégicas de domínio do operador do sistema	Informações	Operador do sistema	Equipe local	1	3
4	Manter o município atualizado com todas as informações operacionais e estratégicas de domínio do operador do sistema	Informações	Operador do sistema	Equipe local	4	20
5	Cadastrar os dados levantados nas ações de cadastramento de redes para o portal GEOBASES	Cadastro	Prefeitura	Equipe local	5	20

Indicador: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto						
PROGRAMA 06						
Gestão Sustentável						
Objetivo do Programa: Promover uma gestão sustentável e integrada dos mananciais subterrâneos e superficiais, em função dos recursos disponíveis e das perspectivas socioeconômicas.						
Público Alvo: Responsável pelo abastecimento de água						
PROJETO 13						
Gestão Operacional E Administrativa						
Objetivo do Projeto: Regularização dos serviços através da outorga das captações superficiais e subterrâneas, bem como o licenciamento ambiental das unidades do SAA, atendendo as recomendações e restrições impostas pelo órgão licenciador.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Regularizar perante ao órgão ambiental as outorgas de captação de todo o município	Outorgas Regularizadas	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 1.200,00	1	10
2	Regularizar perante ao órgão ambiental o licenciamento das unidades do SAA do município.	ETAs Licenciadas	Operador do Sistema/ Prefeitura	R\$ 15.000,00	1	10
3	Capacitar e treinar os operadores para operar os sistemas das localidades de pequeno porte (sistemas alternativos)	Operadores Capacitados	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20
4	Destinar de forma ambientalmente adequada o lodo da ETA (estudo, projeto e obra)	Disposição Adequada de Lodo	Operador do Sistema	R\$ 1.924.200,00	5	10
5	Gerenciar e acompanhar o monitoramento da água tratada realizado nas ETAs	Monitoramento da Água Tratada	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20
6	Elaborar Plano Diretor de Abastecimento de Água	Plano Diretor de Abastecimento de Água	Empresa licitada	R\$ 1.000.000,00	17	19
7	Realizar a gestão do sistema de abastecimento de água das localidades de pequeno porte e sistemas alternativos juntamente com a participação da população	SAA em localidades de pequeno porte	Prefeitura	Equipe Local	1	20
Indicador: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto						
PROGRAMA 07						
Informação e Comunicação						
Objetivo do Programa: Aperfeiçoar a comunicação e a relação entre prestadora de serviço e o usuário, e levantar informações a respeito do sistema de esgotamento sanitário, a fim de melhorar o atendimento do serviço prestado.						
Público Alvo: Operador do Sistema / Prefeitura						
PROJETO 14						
Identificação e cadastramento						
Objetivo do Projeto: Aperfeiçoar a comunicação e a relação entre prestadora de serviço e o usuário, e levantar informações a respeito do sistema de esgotamento sanitário, a fim de melhorar o atendimento do serviço prestado.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar diagnóstico/cadastramento georreferenciado da situação das pequenas localidades, população dispersa e áreas urbanas/urbanizadas com algum tipo de sistema de esgotamento sanitário existente e/ou sem sistema	Cadastro técnico	Operador do Sistema	R\$ 24.000,00	1	10
2	Realizar cadastramento das unidades de tratamento de efluentes industriais	Cadastro de unidades de tratamento de efluentes industriais	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20
3	Realizar cadastramento de empresas prestadoras de serviço de limpeza de fossas	Cadastro de empresas prestadoras de serviços de limpeza de fossas	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20
4	Realizar cadastramento de domicílios sem banheiros de famílias de baixa renda	Cadastro de domicílios sem banheiros	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20

5	Manter informações de cadastramento atualizadas	Cadastros atualizados	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	6	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Percentual de áreas agrícolas cadastradas Percentual em área de cadastramento da infraestrutura urbana de esgotamento sanitário Percentual de domicílios urbanos cadastrados por tipo de esgotamento sanitário						
PROJETO 15						
Comunicação e Atendimento ao Usuário						
Objetivo do Projeto: Desenvolver melhorias no atendimento aos usuários pelo prestador do serviço e pela Prefeitura.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Implantar canal aberto de comunicação entre usuário e Prefeitura para notificação de eventos e/ou denúncias referentes aos serviços de esgotamento sanitário	Canal de comunicação e atendimento ao usuário	Prefeitura	Equipe local	2	20
2	Publicar indicadores de desempenho dos serviços de esgotamento sanitário do SES local e municipal para a população	Publicação de indicadores	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20
3	Realizar pesquisas de satisfação dos usuários	Pesquisas de satisfação	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	5	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Número de ligações, sugestões e reclamações pelo canal de atendimento ao cliente por ano Percentual de satisfação dos clientes com serviços de esgotamento sanitário						
PROJETO 16						
Gestão da informação						
Objetivo do Projeto: Identificar e realizar cadastramento das informações referentes ao sistema de esgotamento sanitário do município.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Criar um banco de dados com informações a respeito do número de atendimentos, rede coletora e vazão de esgoto tratado	Banco de dados atualizado	Prefeitura	Equipe local	1	3
2	Manter atualização do banco de dados com informações a respeito do número de atendimentos, rede coletora e vazão de esgoto tratado	Banco de dados atualizado	Prefeitura	Equipe local	4	20
3	Transferir ao município todas as informações operacionais e estratégicas de domínio do operador do sistema	Informações	Operador do sistema	Equipe local	1	3
4	Manter o município atualizado com todas as informações operacionais estratégicas de domínio do operador do sistema	Informações	Operador do sistema	Equipe local	4	20
5	Criar sistema de fiscalização de unidades industriais geradoras de efluentes a fim de minimizar o risco de contaminação ambiental	Sistema informatizado de pesquisa	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	3
6	Manter atualizado sistema de fiscalização de unidades industriais geradoras de efluentes a fim de minimizar o risco de contaminação ambiental	Sistema informatizado de pesquisa	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	4	20
7	Ceder dados levantados nas ações de cadastramento de redes para o portal GEOBASES	Cadastro	Operador do sistema	Equipe local	5	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto						
PROGRAMA 08						
Ampliação e Modernização dos Sistemas de Esgotamento Sanitário						
Objetivo do Programa: Coletar, transportar e tratar 100% dos esgotos produzidos no município até o fim do PMSB.						
Público Alvo: Toda a população do município						
PROJETO 17						
Implantação / Ampliação dos Serviços de Coleta e Transporte dos SES em áreas Urbanas e urbanizadas						
Objetivo do Projeto: Implantar ou ampliar redes coletoras nas localidades com déficit dos serviços de coleta e transporte de esgotos sanitários						

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar Projetos Básico e Executivo para a implantação / ampliação das redes coletoras nos SES urbanos	Projeto básico e executivo	Operador do Sistema	R\$ 80.000,00	2	10
2	Ampliar redes coletoras e recuperação de trechos inoperantes nas comunidades do distrito de Sede	Redes coletoras	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 4.100.000,00	4	20
3	Ampliar redes coletoras e recuperação de trechos inoperantes nas comunidades do distrito Barra Seca	Redes coletoras	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 400.000,00	4	20
4	Ampliar redes coletoras e recuperação de trechos inoperantes nas comunidades do distrito Nossa Senhora de Fátima	Redes coletoras	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 380.000,00	4	20
5	Realizar ligações prediais na rede de esgotamento sanitário no distrito Sede	Ligações prediais	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 2.690.000,00	4	7
6	Realizar ligações prediais na rede de esgotamento sanitário no distrito de Barra Seca	Ligações prediais	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 263.000,00	4	7
7	Construir tubulação de recalque da ETE Sede para corpo receptor	Tubulação de recalque	Operador do sistema	R\$ 2.982.300,00	5	8
8	Construir estação elevatória de esgoto para recalcar o esgoto tratado na ETE Sede para o corpo receptor	Estação Elevatória de Esgoto	Operador do sistema	R\$ 511.000,00	5	8
9	Realizar ligações prediais na rede de esgotamento sanitário no distrito Nossa Senhora de Fátima	Ligações prediais	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 250.000,00	4	7
10	Realizar campanhas de incentivo à ligação na rede	Novas ligações na rede	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20

Indicadores para o monitoramento e avaliação:
 Volume de esgoto coletado (m³/dia) (local e municipal)
 Volume de esgotos per capita (L/hab.dia)
 Índice de coleta de esgotos sanitários (esgoto/água*0,8) (local e municipal)
 Índice de atendimento (local e municipal)
 Número de ligações totais, ativas e inativas (local e municipal)
 Número de economias totais, residenciais, comerciais e industriais (local e municipal)
 Percentual de execução de estudos planejados

PROJETO 18

Implantação / Ampliação / Reforma das Unidades de Tratamento dos SES Urbanos

Objetivo do Projeto: Aperfeiçoar o tratamento a fim de atingir a universalização do serviço no município até o fim do PMSB.

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar estudo de concepção para implantação / ampliação / reforma das ETEs por localidade	Estudo de concepção das ETEs	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 80.000,00	1	4
2	Construir ETE em Barra Seca	ETE	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 311.000,00	5	8
3	Construir ETE em Nossa Senhora de Fátima	ETE	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 292.000,00	5	8
4	Construir ETE na Sede	ETE)	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 3.187.000,00	5	8
5	Elaborar estudo 3 anos antes da saturação da ETE para execução de novo projeto	Estudo de novo projeto	Operador do Sistema	Equipe local	1	20

Indicador para o monitoramento e avaliação:
 Volume de esgoto tratado (m³/dia) (local e municipal)
 Índice de tratamento de esgotos sanitários (% população) (local e municipal)
 Razão de volume de esgoto tratado / coletado (%) (local e municipal)
 Índice de saturação do sistema (local)
 Percentual de execução de estudos planejados

PROJETO 19

Implantação / Ampliação dos sistemas Rurais

Objetivo do Projeto: Estabelecimento de sistemas coletivos e individuais completos de esgotamento sanitário em localidades rurais de maneira sustentável						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar estudo de concepção de sistemas completos sustentáveis para o esgotamento sanitário das comunidades	Estudo de concepção	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 60.000,00	2	7
2	Elaborar Projeto Básico e Executivo dos novos sistemas propostos	Projeto Básico e Executivo	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 100.000,00	6	11
3	Construir Fossa Séptica Ecológica Padrão na Sede	Fossa Séptica Ecológica Padrão	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 3.817.000,00	7	15
4	Construir Fossa Séptica Ecológica Padrão em Barra Seca	Fossa Séptica Ecológica Padrão	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 1.089.000,00	7	15
5	Construir Fossa Séptica Ecológica Padrão em Nossa Senhora da Fátima	Fossa Séptica Ecológica Padrão	Operador do sistema / Prefeitura	R\$ 2.553.000,00	7	15
6	Realizar treinamento de pessoal da comunidade para a operação e manutenção dos sistemas implantados e a serem implantados	Treinamento de pessoal	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	6	20
Indicadores para o monitoramento e avaliação: Volume de esgoto coletado (m³/dia) (local e municipal) Volume de esgotos per capita (L/hab.dia) Índice de coleta de esgotos sanitários (esgoto/água*0,8) (local e municipal) Índice de atendimento (local e municipal) Número de ligações totais, ativas e inativas (local e municipal) Número de economias totais, residenciais, comerciais e industriais (local e municipal) Volume de esgoto tratado (m³/dia) (local e municipal) Índice de tratamento de esgotos sanitários (% população) (local e municipal) Razão de volume de esgoto tratado / coletado (%) (local e municipal) Percentual de execução de estudos planejados Percentual de obras dentro do prazo estabelecido Número de dias perdidos com obras em atraso Número de operadores treinados por comunidade Carga horária anual de treinamento						
PROGRAMA 09						
Modernização Administrativa e Operacional dos Sistemas de Esgotamento Sanitário						
Objetivo do Programa: Garantir a integridade das condições físicas e dimensões das estruturas do sistema a fim de assegurar a eficiência do sistema de esgotamento sanitário do município						
Público Alvo: Toda a população do município						
PROJETO 20						
Manutenção dos Sistemas de Esgotamento Sanitário						
Objetivo do Projeto: Promover reformas adequadas e melhorias operacionais ao sistema de esgotamento sanitário, que incluem as redes, elevatórias, emissários e ETES						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Estabelecer rotina de manutenção preditiva e preventiva das unidades dos SES	Manutenção	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	5
2	Estabelecer rotina de conservação das unidades dos SES e do seu entorno	Conservação	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	5
3	Realizar designação e capacitação de pessoal para atuar na manutenção dos sistemas	Designação e capacitação de pessoal	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 20.000,00	2	20
4	Realizar manutenção dos sistemas de esgotamento sanitário	Manutenção	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 2.692.000,00	2	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Percentual de execução de ações de manutenção/conservação planejadas Percentual de execução de ações de manutenção/conservação planejadas dentro do prazo estimado Número de servidores/funcionários treinados/capacitados para manutenção por ano						

PROJETO 21						
Regularização Ambiental e Fundiária						
Objetivo do Projeto: Regularização dos serviços através do licenciamento ambiental das unidades do SES, atendendo as recomendações e restrições impostas pelo órgão licenciador.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Regularizar licenças ambientais vencidas ou não existentes dos dispositivos e dos sistemas coletivos de esgotamento sanitário	Licenças ambientais	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 15.000,00	1	5
2	Regularizar outorgas de lançamento de esgotos sanitários	Outorgas	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 1.200,00	1	5
3	Realizar Regularização fundiária dos equipamentos dos SES	Entrada em processo de regularização fundiária dos equipamentos	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	3	15
Indicador para o monitoramento e avaliação: Percentual de SES com situação fundiária regularizada Percentual de SES com situação de licença/outorga regularizada						
PROGRAMA 10						
Monitoramento das Unidades de Tratamento e dos Corpos Receptores						
Objetivo do Programa: Levantar informações a respeito da qualidade dos efluentes tratados e avaliar se as condições dos corpos receptores estão dentro dos padrões estabelecidos pela Resolução CONAMA 357/2005						
Público Alvo: Toda a população do município						
PROJETO 22						
Monitoramento das Unidades Coletivas de Tratamento e dos Corpos Receptores						
Objetivo do Projeto: Monitorar a qualidade dos efluentes tratados e da água nos corpos receptores, a fim de determinar se estão dentro dos padrões estabelecidos pela Resolução CONAMA 357/2005.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Implantar rotina de monitoramento da qualidade do efluente bruto e tratado das ETEs dos SES (Eficiência de tratamento)	Monitoramento	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 62.400,00	5	20
2	Fiscalizar aplicação inadequada de agrotóxicos e lançamento	Fiscalização de aplicação inadequada de agrotóxicos e lançamento	Prefeitura / IDAF	Equipe local	1	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Percentual de execução de ações de monitoramento planejadas Percentual de amostras de esgoto tratado em conformidade com a legislação Percentual de amostras de qualidade de água bruta em conformidade com a legislação						
PROJETO 23						
Acompanhamento das Unidades Individuais de Tratamento						
Objetivo do Projeto: Levantar informações a respeito da qualidade dos efluentes tratados em todas as unidades a fim de garantir a eficiência desejada nos processos de tratamento.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar acompanhamento / Limpeza das fossas sépticas existentes como alternativa de tratamento do esgoto sanitário em domicílios urbanos ainda não cobertos por rede coletora	Acompanhamento	Prefeitura	Equipe local	3	20
2	Realizar acompanhamento das unidades de tratamento de efluentes industriais	Acompanhamento	Prefeitura	Equipe local	2	20
3	Fiscalizar atividades de empresas prestadoras de serviço de limpeza de fossas	Fiscalização de empresas	Prefeitura	Equipe local	2	20
4	Destinar adequadamente os lodos de fossas e sistemas de tratamento coletivo operados pelo município	Destinação adequada dos lodos	Prefeitura	Incluso nas ações 4 do projeto "Manutenção dos Sistemas Coletivos de Esgotamento Sanitário"	3	20

Indicador para o monitoramento e avaliação: Percentual de domicílios rurais com fossas sépticas ecológicas padrão Percentual de domicílios rurais com fossas sépticas ecológicas padrão em conformidade com limpeza periódica Percentual de domicílios urbanos com fossas sépticas ecológicas padrão Percentual de domicílios urbanos com fossas sépticas ecológicas padrão em conformidade com limpeza periódica Percentual de fossas com destinação adequada dos lodos						
PROGRAMA 11						
Bem Estar Sanitário						
Objetivo do Programa: Aumentar a salubridade ambiental por intermédio da substituição dos lançamentos clandestinos por ligações na rede coletora (ou em fossas sépticas ecológicas padrão na falta desta) e da construção de banheiros em domicílios de baixa renda.						
Público Alvo: Toda a população do município						
PROJETO 24						
Monitoramento dos Lançamentos Clandestinos						
Objetivo do Projeto: Elevar o número de ligações ativas na rede coletora de esgotos sanitários e eliminar lançamentos in natura em corpos hídricos, em redes de drenagem pluvial e uso de fossas (sépticas ou negras) por domicílios cobertos por rede coletora.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar lei municipal para a obrigatoriedade de ligação do domicílio e comércio em rede de esgoto (quando existente) ou uso de fossa séptica no padrão ecológico definido, bem como para a obrigatoriedade de tratamento de efluentes industriais	Lei municipal	Prefeitura	Equipe local	2	4
2	Realizar notificação dos domicílios, comércios e indústrias (neste caso, com efluentes de vazão e/ou característica compatíveis com a rede e com o tratamento de esgotos sanitários) para ligação na rede coletora de esgotos sanitários implantada ou uso de fossa séptica ecológica padrão, passível de multa em notificação reincidente	Notificação dos domicílios, comércios e indústrias para ligação na rede coletora	Prefeitura	Equipe local	5	20
3	Realizar notificação dos domicílios, comércios e indústrias com ligações de drenagem pluvial na rede de esgoto, passível de multa em notificação reincidente	Notificação dos domicílios, comércios e indústrias com ligações de drenagem pluvial na rede de esgoto	Prefeitura	Equipe local	3	20
4	Realizar notificação das indústrias cujos lançamentos de efluentes requerem tratamento diferenciado (vazão e/ou característica incompatíveis com a rede e com o tratamento de esgotos sanitários), passível de multa em notificação reincidente	Notificação das indústrias cujos lançamentos de efluentes requerem tratamento diferenciado	Prefeitura	Equipe local	5	20
5	Fornecer auxílio técnico e educacional para a construção de banheiros em domicílios de baixa renda	Banheiros	Prefeitura	Equipe local	2	20
6	Construir banheiros em domicílios de baixa renda	Banheiros	Prefeitura	R\$ 516.600,00	1	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Número de notificações por não conformidade por ano Número de multas por não conformidade por ano Número de banheiros construídos						
PROGRAMA 12						
Programa de reestruturação gerencial e operacional da drenagem urbana						
Objetivo do Programa: Adequar a estrutura e o funcionamento institucional do poder público local para a realização da gestão eficiente do sistema de drenagem municipal.						
Público Alvo: Prefeitura Municipal, fiscais da Prefeitura, lideranças comunitárias, entidades da sociedade civil, conselheiros municipais e população em geral.						
PROJETO 25						
Projeto de fortalecimento da fiscalização da ocupação urbana						
Objetivo do Projeto: Reestruturar a fiscalização do ordenamento urbano municipal visando inibir as infrações urbanísticas e ambientais.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim

1	Manter o número de fiscais, em pelo menos dois, que atuam no cumprimento da legislação urbana, sobretudo naquela relativa a drenagem. Esta ação é importante para que não se permita a instalação de ocupações irregulares às margens dos rios e áreas de risco, sendo o custo desta ação preventiva significativamente menor do que os custos necessários para se implementar ações corretivas como obras de remoção ou macrodrenagem.	Permitir a continuidade eficiente da fiscalização	Prefeitura	R\$ 2.042.880,00	2	20
2	Definir estratégias de atuação dos fiscais com rotinas sistemáticas de fiscalização focadas no combate das principais infrações urbanísticas.	Plano de rotinas sistemáticas de fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	2	20
3	Ampliar os canais, sobretudo os virtuais, de comunicação dos setores de fiscalização para receber denúncias de infrações à legislação urbanística.	Página no website da Prefeitura	Prefeitura	Equipe Local	2	20
4	Promover uma articulação entre as diversas fiscalizações que existem no município, buscando a formação de uma rede que iniba infrações da legislação municipal que impactam o sistema de drenagem.	Permitir a continuidade eficiente da fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	2	20
Ação Realizada / Não Realizada						
PROJETO 26						
Projeto de reestruturação da gestão do sistema de drenagem						
Objetivo do Projeto: Adequar a estrutura e o funcionamento institucional do poder público local para a realização da gestão do sistema de drenagem municipal.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Criar uma função comissionada de Gestor do Sistema de Drenagem Municipal (sugestão: indicação de um funcionário efetivo);	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Prefeitura	R\$ 1.440.000,00	2	20
2	Criar e implementar rotinas de execução de limpeza dos dispositivos que compõem a macro e microdrenagem de maneira articulada com as demais secretarias;	Plano de Manutenção do Sistema de Drenagem de Águas Pluviais	Prefeitura	Equipe Local	2	20
3	Realizar de maneira contínua vistorias na rede de drenagem do município buscando identificar e planejar intervenções necessárias ao funcionamento adequado do sistema;	Plano de Manutenção do Sistema de Drenagem de Águas Pluviais	Prefeitura	Equipe Local	2	20
4	Criar um banco organizador de dados com informações e interface de dados relativos à drenagem municipal - manter o cadastro da rede, os dispositivos que foram limpos, os dispositivos em que foram realizadas manutenção, registros de ações; entre outras questões;	Banco organizado de dados em drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20
5	Manter atualizado, junto ao Geobases, o cadastramento da rede de drenagem urbana realizado no Projeto 28.	Base de dados	Prefeitura	Equipe local	7	20
6	Promover a capacitação do Gestor do Sistema de Drenagem Municipal para controle e resposta do questionário do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), eixo drenagem;	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Ministério das Cidades	Equipe Local	2	20
7	Monitorar investimentos, obras e intervenções, privadas ou públicas que possam resultar em impactos no sistema de drenagem do município e buscar uma articulação para que tais impactos sejam os menores possíveis.	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20
8	Monitorar junto aos governos estaduais e federais a possibilidade de convênio para realização de obras de intervenção de drenagem;	Aumento do aporte de recursos destinados à drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20
9	Monitorar junto aos órgãos competentes os alertas de eventos extremos.	Emissão de alerta em tempo hábil	Defesa Civil Municipal	Equipe Local	2	20

10	Realizar estudo para avaliar a implantação da cobrança de taxas para melhorias nas obras de Drenagem	Estudo de viabilidade para cobrança de taxa de drenagem	Prefeitura	Equipe Local	4	8
11	Articular com a secretaria de meio ambiente para que algumas obras e estudos relativos à drenagem continuem sendo incorporadas como condicionantes ambientais e urbanísticas	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20
12	Monitorar carteira de indicadores para avaliar o desempenho do sistema municipal de drenagem	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20
Ação Realizada / Não realizada						
Índice de inspeção de rede de drenagem						
PROJETO 27						
Projeto de fortalecimento e valorização da participação social na gestão da drenagem						
Objetivo do Projeto: Ampliar os espaços de participação da população no gerenciamento do sistema de drenagem do município, requalificar os instrumentos de participação social e sensibilizar a população sobre a importância dessa participação para o funcionamento adequado do mesmo.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Instituir um "Gabinete de crise" para o gerenciamento participativo nos casos de inundações decorrentes de eventos climáticos extremos.	Gabinete de Crise	Prefeitura	Equipe Local	2	20
2	Dar ampla divulgação ao Plano Municipal de Saneamento Básico por meio do site da Prefeitura.	Divulgação no website da Prefeitura	Prefeitura	Equipe Local	2	20
3	Elaborar relatórios de prestação de contas sobre a execução do Plano Municipal de Águas Pluviais e do Plano Municipal de Saneamento Básico, dando ênfase às ações realizadas.	Relatório de ações anuais	Prefeitura	Equipe Local	2	20
4	Utilizar mecanismos de respostas individuais às denúncias efetuadas pelos munícipes, demonstrando como este comportamento contribuiu para minimizar problemas de drenagem.	Resposta a protocolos	Prefeitura	Equipe Local	2	20
Ação Realizada / Não realizada						
PROJETO 28						
Projeto de manutenção preventiva e Corretiva do Sistema de drenagem						
Objetivo do Projeto: Manter a capacidade de escoamento das galerias de macrodrenagem e dos cursos d'água a fim de reduzir a ocorrência de eventos de alagamentos e inundações.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaboração do Plano de Manutenção do Sistema de Drenagem de águas pluviais.	Plano de Manutenção do Sistema de Drenagem de Águas Pluviais	Prefeitura	Equipe Local	2	20
2	Estabelecer rotina de visita de campo na macrodrenagem com intuito de vistoriar a presença de resíduos urbanos e assoreamento, determinando a necessidade de limpeza dos trechos em função do comprometimento da seções.	Relatório de Vistorias no Sistema de Drenagem de Águas Pluviais	Prefeitura	Equipe Local	2	20
3	Efetuar limpeza das galerias de macrodrenagem urbanos à jusante dos pontos com maior recorrência de acúmulo de água no mês de setembro (antes do período de chuvas intensas), com atenção aos trechos sensíveis citados no diagnóstico do plano municipal de saneamento.	Relatório de manutenções realizadas	Prefeitura	R\$ 1.198.000,00	2	20
4	Efetuar limpeza e desassoreamento dos córregos/canais urbanos no mês de setembro (antes do período de chuvas intensas) nos trechos com acúmulo de água, com atenção aos trechos sensíveis citados no diagnóstico do plano municipal de saneamento. (Intervalo máximo entre as limpezas de 3 em 3 anos)	Relatório de manutenções realizadas	Prefeitura	R\$ 682.000,00	2	20

5	Articulação junto a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos com o intuito de certificar se as rotinas de limpeza dos dispositivos de drenagem e varrição de rua estão sendo realizadas.	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20
Porcentagem de trechos de galeria de macrodrenagem e cursos d'água limpos em relação ao total dos trechos a serem limpos (Índice de Manutenção da rede de Drenagem) Índice de domicílios impactados por alagamentos/inundações Realizado / Não realizado Índice de inspeção de rede de drenagem						
PROGRAMA 13						
Programa de Plano de Águas Pluviais						
Objetivo do Programa: Apresentar um conjunto de medidas estruturais e não estruturais para a melhoria do sistema de drenagem urbana municipal.						
Público Alvo: População do Município, especialmente aquelas impactadas pelas deficiências do sistema de drenagem urbana.						
PROJETO 29						
Projeto de Cadastramento da rede de drenagem						
Objetivo do Projeto: Levantar informações necessárias para elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas ainda não contempladas.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Restituição altimétrica + ortomosaico digital 25CM/PX.	Altimetria do Município	IEMA	Está sendo realizado pelo IEMA	2	20
2.1	Realizar cadastramento da macrodrenagem de 1000 mm de diâmetro ou superiores, e galerias retangulares; com informações de material, seção, comprimento do trecho. (1ª fase)	Cadastro da rede de drenagem	Prefeitura	R\$ 121.000,00	4	5
2.2	Realizar cadastramento da macrodrenagem de 600 a 800 mm de diâmetro; com informações de material, seção, comprimento do trecho. (2ª fase)				5	6
2.3	Realizar cadastramento da drenagem inferior a 600 mm de diâmetro; com informações de material, seção, comprimento do trecho. (3ª fase)				6	7
3	Organizar os dados levantados em campo de forma georreferenciada em plataforma AutoCAD, ArcGIS ou similar, que possa ser alimentado ao longo do tempo com as informações de trechos em áreas de acúmulo de água, obstruções e ações de manutenções.	Cadastro da rede de drenagem	Prefeitura	R\$ 290.000,00	4	7
4	Alimentar o Geobases com as informações do cadastro da rede de drenagem.	Banco de dados	Prefeitura	Equipe Local	6	8
Realizado / Não Realizado						
Extensão de trechos cadastrados relacionado com a extensão total a cadastrar (Índice de Cadastro da Rede de Drenagem).						
PROJETO 30						
Projeto de elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas não contempladas						
Objetivo do Projeto: Elaborar propostas de medidas estruturais e não estruturais para melhoria do sistema de drenagem municipal.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim

1	Elaborar o Plano Diretor de Águas Pluviais para o município contendo: - Definir as bacias de drenagem urbana como unidade de planejamento (detalhamento maior que Otto 7), de forma a permitir ao gestor o gerenciamento dos principais talvegues urbanos; - Modelagem hidrológica e dimensionamento hidráulico de todos os principais talvegues das sub-bacias urbanas, utilizando o método racional ou método SCS; - Diagnóstico da situação dos principais talvegues urbanos e definição das sub-bacias prioritárias de intervenção; - Para os trechos fluviais com inundações em áreas urbanas consolidadas, realizar a modelagem fluvial; - Definir as medidas estruturais com projetos executivos, e as medidas não estruturais para otimizar o sistema de drenagem; - Orçamentos e cronogramas de implantação das alternativas propostas; - Elaborar o Manual de Drenagem Urbana para o município	Plano Diretor de Águas Pluviais	Empresa licitada	R\$ 400.000,00	17	19
Existência de Plano Diretor de Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas para os perímetros urbanos do Município.						
PROGRAMA 14						
ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA GESTÃO DE RESÍDUOS						
Objetivo do Programa: Organizar a prestação de serviço de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos de forma a atender à Lei 12.305/2010.						
Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos						
PROJETO 31						
Gestão sustentável dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos						
Objetivo do Projeto: Aprimorar a Gestão e o Gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Readequar a organização de estrutura administrativa e de fiscalização com o aprimoramento dos regulamentos/ procedimentos adotados no município quanto a gestão e gerenciamentos dos resíduos sólidos	Readequação da estrutura administrativa e fiscalização	Prefeitura	R\$ 15.000,00	1	3
2	Ampliar as ações institucionais que atuam no setor de resíduos sólidos por meio de continuidade/ expansão de capacitação técnica e gerencial de gestores públicos, assistência técnica, manuais e cartilhas, dentre outros.	Ampliação ações institucionais	Prefeitura	R\$ 15.000,00	1	3
3	Readequar os procedimentos de monitoramento do SLPMS por meio de indicadores quantitativos e qualitativos voltadas à questão da segregação e acondicionamento adequado dos resíduos sólidos para a coleta seletiva, a atuação dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis e às questões relacionadas ao tratamento dos resíduos sólidos e disposição final dos rejeitos	Readequação dos procedimentos de monitoramento do SLPMS	Prefeitura	R\$ 21.000,00	1	3
Indicador: Número de indicadores monitorados /Número de indicadores previstos PGRS para cada projeto (%).						
PROJETO 32						
Reestruturação do sistema de limpeza pública municipal						
Objetivo do Projeto: Organizar e redimensionar os serviços de limpeza pública municipal.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar plano de varrição que contemple a varrição na sede e nos distritos em 100% das ruas pavimentadas.	Plano de Varrição	Prefeitura	R\$ 92.000,00	1	3

2	Elaborar plano de serviços que consiste na realização de capina, raspagem, limpeza de bocas de lobo, limpeza de cemitérios, limpeza de feiras livres e eventos Públicos, poda de árvores e jardins.	Plano de Serviços	Prefeitura	R\$ 46.000,00	1	3
3	Implantar/Aprimorar o projeto de acondicionamento dos resíduos visando facilitar a operação de coleta e a fiscalização.	Projeto de Acondicionamento	Prefeitura	R\$ 15.000,00	1	3
4	Elaborar/Aprimorar plano de coleta com roteirização e pesagem dos RSU coletados e transportados e redimensionamento de frota para coleta convencional, bem como da equipe operacional.	Plano de coleta com roteirização	Prefeitura	R\$ 92.000,00	1	3

Indicador:

- Taxa de cobertura do serviço de coleta de RDO em relação à população total: (urbana + rural) do município: população total atendida declarada/população total do município (%)
- Taxa de cobertura do serviço de coleta de RDO em relação à população urbana: população urbana atendida declarada/ população urbana (%)
- Produtividade média dos empregados na coleta (coletadores + motoristas) na coleta (RDO + RPU) em relação à massa coletada: quantidade total coletada / (quantidade total de (coletadores + motoristas) x quantidade de dias úteis por ano (313)) (Kg/empregado/dia)
- Taxa de empregados (coletadores + motoristas) na coleta (RDO + RPU) em relação à população urbana: quantidade total de (coletadores + motoristas)/ população urbana (empregados/ 1.000 habitantes)
- Massa coletada (RDO + RPU) per capita em relação à população urbana: quantidade total coletada/ população urbana (Kg/habitante/dia)
- Massa (RDO) coletada per capita em relação à população atendida com serviço de coleta: quantidade total de RDO coletada /população total atendida declarada (Kg/habitante/dia)
- Custo unitário médio do serviço de coleta (RDO + RPU): despesa total da Prefeitura com serviço de coleta/quantidade coletada por (Prefeitura + empresa contratada+ Cooperativa/associação de catadores) (R\$ / tonelada)
- Incidência de (coletadores + motoristas) na quantidade total de empregados no manejo de RSU: total de (coletadores + motoristas) / quantidade total empregados no manejo de RSU quantidade (%)
- Custo unitário médio do serviço de varrição (Prefeitura + empresas contratadas): despesa total da Prefeitura com serviço de varrição/ extensão total de sarjeta varrida (R\$ / km)
- Produtividade média dos varredores (Prefeitura + empresas contratadas): (extensão total de sarjeta varrida / (quantidade total de varredores x quantidade de dias úteis por ano (= 313)) (Km/empregados. /dia)
- Taxa de varredores em relação à população urbana: quantidade total de varredores/população urbana (empregado / 1.000 habitantes)
- Incidência de varredores no total de empregados no manejo de RSU: total de varredores /quantidade total de empregados no manejo de RSU quantidade (%)
- Taxa de capinadores em relação à população urbana: quantidade total de capinadores/ população urbana (empregado/ 1.000 habitantes)
- Incidência de capinadores no total empregados no manejo de RSU: quantidade total de capinadores / quantidade total de empregados no manejo de RSU (%)

PROJETO 33

Sistema Municipal de Informação sobre Resíduos

Objetivo do Projeto: Implantar sistema de informação para gerenciar e monitorar a prestação de serviço de limpeza urbana e manejo de resíduos de responsabilidade da Prefeitura e de rastreabilidade dos geradores.

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar termo de referência para contratação do sistema de informação	Termo de Referência	Empresa Contratada	Equipe local	1	3
2	Contratar empresa especializada para elaboração do sistema de informação	Contratação de empresa especializada	Prefeitura	R\$ 123.000,00	2	3
3	Implantar o sistema de informação	Sistema de Informação	Empresa Contratada	R\$ 20.000,00	4	20
4	Realizar capacitação e treinamento para servidores e público alvo para utilização do sistema	Capacitação e treinamento	Empresa Contratada	R\$ 14.000,00	4	9
5	Monitorar e divulgar os dados recebidos pelo sistema de informação	Monitoramento e divulgação de dados	Prefeitura	R\$ 8.000,00	4	20

Indicador:

Percentual de conclusão do projeto: Parcela do projeto concluído/total do projeto

PROGRAMA 15

COLETA SELETIVA COM INCLUSÃO SOCIAL DE CATADORES

Objetivo do Programa: Reduzir os RSU – Secos dispostos em aterros, com inclusão social de catadores

Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, prestadores de serviço, geradores, catadores de materiais reaproveitáveis e munícipes.

PROJETO 34

Coleta Seletiva de Recicláveis com inclusão social de catadores

Objetivo do Projeto: Ampliar a modalidade de coleta seletiva porta a porta e com PEV no município de forma gradual.

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar ou contratar a elaboração de projeto de ampliação da coleta seletiva.	Projeto de ampliação da coleta seletiva	Prefeitura	R\$ 215.000,00	1	5
2	Aquisição de frota e equipamentos compatíveis com a proposta de ampliação do projeto	Compra de equipamentos	Prefeitura	R\$ 46.000,00	1	10
3	Aperfeiçoar a coleta seletiva com a participação de cooperativas e outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, como prestadores de serviços devidamente contratados pelas administrações públicas municipais e em parceria com os atores da sociedade civil. (Valor varia com os serviços contratados: coleta seletiva, triagem, mobilização)	Projeto de ampliação da coleta seletiva	Prefeitura	R\$ 295.000,00	1	20
4	Ampliar o plano de comunicação da coleta seletiva	Plano de comunicação	Prefeitura	R\$ 7.000,00	2	20
5	Ampliar os materiais de divulgação da coleta seletiva para a comunidade	Materiais de Divulgação	Prefeitura	R\$ 7.000,00	2	20
6	Realizar a mobilização dos moradores para adesão à coleta seletiva	Mobilização dos moradores	Prefeitura	R\$ 5.000,00	1	20
7	Monitorar a coleta seletiva	Monitoramento da coleta seletiva	Prefeitura	Equipe Local	1	20

Indicador:

- Taxa de cobertura do serviço de coleta seletiva porta-a-porta em relação à população urbana do município: População urbana do município atendida com a coleta seletiva do tipo porta - a - porta executada pela Prefeitura (ou SLU)/ pop. Urbana (%)
- Taxa de cobertura do serviço de coleta seletiva por Pontos de entrega voluntária (PEV) em relação à população urbana do município: População urbana do município atendida com a coleta seletiva por PEV executada pela Prefeitura (ou SLU) / pop. Urbana (%)
- Massa recuperada per capita de materiais recicláveis (exceto matéria orgânica e rejeitos) em relação à população urbana: quantidade total de materiais recicláveis recuperados (exceto mat. orgânica e rejeitos) / população urbana (Kg/habitantes/ano)
- Massa per capita de materiais recicláveis recolhidos via coleta seletiva: quantidade total recolhida na coleta seletiva x1.000 / população urbana (Kg/habitantes/ano)
- Taxa de recuperação de materiais recicláveis (exceto matéria orgânica e rejeitos) em relação à quantidade total (RDO + RPU) coletada: quantidade total de materiais recuperados (exceto matéria orgânica e rejeitos)/ quantidade total coletada (%)

PROJETO 35

Fortalecimento de associações/cooperativas de catadores

Objetivo do Projeto: Apoiar a associação de catadores de materiais recicláveis (Caso o município encaminhe os RSU secos, coletados pela coleta seletiva para associação de outro município, deverá apoiar aquela associação).

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Contribuir com a organização de catadores, promovendo o fortalecimento das cooperativas, associações e redes, incrementando sua eficiência e sustentabilidade, principalmente no manejo e na comercialização dos resíduos, e também nos processos de aproveitamento e reciclagem.	Organização dos catadores	Prefeitura	Equipe local	1	20
2	Promover a criação de novas cooperativas e associações de catadores, priorizando a mobilização para a inclusão de catadores informais nos cadastros de governo e ações para a regularização das entidades existentes.	Promoção de novas cooperativas e associações de catadores	Prefeitura	Equipe local	3	20
3	Promover a articulação em rede das cooperativas e associações de catadores.	Promover a articulação em rede	Prefeitura	Equipe local	2	20

4	Incentivar ações de capacitação técnica e gerencial permanente e continuada dos catadores e dos membros das cooperativas e associações, de acordo com o nível de organização, por meio da atuação de instituições técnicas, de ensino, pesquisa e extensão, terceiro setor e movimentos sociais, priorizando as associações, cooperativas e redes de cooperativas de catadores.	Capacitação dos catadores	Prefeitura	R\$ 30.000,00	1	20
Indicador: • Massa recuperada per capita de materiais recicláveis (exceto matéria orgânica e rejeitos) em relação à população urbana: quantidade total de materiais recicláveis recuperados (exceto mat. orgânica e rejeitos) / população urbana (Kg/habitantes/ano) • Renda média dos catadores de materiais reaproveitáveis: Receita anual da associação/ cooperativa de catadores/ (nº médio de associados X 12) (R\$/catador associado ou cooperado).						
PROGRAMA 16						
APROVEITAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS ÚMIDOS						
Objetivo do Programa: Reduzir os Resíduos Sólidos Urbanos Úmidos dispostos em aterros sanitários						
Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, geradores e munícipes.						
PROJETO 36						
Compostagem dos RSU úmidos limpos						
Objetivo do Projeto: Elaborar e implantar um projeto de compostagem de resíduos sólidos urbanos úmidos limpos						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar ou contratar a elaboração de projeto de coleta e compostagem dos RSU úmidos limpos.	Projeto de coleta e compostagem	Prefeitura	Equipe Local	1	3
2	Preparação do edital para projeto de coleta e compostagem dos RSU úmidos limpos, Licitação dos projetos.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	3	3
3	Contratação dos projetos/Elaboração dos projetos	Projetos contratados/ elaborados	Prefeitura	R\$ 46.000,00	4	5
4	Preparação do edital para obra Licitação das obras e equipamentos, Contratação das obras.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	5	5
5	Implantar o projeto de Compostagem de RSU úmidos limpos	Implantação do Projeto de Compostagem	Prefeitura	R\$ 92.000,00	5	6
6	Operar o projeto de Compostagem de RSU úmidos limpos	Operação do Projeto de Compostagem	Prefeitura	R\$ 49.000,00	6	20
7	Implementar melhorias na segregação da parcela úmida dos RSU oriundos de comércio, feiras, e grandes geradores de forma a propiciar a obtenção de uma fração orgânica de melhor qualidade, otimizando o seu aproveitamento	Projeto de coleta e compostagem	Prefeitura	Equipe Local	6	20
8	Implementar medidas para aproveitamento do potencial dos materiais provenientes de capinação e poda de árvores, integrando ao processo de compostagem.	Aproveitamento de resíduos verdes	Prefeitura	Equipe Local	6	20
9	Elaborar cartilhas e manuais orientadores bem como realizar atividades de capacitação dos gestores públicos, associações, cooperativas de catadores, organizações da sociedade civil, comunidade em geral, produtores familiares e extensionistas rurais, sobre a importância de uma adequada segregação na fonte geradora e tratamento por compostagem domiciliar e as oportunidades de aproveitamento dos materiais dela decorrentes.	Materiais Informativo	Prefeitura	R\$ 4.000,00	6	20
10	Elaborar ou contratar a elaboração de projeto de compostagem domiciliar como destino do resíduo orgânico, quando de baixo volume gerado.	Implantação do Projeto de Compostagem	Prefeitura	R\$ 12.000,00	6	20

Indicador: • Taxa de cobertura do serviço de coleta de materiais orgânicos limpos em relação à população urbana do município: População urbana do município atendida pelo programa de coleta de materiais orgânicos limpos executada pela Prefeitura (ou SLU)/ pop. Urbana (%) • Massa recuperada per capita de materiais orgânicos limpos (exceto rejeitos) em relação à população urbana: quantidade total de materiais orgânicos limpos compostado (exceto rejeitos) / população urbana (Kg/habitantes/ano) • Massa per capita de materiais orgânicos limpos recolhidos: quantidade total de materiais orgânicos limpos recolhidos x1.000 / população urbana (Kg/habitantes/ano) • Taxa de recuperação de materiais orgânicos limpos compostado (exceto rejeitos) em relação à quantidade total (RDO + RPU) coletada: quantidade total de materiais orgânicos limpos compostado (exceto rejeitos)/ quantidade total coletada (%)						
PROJETO 37						
Reaproveitamento energético dos RSU úmidos						
Objetivo do Projeto: Realizar estudo econômico financeiro de tecnologias visando o aproveitamento energético dos RSU úmidos						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Preparar edital para Estudo de Viabilidade técnica e econômica e ambiental do aproveitamento energético do biogás gerado ou em biodigestores e outras tecnologias visando à geração de energia partir da parcela úmida de RSU coletados.	Edital	Empresa Contratada	Equipe Local	6	8
2	Licitar Estudo de Viabilidades	Licitação	Prefeitura	Equipe Local	8	8
3	Contratar estudo de viabilidade	Estudo de Viabilidade	Prefeitura	R\$ 92.000,00	9	9
Indicador: • Massa recuperada per capita de materiais por via da recuperação energética (exceto recicláveis) em relação à população urbana: quantidade total de materiais recuperado via por via da recuperação energética (exceto recicláveis) / população urbana (Kg/habitantes/ano) • Massa per capita de materiais recuperados por via da recuperação energética: quantidade total de materiais recuperados por via da recuperação energética / população urbana (Kg/habitantes/ano)						
PROGRAMA 17						
GESTÃO ADEQUADA DOS RESÍDUOS ESPECIAIS						
Objetivo do Programa: Qualificar a Gestão dos resíduos especiais gerados nos município						
Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, prestadores de serviço, geradores de RCC e municípios.						
PROJETO 38						
Fortalecimento da gestão dos RCC						
Objetivo do Projeto: Qualificar a Gestão dos RCC Gerenciar de forma ambientalmente adequadas os RCC dos pequenos geradores						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar ou contratar a elaboração de instrumento normativo estabelecendo os procedimentos para classificação do pequeno e grande gerador e os procedimentos que os geradores devem adotar quanto à coleta e transporte e destinação final dos RCC.	Instrumentos Normativo	Prefeitura	R\$ 18.000,00	1	2
2	Realizar ações de capacitação permanente para público alvo, considerando as especificidades locais.	Capacitação	Prefeitura	R\$ 11.000,00	2	20
3	Promover ações de fiscalização das construções realizadas no município, com exigência da apresentação do Plano de Gerenciamento de RCC, para obtenção de licenças de execução.	Ações de Fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	2	20
4	Elaborar projeto de coleta e destinação de Resíduos de Construção Civil - RCC dos pequenos geradores, com possibilidade de prestação do serviço aos grandes geradores de RCC, com cobrança pelo serviço.	Projeto de coleta e destinação de Resíduos de Construção Civil - RCC	Prefeitura	R\$ 46.000,00	2	2

5	Implantar projeto de coleta e destinação ambientalmente adequada dos RCC dos pequenos geradores, com possibilidade de prestação do serviço aos grandes geradores de RCC, com cobrança pelo serviço.	Projeto de coleta e destinação de Resíduos de Construção Civil - RCC	Prefeitura	R\$ 49.000,00	3	20
Indicador: • Massa de RCC per capita em relação à população urbana: quantidade RCC recolhida por todos os agentes x1000/ pop. Urbana (Kg / habitante / dia) • Taxa de RCC coletada em relação à quantidade total coletada: quantidade total coletada de RCC / quantidade total coletada (%)						
PROJETO 39						
Fortalecimento da gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS						
Objetivo do Projeto: Qualificar a Gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar instrumento normativo estabelecendo os procedimentos que os geradores devem adotar quanto a coleta e transporte e destinação final dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	Instrumentos Normativo	Prefeitura	R\$ 18.000,00	1	2
2	Realizar ações de capacitação permanente para público alvo, considerando as especificidades locais.	Capacitação	Prefeitura	R\$ 11.000,00	2	20
3	Promover ações de fiscalização dos serviços de saúde, com exigência da apresentação do Plano de Gerenciamento de RSS, para obtenção do alvará sanitário e alvará de funcionamento.	Ações de Fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	2	20
4	Coletar de forma ambientalmente adequada dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS gerados pelas unidades de serviço de saúde municipais, com possibilidade de prestação do serviço aos demais geradores de RSS, com cobrança pelo serviço.	Projeto de coleta de Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	Prefeitura	R\$ 46.000,00	2	20
5	Destinar de forma ambientalmente adequada dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS gerados pelas unidades de serviço de saúde municipais, com possibilidade de prestação do serviço aos demais geradores de RSS, com cobrança pelo serviço.	Projeto de destinação de Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	Prefeitura	R\$ 49.000,00	2	20
Indicador: • Massa de RSS coletada per capita em relação à população urbana: quantidade total coletada de RSS / população urbana (Kg/1.000 habitantes/dia) • Taxa de RSS coletada em relação à quantidade total coletada: quantidade total coletada de RSS / quantidade total coletada (%)						
PROJETO 40						
Coleta de móveis usados e inservíveis						
Objetivo do Projeto: Realizar coleta diferenciada de volumosos e dar destinação ambientalmente adequada com inclusão social						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Preparar edital para projeto/Licitação dos projetos.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	1	1
2	Contratar projetos/Elaborar projetos	Projetos contratados /elaborados	Prefeitura	R\$ 18.000,00	2	3
3	Preparar edital para obra Licitação das obras do galpão de recebimento, triagem e armazenamento temporário.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	3	3
4	Contratar obras/Executar obras	Obras contratadas/ executadas	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 153.000,00	4	6
5	Preparar edital para compra de equipamentos/Licitar compra dos equipamentos.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	5	5
6	Realizar a coleta e destinação de móveis usados de inservíveis.	Coleta e destinação de móveis usados	Prefeitura	R\$ 30.000,00	5	20
7	Monitorar o projeto de coleta e destinação de móveis usados de inservíveis.	Monitoramento do projeto	Prefeitura	Equipe Local	5	20

8	Implementar melhorias na segregação e coleta seletiva de móveis usados e inservíveis com direcionamento para a coleta programada, propiciando renda e inclusão social para as organizações de catadores e pessoas de baixa renda.	Projeto de coleta se móveis usados	Prefeitura	Equipe Local	5	20
Indicador: • Massa de móveis usados e inservíveis per capita em relação à população urbana: quantidade de móveis usados e inservíveis coletados pela Prefeitura / pop. Urbana (Kg / habitante / dia) • Taxa de móveis usados e inservíveis coletados em relação à quantidade total coletada: quantidade total coletada de móveis usados e inservíveis / quantidade total coletada (%)						
PROJETO 41						
Coleta de óleo de cozinha						
Objetivo do Projeto: Realizar coleta diferenciada de óleos de cozinha usados e dar destinação ambientalmente adequada com inclusão social						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar projeto de coleta e destinação de óleo de cozinha usado com inclusão social de população de baixa renda. (O caminho pode ser o mesmo da Coleta de móveis usados)	Projeto de coleta e destinação de óleo de cozinha	Prefeitura	Equipe Local	1	1
2	Definição do local	Local definido	Prefeitura	Equipe Local	1	1
3	Adequação do local	Local adequado	Empresa Contratada	R\$ 61.000,00	2	3
4	Compra dos equipamentos e materiais	Equipamentos e materiais	Prefeitura	R\$ 76.000,00	2	3
5	Implantação do projeto de coleta e destinação de óleo de cozinha usado	Projeto de coleta e destinação de óleo de cozinha	Prefeitura	R\$ 123.000,00	3	20
6	Monitorar o projeto de coleta e destinação de óleo de cozinha usado	Monitoramento do projeto	Prefeitura	Equipe Local	3	20
7	Implementar melhorias na segregação e coleta seletiva de óleos e gorduras domiciliares, comerciais e industriais, com direcionamento para a coleta programada, para produção de orgânicos, de biodiesel de outros subprodutos, propiciando renda e inclusão social para as organizações de catadores e pessoas de baixa renda.	Projeto de coleta e destinação de óleo de cozinha	Prefeitura	Equipe Local	3	20
Indicador: • Massa de óleos de cozinha usados per capita em relação à população urbana: quantidade de óleos de cozinha usados coletados pela Prefeitura / pop. Urbana (Kg/habitante/dia) • Taxa de óleos de cozinha usados coletados em relação à quantidade total coletada: quantidade total coletada de óleos de cozinha usados / quantidade total coletada (%)						
PROGRAMA 18						
GERADORES RESPONSÁVEIS						
Objetivo do Programa: Adequar a gestão dos Resíduos sólidos de responsabilidade do gerador.						
Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, geradores em geral, comércio varejista e munícipes.						
PROJETO 42						
Gestão sustentável dos resíduos sólidos industriais						
Objetivo do Projeto: Adequar a gestão dos Resíduos sólidos gerados pelas indústrias instaladas no município, incluindo a recuperação de áreas degradadas por suas atividades.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar ou contratar a elaboração de instrumento normativo estabelecendo os procedimentos que os geradores devem adotar quanto a coleta e transporte e destinação final dos resíduos, incluindo a recuperação de áreas degradadas por suas atividades.	Instrumentos Normativo	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 30.000,00	2	2
2	Realizar ações de capacitação permanente para público alvo, considerando as especificidades locais em parceria com as empresas.	Capacitação	Prefeitura	R\$ 11.000,00	2	20

3	Promover ações de fiscalização das empresas instaladas no município, com exigência da apresentação do Plano de Gerenciamento de Resíduos para obtenção do alvará de funcionamento.	Ações de Fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	2	20
4	Incentivar a gestão coletiva e integrada dos resíduos sólidos, tomando-se por base os arranjos produtivos.	Gestão coletiva e integrada	Prefeitura	Equipe Local	2	20
5	Fomentar a destinação adequada dos resíduos gerados pelas empresas/indústrias para as associações/cooperativas de catadores de materiais reaproveitáveis e outros projetos desenvolvidos pelo município, quando cabível.	Destinação adequada	Prefeitura	Equipe Local	2	20
Indicador: • Taxa de resíduos industriais destinados adequadamente em relação à quantidade de resíduos industriais produzida: quantidade de resíduos industriais produzida / quantidade de resíduos industriais produzida (%) • Taxa de resíduos industriais destinados adequadamente em relação à quantidade produtos produzidos: quantidade resíduos industriais produzidos / quantidade produtos produzidos (%)						
PROJETO 43						
Fortalecimento da gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória						
Objetivo do Projeto: Qualificar a gestão dos resíduos sólidos com logística reversa obrigatória						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar ou contratar a elaboração de instrumento normativo estabelecendo os procedimentos a atuação do município na fiscalização dos SLR já em operação por força de Resoluções do CONAMA e a forma de participação nos novos sistemas que serão definidos a partir dos acordos setoriais firmados no âmbito federal e/ou estadual.	Instrumentos Normativo	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 15.000,00	4	5
2	Realizar ações de capacitação permanente para público alvo, considerando as especificidades locais.	Ações de Capacitação	Prefeitura	R\$ 6.000,00	5	20
3	Estabelecer procedimentos de monitoramento dos resíduos sujeitos a logística reversa	Procedimento de monitoramento	Prefeitura	Equipe Local	5	6
4	Promover ações de fiscalização no setor industrial e comércio local, a fim de avaliar o cumprimento das legislações pertinentes aos resíduos sujeitos à logística reversa	Ações de Fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	6	20
Indicador: • Massa de resíduos com logística reversa obrigatória per capita em relação à população urbana: quantidade resíduos com logística reversa obrigatória recolhida por todos os agentes x1000/ pop. Urbana (Kg / habitante / dia) – Para cada tipologia de resíduos com logística reversa obrigatória • Taxa de resíduos com logística reversa obrigatória coletada em relação à quantidade total coletada: quantidade total coletada de resíduos com logística reversa obrigatória / quantidade total coletada (%) - Para cada tipologia de resíduos com logística reversa obrigatória.						
PROGRAMA 19						
DESTINO CORRETO						
Objetivo do Programa: Dispor os rejeitos de forma ambientalmente adequada.						
Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, prestadores de serviço e munícipes.						
PROJETO 44						
Estação de Transbordo de RSU						
Objetivo do Projeto: Licenciar ambientalmente a estação de transbordo do município.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Dimensionar as instalações da Estação da transbordo	Estação da transbordo dimensionada	Prefeitura	Equipe Local	1	2
2	Preparar edital para projetos básicos, executivos e demais necessários ao licenciamento ambiental/Licitar projetos	Edital	Prefeitura	Equipe Local	2	3

3	Contratar projetos/Elaborar projetos.	Projetos contratados/ elaborados	Prefeitura	R\$ 6.000,00	3	4
4	Licenciar área de transbordo dos rejeitos dos RSU para devido encaminhamento para aterro sanitário licenciada em outro município	Área licenciada	Prefeitura	Equipe Local	4	7
5	Preparar edital para obra e Licitação das obras	Edital	Prefeitura	Equipe Local	5	7
6	Contratar das obras/Executar obras	Obras contratadas/ executadas	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 615.000,00	6	8
7	Operar a Estação de Transbordo	Estação da transbordo em operação	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 61.000,00	7	20

Indicador:

- Taxa de RSU destinados adequadamente: quantidade total de rejeitos dos RSU destinadas adequadamente / quantidade total coletada de RSU (%)
- Massa per capita de RSU destinados adequadamente: quantidade total de rejeitos dos RSU destinados adequadamente / população urbana (Kg/habitantes/ano)

PROJETO 45**Aterro Sanitário****Objetivo do Projeto:** Encaminhar os rejeitos para aterro sanitário ambientalmente licenciado

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Encaminhar os RSU para aterro sanitário ambientalmente licenciado em outro município	Destinação adequada de RSU	Prefeitura	R\$ 246.000,00	1	20
2	Implantar e monitorar sistema de indicadores de desempenho para o sistema de disposição final de rejeitos.	Implantação/ Monitoramento	Prefeitura	Equipe local	1	20
3	Elaborar ou contratar elaboração de estudo de viabilidade para implantação de aterro municipal ou de forma associada com outros municípios, avaliando a continuidade do Programa ES sem Lixão em andamento.	Estudo de Viabilidade	Prefeitura	R\$ 46.000,00	5	6

Indicador:

- Taxa de RSU destinados adequadamente: quantidade total de RSU destinadas adequadamente / quantidade total coletada de RSU (%)
- Massa per capita de RSU destinados adequadamente: quantidade total de RSU destinados adequadamente / população urbana (Kg/habitantes/ano)

PROGRAMA 20**RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS POR RESÍDUOS****Objetivo do Programa:** Recuperar as áreas degradadas por resíduos existentes no município**Público Alvo:** Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, prestadores de serviço.**PROJETO 46****Lixão zero****Objetivo do Projeto:** Diagnosticar, encerrar as atividades, recupera e monitorar as áreas degradadas por resíduos sólidos urbanos e outros de responsabilidade do município.

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Elaborar ou contratar a elaboração de Plano de gerenciamento de áreas degradadas	Plano de gerenciamento de áreas degradadas	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 307.000,00	3	7
2	Elaborar os projetos de recuperação e monitoramento de áreas degradadas por lixões e aterros controlados conforme plano de gerenciamento de áreas degradadas.	Plano de gerenciamento de áreas degradadas	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 307.000,00	3	7
3	Executar os projetos de recuperação de áreas degradadas por lixões e aterros controlados.	Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas	Empresa Contratada	R\$ 36.000,00	7	20
4	Implantar projeto de monitoramento.	Monitoramento	Prefeitura	Equipe Local	7	20

Indicador: • Taxa de áreas recuperadas: Número de áreas recuperadas ambientalmente/ número de áreas degradadas identificadas (%)						
PROJETO 47						
Ponto Limpo						
Objetivo do Projeto: Eliminar os pontos viciados existentes no município.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Mapear os pontos viciados existentes.	Mapeamento dos pontos viciados	Prefeitura	Equipe Local	1	2
2	Elaborar ou contratar a elaboração de Plano de gerenciamento de pontos viciados	Plano de gerenciamento de pontos viciados	Prefeitura	R\$ 18.000,00	2	4
3	Elaborar os projetos de recuperação e monitoramento dos pontos viciados.	Projeto de recuperação e monitoramento dos pontos viciados	Prefeitura	R\$ 18.000,00	2	4
4	Executar e monitorar o Plano de gerenciamento de pontos viciados	Plano de gerenciamento de pontos viciados	Prefeitura	Equipe Local	1	20
5	Executar os projetos de recuperação dos pontos viciados	Projeto de recuperação e monitoramento dos pontos viciados	Prefeitura	R\$ 17.000,00	2	20
6	Elaborar programa de educação ambiental e comunicação social para o público alvo	Programa de educação ambiental	Prefeitura	R\$ 5.000,00	2	3
7	Monitorar o projeto de recuperação dos pontos viciados	Projeto de recuperação e monitoramento dos pontos viciados	Prefeitura	Equipe Local	2	20
Indicador: • Taxa de pontos viciados recuperados: Número de pontos viciados extintos/ número de pontos viciados identificados (%)						
PROGRAMA 21						
REDUÇÃO DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS						
Objetivo do Programa: Reduzir a taxa de geração de resíduos sólidos urbanos (RSU)						
Público Alvo: Servidores das secretarias municipais envolvidas com a gestão e gerenciamento dos serviços de públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos urbanos, prestadores de serviço, População em geral						
PROJETO 48						
Compras sustentáveis						
Objetivo do Projeto: Uso do poder de compra do governo para a promoção do desenvolvimento sustentável						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Capacitação da equipe municipal responsável por licitações sobre compras públicas que visem a sustentabilidade, incluindo o uso de materiais recicláveis e que gerem menos resíduos.	Capacitação	Prefeitura	R\$ 16.000,00	2	3
2	Elaborar procedimentos de compras públicas que visem a sustentabilidade, incluindo o uso de materiais recicláveis e que gerem menos resíduos.	Procedimentos para compras públicas sustentáveis	Prefeitura	R\$ 16.000,00	2	3
3	Executar os processos de compras públicas sustentáveis	Projeto executado	Prefeitura	Equipe Local	3	20
Percentual dos gastos em processo de compra realizados pela município que seguiram o procedimento de compras sustentáveis em relação ao total gasto com compras (%)						
PROJETO 49						
Consumo consciente						
Objetivo do Projeto: Informar a população quanto a necessidade do consumo consciente e necessidade de redução do desperdícios.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim

1	Elaborar um projeto de educação ambiental e comunicação social sobre a necessidade de se praticar um consumo consciente e reduzir o desperdício	Plano de comunicação	Prefeitura	R\$ 20.000,00	2	20
2	Elaborar materiais de divulgação do projeto de consumo consciente para a comunidade	Materiais de Divulgação	Prefeitura	R\$ 8.000,00	2	20
3	Realizar a mobilização dos moradores para adesão ao programa	Mobilização dos moradores	Prefeitura	R\$ 6.000,00	1	20
4	Monitorar os resultados projeto por meio de indicadores	Monitoramento do projeto	Prefeitura	Equipe Local	1	20
Indicador: • Massa coletada (RDO + RPU) per capita em relação à população urbana: quantidade total coletada/ população urbana (Kg/habitante/dia) • Massa (RDO) coletada per capita em relação à população atendida com serviço de coleta: quantidade total de RDO coletada /população total atendida declarada (Kg/habitante/dia)						
PROGRAMA 22						
SANEAMENTO ESTRUTURANTE						
Objetivo do Programa: Promover a possibilidade de inserção e fortalecimento de sujeitos capacitados para compor os Conselhos relacionados ao Saneamento Básico do município, tendo em vista a promoção do controle da Política.						
Público Alvo: Todos os sujeitos capacitados ou em potencial para promover o controle social da política municipal de Saneamento Básico. Conselheiros relacionados à política, movimentos sociais, associações de barro, mídias locais e outros.						
PROJETO 50						
FORTEALECIMENTO DOS CONSELHOS						
Objetivo do Projeto: Fortalecer os conselhos municipais relacionados ao Saneamento Básico para acompanhamento, avaliação e aperfeiçoamento da gestão da política						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Capacitação de sujeitos indicados para compor os conselhos relacionados ao Saneamento Básico do município, tendo em vista a promoção do controle da Política. A periodicidade é conforme a rotatividade dos conselhos.	Conselheiros capacitados para promover o controle social da política.	Prefeitura	R\$ 2.250,00	2	20
2	Promover capacitação permanente do Conselho nos moldes do Ministério das Cidades.	Conselheiros capacitados para promover o controle social da política.	Prefeitura	R\$ 3.750,00	2	20
3	Realizar oficinas sobre o Saneamento Básico para os trabalhadores dos Conselhos, CRAS, CREAS, EMEF's, etc.	Profissionais capacitados para a promoção do controle social da política	Prefeitura	R\$ 3.000,00	2	20
4	Realizar Conferências bianuais de Meio Ambiente com ampla divulgação e participação social.	Avaliação e demandas para as Conferências Estaduais e Nacionais. Ampla discussão sobre a temática.	Prefeitura	R\$ 6.000,00	2	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se: - Número de conselheiros que assumiram sobre o número de sujeitos que participaram das capacitações; - Representações do conselho capacitadas sobre o número total de pessoas capacitadas; - Número de trabalhadores dos conselhos, CRAS, CREAS, EMEF'S sobre o número de presentes em oficinas sobre o Saneamento Básico; - Total de representações da sociedade civil presentes em conferência de Meio Ambiente, sobre o total de representações da sociedade civil atuantes no município.						
PROJETO 51						
ACOMPANHA SOCIEDADE						
Objetivo do Projeto: Ampliar a participação social da sociedade civil organizada na política.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Promover pesquisa para mapeamento permanente das organizações da sociedade civil para viabilizar processos de ampliação dos sujeitos na área de Saneamento Básico.	Mapeamento das organizações permanentemente atualizado	Prefeitura	R\$ 46.600,00	2	20

2	Promover aproximação dos movimentos sociais e associativos que atuam na defesa do Direito à Cidade e ao Saneamento Básico.	Fórum de discussão sobre o Saneamento Básico	Prefeitura	R\$ 186.400,00	2	20
3	Fomentar grupos de usuários para formação de multiplicadores da defesa do "Direito ao Saneamento Básico".	Multiplicadores capacitados	Prefeitura	R\$ 186.400,00	2	20
4	Afixar nos espaços físicos dos movimentos e associações estratégicas um mapa previsto da cidade para o ano de 2038 caso as ações do plano aprovadas sejam executadas. Os frequentadores do espaço devem construir ao logo do tempo um mapa com as reais mudanças do espaço tendo em vista promover a sensibilidade para as mudanças da paisagem.	Mapas participativos	Prefeitura	R\$ 46.600,00	2	20

Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se:

- Número de associações e movimentos sociais aproximados e articulados com a Prefeitura sobre o número de associações e movimentos sociais atuantes no município;
- Acompanhamento da renda dos catadores, bem como o crescimento econômico da associação como um todo;
- Multiplicadores formados sobre vagas ofertadas para os grupos.

PROJETO 52

SANEAMENTO BÁSICO É UM DIREITO

Objetivo do Projeto: Promover a divulgação do saneamento básico no município enquanto direito universal

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Criar uma política de comunicação sobre a Política Municipal de Saneamento Básico.	Política Municipal de Comunicação do Saneamento Básico.	Prefeitura	R\$ 100.000,00	2	20
2	Elaborar material de divulgação e cartilhas para informar sobre os programas, projetos, ações, espaços de discussão e decisão da Política.	Cartilhas para informações sobre a política.	Prefeitura	R\$ 40.000,00	2	20
3	Realizar audiências públicas e oficinas de divulgação da Política em parceria com os Conselhos que discutem e resolvem assuntos relacionados ao Saneamento Básico.	Audiências Públicas e Oficinas.	Prefeitura	R\$ 30.000,00	2	20
4	Promover oficinas com as famílias referenciadas pelas unidades de saúde e aparelhos de assistência social sobre os direitos relacionados ao Saneamento Básico como tarifação equitativa.	Oficinas.	Prefeitura	R\$ 30.000,00	2	20

Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se:

- Número de associações e movimentos sociais aproximados e articulados com a Prefeitura sobre o número de associações e movimentos sociais atuantes no município;
- Acompanhamento da renda dos catadores, bem como o crescimento econômico da associação como um todo;
- Multiplicadores formados sobre vagas ofertadas para os grupos.

PROJETO 53

ECULTURA

Objetivo do Projeto: Estimular aspectos culturais do município como fortes mecanismos de promoção de controle social através da difusão de informações, bem como sensibilização da população para o saneamento básico

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Fomentar recursos para estrutura dos equipamentos culturais existentes no município.	Aparelhos de cultura mais estruturados e capazes de acolher as iniciativas culturais populares.	Prefeitura	R\$ 43.500,00	2	20

2	Estimular as manifestações artísticas e culturais existentes no município advindas do legado dos imigrantes e negros escravizados que foram trazidos ao Estado, como a Festa do Produtor Rural como grupo de folia-de-reis.	Grupos artísticos populares fomentando a discussão da temática do saneamento básico no seio popular.	Prefeitura	R\$ 43.500,00	2	20
3	Promover editais semestrais para o fomento de iniciativas artísticas que promovam a discussão de aspectos relacionados ao Saneamento Básico no município.	Promoção de iniciativas artísticas na área.	Prefeitura	R\$ 43.500,00	2	20
4	Promover a difusão de literatura relacionada à preservação ambiental nos aparelhos de educação, assistência social, saúde, educação e outros.	Difusão de literatura da área.	Prefeitura	R\$ 43.500,00	2	20

Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se:

- Número de ações artísticas que promovam a reflexão e discussão sobre o Saneamento Básico sobre o total de ações desenvolvidas no município.

PROGRAMA 23

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL - DIMENSÃO FORMAL E INFORMAL - A ESCOLA E A COMUNIDADE

Objetivo do Programa: Fomentar ações de Educação Ambiental no âmbito das Escolas locais e a comunidade.

Público Alvo: Comunidade Escolar : estudantes matriculados, família, servidores e a comunidade como um todo.

PROJETO 54

Eco - Escolas

Objetivo do Projeto: Fomentar ações de Educação Ambiental no âmbito das Escolas locais.

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Inserção das ações em Educação Ambiental no âmbito do Projeto Político Pedagógico da Escola	PPP da Escola com a temática da Educação Ambiental	Prefeitura	Equipe Local	1	20
2	Formação permanente de professores e servidores na área de Educação Ambiental , sobretudo no que se refere aos quatro eixos do Saneamento Básico	Servidores capacitados para desenvolver a temática em sala de aula	Prefeitura	Equipe Local	1	20
3	Desenvolvimento de hortas no âmbito da escola somada à promoção de reflexões sobre a produção de alimento	Horta Escolar	Prefeitura	Equipe Local	1	20
4	Afixação de pontos nas escolas de recolhimentos de resíduos especiais	Ecopontos	Prefeitura	Equipe Local	1	20
5	Promoção de Gincanas, Ações recreativas como caminhadas e cineclubes com a temática do Saneamento Básico	Gincanas, Ações Recreativas	Prefeitura	Equipe Local	1	20
6	Promover ações de contato entre geração de crianças e adolescentes com gerações mais antigas, através de reuniões entre filhos, pais e avós afim de promover o contato dos mais novos com a experiência, saber e memória dos mais velhos, sobretudo À memória relacionada ao lugar ainda não degradado pelo avanço do modo de produção capitalista.	Contato de Gerações	Prefeitura	Equipe Local	1	20

Indicador para o monitoramento e avaliação:

IDEB

PROJETO 55

A Educação Ambiental e Práticas Esportivas

Objetivo do Projeto: Fomentar as práticas esportivas locais somadas à promoção de reflexões concernentes à Educação Ambiental

n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Valorização de praças e espaços de contato com o Meio Ambiente com a construção de aparelhos esportivos nesses locais como pistas de corrida e outros.	Espaços Públicos que estimulam a convivência comunitária	Prefeitura	R\$ 401.033,54	1	20
2	Desenvolvimento de ações de Educação Ambiental nas praças no município	Educação Ambiental nas praças	Prefeitura	Equipe Local	1	20

3	Promoção de caminhadas ecológicas na comunidade, sobretudo nos percursos dos rios	Caminhadas ecológicas	Prefeitura	R\$ 40.103,35	1	20
4	Incentivo à práticas esportivas associadas ao Meio Ambiente, como ciclismo, rapel e outras, através de promoção de campeonatos locais.	Incentivo ao eco-esporte local	Prefeitura	R\$ 40.103,35	1	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se: - Número de praças valorizadas sobre o total de praças existentes no município; - Média do total de pessoas que se participam das ações de eco-esporte sobre o total de habitantes no município.						
PROJETO 56						
Incentivo aos projetos de Educação Ambiental já existentes						
Objetivo do Projeto: Incentivar as ações já desenvolvidas pelo Município						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Execução do Programa Municipal de Educação Ambiental	Incentivo ao Projeto	Prefeitura	R\$ 401.033,54	1	20
2	Incentivar monetária e simbolicamente o Fórum Municipal de Educação Ambiental;	Incentivo ao Projeto	Prefeitura	R\$ 401.033,54	1	20
3	Incentivar monetária o Programa de Educação Ambiental da reserva de Sooretama	Incentivo ao Projeto	Prefeitura	R\$ 401.033,54	1	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se: - Número de praças valorizadas sobre o total de praças existentes no município; - Média do total de pessoas que se participam das ações de eco-esporte sobre o total de habitantes no município.						
PROGRAMA 24						
Gestão da Educação Ambiental						
Objetivo do Programa: Propor ações de gestão da Educação Ambiental no Município						
Público Alvo: Servidores Públicos do município						
PROJETO 57						
De Olho na Educação Ambiental						
Objetivo do Projeto: Promover ações de governança no âmbito de gestão local para fiscalização e acompanhamento das ações de Educação Ambiental no município.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Criação, por meio de Decreto Municipal de uma Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Município, com função de promover a discussão, gestão, coordenação, o acompanhamento e avaliação das atividades de Educação Ambiental no município, inclusive propor normas, observadas as atribuições e disposições legais vigentes. Essa comissão também deve manter articulação permanente com a Comissão Interinstitucional do Estado do Espírito Santo a fim de facilitar a implantação das ações do Programa Estadual de Educação Ambiental.	Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental	Prefeitura	R\$ 32.082,68	1	20
2	Realização de diagnósticos socioambientais nos bairros, que estimulem a avaliação constante pelos atores envolvidos a serem desenvolvidos em articulação com ONGs e Associações de moradores.	Diagnósticos Sócio Ambientais	Prefeitura	R\$ 32.082,68	1	20
3	Criação e disponibilização permanente de um portal, que funcionará como observatório da EA no município, contribuindo para as revisões periódicas nas Conferências e para a transparência de informações sobre o que ocorre na área de educação ambiental.	Observatório da Educação Ambiental	Prefeitura	R\$ 24.062,01	1	20
4	Criar e manter o serviço de ouvidoria pública como possibilidade de atendimento às demandas, reclamações e sugestões da comunidade.	Ouvidoria Pública	Prefeitura	R\$ 64.165,37	1	20
5	Utilizar mecanismos de respostas individuais às denúncias efetuadas pelos munícipes, demonstrando como este comportamento contribuiu para minimizar problemas de Saneamento Básico.	Resposta a protocolos	Prefeitura	Equipe Local	2	20

Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se: - Número de ações de agressão ao meio ambiente denunciadas sobre o número de ações solucionadas.						
PROJETO 58						
Formação de Educadores/ Agentes Ambientais						
Objetivo do Projeto: Promover a conscientização ambiental por meio da educação formal inserindo a educação ambiental de forma transversal, como uma prática educativa integrada, contínua e permanente nos currículos e Projetos Políticos Pedagógicos das unidades escolares em todos os níveis e modalidades de ensino. Promover a parceria da educação junto aos demais setores da sociedade a fim de estimular mudanças de comportamentos frente aos desafios ambientais, com vistas à recuperação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Revisão e implantação de um Projeto Político Pedagógico Municipal e nas unidades educacionais, capaz de promover processos educadores e ambientalistas integrados, que possibilitem uma Educação Ambiental não pontual, fragmentada, descontinuada e inócua, articulando iniciativas já existentes e novas.	Projeto Político Pedagógico Municipal	Prefeitura	R\$ 16.041,34	1	20
2	Elaborar, de modo participativo com a comunidade, e veicular, nos diversos meios disponíveis, campanhas com o foco direcionado a questões específicas como: separação e coleta seletiva dos resíduos sólidos produzidos; criação de hortas escolares e comunitárias; captação, armazenamento e utilização da água da chuva; compostagem e outras formas de reaproveitamento dos resíduos orgânicos.	Campanhas relacionadas ao Saneamento Básico	Prefeitura	R\$ 80.206,71	1	20
3	Promover oficinas, minicursos e workshops temáticos em caráter permanente, para fomentar e animar a ação dos educadores ambientais populares.	Oficinas e Minicursos	Prefeitura	R\$ 40.103,35	1	20
4	Realização de campanhas, realização de reuniões comunitárias, inserção da educação ambiental de forma transversal nos currículos escolares, criação de mecanismos de organização social, processos educativos voltados para a reflexão sobre a temática ambiental, articulação e desenvolvimento de programas entre secretarias de educação, saúde e assistência social.	Campanhas Comunitárias	Prefeitura	R\$ 48.124,02	1	20
5	Elaborar a produção e divulgação de materiais didáticos que retratem a realidade local, utilizando-se de ferramentas digitais, impressas, bem como estimular a divulgação das ações de educação ambiental, processos de mobilização social e, em especial, as ações de educomunicação nas redes de educação ambiental e outros espaços virtuais de relacionamento.	Material Didático	Prefeitura	R\$ 40.103,35	1	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se: - Total de servidores capacitados sobre o total de servidores do município; - Quantitativo de resíduos especiais destinados nos locais para esses resíduos sobre o quantitativo do material de informação relacionado aos resíduos sólidos.						
PROJETO 59						
ARTICULAÇÃO ENTRE O SANEAMENTO BÁSICO, A SAÚDE E A ASSISTÊNCIA SOCIAL						
Objetivo do Projeto: Promoção de ações de Educação Ambiental com parceria com o setor de Saúde e Assistência Social						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Promover capacitação permanente dos servidores da Assistência e Saúde para que possam orientar os usuários desses serviços nos aspectos relacionados ao Saneamento Básico	Capacitação dos Servidores	Prefeitura	R\$ 16.041,34	1	20

2	Incentivar profissionais como Agentes Comunitários de Saúde para que possam difundir informações importantes sobre o Saneamento Básico no seu cotidiano de trabalho.	Incentivo aos agentes comunitários de Saúde	Prefeitura	R\$ 80.206,71	1	20
Indicador para o monitoramento e avaliação: Sugere-se: - Total de servidores capacitados sobre o total de servidores do município; - Quantitativo de resíduos especiais destinados nos locais para esses resíduos sobre o quantitativo do material de informação relacionado aos resíduos sólidos.						
PROGRAMA 25						
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SANEAMENTO BÁSICO						
Objetivo do Programa: Promoção de ações de Educação Ambiental específicas para os eixos de Saneamento Básico						
Público Alvo: População como um todo						
PROJETO 60						
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS EIXOS DO SANEAMENTO BÁSICO						
Objetivo do Projeto: Promoção de ações de Educação Ambiental de maneira específica para o eixo de Abastecimento de Água						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Realizar campanhas de incentivo à ligação à rede de abastecimento de água	Novas ligações à rede	Prefeitura	Equipe local	1	20
2	Realizar campanhas de manuseio da água nos domicílios, como exemplo campanhas de informações sobre limpeza da caixa d'água e manuseio da água advinda de poços artesianos	Novas ligações à rede	Prefeitura	Equipe local	1	20
3	Fiscalizar e orientar as instalações e ocupações ao redor dos mananciais	Controle dos Mananciais	Prefeitura	Equipe local	1	20
4	Realizar campanhas de conscientização para uso racional da água	Conscientização populacional	Prefeitura	Equipe local	1	20
5	Divulgar os resultados de monitoramento de qualidade da água bruta e tratada periodicamente em canais de comunicação do município	Comunicação	Prefeitura	Equipe local	1	20
6	Implantar canal aberto de comunicação entre usuário e prestadora de serviço	Comunicação	Prefeitura	Equipe local	1	5
7	Realizar pesquisas de satisfação dos usuários	Pesquisas de satisfação	Prefeitura	Equipe local	1	20
8	Realizar campanhas sobre a necessidade de preservação das nascentes	Campanha de Informações	Prefeitura	Equipe local	1	20
9	Promover campanhas de educação sobre a importância da extinção dos pontos viciados de lixo no município	Pesquisas de satisfação	Prefeitura	Equipe local	1	20
10	Fornecer auxílio técnico e educacional para a construção de banheiros em domicílios de baixa renda	Banheiros	Prefeitura	Equipe local	2	20
11	Realizar campanhas de informação sobre os malefícios do uso de agrotóxico, bem como informar sobre o manuseio correto do mesmo.	Campanha de Informações	Prefeitura	Equipe local	1	20
Indicador: Número de ligações na rede, % da população atendida Redução do consumo da água tratada, % da população atendida Número de campanhas realizadas, Redução da utilização de agrotóxicos; Número de campanhas realizadas, Redução de entupimentos das redes de drenagem de águas pluviais urbanas;						
PROJETO 61						
DEPARTAMENTO DE GESTÃO INTEGRADA DO SANEAMENTO AMBIENTAL						
Objetivo do Projeto: Organizar a partir da estrutura existente na Prefeitura um Departamento de Gestão Integrada do Saneamento Ambiental (DEGISA), que agregue a gestão de todas as iniciativas relacionadas ao saneamento básico municipal.						
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo	
					Início	Fim
1	Organizar a área de Gestão de Projetos e Captação de Recursos, inclusive com todos os projetos em processo de acompanhamento.	Área criada e organizada	Prefeitura	Equipe local	1	20

APÊNDICE B

6	Realizar manutenção no barramento construído para a captação de água na Sede a fim de controlar os problemas de assoreamento	Reservatório / Barramento manancial	Prefeitura	R\$ 20.000,00	1	3	6.666,7	6.666,7	6.666,7																			20.000,0
PJ10	Total						57.166,7	57.166,7	57.166,7	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	10.500,0	350.000,0
PROJETO 11																												
Atendimento Ao Usuário																												
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total	
1	Implantar canal aberto de comunicação entre usuário e Prefeitura	Comunicação	Prefeitura	Equipe Local	1	20	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
2	Implantar/Manter canal aberto de comunicação entre usuário e prestadora de serviço	Comunicação	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
3	Publicar indicadores de desempenho dos serviços de abastecimento de água local e municipal para a população	Publicação de indicadores	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe local	1	20	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
PJ11	Total						0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
PROJETO 12																												
Gestão da Informação																												
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total	
1	Criar um banco de dados com informações a respeito das vazões captadas nos mananciais, do número de atendimentos e rede de distribuição	Banco de Dados atualizado	Prefeitura	Equipe Local	1	3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
2	Manter a atualização do banco de dados: identificação, vazão, população abastecida, prazo de funcionamento, ação de desativação, qualidade da água, entre outras	Banco de Dados atualizado	Prefeitura	Equipe Local	4	20	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
3	Transferir ao município todas as informações operacionais e estratégicas de domínio do operador do sistema	Informações	Operador do sistema	Equipe local	1	3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
4	Manter o município atualizado com todas as informações operacionais e estratégicas de domínio do operador do sistema	Informações	Operador do sistema	Equipe local	4	20	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
5	Cadastrar os dados levantados nas ações de cadastramento de redes para o portal GEOBASES	Cadastro	Prefeitura	Equipe local	5	20	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
PJ12	Total						0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
PROJETO 13																												
Gestão Operacional E Administrativa																												
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total	
1	Regularizar perante ao órgão ambiental as outorgas de captação de todo o município	Outorgas Regularizadas	Operador do Sistema / Prefeitura	R\$ 1.200,00	1	10	120,0	120,0	120,0	120,0	120,0	120,0	120,0	120,0	120,0	120,0											1.200,0	
2	Regularizar perante ao órgão ambiental o licenciamento das unidades do SAA do município.	ETAs Licenciadas	Operador do Sistema/ Prefeitura	R\$ 15.000,00	1	10	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0	1.500,0											15.000,0	
3	Capacitar e treinar os operadores para operar os sistemas das localidades de pequeno porte (sistemas alternativos)	Operadores Capacitados	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20																					0,0	
4	Destinar de forma ambientalmente adequada o lodo da ETA (estudo, projeto e obra)	Disposição Adequada de Lodo	Operador do Sistema	R\$ 1.924.200,00	5	10					320.700,0	320.700,0	320.700,0	320.700,0	320.700,0	320.700,0											1.924.200,0	
5	Gerenciar e acompanhar o monitoramento da água tratada realizado nas ETAs	Monitoramento da Água Tratada	Operador do Sistema / Prefeitura	Equipe Local	1	20																					0,0	
6	Elaborar Plano Diretor de Abastecimento de Água	Plano Diretor de Abastecimento de Água	Empresa licitada	R\$ 1.000.000,00	17	19																	333.333,3	333.333,3	333.333,3		1.000.000,0	
7	Realizar a gestão do sistema de abastecimento de água das localidades de pequeno porte e sistemas alternativos juntamente com a participação da população	SAA em localidades de pequeno porte	Prefeitura	Equipe Local	1	20																					0,0	
PJ13	Total						1.620,0	1.620,0	1.620,0	1.620,0	322.320,0	322.320,0	322.320,0	322.320,0	322.320,0	322.320,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	333.333,3	333.333,3	333.333,3	0,0	2.940.400,0	
PROJETO 14																												
Identificação e cadastramento																												
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total	

3	Efetuar limpeza das galerias de macrodrenagem urbanos à jusante dos pontos com maior recorrência de acúmulo de água no mês de setembro (antes do período de chuvas intensas), com atenção aos trechos sensíveis citados no diagnóstico do plano municipal de saneamento.	Relatório de manutenções realizadas	Prefeitura	R\$ 1.198.000,00	2	20			63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	63.052,6	1.198.000,0
4	Efetuar limpeza e desassoreamento dos córregos/canais urbanos no mês de setembro (antes do período de chuvas intensas) nos trechos com acúmulo de água, com atenção aos trechos sensíveis citados no diagnóstico do plano municipal de saneamento. (Intervalo máximo entre as limpezas de 3 em 3 anos)	Relatório de manutenções realizadas	Prefeitura	R\$ 682.000,00	2	20			35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	35.894,7	682.000,0
5	Articulação junto a Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos com o intuito de certificar se as rotinas de limpeza dos dispositivos de drenagem e varrição de rua estão sendo realizadas.	Aumento da eficiência da gestão municipal de drenagem urbana	Prefeitura	Equipe Local	2	20																					0,0
PJ28	Total						0,0	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	98.947,4	1.880.000,0	
PROJETO 29																											
Projeto de Cadastramento da rede de drenagem																											
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
1	Restituição altimétrica + ortomosaico digital 25CM/PIX.	Altimetria do Município	IEMA	Está sendo realizado pelo IEMA	2	20																					0,0
2.1	Realizar cadastramento da macrodrenagem de 1000 mm de diâmetro ou superiores, e galerias retangulares; com informações de material, seção, comprimento do trecho. (1ª fase)	Cadastro da rede de drenagem	Prefeitura	R\$ 121.000,00	4	5				30.250,0	30.250,0	30.250,0	30.250,0														121.000,0
2.2	Realizar cadastramento da macrodrenagem de 600 a 800 mm de diâmetro; com informações de material, seção, comprimento do trecho. (2ª fase)				5	6																					0,0
2.3	Realizar cadastramento da drenagem inferior a 600 mm de diâmetro; com informações de material, seção, comprimento do trecho. (3ª fase)				6	7																					
3	Organizar os dados levantados em campo de forma georreferenciada em plataforma AutoCAD, ArcGIS ou similar, que possa ser alimentado ao longo do tempo com as informações de trechos em áreas de acúmulo de água, obstruções e ações de manutenções.	Cadastro da rede de drenagem	Prefeitura	R\$ 290.000,00	4	7																					0,0
4	Alimentar o Geobases com as informações do cadastro da rede de drenagem.	Banco de dados	Prefeitura	Equipe Local	6	8																					0,0
PJ29	Total						0,0	0,0	0,0	30.250,0	30.250,0	30.250,0	30.250,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	121.000,0
PROJETO 30																											
Projeto de elaboração do Plano de Águas Pluviais para as áreas não contempladas																											
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total

4	Elaborar projeto de coleta e destinação de Resíduos de Construção Civil - RCC dos pequenos geradores, com possibilidade de prestação do serviço aos grandes geradores de RCC, com cobrança pelo serviço.	Projeto de coleta e destinação de Resíduos de Construção Civil - RCC	Prefeitura	R\$ 46.000,00	2	2		46.000,0																		46.000,0	
5	Implantar projeto de coleta e destinação ambientalmente adequada dos RCC dos pequenos geradores, com possibilidade de prestação do serviço aos grandes geradores de RCC, com cobrança pelo serviço.	Projeto de coleta e destinação de Resíduos de Construção Civil - RCC	Prefeitura	R\$ 49.000,00	3	20			2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	2.722,2	49.000,0	
PJ38	Total						9.000,0	55.578,9	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	3.301,2	124.000,0	
PROJETO 39																											
Fortalecimento da gestão dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS																											
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
1	Elaborar instrumento normativo estabelecendo os procedimentos que os geradores devem adotar quanto a coleta e transporte e destinação final dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	Instrumentos Normativo	Prefeitura	R\$ 18.000,00	1	2	9.000,0	9.000,0																			18.000,0
2	Realizar ações de capacitação permanente para público alvo, considerando as especificidades locais.	Capacitação	Prefeitura	R\$ 11.000,00	2	20		578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	578,9	11.000,0
3	Promover ações de fiscalização dos serviços de saúde, com exigência da apresentação do Plano de Gerenciamento de RSS, para obtenção do alvará sanitário e alvará de funcionamento.	Ações de Fiscalização	Prefeitura	Equipe Local	2	20																					0,0
4	Coletar de forma ambientalmente adequada dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS gerados pelas unidades de serviço de saúde municipais, com possibilidade de prestação do serviço aos demais geradores de RSS, com cobrança pelo serviço.	Projeto de coleta de Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	Prefeitura	R\$ 46.000,00	2	20		2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	2.421,1	46.000,0	
5	Destinar de forma ambientalmente adequada dos Resíduos de Serviço de Saúde - RSS gerados pelas unidades de serviço de saúde municipais, com possibilidade de prestação do serviço aos demais geradores de RSS, com cobrança pelo serviço.	Projeto de destinação de Resíduos de Serviço de Saúde - RSS	Prefeitura	R\$ 49.000,00	2	20		2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	2.578,9	49.000,0	
PJ39	Total						9.000,0	14.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	5.578,9	124.000,0	
PROJETO 40																											
Coleta de móveis usados e inservíveis																											
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
1	Preparar edital para projeto/Licitação dos projetos.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	1	1																					
2	Contratar projetos/Elaborar projetos	Projetos contratados/ elaborados	Prefeitura	R\$ 18.000,00	2	3		9.000,0	9.000,0																		18.000,0
3	Preparar edital para obra Licitação das obras do galpão de recebimento, triagem e armazenamento temporário.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	3	3																					0,0
4	Contratar obras/Executar obras	Obras contratadas/ executadas	Prefeitura / Empresa Contratada	R\$ 153.000,00	4	6				51.000,0	51.000,0	51.000,0															153.000,0
5	Preparar edital para compra de equipamentos/Licitar compra dos equipamentos.	Edital	Prefeitura	Equipe Local	5	5																					0,0
6	Realizar a coleta e destinação de móveis usados de inservíveis.	Coleta e destinação de móveis usados	Prefeitura	R\$ 30.000,00	5	20					1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	30.000,0	
7	Monitorar o projeto de coleta e destinação de móveis usados de inservíveis.	Monitoramento do projeto	Prefeitura	Equipe Local	5	20																					0,0
8	Implementar melhorias na segregação e coleta seletiva de móveis usados de inservíveis com direcionamento para a coleta programada, propiciando renda e inclusão social para as organizações de catadores e pessoas de baixa renda.	Projeto de coleta se móveis usados	Prefeitura	Equipe Local	5	20																					0,0
PJ40	Total						0,0	9.000,0	9.000,0	51.000,0	52.875,0	52.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	1.875,0	201.000,0	
PROJETO 41																											
Coleta de óleo de cozinha																											
n	Ações	Produto	Agente Promotor	Investimento Necessário	Prazo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total

APÊNDICE C

APÊNDICE C - INDICADORES SELECIONADOS PARA AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA DO PLANO

Além dos indicadores existentes nos projetos apresentados na ETAPA 4 - PROGRAMAS, PROJETOS E AÇÕES, PLANO DE EXECUÇÃO E AÇÕES PARA EMERGÊNCIA E CONTINGÊNCIA que são específicos para cada projeto foram estabelecidos os indicadores abaixo relacionados visando auxiliar na avaliação objetiva, no monitoramento e no acompanhamento dos Planos de Saneamento Básico e Gestão Integrada de Resíduos Sólidos do município como um todo.

1 INDICADORES DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (SAA)

Para o sistema de abastecimento de água potável foram selecionados 13 indicadores conforme apresentado no Quadro C-1.

Quadro C-1 - Indicadores do Sistema de Abastecimento de Água.

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
Índice de Cobertura de serviço de água $Ica = \left(\frac{Da}{Dt} \right) \times 100$	Da = domicílios atendidos; Dt = domicílios totais	O próprio valor do indicador	Quantificar os domicílios atendidos por sistemas de abastecimento de água com controle sanitário	Adaptado SNIS/ ARSI
Índice de atendimento urbano de água $Iau = \frac{AG026}{POP01} \times 100$	AG026: População urbana atendida com abastecimento de água POP01: População urbana conforme projeção	O próprio valor do indicador	Quantificar a população atendida por sistemas de abastecimento de água com controle sanitário	Adaptado SNIS/ ARSI
Índice de adesão aos serviços públicos de abastecimento de água $Iad = \frac{AS009}{AS009 + ANG01} \times 100$	AS009: Quantidade de ligações totais de água ANG01: Ligações de água factíveis	$I_{AD} \geq 20 = 100$ $15 \leq I_{AD} < 20 = 80$ $10 \leq I_{AD} < 15 = 60$ $5 \leq I_{AD} < 10 = 40$ $3 \leq I_{AD} < 5 = 10$ $I_{AD} < 3 = 0$	Avaliar o percentual de ligações à rede.	Adaptado de SNIS/ ARSI

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
Índice de redução de perdas $Irp = \frac{(Vmi_i / Vmai_i)}{(Vmi_f / Vma_f)} \times 100$	Vmii = volume total micromedido início de plano; Vmai = volume total macromedido início de plano Vmif = volume total micromedido final de plano; Vmaf = volume total macromedido final de plano	O próprio valor do indicador	Quantificar diminuição do índice de perdas em função do valor de início de plano	Adaptado de SNIS
Índice de perdas na distribuição $\frac{(AG006 + AG018 - A)}{(AG006 + AG018)} \times 100$	AG006: Volume de água produzido AG018: Volume de água tratada importado AG024: Volume de água de serviço AG010: Volume de água consumido	O próprio valor do indicador	Avaliar perda na distribuição	SNIS/ ARSI
Diminuição do consumo per capita $\%Dc = \frac{(Ci - Cm)}{(Ci - Cf)} \times 100$	Ci = Consumo de início de plano Cf = Consumo de final de plano pretendido Cm = Consumo medido ao longo dos anos	O próprio valor do indicador Início de plano = 0% Final de plano (caso atendido o objetivo) = 100 %	Avaliar a diminuição percentual do consumo de água em função do consumo de início de plano e o consumo de final de plano pretendido	Adaptado de SNIS
IQA (Índice de Qualidade da Água)	Metodologia Cetesb	Excelente $79 < IQA < 100$ Bom $51 < IQA < 79$ Médio $36 < IQA < 51$ Ruim $19 < IQA < 36$ Péssimo $IQA < 19$	Avaliar a qualidade da água do manancial em função de parâmetros físicos, químicos e microbiológicos	CETESB
IAP (Índice de Qualidade das Águas Brutas para Fins de Abastecimento Público)	Metodologia Cetesb	Excelente $79 < IAP < 100$ Bom $51 < IAP < 79$ Médio $36 < IAP < 51$ Ruim $19 < IAP < 36$ Péssimo $IAP < 19$	Avaliar a qualidade da água do manancial em função de parâmetros físicos, químicos, microbiológicos, substâncias que afetam a qualidade organoléptica da água e	CETESB

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
			substâncias tóxicas	
Índice de qualidade da água tratada I_{qa} $= K \times \left(\frac{N_{AA}}{N_{AR}} \right) \times 100$	K = nº de amostras realizadas/ nº mínimo de amostras a serem efetuadas pelo SAA, de acordo com a Legislação; NAA = quantidade de amostras consideradas como sendo de água potável relativa a colimetria, cloro e turbidez (mensais); NAR = quantidade de amostras realizadas (mensais) onde $K \leq 1$	$I_{qa} = 100\% \rightarrow 100$ $95\% \leq I_{qa} < 100\% \rightarrow 80$ $85\% \leq I_{qa} < 95\% \rightarrow 60$ $70\% \leq I_{qa} < 85\% \rightarrow 40$ $50\% \leq I_{qa} < 70\% \rightarrow 20$ $I_{qa} < 50\% \rightarrow 0$	Monitorar a qualidade da água fornecida	Adaptado de SNIS/ ARSI
Nível de utilização das estações de tratamento de água I_{ETA} $= \frac{ENG04}{ENG05} \times 100$	ENG04: Vazão de água aduzida no dia de maior utilização das ETAS ENG05: Capacidade nominal de tratamento das ETAS	$I_{ETA} \geq 90\% = 100$ $80\% \leq I_{ETA} < 90\% = 75$ $70\% \leq I_{ETA} < 80\% = 50$ $60\% \leq I_{ETA} < 70\% = 25$ $I_{ETA} < 60\% = 0.$	Avaliar e planejar ampliações a partir da capacidade ociosa da Estação de Tratamento de Água	ARSI
Saturação do Tratamento de Água $I_{TRAT} = \frac{\log \frac{CT}{VC}}{\log(1+t)}$	N: Número de anos em que o sistema ficará saturado; VC: Volume de água tratada; CT: Capacidade de tratamento; T: Taxa de crescimento anual médio da população para os 5 anos.	$I_{TRAT} \geq 20 = 100$ $15 \leq I_{TRAT} < 20 = 80$ $10 \leq I_{TRAT} < 15 = 60$ $5 \leq I_{TRAT} < 10 = 40$ $3 \leq I_{TRAT} < 5 = 10$ $I_{TRAT} < 3 = 0$	Comparar a oferta e a demanda das instalações existentes e programar novas instalações ou ampliações.	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)
Indicador de Disponibilidade Hídrica IDH=VN/DH x 100	IDH = indicador de disponibilidade hídrica, em percentagem; VN = Volume necessário, em m³, para atender 100% das demandas hídricas da bacia ou sub-bacia hidrográfica, no horizonte mínimo de 10 anos; e DH = disponibilidade hídrica, em m³, para abastecimento público, no local solicitado pelo operador,	IDH < 0,2 → Recursos Hídricos Abundantes (Geralmente não haverá restrições para obter outorga para todos os usuários); 0,2 < IDH < 0,5 → Recursos Hídricos Controlados (Haverá restrições para obter outorgas	Comparar a oferta de recursos hídricos com as todas as demandas, atuais e futuras, nas bacias ou sub-bacias hidrográficas e/ou aquíferos subterrâneos, com a capacidade de produção instalada, e programar novos sistemas	Autoria própria

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
	considerando os mananciais superficiais e subterrâneos	para maioria dos usuários); IDH >0,5 → Recursos Hídricos Escassos (Haverá restrições para obter outorgas para todos os usuários)	ou ampliação dos sistemas de produção de água para abastecimento	
I_{sa} - Indicador de Saturação do Sistema Produtor $n = \frac{\log \frac{CP}{VP(K_2/K_1)}}{\log(1 + t)}$	n = número de anos em que o sistema ficará saturado; VP = Volume de produção necessário para atender 100% da população atual; CP = Capacidade de produção; t = Taxa de crescimento anual média da população urbana para os 5 anos subsequentes ao ano da elaboração do ISA (projeção Seade); K₁ = perda atual; K₂ = perda prevista para 5 anos	Sistema Superficial: $n \geq 3 \rightarrow I_{sa} = 100$ $3 > n > 0 \rightarrow I_{sa} = \text{interpolar}$ $n \leq 0 \rightarrow I_{sa} = 0$	Comparar a oferta e demanda de água e programar ampliações ou novos sistemas produtores e programas de controle e redução de perdas	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)

Fonte: Autoria própria.

2 INDICADORES DO SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO (SES)

Para o sistema de esgotamento sanitário foram selecionados 12 indicadores conforme apresentado no Quadro C-2.

Quadro C-2 - Indicadores do Sistema de Esgotamento Sanitário.

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
Índice de coleta de esgoto (%) $\frac{VEC}{0,8 \times VAC} \times 100$	VEC: Volume de esgoto coletado (m³) VAC: Volume de água consumida (m³)	$IQ1 = 100\% = 100$ $95\% < IQ1 < 99\% = 80$ $85\% < IQ1 < 94\% = 60$ $70\% < IQ1 < 84\% = 40$ $50\% < IQ1 < 69\% = 20$ $IQ1 < 49\% = 0$	Analisar a razão entre água consumida e geração de esgoto coletado	Adaptado de SNIS

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
Índice de tratamento de esgoto (%) $\frac{VET}{VEC} \times 100$	VET: Volume de esgoto tratado (m³) VEC: Volume de esgoto coletado (m³)	IQ1 = 100% = 100 95% < IQ1 < 99% = 80 85% < IQ1 < 94% = 60 70% < IQ1 < 84% = 40 50% < IQ1 < 69% = 20 IQ1 < 49% = 0	Avaliar a proporção de esgoto coletado que recebe tratamento.	Adaptado de SNIS
Remoção de carga de poluente do esgoto recebido na estação de tratamento $(1 - \frac{ENG07}{ENG06}) \times 100$	ENG06: Valor médio da DBO do esgoto que sai da ETE, no período considerado, ponderado em relação ao volume que chega ENG07: Valor médio da DBO do esgoto que sai da ETE, no período considerado, ponderado em relação ao volume que sai	IQ1 = 100% = 100 95% < IQ1 < 99% = 80 85% < IQ1 < 94% = 60 70% < IQ1 < 84% = 40 50% < IQ1 < 69% = 20 IQ1 < 49% = 0	Avaliar a efetividade do mesmo na melhoria ambiental	PNQS/ ARSI
Índice de adesão aos serviços públicos de esgotamento sanitário $\frac{ES009}{ES009 + ENG01} \times 100$	ES009: Quantidade de ligações totais de esgoto ENG01: Ligações de esgoto factíveis	ID ≥ 20 = 100 15 ≤ ID < 20 = 80 10 ≤ ID < 15 = 60 5 ≤ ID < 10 = 40 3 ≤ ID < 5 = 10 ID < 3 = 0	Avaliar o percentual de ligações à rede.	SNIS/ ARSI
Nível de utilização de estações de tratamento (%) $\frac{ENG09}{ENG10} \times 100$	Qt: vazão de esgoto tratado no dia de maior utilização das ETES ENG10: Nível de utilização das ETES	IE1 ≥ 90% = 100 80% ≤ IE1 < 90% = 75 70% ≤ IE1 < 80% = 50 60% ≤ IE1 < 70% = 25 IE1 < 60% = 0.	Avaliar e planejar ampliações a partir da capacidade ociosa da Estação de Tratamento de Esgotos	ADERAS A/ ARSI
Cobertura total da rede coletora (%) $\frac{PCRC}{Pop} \times 100$	PCRC: População coberta por rede coletora (hab) Pop: População residente (hab)	IQ1 = 100% = 100 95% < IQ1 < 99% = 80 85% < IQ1 < 94% = 60 70% < IQ1 < 84% = 40 50% < IQ1 < 69% = 20 IQ1 < 49% = 0	Avaliar a cobertura da rede coletora sobre a população	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)
Atendimento urbano da rede coletora (%) $\frac{PULRC}{PopU} \times 100$	PULRC: População urbana ligada à rede coletora (hab)	IQ2 = 100% = 100 95% < IQ2 < 99% = 80 85% < IQ2 < 94% = 60	Avaliar o atendimento à população urbana pela	Adaptado de Von Sperling e Von

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
	PopU: População urbana residente (hab)	70% < IQ2 < 84% = 40 50% < IQ2 < 69% = 20 IQ2 < 49% = 0	ligação na rede de esgoto	Sperling (2013)
Atendimento da população por ETE (%) $\frac{P_{ETE}}{Pop} \times 100$	P _{ETE} : População cujo esgoto coletado segue para ETE (hab) Pop: População residente (hab)	IQ1 = 100% = 100 95% < IQ1 < 99% = 80 85% < IQ1 < 94% = 60 70% < IQ1 < 84% = 40 50% < IQ1 < 69% = 20 IQ1 < 49% = 0	Avaliar a proporção da população que recebe tratamento por Estação Coletiva de Tratamento de Esgotos	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)
I _{te} - Indicador de Esgoto Tratado $I_{te} = I_{ce} \times \left(\frac{VT}{VC}\right) \times 100(\%)$	VT = Volume tratado de esgotos medido ou estimado nas estações em áreas servidas por rede de esgoto; VC = Volume coletado de esgotos, conforme cálculo abaixo: VC = 0,80 x Volume consumido de água; ou VC = 0,80 x (Volume medido de água + Volume estimado sem medição)	O próprio valor do indicador	Quantificar os domicílios atendidos por tratamento de esgotos e tanques sépticos	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)
Atendimento da ETE ao padrão de lançamento (%/ano) $\frac{AMAP}{AMR} \times 100$	AMAP: Qtd. de amostras por poluente que atendem ao padrão de lançamento AMR: Qtd. de amostras por poluente realizadas no ano	IQ1 = 100% = 100 95% < IQ1 < 99% = 80 85% < IQ1 < 94% = 60 70% < IQ1 < 84% = 40 50% < IQ1 < 69% = 20 IQ1 < 49% = 0	Avaliar o cumprimento dos padrões de lançamento, principalmente de DBO, DQO, SST, Fósforo, Nitrogênio e E.coli.	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)
Percentual de amostras de qualidade de água bruta em conformidade com a legislação $\frac{APL}{AR} \times 100$	APL: Qtd. de amostras por poluente que atendem ao padrão de lançamento AR: Qtd. de amostras por poluente realizadas no ano	IQ1 = 100% = 100 95% < IQ1 < 99% = 80 85% < IQ1 < 94% = 60 70% < IQ1 < 84% = 40 50% < IQ1 < 69% = 20 IQ1 < 49% = 0	Avaliar o cumprimento dos padrões de lançamento, principalmente de DBO, DQO, SST, Fósforo, Nitrogênio e E.coli.	Adaptado de Von Sperling e Von Sperling (2013)
Saturação do Tratamento de Esgoto	N: Número de anos em que o sistema ficará saturado;	ID ≥ 20 = 100 15 ≤ ID < 20 = 80 10 ≤ ID < 15 = 60 5 ≤ ID < 10 = 40 3 ≤ ID < 5 = 10	Comparar a oferta e a demanda das instalações existentes e	Adaptado de Von Sperling e Von

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
$\frac{\log \frac{CT}{VC}}{\log(1+t)}$	VC: Volume coletado de esgotos; CT: Capacidade de tratamento; T: Taxa de crescimento anual médio da população para os 5 anos.	ID < 3 = 0	programar novas instalações ou ampliações.	Sperling (2013)

Fonte: Autoria própria.

3 INDICADORES DO SISTEMA DE DRENAGEM E MANEJO DAS ÁGUAS PLUVIAIS URBANAS (SDMAPU)

Para o sistema de drenagem e manejo das águas pluviais urbanas foram selecionados 5 indicadores conforme apresentado no Quadro C-3.

Quadro C-3 - Indicadores do Sistema de Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas.

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos	Finalidade	Fonte de Dados
I _{IRD} – Indicador de inspeção da rede de drenagem $I_{IRD} = \frac{(E_{RDI}/E_{RDT}) \times 100}{100}$	E _{RDI} = Extensão de rede de drenagem inspecionada no ano; E _{RDT} = Extensão total de rede de drenagem estimada e cursos d'água urbanos;	O próprio valor do indicador	Otimizar os recursos disponíveis para emprego na manutenção da rede de drenagem.	Verificação do impacto das ações propostas pelos Projetos 26 e 28 na melhoria da drenagem do Município.	Prefeitura Municipal
I _{MRD} – Indicador dos serviços de manutenção da rede de drenagem $I_{MRD} = \frac{(E_{RDR}/E_{RDT}) \times 100}{100}$	E _{RDR} = Extensão de rede de drenagem recuperada; E _{RDT} = Extensão total de rede de drenagem estimada e cursos d'água urbanos;	O próprio valor do indicador	Manter a capacidade de escoamento da rede de drenagem e dos cursos d'água	Verificação do impacto das ações propostas pelo Projeto 28 na melhoria da drenagem do Município.	Prefeitura Municipal
I _{CRD} – Indicador de cadastro da rede de drenagem	E _{RDC} = Extensão de rede de drenagem cadastrada;	O próprio valor do indicador	Levantar informações necessárias à elaboração do Plano de Águas Pluviais e ao	Verificação do impacto das ações propostas pelo Projeto 29 na	Prefeitura Municipal

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos	Finalidade	Fonte de Dados
$I_{CRD} = (E_{RDC}/E_{RDT}) \times 100$	$E_{RDT} =$ Extensão total de rede de drenagem estimada e cursos d'água urbanos;		gerenciamento do sistema de drenagem	melhoria da drenagem do Município.	
I_{DA} – Indicador de frequência de domicílios atingidos por alagamento e/ou inundação ¹ $I_{DA} = \sum(N_{DA})_{Ano}$	$N_{DA} =$ Número de domicílios atingidos por inundação e/ou alagamento por evento extremo	O próprio valor do indicador	Monitorar o número e frequência dos domicílios atingidos nos eventos extremos	Verificação do impacto das ações propostas pelo Projeto 28 na melhoria da drenagem do Município.	Prefeitura Municipal
Existência de Plano de Drenagem de Águas Pluviais/Fluviais	-	Sim/Não	Identificar as áreas que possuem ou não o Plano de Drenagem de Águas Pluviais/Fluviais	Verificação do impacto das ações propostas pelo Projeto 30 na melhoria da drenagem do Município.	Prefeitura Municipal

¹Nota: Exemplo de aplicação do I_{DA} : Tem-se, durante o ano de 2015, duas inundações: uma inundação no mês de outubro que atingiu 30 domicílios, e outra inundação no mês de dezembro que atingiu 40. O I_{DA} de 2015 será (30+40) igual a 70, com domicílios considerados na primeira inundação de outubro também considerados na contagem da inundação de dezembro.

Fonte: Autoria própria.

Abaixo serão detalhados os indicadores acima demonstrados para a drenagem urbana:

- **I_{IRD} - Indicador de Inspeção da Rede de Drenagem**

Este indicador expresso em porcentagem é composto da razão, entre a extensão total de rede inspecionada no ano, pela extensão total estimada de rede de drenagem conhecida, incluindo a extensão dos cursos d'água urbanos atuantes na macrodrenagem.

O principal objetivo do indicador é o registro pelo gestor da drenagem urbana municipal dos trechos de rede que devem receber ações de manutenção. Nos trechos de canais abertos deverão ser verificadas também possíveis invasões das calhas dos cursos d'água e requeridas ações aos órgãos competentes para impedimento de sua permanência.

Este índice será aplicado ao acompanhamento dos Projetos 26 e 28 propostos, onde espera-se uma evolução de seus valores ao longo dos anos, com principal finalidade, proporcionar ao gestor da drenagem urbana municipal conhecimento dos trechos críticos prioritários a fim de subsidiar planejamento das ações de manutenção e também impedir que as calhas dos rios e córregos sejam invadidas.

- **IMRD - Indicador dos serviços de manutenção da rede de drenagem**

De forma complementar ao Indicador de Inspeção da rede de drenagem, o Indicador de manutenção da rede é destinado a verificação do montante de rede recuperada por medidas de manutenção.

Neste caso, este indicador é dado pela porcentagem da razão entre a extensão de rede de drenagem que recebeu a ação de algum tipo de manutenção, preventiva ou corretiva, sobre a extensão total estimada de rede de drenagem conhecida.

O IMRD é aplicado ao Projeto 28 de aperfeiçoamento das ações municipais na manutenção dos sistemas de drenagem.

- **ICRD – Indicador de cadastro da rede de drenagem**

O Projeto 29 é voltado para o levantamento e cadastramento da rede de drenagem municipal, e que posteriormente devem ser inseridas em um sistema de base de dados capaz de armazenar, sem perdas futuras, e de forma que permita o acesso de diversos funcionários e que se perpetue, das informações pertinentes a uma rede de drenagem já instalada, como profundidade, material, diâmetro, comprimento, dentre outras informações.

Neste segmento o Indicador de cadastro da rede de drenagem é composto pela razão, em porcentagem, da rede de drenagem que já sofreu o levantamento de informações e cadastramento, sobre a extensão total estimada de rede de drenagem conhecida, que pode variar caso sejam descobertas redes instaladas, mas que a prefeitura não possuía registros.

Este índice deverá sofrer um aumento agudo em relação ao seu valor atual, na época em que se realizar o cadastramento qualitativo proposto na Etapa 4 de Programas, Projetos e Ações.

Durante o cadastramento poderão ser observados estrangulamentos na rede de drenagem que deverão ser notificados à secretaria de obras para correção pela prefeitura ou pelo particular responsável pela redução da seção de escoamento da rede de drenagem ou curso d'água.

- **IdA - Indicador de frequência de domicílios atingidos por alagamento e/ou inundação**

Inundação é definida como sendo um evento extremo de transbordamento das águas de um curso d'água, atingindo a planície de inundação ou área de várzea (Min. Cidades/IPT, 2007).

Alagamento seria o acúmulo momentâneo de águas pluviais em determinadas áreas por deficiência no sistema de drenagem. Entende-se por domicílios atingidos por alagamento aqueles que foram afetados por eventos que alagaram a via acima de 15 cm. Este valor foi adotado pois é a altura guia da calçada e segundo técnicos da Prefeitura de Vitória - ES é quando o alagamento passa a ser significativo, trazendo transtornos e prejuízos (PMSB Vitória, 2015).

Com a finalidade de avaliar o impacto das ações recomendadas na etapa do PPA foi proposto o Indicador de frequência de domicílios atingidos por alagamento e/ou inundação. Este leva em consideração a quantidade de domicílios que foram afetados por eventos extremos (alagamento e/ou inundação) no período de um ano.

Espera-se que com a implantação do projeto de manutenção preventiva e corretiva (Projeto 28) este indicador decresça com o passar dos anos.

- **Indicador de existência de Plano Diretor de Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas**

O Plano Diretor de Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas é um instrumento de gerenciamento da drenagem urbana de um Município que visa a elaboração de medidas estruturais e não estruturais para otimizar o sistema de drenagem e manejo de águas pluviais.

Além disso, é responsável por comparar alternativas, cenários e soluções possíveis, em função das mais diversas técnicas disponíveis, levando em consideração o custo-benefício e a viabilidade econômica e financeira para cada possibilidade (SNIS, 2017).

Dessa forma, é de extrema importância que o Projeto de Elaboração do PDAP para o Município (Projeto 30) seja realizado. Sendo assim, para avaliar o desenvolvimento do mesmo foi proposto o Indicador de Existência do PDAP, que permite a identificação das áreas que ainda não possuem o Plano.

- **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento - SNIS**

O Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) solicita aos municípios brasileiros que seja respondido, anualmente, o levantamento de dados para desenvolvimento do diagnóstico de Águas Pluviais.

Assim, conforme ação proposta, estes questionários deverão ser respondidos anualmente pelo responsável pela gestão municipal do sistema de drenagem urbana e águas pluviais, e dentro destes questionários há a solicitação de informações que são diretamente relacionadas com algumas das ações e projetos propostos, conforme destacadas abaixo.

O SNIS solicita, na etapa de levantamento de dados de infraestrutura (Questão IE001), que seja informada a existência do Plano Diretor de Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas no Município no ano de referência, conforme solicitado o seu desenvolvimento no Projeto 30.

Referente ao Projeto 26, uma das ações propostas passa pelo monitoramento de possibilidades de convênio com o governo federal e estadual, o que pode ser mensurado, indiretamente, pelas respostas às questões FN019 e FN021 do questionário do SNIS, referentes aos desembolsos onerosos (FN019) e não

onerosos (FN021) em Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas pelo Município.

Ainda, para este mesmo projeto, a pergunta RI005 do SNIS, sobre a existência de sistemas de alerta à riscos hidrológicos (alagamentos, enxurradas, inundações) no Município, está diretamente relacionada a ação referente ao monitoramento, junto aos órgãos competentes, de alertas de eventos hidrológicos extremos.

Desta forma, espera-se que o Município se empenhe em desenvolver, ou mesmo por meio de parcerias, um sistema de alerta capaz de avisar os moradores em áreas de risco que um evento hidrológico extremo se aproxima.

Referente ao Projeto 28, o SNIS questiona a respeito do número de unidades edificadas atingidas na área urbana do Município devido a eventos hidrológicos impactantes no ano de referência (pergunta RI032), e espera-se que este número varie conforme a intensidade dos eventos hidrológicos, mas que apresente uma tendência decrescente ao longo dos anos, uma vez que a implementação das ações do projeto citado deverá reduzir o número de ocorrências deste tipo. O SNIS (Questão RI007) questiona se existe cadastro ou demarcação de marcas históricas de inundações, este cadastro se refere à medição do nível de água e consequentemente a cota em que a região se encontra, o que possibilita saber quais áreas estão ou podem ser inundadas. Além disso, solicita que seja informado o número de alagamentos na área urbana do município, registrados no sistema eletrônico da Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (RI024 e RI025) bem como o número de inundações (RI026 e RI027). A resposta destes itens pelo funcionário treinado auxiliará o monitoramento do Indicador de frequência de alagamentos e/ou inundações proposto nesta etapa.

O Projeto 29 é voltado para o cadastramento da rede de drenagem, que atualmente não se encontra organizada em uma base de dados manuseável e com o espectro de informações pertinentes. Este projeto vai ao encontro do que é preconizado pelo SNIS que questiona se há um cadastramento técnico de obras lineares de drenagem e águas pluviais no Município (questão IE012) e se há projeto básico, executivo e “as built” de unidades operacionais da drenagem municipal (IE013).

Além disso, a extensão total da rede de drenagem e cursos d'água urbanos, utilizado nos indicadores efetivos deste Plano Municipal de Saneamento básico par ao eixo drenagem, denominado E_{RDT} , pode ser estimado através da soma dos dados informados nas solicitações: extensão total de vias públicas urbanas com redes ou canais de águas pluviais subterrâneas (IE024); da extensão total de vias públicas urbanas com soluções de drenagem natural (IE028); da extensão total dos cursos d'água naturais perenes canalizados abertos em áreas urbanas (IE034); e extensão total dos cursos d'água perenes sem intervenções – esta última é dada pela extensão total dos cursos d'água naturais perenes em áreas urbanas (IE032) subtraída da extensão total dos cursos d'água naturais perenes canalizados abertos em áreas urbanas (IE034) e da extensão total dos cursos d'água naturais perenes canalizados fechados em áreas urbanas (IE035).

Podendo-se resumir da seguinte maneira o valor do E_{RDT} por meio dos dados solicitados pelo SNIS:

Extensão total da rede de drenagem e cursos d'água urbanos = $IE024 + IE028 + IE034 + (IE032 - IE034 - IE035)$.

4 INDICADORES DO SISTEMA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (SLUMRS)

Para o sistema de limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos foram selecionados 13 indicadores conforme apresentado no Quadro C-4. Para a nomenclatura dos indicadores foram utilizados os termos do Sistema Nacional de Informações Sobre Saneamento (SNIS).

Quadro C-4 - Indicadores do Sistema de Limpeza Urbana e Manejo dos Resíduos Sólidos.

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
RS ₀₁ =Eficiência da coleta pública (%)	RS ₀₁ = (Nº de coletas executadas/ Nº de coletas programadas por semana)*100	90 < RS ₀₁ ≤ 100% → 100	Visa quantificar a eficiência da prestação de serviço de coleta de resíduos sólidos relacionando a execução do serviço com a meta programada	Prefeitura Municipal
		30 < RS ₀₁ ≤ 90 → 40		
		RS ₀₁ ≤ 30% → 20		
RS ₀₂ =Abrangência da coleta	-	Todo o município → 100	Visa quantificar a eficiência na	Prefeitura Municipal

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
seletiva no município		Toda área urbana do município → 80	prestação do serviço de coleta seletiva, considerando a abrangência territorial da disponibilização do serviço ao usuário	
		Exclusivamente em alguns bairros da área urbana → 20		
RS ₀₃ =Recuperação de Materiais Recicláveis (%)	RS ₀₃ = [(Quantidade de MR coletado - Quantidade de rejeito) / (Quantidade total de RSDC + Quantidade de MR coletado)]*100	RS ₀₃ >10% → 100 5%< RS ₀₃ ≤10% → 60 RS ₀₃ ≤5% → 20	Visa quantificar a quantidade de material que foi efetivamente recuperado após a retirada de rejeitos pela triagem em relação ao total coletado, incluindo os resíduos coletados pela coleta convencional	SNIS
RS ₀₄ =Recuperação de Resíduo Orgânico (%)	RS ₀₄ = (Quantidade de RO encaminhado para compostagem /Quantidade de RSDC)*100	RS ₀₄ >30% → 100 5%< RS ₀₄ ≤30% → 60 RS ₀₄ ≤5% → 20	Visa quantificar o material orgânico que foi coletado e destinado para a compostagem em relação a quantidade de RSDC	SNIS
RS ₀₅ =Produção de Resíduos Sólidos urbanos <i>per capita</i> (kg/hab.ano)	RS ₀₅ =Quantidade total de RSDC/População urbana total	RS ₀₅ ≤307 → 100 307<RS ₀₅ ≤376 → 60 RS ₀₅ >376 → 20	Visa quantificar a taxa de geração de resíduos do município, relacionando a quantidade de resíduos coletada em relação a população urbana usuária do serviço	SNIS
RS ₀₆ =Destinação de Rejeitos para Aterro Sanitário Licenciado	-	Sim → 100 Em processo de licenciamento → 40 Não licenciado ou lixão → 0	Visa avaliar a forma de destinação dos rejeitos adotada pelo município	SNIS
RS ₀₇ =Existência de Aterro para resíduos inertes (Resíduos construção e demolição).	-	Sim e com reaproveitamento → 100 Sim e apenas para disposição → 40 Não possui → 0	Visa avaliar a forma de destinação dos RCC dotada pelo município	Prefeitura Municipal
RS ₀₈ =Existência de pontos viciados	RS ₀₈ =Nº de pontos de descarte clandestinos de resíduos /extensão total das vias em km	Nenhum → 100 0,1≤RS ₀₈ <0,4 → 60 RS ₀₈ ≥0,4 → 20	Visa avaliar a existência de pontos viciados no município	Prefeitura Municipal

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
RS ₀₉ =Recuperação de áreas degradadas por resíduos	RS ₀₉ =Nº de área recuperadas/nº de áreas identificadas	RS ₀₉ =100% → 100	Visa avaliar o percentual de áreas degradadas por disposição irregular de resíduos que foram recuperadas ambientalmente	Prefeitura Municipal
		50≤RS ₀₉ <100% → 60		
		RS ₀₉ ≤50% → 0		
RS ₁₀ =Índice de rejeito na coleta seletiva	RS ₁₀ = [(Quantidade de resíduos provenientes da coleta seletiva - quantidade de Materiais comercializados)/ (Quantidade de resíduos provenientes da coleta seletiva)]*100	RS ₁₀ ≤7% → 100	Visa avaliar a quantidade de rejeitos encontrados na coleta seletiva após triagem	Associação de catadores
		7%<RS ₁₀ ≤20% → 60		
		RS ₁₀ >21% → 20		
RS ₁₁ =Catadores organizados (Cooperativas, associações)	-	Todos organizados → 100	Visa avaliar a organização dos catadores no município	Associação de catadores
		Parte organizado → 60		
		Presença de catadores na área de disposição final ou nas ruas de forma desorganizada → 0		
RS ₁₂ =Renda <i>per capita</i> obtida pelos catadores de associações/cooperativas	-	RS ₁₂ >1 salário mínimo → 100	Visa avaliar a remuneração média do catador de materiais reaproveitáveis no município	Associação de catadores
		RS ₁₂ =1 salário mínimo → 60		
		RS ₁₂ <1 salário mínimo → 20		
RS ₁₃ =Salubridade do local do trabalho dos catadores (EPI, banheiros, refeitório, armazenamento adequado do refugo e dos recicláveis, cobertura, piso impermeabilizado)	-	Contempla todos os itens → 100	Visa avaliar a salubridade do local utilizado pelos catadores para realizar a triagem	Associação de catadores
		Somente EPI e banheiro → 60		
		Ausência → 0		

Fonte: Autoria própria.

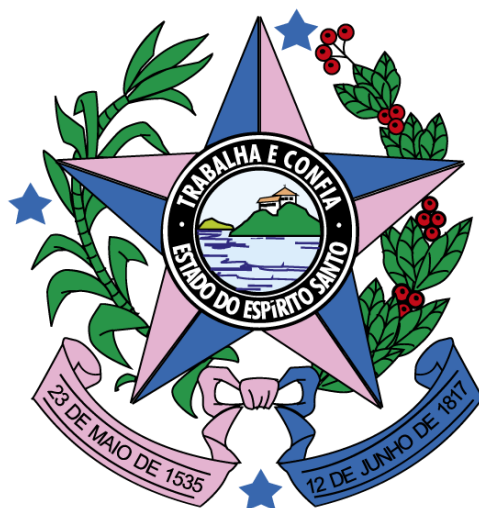
5 INDICADORES DE SAÚDE COLETIVA

Para a saúde coletiva foram selecionados 3 indicadores conforme apresentado no Quadro C-5.

Quadro C-5 - Indicadores de Saúde Coletiva.

Indicador	Composição da Fórmula	Pontuação	Objetivos e Finalidade	Fonte de Dados
T_{mi} - Taxa de Mortalidade Infantil $T_{mi} = (N_{ob}/N_{na}) \times 100$	N_{ob} = Número de óbitos de residentes com menos de um ano de idade; N_{na} = Número total de nascidos vivos de mães residentes	Taxa de Mortalidade Infantil (em 1.000 nascidos vivos) $T_{mi} < 20\% \rightarrow$. Baixa $20\% < T_{mi} < 50\% \rightarrow$. Média $50\% \leq T_{mi} \rightarrow$. Alta	Analisar variações geográficas e temporais da mortalidade infantil, contribuir na avaliação dos níveis de saúde e de desenvolvimento socioeconômico da população e subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas e ações de saúde voltadas para a atenção pré-natal, o parto e a proteção da saúde infantil	DATASUS
$T_{DDA<5}$ - Taxa de Morbidade por Doenças Diarreicas $T_{DDA<5} = (N_{DDA}/N_{C<5}) \times 1.000$	N_{DDA} = Número de internações por Doença Diarreica Aguda (DDA) em crianças residentes menores de 5 anos de idade em determinado local e período; $N_{C<5}$ = Total de crianças menores de 5 anos no mesmo local e período	O próprio valor do indicador	Identificar situações de desequilíbrio que possam merecer atenção especial; contribuir na realização de análises comparativas da concentração de recursos médico-hospitalares e subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas voltadas para a assistência médico-hospitalar	DATASUS
T_{MD} - Taxa de Morbidade por Dengue $T_{MD} = (N_{CD}/P_{TR}) \times 100.000$	N_{CD} = Número de casos de dengue confirmados em residentes; P_{TR} = População total residente	Taxa de Incidência de Dengue (em 100.000 habitantes) $T_{MD} < 100 \rightarrow$ Baixa Incidência $100 < T_{MD} < 300 \rightarrow$ Média Incidência $300 \leq T_{MD} \rightarrow$ Alta Incidência	Analisar variações populacionais, geográficas e temporais na distribuição dos casos confirmados de dengue; Contribuir para a avaliação e orientação das medidas de controle vetorial do <i>Aedes aegypti</i> ; Subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas e ações de saúde direcionadas ao controle de doenças de transmissão vetorial	DATASUS

Fonte: Autoria própria.



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria de Saneamento, Habitação e Desenvolvimento Urbano

Av. N. S. Navegantes, 635, Ed. Corporate Office - 11º e 12º andar

Enseada do Suá - CEP: 29.050-335 - Vitória / ES

Tel.: (27) 3636-5041 / 3636-5042

E-mail: secretaria@sedurb.es.gov.br

www.sedurb.es.gov.br